

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RAFAEL SIQUEIRA BERALDO BALDASSARIS

ALQUIMIA JUNGUIANA:
AS 4 FASES DA PSICOTERAPIA E AS OPERAÇÕES DA ARTE FILOSOFAL

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RAFAEL SIQUEIRA BERALDO BALDASSARIS

**ALQUIMIA JUNGUIANA:
AS 4 FASES DA PSICOTERAPIA E AS OPERAÇÕES DA ARTE FILOSOFAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia, área de concentração Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

**SÃO PAULO
2025**

RAFAEL SIQUEIRA BERALDO BALDASSARIS

ALQUIMIA JUNGUIANA:
AS 4 FASES DA PSICOTERAPIA E AS OPERAÇÕES DA ARTE FILOSOFAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia, área de concentração Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria
PUCSP

Prof^ª. Dr^ª. Paula Pinheiro Varela Guimarães
PUCSP

Prof^ª. Dr^ª. Clarissa de Franco
UMESP

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.895528/2023-00.

This study was financed in party by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – processo número 88887.895528/2023-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Espírito Santo, Face Maternal e Nutridora de Deus, assim como à Sua Representante em meu coração, Maria Santíssima, presença silenciosa e materna que me sustentou nos momentos de escuridão e cansaço, e nas muitas e longas viagens que empreendi para a consecução deste mestrado. Minha dedicação total a Ela!

Ao meu Orientador, professor Dr. Durval Luiz de Faria, sem o qual esta ampla pesquisa – e meu profundo aprendizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) –, não teria sido possível. Obrigado pela paciência, pelas portas abertas ao conhecimento, e pelas prestimosas orientações, que ajudaram a esculpir minha trajetória acadêmica. Agradeço àquelas que fazem a composição da valiosa banca avaliadora, pela apreciação deste trabalho. Suas contribuições foram fundamentais para a consolidação deste trabalho. À Dra. Paula Pinheiro Varela Guimarães, pela sabedoria, empatia e carisma como docente, atitude que desejo levar como modelo pessoal para minha prática de ensino, e para as relações com todos(as) que buscarem em mim o alento da Educação. À Dra. Clarissa de Franco, pesquisadora de visão perspicaz e profunda intuição, em quem encontrei inspiração pessoal, por já ter integrado com destaque a Psicologia e a Alquimia Simbólica, em sua pesquisa e jornada pessoal. À Dra. Marion Rauscher Gallbach, cuja pesquisa ímpar foi fundamental para este trabalho, e cujo contato com sua visão paradigmática altamente sensível e refinada da terapêutica, jamais esquecerei. À Dra. Marisa Vicente Catta-Preta, por sua fala que, com a rara combinação de suavidade e precisão, atravessa o intelecto e toca o essencial. Vós sois exemplos para a minha construção docente!

Meus agradecimentos a minha mãe, dona de casa, mulher de raízes campesinas e ancestralidade profunda. Por incontáveis vezes, percorreu longos caminhos entre o campo e a cidade, sob sol e chuva, movida pelo desejo de aprender. Cada passo seu – muitas vezes solitário e silencioso –, preparou o solo para que eu hoje pudesse florescer nos caminhos da educação e seguir seu exemplo de perseverança. Ao meu pai, Gilson Beraldo Baldassaris, corredor desportista, cuja personalidade forte sempre buscou me reerguer diante das adversidades da vida, para que eu levasse adiante a “tocha olímpica” da “maratona” dos que me antecederam. Agradeço ao Espírito Imortal de meus avós maternos, Manoel Lopes Siqueira (“Néco”), e Almerinda Pereira Siqueira, os maiores alquimistas que conheci – ocultos na simplicidade –, por terem transformado não apenas a lavoura, mas também meu caráter. Ao Espírito Imortal de meu avô paterno, Rubens Beraldo Baldassaris, pedreiro e construtor de Igreja, que me ensinou a construir sonhos com as mãos e a edificar o “Templo Interior”. A minha avó, Neusa Beraldo

Baldassaris, cuja seara dentro da pedagogia e do ensino, são inspiração para semear o conhecimento. Honro, com gratidão, a toda a minha família, na figura de tias, tios, primas, primos e pessoas que compartilharam comigo o doce sabor da infância. Agradeço também a meus Ancestrais, cujo amparo invisível me levou adiante sempre. A vocês dedico meu esforço: fruto maduro de uma travessia iniciada muito antes de mim.

Meu agradecimento valioso à minha companheira, a Dra. Maria Fernanda Marques Nunes Maia, luz dos meus olhos. Não fosse seu apoio incondicional, esta pesquisa simplesmente não seria possível. Obrigado por ter ficado a meu lado nos momentos mais difíceis de minha vida, e ter mantido o amor, carinho e dedicação que sempre lhe fizeram tão marcante em minha trajetória.

Agradeço a todos(as) os(as) meus(minhas) Mestres(as), Professores(as) e Mentores(as) que, vastos em número, não caberiam nestes agradecimentos, mas se reconhecerão nesta sentença: a educação é plantar frutos que só serão colhidos pelas gerações futuras. Minha sincera gratidão a todos(as) que deixaram um legado, seja para a Psicologia enquanto ciência, seja para a Arte da Alquimia. Obrigado pelo vosso exemplo valioso e imortal!

Realizo uma menção de destaque ao alquimista contemporâneo Thiago Tamosauskas. Além de auxiliar com valiosos *insights*, em conversas com o autor deste trabalho, sua obra foi fundamental para sistematizar as operações alquímicas dentro das fases da terapia. Também ao casal de pesquisadores contemporâneos Pri Martinelli e Marcelo Del Debbio, por seu valioso legado na sistematização da *Kabbalah Hermética*.

Meus agradecimentos aos(às) companheiros, amigos(as), cujo encontrou encheu meu coração de alegria, e me rendeu muitas diversões pela Jornada. Minha gratidão sincera também a meus(minhas) supervisores(as) e terapeutas. Agradeço a meus(minhas) colegas que compartilharam comigo o aprendizado na PUC-SP.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos, cujo apoio financeiro foi fundamental para a viabilização desta pesquisa e de meu percurso acadêmico.

Finalmente, minha gratidão a você, leitor(a). Que possa encontrar, no que houver de mais valioso nesta pesquisa, luz para ampliar sua própria jornada acadêmica, relacional, profissional e pessoal.

EPIGRAFE

“[...] a pedra [...] arrebatava também o homem deste vale de misérias, isto é, para longe das incomodidades, da pobreza e enfermidade, e com suas asas o sobrevoa gloriosamente das estagnadas águas do Egito (que são os pensamentos ordinários dos mortais) e, fazendo-o desprezar [...] as riquezas presentes o faz noite e dia meditar em Deus e nos santos, saudar o céu empíreo e beber das doces águas das fontes da esperança eterna.”

(Flamel, N., 1399/1973, pp. 111-112)

“Já me perguntaram muitas vezes: ‘Como o senhor lida com isso?’ – Eu não faço nada, não posso fazer absolutamente nada. Só posso esperar, com uma certa confiança em Deus, até que o conflito suportado com paciência e coragem produza a solução destinada a essa pessoa, e que eu mesmo não posso prever. No entanto, não permaneço passivo ou inativo, mas ajudo o paciente a compreender tudo o que o inconsciente produz durante o conflito”

(Jung, C. G., 1975/2012a, para. 37)

“Por tudo o que acabo de relatar, podes, meu caro leitor, entender facilmente as palavras obscuras dos filósofos e poderás conhecer que todos eles concordam nesse ponto, que não há outro meio para trabalhar sabiamente em nossa arte que esse que te declarei.”

(Flamel, N., 1399/1973, p. 181)

RESUMO

BALDASSARIS, R. S. B. **Alquimia junguiana: as 4 fases da psicoterapia e as operações da arte filosfal**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

Como os mistérios dos antigos laboratórios herméticos podem iluminar o consultório da análise junguiana? Esta pesquisa desvenda os fios de ouro que conectam o quaternário alquímico (*nigredo*, *albedo*, *citrinitas* e *rubedo*) às quatro fases da terapia analítica (confissão, elucidação, educação e transformação). Entre a obra de Edinger (2006), que revelou as operações da alma em sua *Anatomia da Psique*, e a sistematização das fases de Tamosauskas (2023) em *Principia Alchimica*, tece-se uma ponte entre o *Vas Hermeticum* e o processo terapêutico. Através da *amplificatio* alquímica – método que expande significados mediante analogias herméticas –, são examinados os sonhos documentados por Gallbach (2000) em *Aprendendo com os Sonhos*, confrontando-os com a Arte Filosfal. Conforme relida por Jung, cada fase e operação pode corresponder a estágios precisos de transformação psíquica. A pesquisa sugere como a linguagem cifrada da Alquimia, longe de ser mera metáfora, constitui um sistema simbólico vivo que ilumina tanto os véus da matéria prima quanto os caminhos da individuação. Os resultados oferecem um mapa para navegar os processos alquímicos da psique, ao revelar a atualidade da Tradição Hermética para a compreensão dos fenômenos relativos ao *setting* terapêutico, em suas quatro etapas.

Palavras-chave: Alquimia Junguiana; Individuação; Amplificação Simbólica; Fases da Terapia Analítica; Psicologia Alquímica.

ABSTRACT

BALDASSARIS, R. S. B. **Jungian Alchemy: the 4 Phases of Psychotherapy and the Operations of the Philosopher's Art**. Master's Dissertation in Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2025.

How can the mysteries of ancient hermetic laboratories illuminate the Jungian analyst's dreaming room? This research unveils the golden threads connecting the alchemical quaternary (*nigredo*, *albedo*, *citrinitas*, and *rubedo*) to the four phases of analytical therapy (confession, elucidation, education, and transformation). Between the work of Edinger (2006), who revealed the operations of the soul in *Anatomy of the Psyche*, and Tamosauska's (2023) systematization of the phases in *Principia Alchimica*, a bridge is woven between the *Vas Hermeticum* and the therapeutic process. Through *amplificatio* alchemica—a method that expands meanings through hermetic analogies—the dreams documented by Gallbach (2000) in *Learning from Dreams* are examined in dialogue with the Philosopher's Art. As reinterpreted by Jung, each phase and operation corresponds to precise stages of psychic transformation. The research suggests how the encoded language of Alchemy, far from being a mere metaphor, constitutes a living symbolic system that illuminates both the veils of prima materia and the paths of individuation. The results provide a map for navigating the alchemical processes of the psyche, revealing the enduring relevance of the Hermetic Tradition for understanding phenomena in the therapeutic setting across its four stages.

Keywords: Jungian Alchemy; Individuation; Symbolic Amplification; Phases of Analytical Therapy; Alchemical Psychology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mapeamento de Termos da Pesquisa em Bases de Dados	24
Tabela 2 – Correspondências Herméticas da Amplificatio Alquímica I	33
Tabela 3 – Correspondências Herméticas da Amplificatio Alquímica II.....	34
Tabela 4 – Relação Bibliográfica e Temática Axial.....	39
Tabela 5 – A Progressão Alquímica de Edinger	40
Tabela 6 – A Progressão Alquímica de Tamosauskas.....	41
Tabela 7 – Comparação das Operações Alquímicas	41
Tabela 8 – Sistematização Norteadora da Pesquisa	43
Tabela 9 – Correlação Hermética: Símbolos Planetários e Operações Alquímicas	44
Tabela 10 – Sistematização das Correspondências Planetárias da Alquimia.....	45
Tabela 11 – Influências Helênicas na Teoria Analítica	128
Tabela 12 – Síntese da Alquimia Junguiana	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. OBJETIVOS	22
2. MÉTODO	23
2.1 Estratégias de busca e definição do referencial teórico	23
2.2 Método de interpretação: <i>amplificatio</i> alquímica	29
2.3 Síntese interpretativa.....	38
3. A ALQUIMIA.....	49
3.1 Conceituação	49
3.2 Imaginário e correspondências históricas	51
3.3 Objetivos e método.....	55
3.4 Fases e operações.....	58
3.4.1 Prima materia	59
3.4.2 Nigredo.....	62
3.4.2.1 Separatio.....	63
3.4.2.2 Mortificatio/putrefactio	68
3.4.2.3 Calcinatió	75
3.4.3 Albedo	77
3.4.3.1 Solutio	79
3.4.3.2 Coagulatio	81
3.4.4 Citrinitas	83
3.4.4.1 Sublimatio.....	87
3.4.5 Rubedo	89
3.4.5.1 Coniunctio	90
3.4.6 A Pedra Filosofal	94
3.5 Intersecção histórica com a psicologia	98
3.6 Intersecção teórica com a psicologia	101

4. OS FUNDAMENTOS ALQUÍMICOS DE JUNG	110
4.1 O espírito das profundezas.....	110
4.2 A influência hermética de Jung	114
4.3 A influência hermética na psicologia analítica	125
5. A PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	130
5.1 Psicoterapia analítica.....	130
5.2 Função transcendente e neurose.....	132
5.3 Transferência e projeção	133
5.4 Símbolo e signo.....	134
5.5 Abordagem construtiva do inconsciente	135
5.6 Sonhos	136
5.7 Sentimento, humor e afeto	140
5.8 Imaginação ativa	142
5.9 Imaginação corpo-ativa e as vivências terapêuticas de Gallbach.....	144
5.10 Fases da terapia.....	146
5.10.1 Confissão	146
5.10.2 Esclarecimento/elucidação	148
5.10.3 Educação.....	149
5.10.4 Transformação	149
5.11 Transformação da personalidade.....	150
5.10 Individuação e self.....	151
6. DISCUSSÃO	155
6.1 Síntese gráfica da alquimia junguiana.....	157
6.2 Síntese teórica da alquimia junguiana	159
6.2.1 Inconsciente: a prima materia.....	159
6.2.2 Confissão: nigredo.....	161
6.2.2.1 A separatio terapêutica	162
6.2.2.2 A mortificatio/putrefactio terapêutica	167
6.2.2.3 A calcinatio terapêutica	172

6.2.3 Elucidação/esclarecimento: albedo.....	178
6.2.3.1 A solutio terapêutica.....	180
6.2.3.2 A coagulatio terapêutica	187
6.2.4 Educação: citrinitas	189
6.2.4.1 A sublimatio terapêutica.....	191
6.2.5 Transformação: rubedo.....	194
6.2.5.1 A coniunctio terapêutica.....	196
6.2.6 Self, transformação da personalidade e a pedra filosofal	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	206

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce de uma inquietação atual do autor, que pode ser radicada desde sua infância, em seu impulso criativo voltado aos símbolos e mistérios da vida interior. Naquela época, não encontrava um “veículo” legítimo de expressão no mundo social, regido por valores materialistas e pouco sensíveis à interioridade psíquica. Durante a adolescência, sua Jornada lhe colocou em contato com a chamada “Filosofia Oculta”, por meio de uma página virtual esquecida em aberto, no computador de seu pai, no início da juventude. A descoberta destes estudos atraiu seu interesse, ainda que ele seguisse uma vida dupla: estudante desinteressado (e abaixo da média) por um futuro imposto – em um cursinho pré-vestibular para medicina –, e ávido pesquisador solitário dos Mistérios Antigos – em casa.

Ao longo dos anos, transitou por ordens iniciáticas, até reconhecer que, mesmo nesses espaços, persistia a condição humana comum: complexa, imperfeita, contraditória. Rompeu com essas estruturas em busca de depuração interior e, após crises existenciais e profissionais, adentrou o curso de Psicologia. Foi quando aprofundou a obra de Carl Gustav Jung, cujo pensamento parecia ressoar com certas convicções acerca da alma humana. Ao final da graduação, mergulhou em um profundo estado de melancolia, que lhe fez prantear copiosamente por meses: solidão extrema, sonhos fúnebres e a sensação de que o céu noturno era como uma esfera de ferro que lhe enclausurava. Sem saber, já vivia sua *nigredo* pessoal: a noite era o *Vas Hermeticum* (vaso hermético) que selava um renascimento simbólico.

Já imerso na obra junguiana e nas tradições herméticas, deparou-se com uma entrevista de um alquimista contemporâneo, um monge rosacruziano, que o fez repensar o sentido da Alquimia. Ela não era apenas metáfora: a prática simbólica e operativa ainda pulsava! Sua vivência interior aprofundou-se, e lhe fez atravessar operações como *separatio*, *mortificatio* e *calcinatio*, à luz da obra junguiana, e em sintonia simbólica com as compreensões gnósticas, ou de religiosos como o místico espanhol João da Cruz (1618/2002). Em suas viagens entre Pouso Alegre (MG) e São Paulo (SP) durante sua pós-graduação, percebeu algo novo, curioso e fascinante: não parecia estar só. A solidão alquímica revelava uma nova presença: o “Companheiro Interior”. Edinger (1985/2006) já havia descrito essa companhia transformadora, ao abordar o resultado da *mortificatio* na vida psíquica de uma pessoa.

Jung (1971/2012c, para. 289) se refere à descoberta deste Princípio na vida interior, da seguinte maneira:

O estado da transformação incompleta, apenas desejada e esperada, parece segundo isso ser não apenas tormento, mas também felicidade positiva, ainda que oculta. Com isso se descreve o estado de uma pessoa, que em sua peregrinação pelas peripécias da transformação psíquica, a qual muitas vezes se parece antes com sofrimento que com qualquer outra coisa, encontra uma alegria oculta que a reconcilia em seu isolamento aparente. No trato consigo mesma não acha ela enfado mortal nem melancolia, mas encontra um parceiro com quem se pode conviver, e, até mais ainda, um relacionamento que se parece com a felicidade de um amor secreto, ou uma primavera oculta, em que brota do chão aparentemente ressecado uma verde sementeira, promessa de futura colheita. [...] de outra parte também (significa) a morada oculta do espírito divino em todas as coisas.

Em certo momento, essa experiência culminou num estado de transformação subjetiva – uma *Peak Experience*, nos moldes da Psicologia Transpessoal referenciada por Tamosauskas (2023). Nela, compreendeu intuitivamente um antigo axioma alquímico: “Deus é uma esfera infinita cujo centro está em toda parte, e cuja circunferência não pode ser encontrada em lugar algum”. A experiência foi radicalmente transformadora, deslocando seu entendimento da *Imago Dei*, enquanto uma imagem arquetípica exteriorizada, para uma Presença Imanente e profundamente vívida, livre de dogmas e instituições, mas atuante em todas as camadas do Ser, passível de ser experimentada por qualquer pessoa que a esta Jornada se dedicasse.

À luz dessas vivências, o autor passou a integrar o simbolismo alquímico à clínica psicológica, notando que as imagens de transformação da Arte auxiliavam o(a) analisando(a) em seu próprio processo de individuação, e ao(à) analista enquanto ferramenta de compreensão dos processos psíquicos (como sonhos, sentimentos e afetos). Surgiu, então, a pergunta que move esta dissertação: seria possível articular, com base na psicologia junguiana e na Tradição Alquímica, um “mapa simbólico” das transformações psíquicas? Este trabalho não é tentativa de conversão ideológica, mas uma proposta hermenêutica de base simbólica, voltada à ampliação de sentido e consciência no contexto clínico. A “Alquimia Junguiana” aqui desenvolvida não se pretende rígida ou dogmática, mas viva, fluida e transformadora – tal como o processo que a originou: a vivência de um “mito pessoal” que perpassa a Arte Hermética e suas nuances, amparadas pela psicologia analítica.

É esta linguagem mítica, vivencial e interior da Arte Filosofal, que o presente trabalho intenta traduzir com validade clínica, para a psicologia contemporânea, ao demonstrar sua utilidade enquanto um “Mapa Simbólico” de fenômenos de transformação da personalidade – que envolvem sonhos, sentimentos e afetos, na prática analítica. Isto é conquistado através da comparação entre as quatro etapas terapêuticas referenciadas pela abordagem junguiana, junto às fases e operações da Alquimia Clássica.

Através da história, a Alquimia tem participado desde tempos remotos, junto à humanidade, como um gênero de conhecimentos inalterados de valor hermético. Ela é referenciada como um conjunto de técnicas que envolvem metalurgia, espagíria vegetal, química, física, astrologia e magia, com vistas à transformação da matéria, para dela extrair/libertar a *Quintessentia* (Quintessência). Esta representa o que há de mais essencial em qualquer *prima materia* (matéria-prima) retirada da Natureza. Resumidamente, o objetivo mais esotérico e espiritual da Arte pode ser resumido nesta compreensão. Em termos físico-químicos, entretanto, tal objetivo é buscado na transmutação de metais “vis” (como chumbo) em metais “nobres” (como a prata ou o ouro) – trabalhados no laboratório (Figura 1). A transformação final culminaria no mais popular e famoso objetivo da Tradição: a consecução da *Lapis Philosophorum* (Pedra Filosofal) – um artefato miraculoso que converte os metais em ouro. Em um panorama aprofundado, ficará evidente que as conversões externas de metais, a pedra e a quintessência, são analogias para aquelas transformações que devem ocorrer dentro do indivíduo. (Hutin, 1979/2010; Jung, 1975/2012a; Blavatsky, 1892/2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 1 – Alquimistas no Laboratório



Fonte: William Fettes Douglas, 1855

Autores como Hutin (2010), Jung (2012a), Bonardel (2012), Blavatsky (2020), Camino (2021) e Tamosauskas (2023) apontam nuances nominais da Alquimia. Seus praticantes podem ser denominados alquimistas, operadores(as) – que “operam” magia e compostos químicos –,

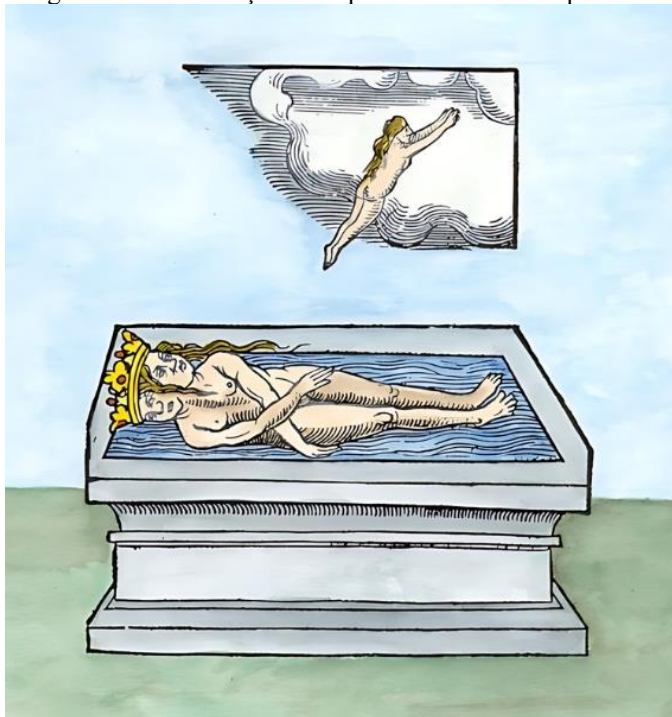
adeptos(as) – que aderem à via hermética – ou filósofos(as) – “amantes da Sabedoria”. Os sinônimos da palavra “Alquimia” podem ser:

- a) Arte Hermética ou Arte de Hermes: “Arte” (do latim *ars*, do grego *téchnē*) refere-se a uma técnica metódica; “Hermética” remete à doutrina de mistérios alexandrinos e ao deus Hermes-Mercúrio, intermediário entre o reino Divino e o Humano. A sabedoria alquímica, neste sentido, teria inspiração transcendente.
- b) Arte Filosofal ou Arte dos(as) Filósofos(as): “Filósofo(a)” seria sinônimo de “alquimista”, dado que a prática exige amor à Sabedoria e ciência da Natureza. Por isso, é uma Arte Filosofal.
- c) Arte Real: expressão oriunda da Maçonaria, tradição iniciática de raízes alquímicas, cujos símbolos da edificação (Arquitetura e Geometria) remetem à “construção do ser interior”. Embora hoje centrada em valores mais éticos e morais, a Maçonaria mantém o estudo simbólico da “Arte Real” como metáfora da Grande Obra, isto é, da transmutação da alma.
- d) Tradição (Alquímica): utilizada, no presente exposto, para designar o corpo hermético tradicional, e o conjunto de saberes da Arte Hermética.

Diversos manuscritos alquímicos escritos por antigos(as) adeptos(as) versam, de forma gramatical ou pictórica, sobre os passos para a conquista da Pedra Filosofal e dos demais objetivos alquímicos. As técnicas desta Tradição foram artisticamente representadas em obras que perpassam séculos de trabalho daqueles(as) que a ela se lançam. Isso fica evidente, por exemplo, naquela que resume a busca de toda a Alquimia, mais do que a própria Pedra Filosofal: libertar Deus cativo da matéria. Posto que a Arte tem bases herméticas e gnósticas, considera-se que a *Anima Mundi* (Alma do Mundo, Espírito Universal ou Deus) encontra-se presa na matéria. Através dos diversos esforços laboratoriais, o(a) alquimista realiza a libertação desse Espírito Divino da *prima materia*. O esforço de toda a Arte pode ser resumido nesse objetivo (Hutin, 2010; Jung, 2012a; Blavatsky, 2020).

Enfim, a libertação da *Anima Mundi* cativa foi representada pictoricamente em diversos manuscritos alquímicos, como é o caso de uma das imagens (Figura 2) presentes no antigo *Rosarium Philosophorum* (“Rosário dos Filósofos”), apresentado por McLean (2021). Como diversos registros imagéticos da Arte, ele representa este “motivo” axial da Tradição Alquímica.

Figura 2 – A Libertação do Espírito Volátil do Corpo Inerte



Fonte: Adam McLean, 2021

Não demorou para que o eminente pesquisador e fundador da Psicologia Profunda, Carl Gustav Jung (1875-1961) percebesse o imenso valor simbólico e psicológico das expressões alquímicas, conforme fica evidenciado em obras de sua autoria, como: *Psicologia e Alquimia*, *Estudos Alquímicos* e *Mysterium Coniunctionis* (Hutin, 2010; Jung, 1978/2011a, 2012a, 1971/2012b, 1971/2012c, 1971/2012c, 1971/2012d).

Em suas pesquisas, Jung (2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2012c) foi capaz de vislumbrar a Pedra Filosofal como um símbolo do Si-Mesmo, e o processo alquímico como representativo da Jornada de Individuação, ou mesmo do processo de psicoterapia analítica. Como aborda em *Psicologia e Alquimia*, o trabalho dos alquimistas envolvia duas estâncias: (1) psicológica; (2) química. Através da química, realizavam experimentos laboratoriais. A estância psicológica se unia à química: as operações alquímicas eram realizadas em simultâneo com a atividade psíquica. Alquimistas acreditavam, *exempli gratia*, que ao refinar um metal bruto, sua própria natureza psicológica e anímica era refinada – o que constitui um paralelo à ideia da Individuação, na teoria junguiana.

É o que escreveu Jung (2012a, para. 448):

As relações do mundo da **intuição alquímica** e [...] do **processo de interpenetração inconsciente-consciente** são **tão próximas** a ponto de ser justo supor-se que no **procedimento alquímico** se trata de **processos**

semelhantes ou iguais aos da **imaginação ativa dos sonhos**, e enfim ao **processo de individuação** (Jung, 2012a, para. 448, grifo nosso).

Shamdasani (2014) evidencia que, desde o início de sua carreira, Jung já parecia interessado não apenas pelas ciências humanas, mas pela compreensão da Alma – enquanto instância filosófica, metafísica e psicológica. O psiquiatra suíço percebeu que muitos dos sonhos e fantasias de pacientes, tanto quanto o próprio processo psíquico experiencial, não poderiam ser vislumbrados sob uma ótica puramente científica-positivista. Era necessário realizar uma profunda investigação que envolvesse mitologia, cultura, ciências da religião, antropologia, filosofia, sociologia, e até mesmo as chamadas “ciências ocultas”, entre as quais se encontra a Alquimia. Esta Arte é um saber-fazer que estabelece suas raízes em uma linguagem eminentemente mítica, simbólica e alegórica. Isto caracteriza, indubitavelmente, a linguagem do próprio inconsciente, como estudado por Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d) e Campbell (1949/2007; 1988/2019; 2004/2024).

Nesse sentido, o estudo dessas áreas correlatas do conhecimento é de vital importância para um(a) psicoterapeuta. Jung (2012a, para. 40) demonstra isso em *Psicologia e Alquimia*:

O médico é, pois, colocado diante de **problemas impossíveis** de serem dominados através de uma **psicologia** de orientação **exclusivamente personalista**. O simples conhecimento da **estrutura psíquica** da neurose também é **insuficiente nesses casos**; quando o processo atinge a esfera do **inconsciente coletivo** encontramos-nos diante de **material saudável**, ou seja, dos **fundamentos universais da psique**, com suas variações individuais. O que ajuda a **compreender essas camadas mais profundas da psique** é, por um lado, o **conhecimento da mitologia e da psicologia primitiva** e, por outro, de um modo muito especial, o **conhecimento das etapas históricas preliminares da consciência moderna** (grifo nosso).

O caminho de pesquisas psicológicas alquímicas aberto por Jung, logo deu ensejo a que outros(as) pesquisadores(as) o seguissem. É o que sucedeu com Marie-Louise von Franz (1915-1998), que aprofundou as riquezas da Arte em sinergia com a Psicologia Analítica. O trabalho desta autora – na continuidade da tradição junguiana clássica, nos estudos acerca de contos de fadas e mitos, e mesmo da própria alquimia –, foi notável. Von Franz realizou estudos seminais, como expressos nas obras *Alquimia* (1980/2022a) e *Alquimia e Imaginação Ativa* (1979/2022b). Ela ainda apresentou uma análise psicológica detalhada de um manuscrito antigo da Arte Hermética, denominado *Aurora Consurgens*. Embora o enfoque da presente pesquisa não utilize de suas referências – mais voltadas ao campo da historicidade alquímica, da Imaginação Ativa e do processo de Individuação vislumbrado na *Aurora Consurgens* –, é mister

ressaltar o brilhantismo e vanguardismo desta pesquisadora, devido a suas pesquisas de amplo espectro, e sua presença inoxidável na continuação do legado de Carl Gustav Jung.

Edward F. Edinger (1922-1998), por sua vez, deixou seu nome na história dos estudos alquímicos da Psicologia Profunda, ao realizar um paralelo ímpar entre 7 operações alquímicas de laboratório, a transformação do indivíduo e os fenômenos da psicoterapia. Nestes termos, Edinger (2006) foi pioneiro, e levou a compreensão alquímica a um novo patamar dentro da práxis junguiana. Seu estudo apresentado em *Anatomia da Psique* foi extremamente rico, e abriu as portas para um panorama completamente novo, ao conseguir demonstrar que as operações alquímicas podem constituir uma excelente analogia aos processos da psicoterapia. Ao comparar as operações por ele elencadas às da Alquimia Clássica – como fica evidenciado pelo alquimista Tamosauskas (2023) –, é possível encontrar a ponte que une essas diversas áreas do conhecimento psicológico e alquímico, de maneira esquematizada, em uma metodologia ou “mapa” de interpretação de fenômenos observados na clínica.

Edinger (1972/2020) evidencia a analogia alquímica, aliada ao trabalho com o inconsciente e o desenvolvimento psicológico do indivíduo, na passagem que se segue:

O homem moderno deve proceder mais ou menos como o **alquimista**. [...] deve depender de seus próprios esforços ativos no sentido de **trabalhar sua prima materia, o inconsciente**, na esperança de **libertar e trazer à consciência a natureza suprapessoal da própria psique**. Este é o **tema central: o desenvolvimento psicológico, em todas as suas fases, é um processo de redenção**. O objetivo é **redimir**, pela percepção consciente, o **Si-mesmo oculto**, escondido na **identificação inconsciente com o ego** (p.128, grifo nosso).

A pesquisa de Edinger (2006) foi pioneira, e oferece espaço para estudos ulteriores, como seria um trabalho sistematizado e adaptado aos fenômenos da clínica, em conformidade com as informações que a tecnologia do século XXI oferece, no acesso e pesquisa às obras alquímicas. Diante da possibilidade de amplificar e estreitar a ponte (analgica e simpática) entre a Psicologia Analítica e os processos da Alquimia Clássica, os objetivos do presente trabalho emergem.

Junto à presente introdução, este trabalho foi estruturado em seis capítulos numerados, que sistematizam as analogias fundamentais entre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e a Alquimia Clássica, com ênfase em suas fases e operações. O capítulo um apresenta os objetivos da pesquisa. O capítulo dois expõe a metodologia adotada, com destaque para o método interpretativo da Alquimia descrito por Jung (1975/2012a): a *amplificatio* alquímica, fundamental para o estabelecimento das analogias simbólicas propostas. O capítulo três oferece

um panorama geral da Arte Hermética: suas conceituações, fundamentos históricos, objetivos, fases e operações. O capítulo quatro discute as influências da Alquimia na trajetória de Jung e na formação de sua psicologia, com atenção ao Hermetismo Antigo como “influência ancestral comum” entre Alquimia e Psicologia Analítica. O capítulo cinco sistematiza os conceitos junguianos essenciais utilizados nesta pesquisa. A discussão é apresentada no capítulo seis, que inclui uma tabela comparativa entre as etapas da psicoterapia junguiana e as operações alquímicas, bem como exemplos interpretativos de sonhos e metáforas da transformação da personalidade em contexto clínico. Neste capítulo, destaca-se a contribuição da obra de Marion Rauscher Gallbach (2000), no concernente a relatos oníricos resultantes das vivências terapêuticas empreendidas por ela. Por fim, procede-se às considerações finais do trabalho.

1. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Apresentar um estudo teórico que sistematize a analogia entre o processo psicoterapêutico da Psicologia Analítica e o percurso simbólico da conquista da Pedra Filosofal, conforme descrito pela Alquimia Clássica.

Objetivos Específicos

Analisar o significado simbólico das quatro fases da Alquimia – e suas sete operações correspondentes – em analogia com as quatro fases da psicoterapia analítica.

Aplicar o método da *amplificatio* alquímica à Psicologia Profunda, por meio da análise simbólica de sonhos, sentimentos, afetos e da transformação da personalidade no contexto psicoterapêutico.

2. MÉTODO

A presente pesquisa se caracteriza como um Estudo Teórico, com base no método de Revisão Narrativa de Literatura, na busca por reunir, organizar e interpretar de modo crítico as produções bibliográficas capazes de favorecer a analogia e a interface entre Psicologia Analítica e Alquimia. Rother (2007) informa que esta metodologia revisional é indicada em estudos de natureza conceitual e exploratória – em especial as que visam a articulação entre diferentes núcleos do conhecimento, para fundamentar uma proposta teórica original. Utiliza, ainda, para interpretação de material simbólico, o método da *amplificatio* (amplificação) alquímica.

Embora a Revisão Narrativa não expresse a estrutura metodológica característica das revisões sistemáticas, é imprescindível, segundo Botelho, Cunha & Macedo (2011) que haja um critério de seleção, categorização e análise das fontes. No presente trabalho, os textos selecionados compreendem obras clássicas de Jung – mormente as que versam sobre Alquimia nas *Obras Completas* –, tratados alquímicos clássicos e produções contemporâneas que reforcem o diálogo entre os núcleos conceituais centrais. Ademais, para o escopo da presente pesquisa, a Revisão Narrativa se apresenta como a mais útil para manutenção do método interpretativo: a *amplificatio* alquímica.

Em sentido amplo, esta pesquisa aproxima a temática das fases da psicoterapia analítica – representados em: (1) confissão; (2) elucidação/esclarecimento; (3) educação (para o mundo social) e; (4) transformação, conforme postulados por Jung (1971/2013a) –, de modo a perfazer o estreitamento e ampliação da ponte analógica entre Psicologia Analítica e Alquimia. Em sentido mais estrito, este trabalho detalha, sistematiza e amplia os estudos das operações alquímicas realizados por Edinger (2006) em sua *Anatomia da Psique*, com a amplificação simbólica de obras da Alquimia Clássica e do método de *amplificatio* alquímica.

2.1 Estratégias de busca e definição do referencial teórico

Uma pesquisa foi realizada em diversas bases de dados, envolvendo descritores capazes de evidenciar trabalhos que favorecessem a intersecção entre: (1) etapas da terapia, na Psicologia Analítica, e (2) fases e operações da Alquimia. Os critérios da busca se encontram detalhados abaixo. As colunas da Tabela 1 são divididas em: Eixo Temático, Categoria, Termo (em língua portuguesa e inglesa), Tipo (para informar se abordou um descritor ou uma palavra-chave) e Bases de Dados consultadas. Os Eixos Temáticos são: Psicologia, Alquimia e Psicologia + Alquimia (isto é, a intersecção entre eles).

Essa estratégia foi utilizada com base na identificação dos descritores extraídos da base de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). As palavras-chave livres foram selecionadas de modo complementar, devido à sua relevância ao objeto de estudo, visto não constarem como descritores indexados, mas terem pertinência na busca do tema explorado. Eixos Temáticos foram elencados de modo a organizar a busca, em sinergia com os principais núcleos conceituais envolvidos (Psicologia e Alquimia). As categorias, nesse sentido, servem para explanar desdobramentos específicos destes eixos. Tal estruturação permite maior abrangência na formulação das combinações entre os termos. Ao final, os termos foram selecionados e organizados de forma a apresentar o mapeamento da estratégia de pesquisa nas bases de dados – apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Mapeamento de Termos da Pesquisa em Bases de Dados (continua)

Eixo Temático	Categoria	Termo (PT/EN)	Tipo	Bases de Dados
Psicologia	Processo Terapêutico	Psicologia / Psychology	Descritor (DeCS)	APA, BVS-Psi, BVS-LILACS, CAPES, PePSIC, SciELO, JSTOR
		Inconsciente Psicológico / Psychological Unconscious		
		Psicoterapia / Psychotherapy;		
		Psicologia Analítica / Analytical Psychology		
	Conceito Junguiano	Si-Mesmo / Self		
		Individuação / Individuation		
	Etapas da Psicoterapa	Confissão / Confession		
		Esclarecimento / Clarification		
		Educação / Education		
		Transformação / Transformation		
Alquimia	Fases*	Nigredo	Palavra-chave livre	
		Albedo		
		Citrinitas		
		Rubedo		
	Operações*	Separatio		
		Mortificatio		
		Calcinatio		
		Solutio		
		Coagulatio		
		Sublimatio		
		Coniunctio		
		Meta		Pedra Filosofal (Lapis Philosophorum) / Philosopher's Stone
Psicologia + Alquimia	Intersecção Simbólica Terapêutica	Psicologia Analítica E Alquimia / Analytical Psychology AND Alchemy;	Descritores (DeCS) + Palavras-chave livres	

Tabela 1 – Mapeamento de Termos da Pesquisa em Bases de Dados (conclusão)

Eixo Temático	Categoria	Termo (PT/EN)	Tipo	Bases de Dados
Psicologia + Alquimia	Intersecção Processo Terapêutico	Psicoterapia E Alquimia / Psychotherapy AND Alchemy; Inconsciente Psicológico E Alquimia / Psychological Unconscious AND Alchemy	Descritores (DeCS) + Palavras-chave livres	APA, BVS-Psi, BVS-LILACS, CAPES, PePSIC, SciELO, JSTOR
	Integração Simbólica	Self E Pedra Filosofal / Self AND Philosopher's Stone; Individuação E Alquimia / Individuation AND Alchemy		

Fonte: O autor, 2025.

Para estruturar a pesquisa, foram elencados três Eixos-Temáticos, quais sejam: “Psicologia”, “Alquimia” e “Psicologia + Alquimia”. Os desdobramentos do primeiro eixo (Psicologia) consideram tanto descritores (DeCS) que se relacionam ao processo psicoterapêutico enfatizado nesta pesquisa, quanto palavras-chave fundamentais para a teoria analítica, em sua aplicação clínica. Todos eles são agrupados em categorias, de modo a tornar didática a estratégia da busca empreendida.

O segundo eixo temático (Alquimia) considera categorias de fases e operações alquímicas que, embora não se enquadrem em descritores (DeCS) indexados, são palavras-chave livres fundamentais para o presente trabalho. Elas se relacionam às fases e operações alquímicas. Finalmente, o terceiro eixo temático (Psicologia + Alquimia) figura a síntese representativa dos dois eixos temáticos anteriores, ao utilizar tanto descritores (DeCS) quanto palavras-chave livres, combinadas por meio do operador booleano “E”/“AND”.

Para esta busca, foram utilizadas as seguintes bases de dados: American Psychological Association (APA), Biblioteca Virtual em Saúde de Psicologia (BVS-Psi), Biblioteca Virtual em Saúde da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (BVS-LILACS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Periódicos CAPES), Periódicos de Psicologia (PePsic), PubMed, Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Journal Storage (Jstor). Todas constam referenciadas na última coluna da Tabela 1.

A maior parte dos trabalhos identificados com os descritores e palavras-chave definidos apresenta apenas menções breves ou indiretas à Alquimia no contexto da Psicologia Profunda. Apenas um número restrito de publicações se dedica à reflexão mais sistemática sobre a obra de Carl Gustav Jung e Edward Edinger. Nenhuma, contudo, apresentou uma sistematização que

fosse capaz de associar as fases e operações alquímicas ao processo psicoterapêutico, como proposto na presente dissertação. Isso reforça o caráter inédito e original deste trabalho.

Por esse motivo, a fundamentação da Revisão Narrativa precisou adentrar o campo da pesquisa bibliográfica, de modo a instrumentar a presente pesquisa com os aportes teóricos que seriam associados na correspondência entre “fases da terapia” (Psicologia) e “fases alquímicas” (Alquimia). Uma extensa busca foi realizada acerca de obras que conseguem: (1) apresentar o trabalho da clínica analítica; (2) unir a Psicologia Profunda e a Alquimia; (3) apresentar o fundamento do Hermetismo para a chamada “*amplificatio* alquímica”; (4) oferecer material clínico para exemplificação e ilustração no presente exposto. Este trabalho apresenta na seção 2.3. o resultado das principais obras escolhidas, e as associações fundamentais entre elas.

Embora Edinger (2006) valide a totalidade da experiência alquímica (de que as operações podem ocorrer sem uma ordem específica), tanto sua explanação quanto a de Jung (2012a), acerca das analogias entre a Arte e a Psicologia, deixam abertas as possibilidades para investigações ulteriores que sistematizem as metáforas já construídas. As fases e operações da Alquimia apresentam valiosos motivos simbólicos que amplificam a compreensão das etapas da psicoterapia analítica.

Aqui, é necessário realizar uma distinção entre “Fases” e “Operações” (*operatios*) da Alquimia, com base em Samuel Norton (1421), Jung (2012a), Skinner (2019) e Tamosauskas (2023):

a) *Fase*: constitui o aspecto amplo na Alquimia prática. A literatura varia acerca da quantidade (3, 4, 7 ou 20 fases). Em regra, uma Fase é apresentada de forma mais abstrata, filosófica e de denominação mais simbólica. Fases representam grandes marcos dentro do trabalho alquímico, e é esperado que uma série de transformações ocorram durante seu processo. Dentro de uma única Fase, diversas Operações podem ser realizadas;

b) *Operação*: constitui o aspecto específico do trabalho Alquímico. Ocorre dentro de uma Fase Alquímica. Em regra, a denominação de uma Operação é mais prática, recebendo termos da química operativa (*exempli gratia*: separação, filtração ou decantação). O número de operações existentes é variável, mas é possível encontrar na literatura alquímica 7, 12 ou mesmo 14 operações.

A sistematização propedêutica/linear das operações alquímicas – já abordadas por Edinger (2006) –, nesta pesquisa, foi possível graças ao brilhante trabalho do alquimista contemporâneo Thiago Tamosauskas (2023). Ele apresenta em sua obra, *Principia Alchimica*, diversas das operações alquímicas, segundo diferentes Filósofos(as) da Arte. Ademais, o autor conseguiu produzir uma ordenação sistemática das 12 operações alquímicas (exemplificadas na

Figura 3 que representa, além das 12 operações, 2 funções da Pedra), dentro de cada uma das 4 fases, a saber: (1) *nigredo*; (2) *albedo*; (3) *citrinitas* e; (4) *rubedo*.

Figura 3 – As Operações Alquímicas



Fonte: Samuel Norton, 1421

Muito embora, frequentemente, o trabalho alquímico seja resumido de forma máxima em apenas três fases (Figura 4) – excluindo-se a *citrinitas* –, a utilização de quatro etapas possui mais sinergia com a ideia de Jung (1976/2019) acerca do simbolismo do quaternário.

Figura 4 – *Nigredo*, *Albedo* e *Rubedo* duelam no *Vas Hermeticum*



Fonte: Splendor Solis, 1582/2019

A partir disso, fica evidenciado que, epistemologicamente, a extração de uma compreensão psicológica, a partir da imagética e teoria alquímica, não é infundada. Ela foi basilar para autores como o próprio fundador da Psicologia Analítica, Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), tanto quanto personalidades importantes da “Psicologia Alquímica”, como: Marie-Louise von Franz (2022a, 2022b), Edward Edinger (2006), James Hillman (2011) e Thom Cavalli (2005).

Nesta mesma esteira de abordagem psicológica integrativa entre a Arte Hermética e a Psicologia Analítica, bastou comparar o trabalho de Tamosauskas (2023) e Edinger (2006) para elencar as operações alquímicas coincidentes, e organizá-las de forma didática dentro das 4 fases alquímicas e da psicoterapia de Jung (2013a). Não há necessidade de abordar todas as 12 operações alquímicas, visto que Edinger (2006) teve o condão de escolher aquelas que são mais representativas do desenvolvimento psíquico, e úteis à clínica. Assim, a nível de conteúdo das *operatios*, este trabalho seguiu o caminho clínico já amplificado por Edinger (2006). As operações que foram excluídas de seu trabalho seriam mais relevantes à Alquimia laboratorial, ou podem ser subtipos das 7 operações elencadas pelo autor. A estes autores, foi adicionado o suprasumo da perspectiva simbólica de autores da Alquimia Clássica.

Posto que a simbologia de escritos alquímicos foi utilizada, seria importante ter aportes da dimensão de fenômenos vislumbrados na clínica analítica (sonhos, sentimentos, humor, afetos e imaginações), de modo a demonstrar a aplicação da *amplificatio* alquímica, enquanto método de interpretação simbólica. Isso foi conseguido através dos relatos oferecidos por Gallbach (2000) em sua obra *Aprendendo com os Sonhos*. A Dra. Marion Rauscher Gallbach, analista junguiana e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP), realizou um trabalho digno de nota ao coordenar Grupos de Vivências de Sonhos, e registrar parte de seu trabalho em uma obra nacional. A profundidade do método Gallbach (2000) de *Imaginação Corpo-Ativa* – que une psicossomática à teoria junguiana –, favoreceu a riquíssima expressão de sonhos, sentimentos, emoções e imagens relativas à clínica.

O grande espectro de fenômenos (sonhos, sentimentos, afetos e conteúdos decorrentes de processos de Imaginação Ativa) relatados por Gallbach (2000) foi tamanho, que não foi possível deixar de notar os paralelos alquímicos que podem estreitar a conexão entre a Psicologia Analítica e a Arte Filosofal. Ademais, o processo de *Imaginação Corpo-Ativa* tem o condão de oferecer um conteúdo psíquico mais primal e intocado, posto que o trabalho realizado nas vivências de Gallbach (2000) não intenta uma interpretação sobre a experiência dos(as) clientes, mas faz com que possam vivenciar, por si mesmos(as), os efeitos dos símbolos

oníricos e imagéticos em sua própria vida psíquica consciente, através de uma integração psicossomática. Isso justifica a utilização dos fenômenos decorrentes dos grupos terapêuticos coordenados pela autora, na presente pesquisa. Além destes, também foram utilizados alguns sonhos relatados por Jung (2012a) em sua obra *Psicologia e Alquimia*.

Enfim, a análise dos fenômenos supracitados recebe a aplicação da *amplificatio* alquímica – referida por Jung (2012a), trabalhada por Edinger (2006) e sistematizada por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) –, um método que é detalhado a seguir.

2.2 Método de interpretação: *amplificatio* alquímica

A pertinência da Psicologia Analítica em refletir sobre conceitos – como os da Alquimia –, que representam imagens arquetípicas em um recorte histórico e cultural, não é injustificada. Daryl Sharp (1991) utiliza das definições do próprio Jung para elucidar sobre a “amplificação”. Tal como a *amplificatio* alquímica referida por Jung (2012a), a amplificação trata-se de uma abordagem específica da teoria junguiana, um método de associação que possibilita a realização de estudos em mitologia e religião comparada. Seu objetivo é ampliar as compreensões interpretativas acerca de sonhos, fantasias, desenhos, escritos e outras expressões que tenham o condão de apresentar um arquétipo, sob o formato de uma imagem arquetípica.

Nesse sentido, um estudo detalhado da Alquimia Tradicional, com base no método da *amplificatio* alquímica – que deu origem à amplificação junguiana –, referida por Jung (2012a), é justificado. Esse tipo de abordagem favorece uma expansão da consciência acerca da polissemia de signos apresentados em manuscritos de adeptos da Arte Hermética. Ela instrumentaliza o(a) pesquisador(a) para uma compreensão aprofundada, acerca de processos epistêmicos pessoais e coletivos – ou, como Jung (2017a) denominaria: imagens arquetípicas que foram consteladas, em um recorte historiográfico. É este o caso das expressões relativas à historiografia da Tradição Hermética, que serviram como parte dos fundamentos da teoria junguiana, acerca do processo de desenvolvimento psíquico no *setting*. Finalmente, a instrumentalização visada por esta dissertação encontra-se no escopo dos processos que surgem na clínica analítica, e como podem ser enriquecidos mediante uma “abordagem Alquímica Junguiana”.

Nessa metodologia, os símbolos da Alquimia são extremamente valiosos e pertinentes. São eles que desvelam a profundidade da alma, em sentido psicológico. Conforme atesta Penna (2013), p. 186:

O **símbolo** é a **ponte epistemológica** entre o conhecido e o desconhecido – o **meio** através do qual a **transformação do material** inconsciente em material conhecido é viável, pois, de acordo com Jung, **sempre exprimimos através de símbolos as coisas que não conhecemos** e, assim, **o conhecimento do inconsciente é possível** (grifo nosso).

Jung (2012a) se refere à *amplificatio* alquímica como uma amplificação ilimitada de reflexões simbólicas. Nesse sentido, essa metodologia interpretativa seria semelhante à amplificação simbólica, embora de enfoque alquímico. Na prática, o método requer a escolha de *imagos* de uma situação (ou sonho) específica, que sofrem um processo de *multiplicatio/augmentatio* (multiplicação/aumento) de significados, com base no simbolismo alquímico, nas analogias com as operações de laboratório, e com a cosmovisão da Arte Filosofal. Embora o fundador da psicologia analítica não descreva as nuances da *amplificatio* alquímica, autores como Papus (1898/2021), Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) e Tamosauskas (2023) demonstram que essa amplificação não se dá ilimitadamente de forma desorganizada, mas considera um conjunto de fatores simbólicos que já foram pacificados dentro do Hermetismo Alquímico, com base em correspondências de significados.

É mister saber que os fundamentos da *amplificatio* alquímica encontram respaldo em uma metodologia especialmente particular, atualmente conhecida como método analógico. Este resulta da união do método indutivo (do particular para o geral, estuda as coisas visíveis) e do dedutivo (do geral para o particular, estuda as coisas invisíveis). O martinista (místico-alquimista-cristão) e estudioso da “ciência oculta” alquímica, Papus (2021), atesta que “o método mais comum usado pela ciência oculta é a analogia. Graças a ela, determinamos as relações existentes entre os fenômenos” (p.38).

A analogia característica da *amplificatio* alquímica certamente perpassa a compreensão do mistério da psique humana. Em Psicologia e Alquimia, Jung (2012a, para. 345) escreve, a esse respeito:

Assim sendo, o **alquimista** desconhecia a verdadeira natureza da matéria. Ele a conhecia unicamente através de **alusões**. Na medida em que procurava investigá-la, **projetava o inconsciente** na escuridão da matéria, a fim de clareá-la. Na tentativa de explicar o mistério da matéria, **projetava outro mistério**, isto é, **projetava seu próprio fundo psíquico desconhecido no que pretendia explicar** (grifo nosso).

Tamosauskas (2023) também informa que, à medida que o(a) alquimista altera a substância, uma parte de si também é alterada. Jung (2011a, 2012a) entendia que as transformações no *Vas Hermeticum* seriam a ocorrência de um fenômeno que, mais tarde, foi

denominado como “projeção”, em sua teoria analítica. Em outras palavras, o(a) operador(a) da Arte Hermética projeta conteúdos inconscientes na substância a ser transformada, o que justifica sua própria mudança psicológica ao longo das operações alquímicas. Esta constitui a “mística alquímica”: uma metáfora para transformações psíquicas.

Em *Psicologia e Alquimia*, Jung (2012a), justifica esse fenômeno: “O alquimista vivenciava sua projeção como uma propriedade da matéria; mas o que vivenciava na realidade era o seu inconsciente” (para. 346). Na mesma obra, o autor ainda atesta que a Astrologia – parte do currículo alquímico, como informa Hutin (2010) – seria a projeção de elementos inconscientes (chamados “deuses”, ou identificados como os signos do zodíaco – representados na Figura 5) na abóbada celeste. Isso apenas reforçava o caráter extremamente psicológico do simbolismo da Arte Hermética.

Figura 5 – A Roda dos Entes Planetários Astrológicos



Fonte: Adam McLean, 2021

Em uma entrevista registrada posteriormente, Jung (1999/2014, p. 35) afirmou que:

[...] há uma **história obscura**, um “rumor” que **algo deseja encarnar no ser humano. Algo deseja penetrar em nosso mundo**, algo **redondo**, algo como o **sol**, algo dourado, algo superior, uma **totalidade que o homem não possui**. E isso então é visto através de **imagens redondas e brilhosas**. Abrigam **vozes, inteligências** que são superiores e que alegam vir de **Vênus** ou **Marte** e que cuidam de nossa situação terrena, de toda nossa situação política mundial. Querem nos dar bons conselhos, ajudar-nos ou quem sabe até ajudar-nos a emigrar. Pois são todas elas pequenas naves de salvador que vêm do céu e que desejam nos redimir de nosso estado embrutecido. Esse é o **mito** que vale hoje. É pura ignorância nossa subestimarmos esse fato.

Esta passagem demonstra que Jung (2014) vislumbrava nas imagens astrológicas uma evidência simbólica, que apontava para a totalidade psíquica (*Self* / Si-Mesmo). Nesse sentido, a astrologia fundamenta a simbologia alquímica, quando se encontra com o estudo da correspondência entre metais e planetas – algo que foi igualmente abordado por Tamusauskas (2023). Essa “ciência oculta”, que envolve a analogia dos astros, metalurgia, e fenômenos da alma, foi sistematizada de forma pacificada na Arte dos(as) Filósofos(as).

Esta pacificação simbólica dentro da Tradição Hermética serve como facilitadora do estudo das alusões. Tal como na interpretação de sonhos, a interpretação alquímica visa a amplificação ilimitada, e não uma definição conclusiva e estanque. Tudo isso atesta que, conscientemente ou não, a Tradição serviu imensamente a uma pesquisa protopsicológica. No ideal alquímico, Deus, o Cosmos e o Ser Humano possuem correspondências (analogias). Isso fez com que alquimistas sistematizassem um conjunto de símbolos que se encontram interligados – uma prototeoria semelhante àquela que veio a ser a da sincronicidade. Basta apenas levar estas conclusões herméticas simbólicas ao nível da psicologia (Hall, 1928; Edinger, 2006; Hutin, 2010; Jung, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d; Papus, 2021; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Mas qual seria o ponto de partida da Alquimia para a compreensão simbólica? Como se dá o processo das analogias? Como ela é pacificada entre os(as) Artistas? A resposta pode ser encontrada, sobretudo, nos estudos de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), acerca da *Kabbalah Hermética*. Esta disciplina das “ciências ocultas” mescla astrologia, alquimia e cabala judaica (a “doutrina das Emanações”), de modo a produzir um sistema unificado de interpretação simbólica da realidade, tal qual uma “sistematização primordial da sincronicidade” (ou, do que esta teoria veio a se tornar, com a Psicologia Analítica).

Um(a) alquimista entende que cada ser, evento, fator psicológico ou expressão no mundo das formas, encontra uma correspondência que se assemelha em diferentes níveis – do macrocosmo ao microcosmo. A imagem do sol, por exemplo, implicaria diversas correspondências, de acordo com a *amplificatio* alquímica. Este astro é tido como “rei” do sistema solar, em termos astronômicos e astrológicos. No reino animal, o leão é visto nesta mesma posição central. Já o “rei” dos metais seria o ouro, devido a seu imenso valor. Finalmente, o órgão central do corpo humano, seria o coração. Portanto, para os(as) alquimistas, haveria uma correspondência entre as figuras sol-rei-leão-ouro-corção. Associações simbólicas semelhantes também estariam condensadas no estudo dos 7 planetas da astronomia antiga: lua, mercúrio, vênus, sol, marte, júpiter e saturno – cada qual teria uma infinidade de correspondências específicas no cosmos (Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

A Tabela 2 abaixo, elaborada com base nas obras de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), tem o condão de representar uma resumida sistematização das correspondências relativas à *amplificatio* alquímica, como apresentado pelos autores, de modo a exemplificar como as analogias são estabelecidas segundo a cosmologia da Arte Hermética. Conforme nota Jung (2012a), essas conclusões não são estanques, mas servem a uma amplificação ilimitada, embora não isenta de uma dada ordem de correspondências.

Tabela 2 – Correspondências Herméticas da *Amplificatio* Alquímica I

Relações Alquímicas Simpáticas I						
Símbolo	Planeta	Metal	Virtude	Defeito	Animal	Cor
☾	Lua	Prata	Humildade	Preguiça	Serpente	Roxo
☿	Mercúrio	Mercúrio	Paciência	Inveja	Íbis	Laranja
♀	Vênus	Cobre	Temperança	Luxúria	Pomba	Verde
☼	Sol	Ouro	Magnanimidade	Orgulho	Leão	Amarelo
♂	Marte	Ferro	Diligência	Ira	Lobo	Vermelho
♃	Júpiter	Estanho	Caridade	Gula	Elefante	Azul
♄	Saturno	Chumbo	Castidade	Avareza	Morcego	Preto

Fonte: Adaptado de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024)

A tabela 3, por sua vez, apresenta o conjunto de sentimentos, afetos e palavras-chave relacionadas a cada uma das 7 imagens planetárias simbólicas. Esse conjunto também se encontra referenciado por Marinelli e Del Debbio (2016, 2024).

Tabela 3 – Correspondências Herméticas da *Amplificatio* Alquímica II

Relações Alquímicas Simpáticas II			
Símbolo / Cor	Planeta	Representação no Mundo Humano	Sentimentos, Afetos e Palavras-Chave
	Lua	Emoções, Necessidade de Segurança e Infância	Acolhimento, instinto, memória, nostalgia, gestação, apego, vulnerabilidade, dependência, empatia, carência, preservação, sensibilidade, padrões-emocionais, ilusão.
	Mercúrio	Comunicação e Desejo de Conhecimento	Curiosidade, lógica, interpretação, aprendizado, observação, raciocínio-rápido, engenhosidade, flexibilidade, inteligência, sarcasmo, ironia, astúcia, objetividade, investigação, nervosismo e perspectiva.
	Vênus	Valores, Sentimentos Íntimos e Necessidade / Capacidade de Amor	Amor, desejo, carisma, companheirismo, amabilidade, sensualidade, fertilidade, encantamento, admiração, romance, alegria, simpatia, indulgência, paixão, graciosidade, delicadeza, cordialidade, fascinação, socialização, apreciação, coesão, satisfação e arte.
	Sol	Identidade, Impulso Criativo e Autorrealização	Realização, determinação, generosidade, originalidade, criatividade, liberdade, autoexpressão, benevolência, autonomia, otimismo, convicção, entusiasmo.
	Marte	Impulsos, Virilidade, Sexualidade e Poder	Coragem, proatividade, bravura, aventura, ambição, energia, independência, precipitação, impulsividade, impetuosidade, tensão, inflexibilidade, impaciência, audácia, exploração, competição, paixão, sexualidade, iniciativa, prontidão, sobrevivência, determinação, raiva e ira.
	Júpiter	Impulso Introspectivo (intelectual, filosófico e religioso), Expansão e Moralidade	Espiritualidade, plenitude, caridade, altruísmo, abundância, ampliação, elevação, serenidade, fé, esperança, ética, propósito, diplomacia, superação, confiança, gratidão, extravagância, universalidade, tolerância, liberdade, moralidade, integridade, idealismo, jovialidade, largueza, triunfo, compreensão, inspiração, intuição e proteção.
	Saturno	Desafios, Lições e Limites	Responsabilidade, resistência, conservadorismo, disciplina, tradição, austeridade, ceticismo, reclusão, desapego, persistência, medo, rigidez, sacrifício, solidão, ascetismo, cautela, escassez, isolamento, profundidade, pessimismo, prudência, resiliência, inflexibilidade, melancolia, simplicidade, realismo, sobriedade, compromisso e sabedoria.

Fonte: Adaptado de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024)

Amparado pela Psicologia Analítica e pela doutrina Hermética-Alquímica, Edinger (2006, p. 23) versa acerca destas correlações na seguinte passagem:

Os **planetas no céu** correspondem aos **metais na Terra**: Sol = ouro; Lua = prata; Mercúrio = mercúrio; Vênus = cobre; Marte = ferro; Júpiter = estanho; e Saturno = chumbo. À medida que giram ao redor da Terra, os planetas pouco a pouco derramam seus metais correspondentes no interior da Terra, podendo-se extraí-los por meio das **operações alquímicas**. [...] Em **termos psicológicos**, podemos entender essa imagem como uma referência aos **componentes arquetípicos do ego**. Os **tijolos** empregados na **construção do ego** são **qualidades divinas** furtadas aos **deuses** ou produtos do desmembramento de uma **divindade** – representantes terrenos de **princípios transpessoais**. Esse **conjunto de imagens** ainda vive na **psique moderna** (grifo nosso).

Como se nota, as referências alquímicas da *amplificatio* encontram imensos paralelos com as representações de diversas divindades, o que reforça o caráter atemporal, simbólico e alegórico destas correspondências. Nesse sentido, a mitologia pode auxiliar na explicação do significado das correspondências supracitadas. Cada uma dessas 7 imagens simbólicas planetárias apresenta um “fio sutil” que conduz ao mito, tanto quanto a sentimentos, afetos, símbolos e expressões específicas do inconsciente (Edinger, 2006; Matyszak, 2010/2022; Jung, 2012a; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Na mitologia grega, divindades como Ártemis (deusa da caça) e Hécate (deusa associada às encruzilhadas e à feitiçaria) são imagens arquetípicas da Grande Mãe, e estão intimamente associadas à Lua. No mitologema cristão, esse papel se encontra na figura da Virgem Maria, que é retratada, com frequência, sobre uma lua. Ela também pisa na cabeça de uma serpente. Essas divindades auxiliam o entendimento deste astro simbólico enquanto um modelo alquímico de amplificação. À Lua, estariam associadas as experiências da infância – sobretudo as conectadas à maternidade. Por estar próxima à Terra, é como se a Lua fosse uma “esfera espiritual” que a envolve, dando à luz – na cosmologia hermética –, a Espíritos que descem do *Aion* (Eternidade) para encarnar no planeta. Este astro também estaria associado às marés, volúveis como a própria emoção humana (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

O símbolo relativo a Mercúrio, na mitologia grega, é relacionado ao deus Hermes-Mercúrio, associado às fronteiras, às pessoas consideradas desajustadas socialmente, a viajantes e ao intercâmbio entre o reino humano e divino. O astro Mercúrio é o planeta de translação mais rápida no sistema solar, assim como o deus grego Mercúrio se apresenta ágil e volátil. Por esse motivo, o símbolo alquímico simpático de Mercúrio se relaciona à: comunicação, pensamento ágil, viagens, a busca pelo conhecimento, e cruzar limiares e fronteiras. Seriam “motivos” semelhantes do astro. No Egito, a divindade Hermes é representada na figura do deus da escrita e da magia, *Djehuti/Thoth*, cujo rosto costuma ser figurado por uma Íbis. A escrita,

portanto, também pode se relacionar a Hermes-Mercúrio por ser uma forma de comunicação e transmissão de saberes, que cruzam limiares no espaço-tempo (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Vênus costuma ser associada ao amor e ao desejo, na mitologia. No simbolismo alquímico, se relaciona aos sentimentos mais íntimos e à amabilidade, tanto quanto ao que dita os valores de uma pessoa. Este desejo também guarda a criatividade, capaz de produzir formas mediante o amor e a atração para gerar (coagular) um projeto (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

O Sol é o “astro-rei”, importante representação da autorrealização e da expressão pessoal que deve brilhar no indivíduo, ao longo de sua Jornada. Essa busca pela realização pessoal envolve a necessidade de encontrar o “ouro” (o núcleo valioso, centro e tesouro da experiência) das situações vividas (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Marte, por sua vez, costuma ser associado à diligência, virilidade, sexualidade e poder. Na mitologia grega ele se apresenta como um deus aguerrido, de ação e coragem. A violência (ou ira) é a consequência de uma deturpação da força e da perseverança que deveria servir ao bem comum. Se o princípio alquímico de marte é bem aplicado, isto seria representado por toda a força humana, enquanto motriz de realizações diversas, como: luta em favor do bem comum, defesa contra injustiças sociais, obras de infraestrutura, perseverança no caminho pessoal de vida e sacrifícios por uma causa nobre – afinal, o termo “mártir” tem sua raiz na palavra “Marte”, o que figura a coragem e diligência para a autodoação em prol de um benefício coletivo (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

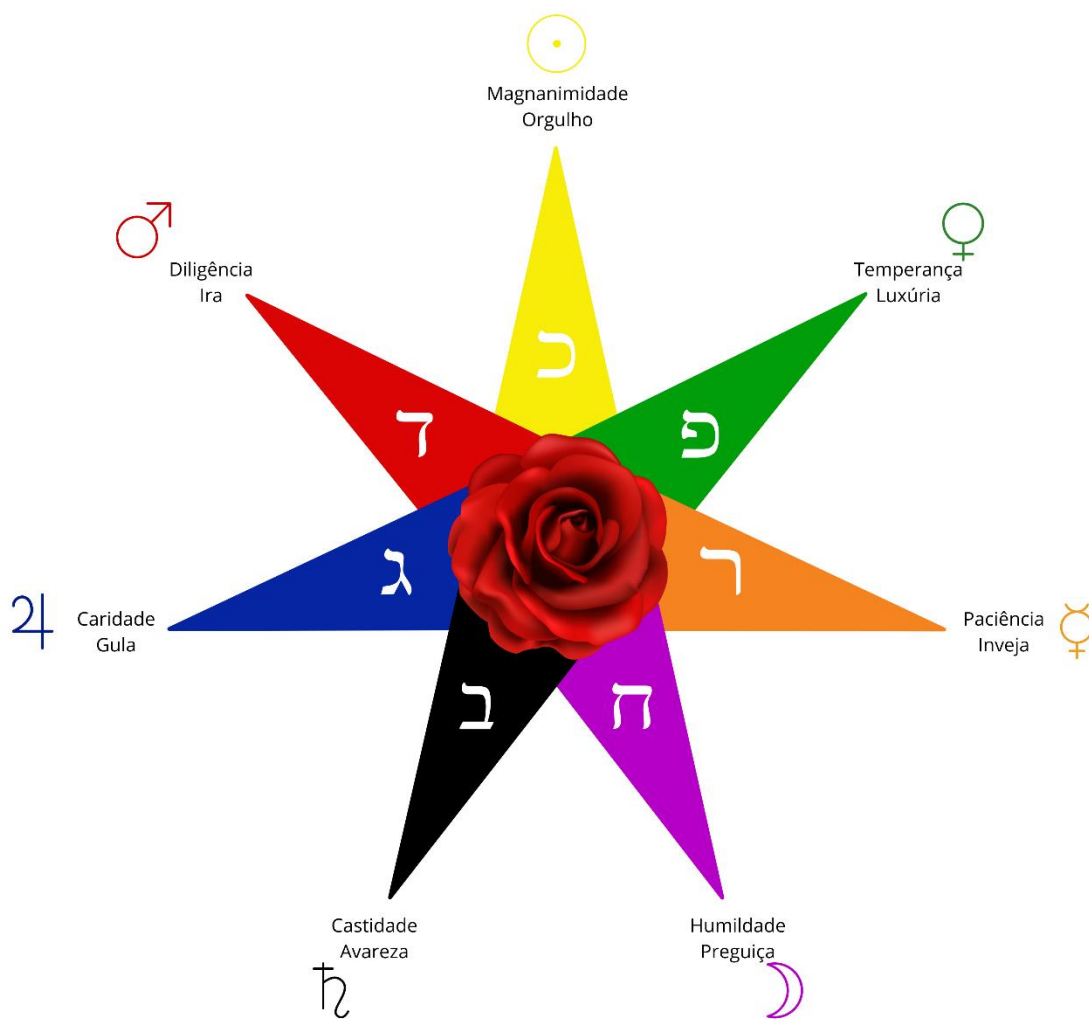
Júpiter é o maior planeta do sistema solar, e está associado à expansão, assim como aquilo que rege as comunidades: a lei e a moralidade – justamente o que garante o expansionismo populacional seguro. A caridade, neste sentido, é uma virtude que representa a capacidade de utilizar desses valores de forma expansiva e positiva. O oposto dessa expansão é representado pela gula (não apenas física, mas metafórica) e pela tirania em retrain, e tomar tudo para seu próprio controle, em completa ausência de autodoação (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Finalmente, Saturno é um símbolo associado aos limites, visto se encontrar no limite do que seria o sistema solar para os antigos. Saturno corresponde ao titã Cronos, que rege o tempo e devora seus filhos. Dessarte, representa desafios e lições, como o tempo também os impõe sobre os limites da vida humana. Em um sentido benéfico, Saturno se associa à Sabedoria, que

surge a partir da superação do caráter temporal desafiante sobre a existência do indivíduo (Blavatsky, 2020; Matyszak, 2010/2022; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

Em diversas sociedades iniciáticas modernas, sobretudo aquelas que possuem o estudo da Alquimia (seja mental ou operativa) em seus currículos, a *Kabbalah Hermética* é estudada em padrões antigos através de um diagrama conhecido como *Estrela Setenária* (Figura 6 – apresentando as mesmas cores correspondentes a cada planeta da Tabela). Ela apresenta correspondências – com base na *amplificatio* alquímica apresentada acima – diversas, como entre: planetas, metais, cores, letras hebraicas, números, humores, temperamentos, vícios, virtudes, partes do corpo humano (microcosmo), estações, signos, operações alquímicas, Entes invisíveis, etc (Papus, 2021; Martinelli; Del Debbio, 2016; Tamosauskas, 2023).

Figura 6 - A Estrela Setenária dos Alquimistas



Fonte: Adaptado de Del Debbio, 2010

A *Estrela Setenária* da *Kabbalah Hermética* é uma síntese de todo o processo de *amplificatio* alquímica, baseado na metodologia analógica e simpática. Através deste estudo,

fica mais fácil entrever sentidos e correspondências dos símbolos alquímicos. Isso acontece graças à união entre astrologia, alquimia e simbologia hermética, para formar uma compreensão de aplicabilidade universal (Papus, 2021; Martinelli; Del Debbio, 2016)

Enfim, é possível notar que a chamada *amplificatio* alquímica não se trata de um método de mera interpretação ilimitadamente caótica. Ela parte da sistematização da Arte Filosofal para entrever significados, com base em 7 imagens arquetípicas da *Estrela Setenária*, estabelecidas desde a antiguidade através de mitologemas. Na cosmologia alquímica, o conjunto dessas 7 figuras ainda representa virtudes a serem desenvolvidos, e desafios concernentes a elas. Em última instância, atravessar a reflexão permanente de toda uma vida, sobre a maneira como esses símbolos se expressam na psique humana, é um fator favorável ao processo de individuação. Ao refletir em cada imagem arquetípica planetária, o indivíduo integra aspectos do Si-Mesmo (Jung, 2012a; Tamosauskas, 2023; Martinelli; Del Debbio, 2016, 2024).

As relações analógicas da Alquimia apresentadas anteriormente não figuram, neste trabalho, a evocação de mero pensamento mágico e/ou fantasioso. A divisão apresentada por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) apresenta sistemas simbólicos organizados que servem à *amplificatio* alquímica referida por Jung (2012a), ou seja, a uma leitura simbólica e arquetípica. Neste sentido, instrumentalizam o(a) pesquisador(a) da Psicologia Alquímica. É importante, portanto, sempre refletir a partir do ponto de vista psicológico, mítico, simbólico e arquetípico, sintetizado na Arte Filosofal.

2.3 Síntese interpretativa

As referências e eixos teóricos relativos à simbologia da filosofia hermética podem ser encontradas em autores(as) seminais. Blavatsky (2020), teósofa russa do séc. XIX, teria reorganizado parte da teoria hermética ao longo de sua vida, mas a obra *Glossário Teosófico* resume seus aspectos simbólicos. Trimegistos (2023), por sua vez, seria o enigmático autor do *Corpus Hermeticum*, que contém o sumo da Tradição Hermética. Autores contemporâneos como Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) apresentam um resumo da cosmovisão alquímica-hermética e suas correspondências. Finalmente, a vasta obra alquímica clássica contempla uma infinidade de interpretações passíveis de aplicabilidade psicológica, conforme demonstraram Edinger (2006) e Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), em seus estudos relativos à aproximação entre Alquimia e Psicologia. Estes textos figuram valiosas referências à síntese de uma “Alquimia Junguiana”.

Nesse sentido, o sistema apresentado no presente exposto leva em consideração, sobremaneira, o paralelo entre os Eixos Temáticos da Psicologia Analítica e da Alquimia, com vistas à sistematização das correlações entre as etapas da psicoterapia, e as fases e operações da Arte, com base na interpretação da *amplificatio* alquímica. A Tabela 4 a seguir demonstra como estes Eixos foram elaborados, na procura por um conjunto de obras complementares das duas áreas, que fossem capazes de estreitar a ponte simbólica entre elas.

Tabela 4 – Relação Bibliográfica e Temática Axial

Eixo-Temático	Categorias	Autor	Obras
Psicologia Analítica	Etapas da Terapia	JUNG, Carl G.	OC 16/1 (1971/2013a)
	Sonhos (Ilustração)	JUNG, Carl G.	OC 12 (1975/2012a)
		GALLBACH, Marion R.	Aprendendo com os Sonhos (2000)
Alquimia	Fases e Operações	VALENTINUS, Basilus	As Doze Chaves da Filosofia (1599/ 2016)
		FILALETTO, Irineu	Uma Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei (1645/2018)
		FLAMEL, Nicolau	O Livro das Figuras Hieroglíficas (1399/1973)
		FLUDD, Robert	<i>Utriusque Cosmi Historia</i> (1617)
		FULCANELLI	<i>Finis Gloriae Mundi</i> (1999/2000)
		LÚLIO, Raimundo	Astrologia Medieval (1297/2011)
		PARECELLO	A Chave da Alquimia (1973)
		PETRINUS, Rubellus	A Grande Obra Alquímica (2011)
		TAMOSKAUSKAS, Thiago	<i>Principia Alchimica</i> (2023)
	Amplificatio Alquímica	MARTINELLI, Pri & DEL DEBBIO, Marcelo	<i>Kabbalah</i> Hermetica (2016); Astrologia Hermética (2024)
Psicologia Analítica + Alquimia	Integração: Hermetismo	JUNG, Carl G.	OC 12 (1975/2012a), 13 (1978), 14/1-3 (1971/2012b, 2012c, 2012d)
	Integração: Operações	EDINGER, Edward F.	Anatomia da Psique (1985/2006)

Fonte: O autor, 2025

Dessarte, esta pesquisa utiliza de obras e autores posicionados em três Eixos-Temáticos. A obra de C.G. Jung, *A Prática da Psicoterapia* (2013a), é utilizada como referência para abordar a Psicologia Analítica, tanto em aspecto teórico quanto clínico, nas 4 etapas da psicoterapia junguiana. No Eixo “Alquimia”, foram selecionados um conjunto de autores reconhecidos na Alquimia Clássica – como apresenta o alquimista Rubellus Petrinus (2011). Assim, busca-se apresentar uma cadência sequencial e coerente das 7 *operatios* (operações) alquímicas, estabelecidas dentro das 4 fases da Arte – com destaque para o autor da *Principia Alchimica* (2023), Thiago Tamosauskas. Também foram adicionadas as obras de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), referências na compreensão da *amplificatio* alquímica.

O último Eixo-Temático, “Psicologia Analítica + Alquimia”, envolve as principais obras que auxiliam a estreitar a ponte simbólica entre essas duas disciplinas do conhecimento. Edinger (2006) já elaborou as *operatios* em sentido de aplicação psicológica, enquanto Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d) consegue explorar diversas amplificações concernentes à Arte Hermética, no contexto de sua abordagem psicológica.

As *operatios* relatadas por Edinger (2006), ainda se encontram resumidamente esquematizadas na Tabela 5 apresentada abaixo.

Tabela 5 – A Progressão Alquímica de Edinger (continua)

Ordem	Operações Alquímicas	Aspectos da Individuação	Imagens Oníricas
1	Calcinatio	- Lidar com a frustração do desejo; - Lidar com a intensidade ("calor") dos afetos; - Realizar "secagem" dos Complexos; - Conquistar "imunidade ao afeto" (emoções intensas); - Conquistar maior autodomínio do fluxo da Libido; - Ativar as energias criadoras do Self	Fogo, lugares em chamas, incêndios, xisto branco.
2	Solutio	- Lidar com a dissolução do "velho Ego" (disposição psíquica rígida); - Entrar em contato com o Alkahest (Consciência Presente)	Água, chuva, praias, dissolução, banho
3	Coagulatio	- Realizar a coagulação (materialização) de ideais, projetos e sonhos; - Corporificar um "Novo Ego" (nova atitude psicológica); - Incorporar aspectos úteis ao desenvolvimento psíquico.	Roupas, vestimentas, alimentos, terra, lama, descida.
4	Sublimatio	- Tomar um ponto de vista ampliado / de consciência expandida	Pássaros, subir, aviões, balões.
5	Mortificatio	- Lidar com a "mortificação" de estruturas psíquicas rígidas	Fezes, excrementos, maus odores, odor de cadáveres, sujeira, vermes, túmulos, caveiras, cadáveres e apodrecimento.
6	Separatio	- Lidar com a distinção de conteúdos psíquicos indiferenciados; - Lidar com a separação entre sujeito e objeto	Espadas, facas, lâminas, corte, divisão, julgamento, separar, medir, contar, pesar, mapas e coordenadas cartográficas, instrumentos de medida, compasso, régua, esquadro, escalas, sextante e relógios.

Tabela 5 – A Progressão Alquímica de Edinger (conclusão)

Ordem	Operações Alquímicas	Aspectos da Individuação	Imagens Oníricas
7	Coniunctio	- Reunificar aspectos psíquicos com vistas à integração	Casamento

Fonte: Adaptado de Edinger (2006)

O sistema do alquimista contemporâneo Tamosauskas (2023), por sua vez, apresenta uma sistematização diferente da de Edinger (2006). Ela se encontra representada na Tabela 6 abaixo.

Tabela 6 – A Progressão Alquímica de Tamosauskas

Ordem	Fases Alquímicas	Operações Alquímicas
1	Nigredo	Decantação
		Putrefação
		Calcinação
2	Albedo	Dissolução
		Coagulação
		Destilação
3	Citrinitas	Sublimação
		Exaltação
		Multiplicação
4	Rubedo	Tintura
		Conjunção
		Projeção

Fonte: Adaptado de Tamosauskas (2023)

A partir desses dois esquemas, foi possível proceder a uma comparação entre a sistematização de Edinger (2006) e de Tamosauskas (2023), de modo a entrever as operações coincidentes entre estes dois autores. A Tabela 7 apresenta esta comparação.

Tabela 7 – Comparação das Operações Alquímicas (continua)

Edinger (2007)	Tamosauskas (2023)
<i>Calcinatio</i>	Decantação*
<i>Solutio</i>	Putrefação
<i>Coagulatio</i>	Calcinação
<i>Sublimatio</i>	Dissolução
<i>Mortificatio</i>	Coagulação
<i>Separatio</i> *	Destilação*
<i>Coniunctio</i>	Sublimação

Tabela 7 – Comparação das Operações Alquímicas (conclusão)

Edinger (2007)	Tamosauskas (2023)
Obs.: coincidências marcadas em negrito e fundo azul-claro, e conexões entre operações semelhantes marcadas por asterisco (*).	Exaltação
	Multiplicação
	Tintura
	Conjunção
	Projeção

Fonte: Adaptado de Edinger (2007) e Tamosauskas (2023).

Como é possível notar, há uma coincidência de pelo menos 6 operações entre Edinger (2006) - Tamosauskas (2023), respectivamente, quais sejam: *calcinitio*-calcinação, *solutio*-dissolução, *coagulatio*-coagulação, *sublimatio*-sublimação, *mortificatio*-putrefação e *coniunctio*-conjunção. A ordem de progressão, entretanto, se apresenta diferente. Haja vista que o objetivo do trabalho é comparar a categoria das 4 fases alquímicas com as 4 etapas da psicoterapia analítica, a preferência para o ordenamento das operações foi dada a Tamosauskas (2023), que já realiza a sistematização das *operatios* dentro de cada uma das 4 fases alquímicas. Entretanto, o conteúdo das operações de Edinger (2006) se apresenta fundamental para a compreensão psicológica, dentro do esquema do referido alquimista brasileiro.

Resta, entretanto, a operação “*separatio*” de Edinger (2007). À primeira vista, ela parece não encontrar paralelos com o esquema de Tamosauskas (2023). Entretanto, é importante lembrar que as operações de “Decantação” e “Destilação” são formas de separação de misturas, portanto, são apenas desdobramentos da operação *Separatio*.

Como o presente trabalho busca uma sistematização que não incorra em repetições de operações, de modo a perfazer um “mapa” propedêutico unívoco, definido e delimitado de cada uma das *operatios* – à semelhança do estilo unívoco de cada operação elaborada por Edinger (2007) –, foi necessário escolher se a operação *Separatio* seria posicionada no início, em justaposição com a Decantação de Tamosauskas (2023), ou à frente da *Coagulatio*, justaposta à Destilação deste autor. A conclusão se deu graças à análise mítica comparativa, como aquela utilizada por Campbell (2007). Em grande parte dos mitologemas mundiais, a separação é o primeiro ato de geração da Divindade Criadora.

Neumann (1968/2022, p. 29) alude a isso, ao abordar o período que antecede a separação cosmogônica:

No Egito, como na Nova Zelândia, Grécia, África e Índia, os Pais Primordiais, o céu e a terra, jazem um sobre o outro no redondo, unidos na **ausência do espaço e do tempo**, porque, até então, **nada se pôs entre eles para criar a dualidade** a partir da **unidade original**. O continente dos opostos masculino e feminino é o grande hermafrodita, o elemento criado primal, o *purusha*

hindu, que combina em si mesmo os polos (Neumann, 2022, p. 29, grifo nosso).

Esta separação também ocorre na Jornada Heroica descrita por Campbell (2007), quando o indivíduo aceita o chamado da aventura, ao se separar do *status quo* ou de seu ambiente conhecido. Também o alquimista Robert Fludd (1617), em sua narrativa sobre a criação do Cosmos, dispõe a *Separatio* como o primeiro ato Divino. Na narrativa judaico-cristã da Bíblia Sagrada (2022), Deus primeiro separa as águas de cima das águas de baixo, para abrir espaço para toda a existência. Haja vista que, para a Alquimia – fundamentada no Hermetismo, como apresentado por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) –, Deus, o Cosmos e o Ser Humano apresentam naturezas semelhantes e correspondentes, seria natural deduzir simbolicamente que a primeira operação dentro do *Vas Hermeticum*, tanto quanto numa sessão terapêutica, seria a *Separatio* (Separação). Este aspecto será elaborado mais adiante, no capítulo que propõe a síntese dos diferentes autores da Alquimia e Psicologia Analítica. Em termos de progressão alquímica, a divisão de Tamosauskas (2023) também obedece aos paralelos míticos de outrora, o que reforça nossa escolha por sua ordenança.

Ademais, é mister pontuar que, embora Edinger (2006) ofereça, em sua progressão capitular, a operação *Calcinatio* como princípio, em outra passagem ele reforça a importância da *Separatio* para a criação do Universo. Edinger (2006) ainda afirma que “cada área recém-encontrada do inconsciente requer um ato cosmogônico de *separatio*” (p. 205). Assim, em sentido clínico, será natural postular esta *operatio* como princípio do processo terapêutico.

Assim, o desempate acerca da *Separatio* foi feito na predileção por uma análise mítica-psicológica, alquímica e comparativa. As operações restantes elaboradas por Tamosauskas (2023) foram descartadas, devido à sua ausência nos conteúdos operativos já abordados por Edinger (2023). Este autor favoreceu a presente pesquisa ao fornecer o conteúdo, e aquele, a sistematização. O resultado da organização proposta na presente pesquisa é apresentado na Tabela 8 a seguir.

Tabela 8 – Sistematização Norteadora da Pesquisa

Progressão	Fases Alquímicas	Operações Alquímicas
1	Nigredo	Separatio
		Mortificatio/Putrefactio
		Calcinatio
2	Albedo	Solutio
		Coagulatio
3	Citrinitas	Sublimatio
4	Rubedo	Coniunctio

Fonte: O Autor, 2025

Finalmente, foi necessário unir a esta progressão as correspondências da *amplificatio* alquímica, de maneira estruturada. Este método de interpretação é vastamente elaborado por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), que chegaram a apresentar um paralelo entre as operações e as 7 imagens planetárias simbólicas (e o conjunto de símbolos, sentimentos, afetos e palavras-chave a elas relacionadas). Entretanto, Tamosauskas (2023), apresenta um modelo paracelsiano da Espagíria (Protoalquimia Natural). A conexão das *operatio*s com os planetas, segundo estes autores, se encontra apresentada na Tabela 9 abaixo. Entender quais planetas se correlacionam a quais operações da Arte será importante para elencar um conjunto de sentimentos, afetos e símbolos mais representativos da operação sob análise.

Tabela 9 – Correlação Hermética: Símbolos Planetários e Operações Alquímicas.

Operação Alquímica	Martinelli & Del Debbio	Espagíria Alquímica
<i>Separatio</i>	Não se aplica / ausente	Lua
<i>Mortificatio/Putrefactio</i>	Saturno	Saturno
<i>Calcinatio</i>	Marte	Marte
<i>Solutio</i>	Mercúrio	Marte
<i>Coagulatio</i>	Vênus	Vênus
<i>Sublimatio</i>	Sol	Vênus
<i>Coniunctio</i>	Lua	Júpiter

Fonte: Adaptado de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) e Tamosauskas (2023)

O alquimista Thiago Tamosauskas (2023) informa que esta progressão operacional expressa uma proposta metodológica, e não uma regra. Embora existam divergências entre Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) e a Espagíria Paracelsiana referenciada por Tamosauskas (2023) quanto às correspondências entre planetas e operações alquímicas, tais associações pertencem ao campo simbólico e imagético arquetípico, sendo passíveis de variações conforme o enfoque hermenêutico adotado. Nesta pesquisa, propõe-se uma correspondência específica entre os sete planetas da astrologia alquímica e as operações da Arte Real, fundamentada na lógica simbólica das imagens arquetípicas, tanto quanto nas analogias estruturais entre os afetos planetários e os estágios da transformação psíquica. Nesse sentido, se almeja uma correspondência simbólica que se aproxime da psicologia, assim como de uma Alquimia de base mais mentalista e, portanto, menos operativa/química.

Essa correspondência – apresentada a seguir (Tabela 10) –, resulta da análise comparativa entre Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) e Tamosauskas (2023), associada ao critério interpretativo do pesquisador, com base no princípio da *amplificatio*, e da coerência simbólica da proposta com a teoria psicológica alquímica de Edinger (2006) e Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), e as etapas da terapia de Jung (2013a). Ainda foi utilizada, para

tal, correspondências que Martinelli & Del Debbio (2024) apresentam, com base na jornada heroica referida por Campbell (2007).

Tabela 10 – Sistematização das Correspondências Planetárias da Alquimia (continua)

Operação Alquímica	Planeta / Cor	Justificativa Simbólica Breve
Separatio	Lua	A representação planetária se conecta à infância, isto é, ao início da Jornada Heroica e, no contexto terapêutico, ao início da psicoterapia. Valores como memória, nostalgia, apego e padrões emocionais revelam a necessidade de separação (<i>Separatio</i>) do <i>status quo</i> , com vistas a um processo de maturação inicial. A Lua ainda se conecta à "geração inicial", empreendida sob inspiração de imagens arquetípicas da Grande Mãe. Em sinergia com a correlação de Tamosauskas (2023). Edinger (2006) informa que deparar-se com conteúdo inconsciente exige um ato de <i>separatio</i> .
Mortificatio / Putrefactio	Saturno*	A <i>Mortificatio</i> é referida como a operação mais densa e, portanto, representada pelo metal mais denso das imagos planetárias: o chumbo, metal de Saturno. Saturno impõe desapego, persistência e prudência. É o próprio tempo que testa o indivíduo psíquico, e o convida à mortificação de antigas estruturas rígidas de personalidade. *Em sinergia com a correlação de Martinelli & Del Debbio (2016) e Tamosauskas (2023).
Calcinatio	Marte*	A <i>Calcinatio</i> é referida como uma operação característica do Fogo. Este Fogo é associado por Edinger (2006) como libido, isto é, energia (um dos fatores característicos de Marte). Ela convida à proatividade, embora possa apresentar afetos resultantes de frustração, como raiva. *Em sinergia com a correlação de Martinelli & Del Debbio (2016) e Tamosauskas (2023).
Solutio	Mercúrio*	O "Mercúrio dos Filósofos" pode ser representado por uma água purificada progressivamente. A <i>Solutio</i> é referida por Edinger (2006) como operação característica da Água. A Água Filosofal é o Mercúrio Filosofal que tudo dissolve, símbolo da consciência observadora, uma característica desta imago planetária. *Em sinergia com a correlação de Martinelli & Del Debbio (2016).
Coagulatio	Vênus*	Edinger (2006) afirma que o "desejo", um valor associado a Vênus, é capaz de coagular (<i>Coagulatio</i>). A simpatia, outro valor venusiano, representa outra característica capaz de corporificar o "Espírito Mercurial" (símbolo do <i>Self</i>), pois a raiz desta palavra implica em atração, correspondência e conexão. A <i>coagulatio</i> alquímica costuma suceder a <i>solutio</i> . *Em sinergia com a correlação de Martinelli & Del Debbio (2016) e Tamosauskas (2023).

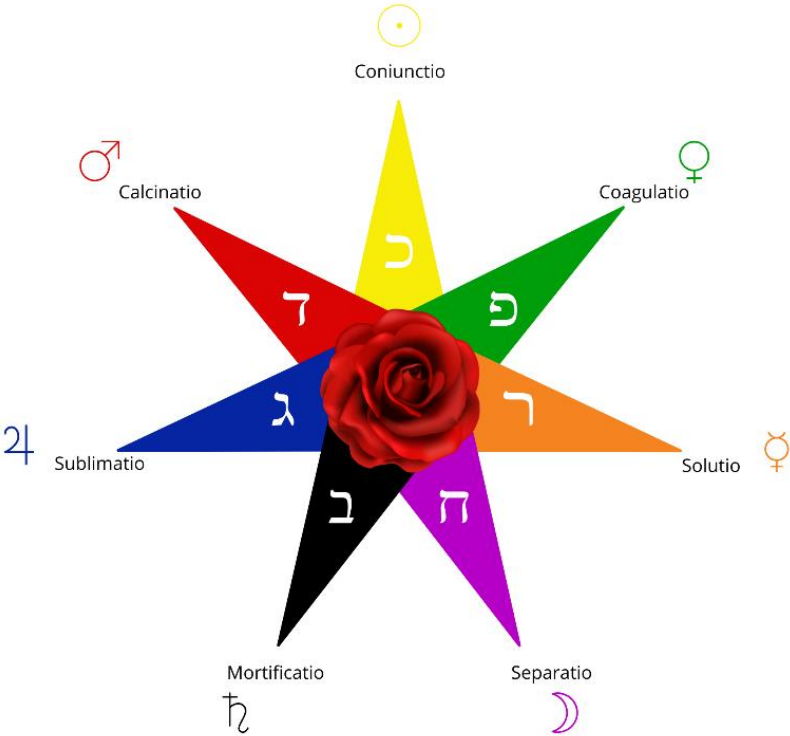
Tabela 10 – Síntese das Operações Alquímicas e Correspondências de Imagos Planetárias (conclusão)

Operação Alquímica	Planeta / Cor	Justificativa Simbólica Breve
Sublimatio	Júpiter	A <i>Sublimatio</i> , segundo Edinger (2006), pode ser representada por símbolos de elevação (por exemplo: escadas ou voo aéreo). A elevação, tanto quanto largueza, plenitude e inspiração, são valores tipicamente associados a Júpiter por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024). Este seria um planeta também relacionado à “expansão” – tal qual o resultado do estado gasoso relativo à <i>Sublimatio</i> . Em regra, a química ensina que um gás ocupa maior (expansão de) volume, se comparada a um sólido ou líquido, nas Condições Normais de Temperatura e Pressão (CNTP).
Coniunctio	Sol*	A <i>Coniunctio</i> marca o casamento alquímico que dá origem à Criança Filosofal. O fim da Grande Obra culmina com a produção do Ouro Filosófico – um símbolo para a Pedra Filosofal. O Ouro é o metal característico do Sol. Os valores da simbólica planetária solar, como realização, autoexpressão e entusiasmo, marcam o encontro com o resultado desta Grande Obra Isto permite associá-los à <i>Coniunctio</i> . *Em sinergia com o alquimista clássico Filaeto (1645/2018), que postula o “Regime do Sol” como o último para a conquista da Pedra Filosofal.

Fonte: O Autor, 2025

Em termos correspondentes, a referida *Estrela Setenária* da Alquimia (Figura 7) se apresentaria, neste modelo, da seguinte maneira:

Figura 7 – Estrela Setenária e Operações Alquímicas

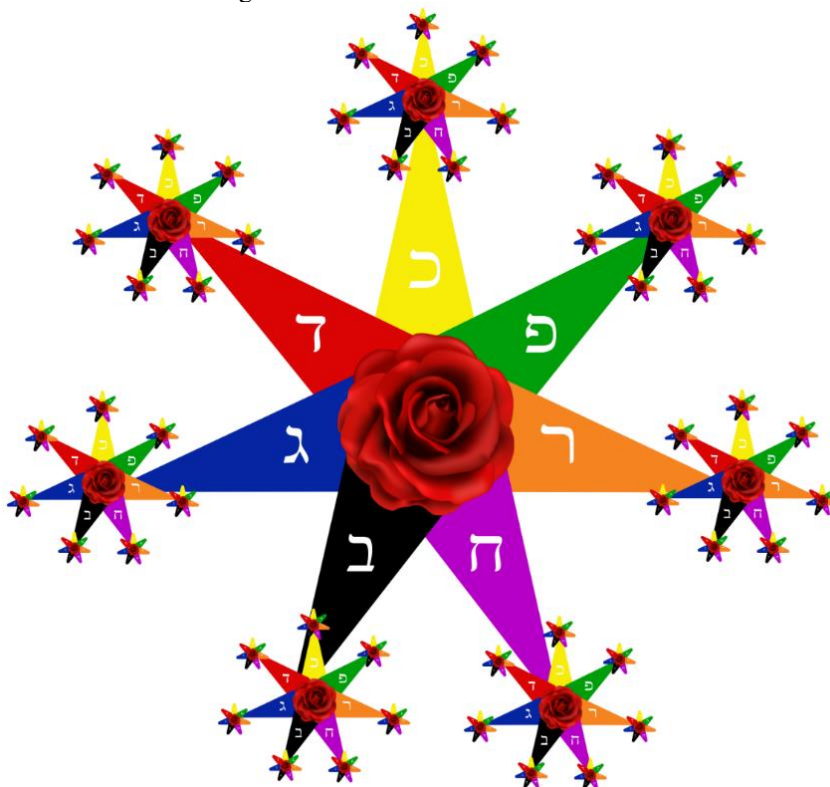


Fonte: Adaptado de Del Debbio, 2010

É mister, entretanto, a ciência de que o conjunto destes fatores simbólicos não deve ser, sob qualquer hipótese, vislumbrado de maneira rígida e estanque, em contexto psicoterápico clínico. A síntese da *amplificatio* alquímica com a Psicologia Analítica, apresentada no capítulo de Discussão, representa tão somente um mapa norteador, com base na hermenêutica alquímica e psicológica. Essa abordagem encontra-se referenciada por diversos autores destas áreas, como Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), Edinger (2006), Tamosauskas (2023) e Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), e é capaz de oferecer uma ferramenta que instrumentaliza o(a) psicoterapeuta na ampliação significativa de fenômenos emergentes ao *setting*, tais como sonhos, sentimentos e afetos.

Ademais, Tamosauskas (2023) já ensina que a visão das operações alquímicas não é estanque. Martinelli & Del Debbio (2016), por sua vez, atestam que dentro de cada ponta da Estrela Setenária, há outra completa, à semelhança de um fractal (Figura 8). Em outros termos: cada operação alquímica contém em si todas as outras. Assim, é completamente natural que uma pessoa entre em contato com tais símbolos – via sonhos, sentimentos ou afetos – de forma aparentemente desordenada, paralela ou cíclica. Portanto, é reforçado, neste sentido, o caráter fluido do mapa alquímico-psicológico proposto por esta pesquisa.

Figura 8 – Estrela Setenária em Fractal



Fonte: Adaptado de Del Debbio, 2010

Seria possível unir estas esparsas correntes – Psicologia Analítica e Alquimia, muito bem representadas por Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013), Edinger (2006), Tamosauskas (2023), pela *amplificatio* alquímica de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024), e demais autores da abordagem analítica e das ciências herméticas –, de modo a sistematizar as fases e operações alquímicas, de maneira pragmática à psicoterapia clínica analítica? A presente pesquisa visa responder esta pergunta através de uma exposição teórica sistemática unificadora entre Alquimia e Psicologia Analítica, aos moldes do que autores como Cavalli (2005), Edinger (2006) e Hillman (2011) já demonstraram ser possível realizar.

3. A ALQUIMIA

A seguir, o presente exposto visa evidenciar a conceituação da Arte Filosofal, sua presença no imaginário popular, seus objetivos, sua metodologia, tanto quanto as Fases e Operações concernentes a ela.

3.1 Conceituação

O alquimista brasileiro Tamosauskas (2023, p.10) informa que, no antigo manuscrito da Tradição, *Theatrum Chemicum*, a própria Alquimia encarnada enquanto personagem (Figura 9) responde da seguinte maneira:

Eu sou a fulguração celeste da sabedoria, o apogeu da máquina do mundo, o excelente trabalho da glória real superando todas as ciências deste mundo, o sopro secreto de Deus, a irmã da Filosofia, o apoio dos Reis, a força dos poderosos, o suor dos Profetas, a inveja dos Filósofos, o tesouro incomparável, o espelho da alegria, a derrota da tristeza, a marca da natureza humana.

Figura 9 - A Alquimia Personificada



Fonte: Adam McLean, 2021

A resposta desta personagem se afigura deveras complicada, entretanto, e certamente haverá um motivo para isso. A Alquimia frequentemente utiliza de símbolos e analogias, de

modo que sua expressão se apresenta enquanto Arte Simbólica, por vezes obscurecida pela enigmática linguagem hermética (Jung, 2012a; Tamosauskas, 2023).

Ademais, há que se considerar a expressão do *Theatrum Chemicum*. A Filosofia, como se sabe, é a “mãe” de todas as outras ciências, na medida em que propõe o questionamento humano inicial acerca da vida. Quando a Alquimia se coloca como “irmã da Filosofia”, qual não será sua importância? Talvez, isso se deva ao fato de que as transformações alquímicas – muito mais que as químicas – são efetuadas pela própria Natureza, e não são um mero resultado da humanidade (tal como a filosofia) ou originadas por um(a) alquimista. Quando um vulcão entra em erupção, quando fortes ondas atingem a costa, quando grandes ventos sopram sobre as árvores ou quando estrelas produzem reações termonucleares, é possível testemunhar as mesmas potências que operam no laboratório alquímico, assim como no interior do ser humano (Cavalli, 2005; Tamosauskas, 2023; Silva, 2024).

Nesse sentido, a Alquimia é o próprio agir da Natureza, direcionada por um processo invisível e ordenador. É possível dizer, ainda, que é a ação do próprio Deus (*Anima Mundi*) sobre o mundo. Ela é o apoio dos poderosos, reis, profetas, filósofos, e de todas as pessoas, posto que a transformação é um fenômeno da vida, e a ciência dela abre espaço para o conhecimento das causas e efeitos. Nem todos desejarão investigar os mistérios desta Arte, mas é inegável que ela ocorre dentro de cada indivíduo: tanto como transmissão de matéria e energia, quanto como transformações psicológicas (Cavalli, 2005; Tamosauskas, 2023).

Essas transformações são exaustivamente retratadas através dos diversos documentos alquímicos, profundamente alegóricos. A polissemia de significados das imagens alquímicas segue a polissemia do nome “Alquimia”. Para Tamosauskas (2023), a palavra que designa a Arte Real tem raiz no latim: *Alchimia*. Esta, por sua vez, seria de origem greco-arábica, escrita no vernáculo brasileiro como *Al'kimia*. O termo faz referência ao ato de “juntar” e “ligar”. Em outra interpretação, a palavra Alquimia teria origem no antigo nome da terra do Egito: *Khemet* (“Terra Negra”). A terra de *Khemet* era escura e fértil, ao contrário daquela do deserto, mais clara.

A influência do Egito na Alquimia é mais que evidente. Se a própria Natureza é a Alquimista por excelência, convém citar que o próprio termo “Natureza” possui sua origem na palavra egípcia “*Neter*”, como informa a professora de Afrocentricidade, Zenaide Silva, em entrevista à Cultura (2011). Os *Neter* são os(as) deuses(as) e princípios antigos geradores da própria vida. São Forças da Natureza personificadas, tal como os Orixás das religiões de Matriz Africana (Cultura, 2011; Moustafa, 2024).

Nesse sentido, o presente exposto adota a “linha acadêmica” que vislumbra o Egito (*Khemet*) como a origem da prática alquímica. Também será importante notar suas influências mais específicas: o neoplatonismo, o hermetismo e o gnosticismo – subconjuntos do helenismo, um movimento multicultural do mundo antigo. O neoplatonismo apresenta uma visão cósmica dimensional da existência, tendo o Espírito Universal (Mônada) como causa eficiente de todas as coisas. O hermetismo é a tradição-filosofia de *Hermes Trimegistos*, uma figura mítica que teria entrado em contato com o Ser Divino *Poimandres*, que o iniciou no conhecimento profundo de todas as coisas visíveis e invisíveis. Apresenta, dessarte, uma via de autoconhecimento interior. O gnosticismo, finalmente, é uma doutrina cristã herética, esotérica e interior, que vê no Cristo uma Força Cósmica presente em todas as coisas (Hanegraaff *et al.*, 2006; Cultura, 2011; Três Iniciados, 2018; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023; Trimegistos, 2023).

Sob essas influências, a Alquimia enquanto “ciência oculta” ganhou corpo, até fazer parte do imaginário popular, devido a seus atrativos “mistérios”.

3.2 Imaginário e correspondências históricas

Desde muito tempo, a imagem de Alquimistas tem feito parte do ideário popular como um assunto relativo a “mistérios”, “ocultismo” ou mesmo superstição. A Alquimia fez parte do imaginário infanto-juvenil através da obra máxima de J.K. Rowling (1997/2017), *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Nesta obra, um jovem é convidado a participar de uma escola secreta de magia e bruxaria, situada em uma ilha da Grã-Bretanha. Iniciado como um bruxo, o garoto – *Harry Potter* – deve enfrentar diversos desafios para, enfim, conquistar a Pedra Filosofal. Na estória, ela seria um artefato criado pelo personagem Nicolau Flamel, que teria em sua conta cerca de 400 anos, na estória.

De fato, a história da Alquimia registra a presença de um *Nicolau Flamel*. O alquimista português Rubellus Petrinus (2011), que viveu entre 1931-2019, informa que Nicolau Flamel foi um escrivão parisiense do século XIV. A lenda conta que, junto de sua esposa Perenelle, ele teria conquistado a Pedra Filosofal. Hutin (2010) pontua que foi justamente este artefato que permitiu a Flamel realizar vultuosas doações caritativas a instituições do Reino, como hospitais e asilos. Ele ainda teria financiado a construção da igreja de *Saint-Jacques-la-Boucherie* (em Paris, França), onde se iniciam as peregrinações do famigerado “Caminho de Santiago de Compostela”, envolto em profundo misticismo. Atualmente, resta apenas a torre *Saint-Jacques* como parte da estrutura eclesiástica parisiense.

Indubitavelmente, o livro de Rowling (2017) serviu para introduzir, no imaginário popular, ideias acerca da Arte Hermética, com a mescla de personagens e objetos famosos do misticismo. Ademais, a obra desta autora ainda participa de um movimento mais amplo. Hutin (2010) informa que o interesse pela Alquimia tem aumentado na contemporaneidade, sobretudo por cientistas mais jovens. Isso não ocorre por acaso, já que essa Arte tem sido objeto de fascínio para pesquisadores(as) de todas as épocas.

Não foram poucos os personagens históricos da Ciência e da Filosofia que estudaram Alquimia: *Isaac Newton, Leibniz, Kékulé, Chevreul, Marcelin Berthelot, Frédéric Soddy, Pierre Curie, Jean-Albert de Broglie*. Há também personagens que ficaram famosos dentro da Arte Hermética: *Basílio Valentim, Irineu Filaeto, Nicolau Flamel, Perenelle, Conde de Saint-Germain, Eugène Canseliet e Fulcanelli* (Hutin, 2010).

Embora não se veja registros oficiais vastos da participação de mulheres na alquimia, é importante notar que isso se deve, muito provavelmente, a algum apagamento histórico. Isso fica evidenciado ao se notar que os saberes medievais exclusivamente femininos estão imersos ao longo de vários textos herméticos. É o que aponta a pesquisadora brasileira Beltran (2006), ao evocar o desenho de um manuscrito da Tradição, que representa o labor de duas mulheres em um jardim, à esquerda da imagem representada na Figura 10.

Figura 10 – Jardim de Plantas Curativas



Fonte: Jean-Marc Biner, 2007

Deve-se ainda acrescentar que referências ao trabalho das mulheres não deixam de comparecer no **livro de Brunschwig**. [...], em meio a um **jardim de plantas curativas** ponteados com fornos e vasos destilatórios, destacam-se as figuras de **duas mulheres**, numa provável **alusão** à forma de **transmissão de conhecimentos sobre materiais curativos** e preparo de **medicamentos de mãe para filha** (Beltran, 2006, p. 47, grifo nosso).

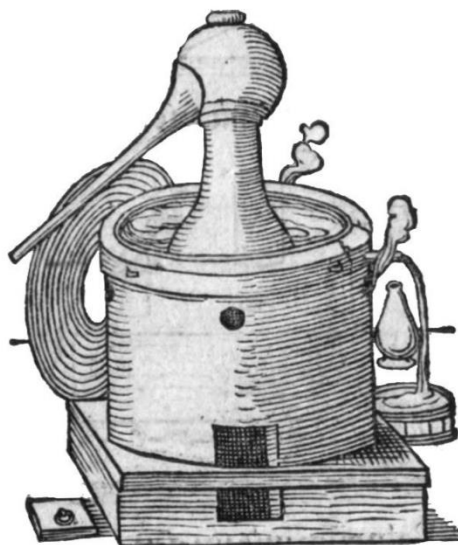
Beltran (2006) ainda salienta a figura de *Theosobia*, a quem eram dirigidas as cartas de seu irmão, o alquimista egípcio e místico gnóstico *Zózimo de Panópolis*. Foi este *Zózimo* quem registrou a existência da personalidade de Maria, a Judia. De acordo com Patai (2009) e Hutin (2010), esta Maria teria sido uma alquimista hebreia que viveu no Egito, durante o período Helênico. Ela é a responsável pelo famoso método do “Banho Maria” (*Balneum Mariae*), utilizado até os dias atuais no preparo de alimentos. Ele consiste na utilização de dois recipientes: um maior, onde é depositada a água, e um menor, que ficará rodeado por essa mesma água e receberá a matéria-prima do trabalho. Posto que a água evapora a 100°C, o material colocado no recipiente menor pode ter seu aquecimento e temperatura controlados de maneira mais branda. Atualmente, com fornos e fogões industriais, isso pode parecer algo corriqueiro. Entretanto, à época de Maria, esse método deve ter revolucionado os processos alquímicos.

Tamosauskas (2023) também informa acerca de outras presenças femininas na alquimia, quais sejam:

- a) *Paphnutia*, a Virgem: se tornou uma pessoa desagradável no meio alquimista por ter ensinado a Arte a pessoas leigas;
- b) *Cleópatra*, a Alquimista: de origem greco-egípcia, inventou o alambique (instrumento que, por destilação, separa os elementos voláteis dos fixos) e é a “mãe” da química analítica. Há registros de que tenha conquistado a Pedra Filosofal no papiro *Chrysopoeia*. Neste documento tem-se a primeira documentação histórica da imagem do *Ouroboros* (a serpente circundante que engole a própria cauda).

Enfim, embora o apagamento histórico da feminilidade possa ter ocorrido na história alquímica, processos “imortais” como o Banho Maria (Figura 11) são provas da impactante presença feminina na Arte Hermética. Tanto quanto lendas como a de *Nicolau Flamel*, esses registros demonstram que a Alquimia se encontra presente no imaginário popular, de forma exotérica. Por outro lado, seu estudo por personalidades de vulto das ciências em geral, atestam que a Tradição ainda subsiste como um conjunto de técnicas válidas de caráter quase universal, de essência esotérica, hermética e velada (Beltran, 2006; Patai, 2009; Hutin, 2010).

Figura 11 - Representação do *Balneum Mariae*
Balneum Mariae.



Fonte: Eucharius Rösslin der Jüngere, 1533.

Ademais, é importante salientar que a entidade espiritual máxima da Alquimia – aquela que guia o(a) operador(a) através da Arte –, é representada por uma figura feminina. Trata-se da Sabedoria Divina (Figura 14), também chamada: Virgem *Sophia* (do grego), *Chochmah* (do hebraico) ou *Sapientia Dei* (do latim). Ela representa o Vaso Contingente, o Útero Primordial, o Superior e o Inferior, a *Anima Mundi*. Por esse motivo, Ela está em tudo (Correa, 2016).

Figura 14 - A Virgem Sophia de Athanasius Kircher



Fonte: Roob, 2020.

É o que Roob (1997, p. 406) apresenta:

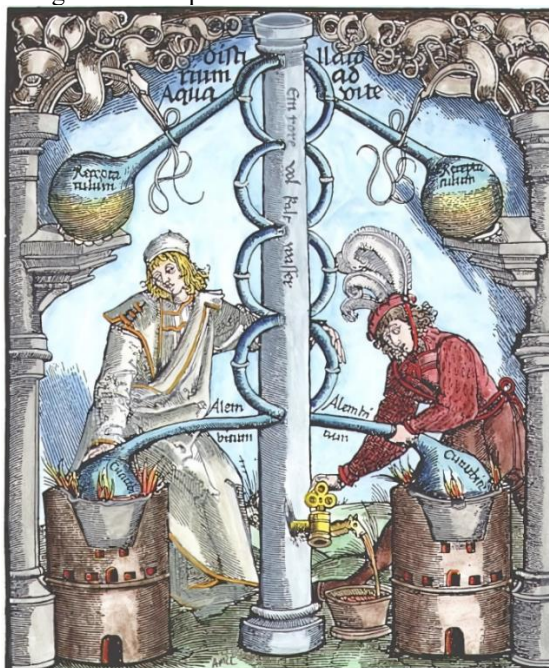
A **sabedoria** é a **emanação feminina de Deus**, através da qual a sua semente espiritual se realiza, primeiro na palavra articulada da **divina Sophia**, e depois na matéria no ventre da **Natureza**. Esta é a **Sophia inferior**, identificada com **Mercúrio**, a origem de todos os metais (Roob, 1997, p. 406, grifo nosso).

3.3 Objetivos e método

Ao longo da história e sob os auspícios da Virgem Sophia – ou da própria Natureza, em outras representações –, alquimistas buscavam alcançar objetivos fundamentais. A literatura varia ao dissertar sobre as buscas dos(as) praticantes da Arte e, embora a Pedra Filosofal seja um tema recorrente, a conquista de seus(suas) adeptos(as) não se resumia a este artefato. Os objetivos da Tradição são elencados de forma integral por Hutin (2010):

a) Transmutação dos Metais (Figura 12) – consistia na conversão de metais “vis” (como o chumbo) em “nobres” (como o ouro). O processo que visava a obtenção da Prata (“rainha dos metais”) era chamado *Parvum Opus* (Pequena Obra). Já aquele para obter Ouro (“rei dos metais”) era conhecido como *Magnum Opus* (Grande Obra), e culminava na descoberta do *Lapis Philosophorum* (Pedra Filosofal). Também havia a possibilidade da produção de um metal intermediário entre ouro e prata, denominado *oricalco*. Finalmente, se a Grande Obra tivesse como ponto de partida o chumbo, especificamente, a atividade ganhava o nome de *crisopeia*.

Figura 12 - Alquimistas Transformando Metais



Fonte: Adam McLean, 2021

b) A “Lâmpada Eterna” (Figura 13) – se refere à produção de luminárias que teriam a capacidade de manter sua combustão e luminescência através de séculos, sem cessar;

Figura 13 - Lâmpada Eterna



Fonte: Adam McLean, 2021

c) A “Medicina” ou Vitória sobre a Morte (Figura 14) – seria a busca dos alquimistas por uma *Panacea* (remédio universal), ou mesmo elixires capazes de prolongar a vida e, quiçá, garantir o domínio sobre a morte;

Figura 14 - Elixir da Medicina Alquímica Natural



Fonte: Adam McLean, 2021

d) *Ars Magna* (Figura 15) – a Arte Suprema seria o objetivo tardio da Alquimia Ocidental que, sob influência da Rosa-Cruz (uma tradição-filosofia de místicos e alquimistas cristãos), passou a aspirar a Reintegração Universal. Posto que a teologia cristã se encontra enraizada no Mito da Queda – evento mítico que, nos primórdios da história, provocou o decaimento dos Espíritos Puros na matéria, e a cisão entre Deus e a Criação –, os adeptos da *Ars Magna* desejavam uma reparação ao Estado de Perfeição original. Isso culminaria no *religere* (relição) entre o ser humano, a Natureza e Deus. Uma figura mítica, Elias Artista, ganha destaque neste processo. Este personagem seria parte da apocalíptica alquímica, e teria o caráter de salvador cósmico. Apesar disso, é importante destacar que a Tradição frequentemente toma figuras míticas como simbólicas, e não necessariamente espera a vinda de um ser personificado. Em algum sentido, Elias Artista é encontrado no interior do(a) operador(a), ou pode ser mesmo personificado na figura externa (ou interna, esotérica) do próprio Cristo.

Figura 15 – Escatologia Alquímica: A Vinda de Elias Artista



Fonte: Canva, 2024

Em resumo, o objetivo máximo da Alquimia seria “libertar Deus, cativo na matéria”. É o mesmo que dizer que sua busca consistia em libertar da *prima materia* a *Quintessentia* (Hutin, 2010; Tamosauskas, 2023).

É marcante, neste objetivo, a influência gnóstica na Arte Real. No Evangelho Apócrifo (gnóstico) de Tomé, comentado e traduzido por Rohden (2005, para. 77) está escrito: “Disse Jesus: eu sou a luz, que está acima de todos. Eu sou o “Todo”. O Todo saiu de mim, e o Todo voltou a mim. Rachai a madeira – lá estou eu. Erguei a pedra – lá me achareis”. Este Evangelho apenas atesta a presença do Cristo Cósmico – enquanto personificação da Luz do “Todo” – em todas as coisas. Visto que a Divindade em tudo se encontra, seria possível, através da Arte Real, libertá-la de seu cativeiro material (Hutin, 2010).

Quanto à metodologia alquímica, convém informar que foi sempre a mesma. Hutin (2010) escreve que seus procedimentos se mantiveram inalterados ao longo da história. Ainda que alquimistas contemporâneos possam utilizar de ferramentas atualizadas, o “fazer alquímico” exige um processo historicamente universal, ao qual não se pode prescindir. Por esse motivo, qualquer pessoa que deseje se aventurar na alquimia deverá se reportar a autores clássicos, como: *Basílio Valentim*, *Irineu Filaeto*, *Raimundo Lúlio*, *Nicolau Flamel*, *Michael Maier* e *Fulcanelli*. Esses autores são pontuados como essenciais por *Rubellus Petrinus* (2011), um dos mais importantes alquimistas contemporâneos de língua portuguesa.

3.4 Fases e operações

Para delimitar o escopo da presente pesquisa, foram elencadas 7 Operações dentro de 4 Fases, em uma ordem sistematizada. Isso foi conseguido graças a uma comparação entre escritos de Edinger (2006), Jung (2012a) e Tamosauskas (2023), além das outras referências alquímicas de aporte teórico.

Jung (2012a), sob influência da teoria alquímica, realiza amplos estudos acerca da Arte e demonstra sua utilização na compreensão da individuação, dos sonhos e da análise clínica. Edinger (2006) retoma as Operações Alquímicas de modo a oferecer uma perspectiva psicológica ampliada para estes procedimentos herméticos. Tamosauskas (2023), alquimista brasileiro contemporâneo, teoriza e dispõe um conjunto específico de Operações, correlacionando-as a fases específicas. Na intersecção teórica entre estes três autores, é possível encontrar uma sistematização determinada de 7 Operações Alquímicas, divididas assimetricamente dentro de 4 Fases – que o presente exposto já apresentou correlacionadas, no capítulo que abordou a metodologia de pesquisa.

Neste escopo, é mister enaltecer a obra de Tamosauskas (2023), ao sistematizar as devidas Fases e Operações. Sua organização – aqui adaptada junto a Edinger (2006) e à *amplificatio* alquímica de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) – segue, conforme será

demonstrado, o princípio hermético que considera a correspondência mítica entre Deus-Cosmos-Ser Humano. Nesse sentido, o alquimista brasileiro consegue elencar os procedimentos da Arte na ordem dos acontecimentos míticos que marcam a criação do Universo, na Gênese judaico-cristã, tão cara à Alquimia Ocidental. É importante ter em mente que o(a) operador(a) da Arte Real deve estar em sinergia com o Cosmos e com o próprio trabalho da Divindade. Portanto, que as Fases e Operações sigam o modelo macrocósmico apresentado no mitologema judaico-cristão, é fundamental – já evidenciou Fludd (1617) em sua série de ilustrações acerca da criação universal. Tamosauskas (2023) consegue realizar este feito.

Assim, a sistematização das seções seguintes apresenta a seguinte Ordem de Fases e Operações concernentes, com base na Alquimia Clássica e seus autores:

- a) *Nigredo*: (1) *separatio*; (2) *motificatio*; (3) *calcinatio*;
- b) *Albedo*: (4) *Solutio*; (5) *Coagulatio*;
- c) *Citrinitas*: (6) *Sublimatio*;
- d) *Rubedo*: (7) *Coniunctio*

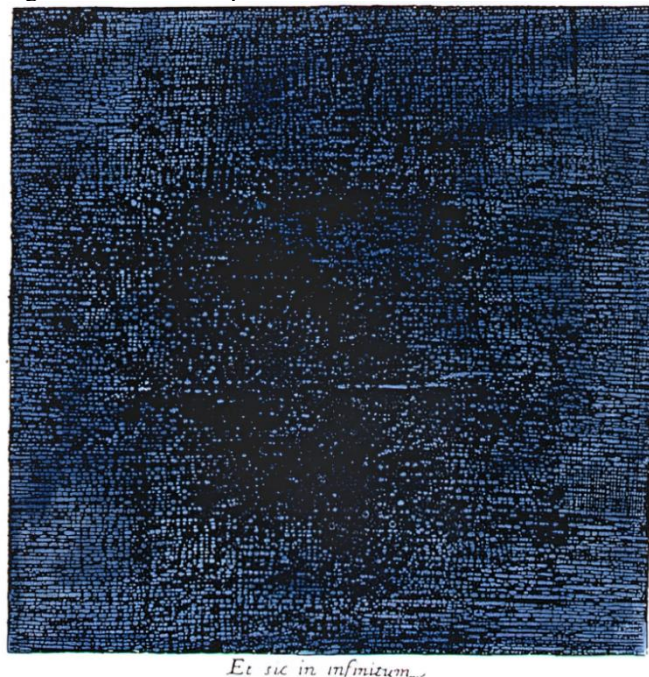
Finalmente, será conveniente apresentar o conceito preliminar da *prima materia*, que é a substância basilar utilizada e transformada ao longo do procedimento alquímico, assim como o resultado de todo o trabalho da Arte: o *Lapis Philosophorum* / *Quintessentia*.

3.4.1 Prima materia

A *Prima Materia*, em sentido macrocósmico, é personificada pelo Caos Primordial. O *Cháos* é relatado na cosmogênese helênica pelo poeta grego do séc. VIII a.C., Hesíodo (1991), como um deus que produz todos os outros. Esta divindade seria, por si mesma, andrógina e pluripotente, mas desorganizada.

A tradição cabalista (judaica) da Escola de Toledo, representada por Kenton (1992), por sua vez, ensina que o Eterno (Deus) realizou um ato de contração dentro de si, que produziu a “Existência Não Manifesta”. Esta teria sido um vazio potencial, que iria conter a futura criação manifesta. Na teosofia cristã do místico protestante Jacob Boehme (1623/1998), é possível encontrar referências semelhantes a um “Vazio Inicial”, um fundo abismal, denominado *Ungrund*. Esse estado de “pré-universo” (Figura 16) também foi referido pelo alquimista Robert Fludd (1617) em sua *Utriusque Cosmi Historia*. Tamosauskas (2023) se refere a ele como um “Ovo Cósmico” unificado, que não se encontra limitado pelas noções humanas de espaço-tempo.

Figura 16 – E Assim por Diante até o Infinito: o Pré-Universo



Fonte: Adam McLean, 2021

Este estado inicial cósmico, onde tudo existe apenas em potencial, é figurativo da *Prima Materia* da Alquimia laboratorial. O *Grande Tratado de Alquimia* de Kirchweger (1723/2006), informa que esta matéria-prima universal se encontrava na forma de um vapor primordial, produzido pelo Verbo de Deus, no princípio da criação. Este vapor é essencialmente caótico, e precisa ser ordenado no processo de criação divina.

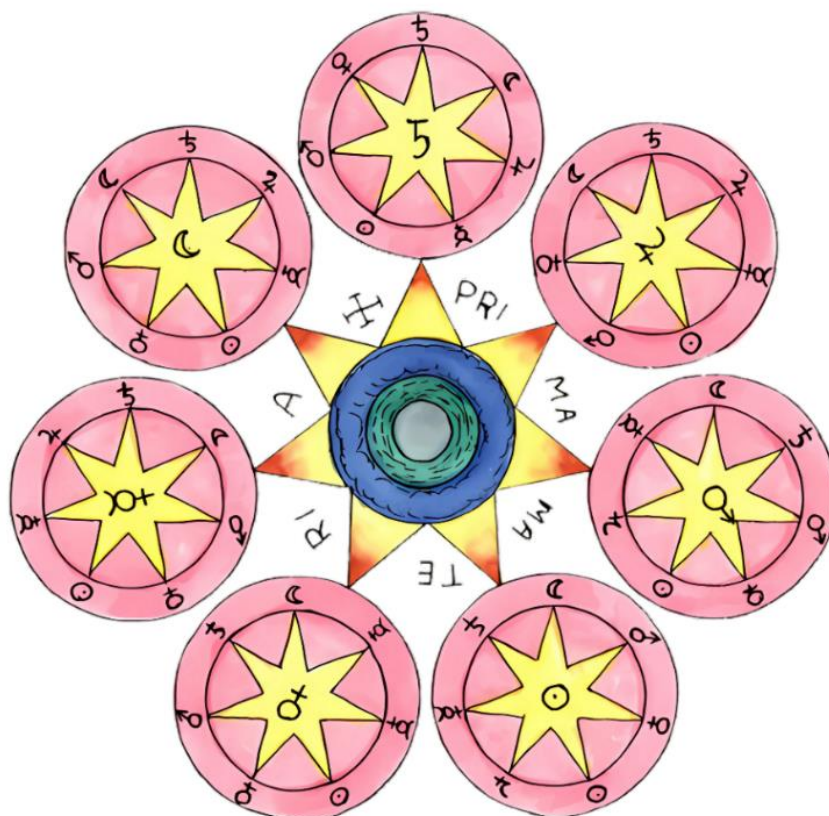
De forma semelhante, estes processos macrocósmicos são vislumbrados no laboratório alquímico, dentro da retorta. O(A) Alquimista revê todo o processo de cosmogênese dentro do *Vas Hermeticum*. É o que atesta o alquimista Irineu Filaeto (1645/2018, p. 33):

[...] esta **obra** deve ser **comparada à criação do Universo**. Pois, no princípio, Deus criou o céu e a terra, e a terra era vazia e deserta, e as trevas cobriam o abismo, e o espírito de Deus era levado sobre a face das águas. Então, Deus disse: “Que haja a luz!”, e houve luz. Essas palavras bastarão ao Filho da Arte (grifo nosso).

O início do *labor* inclui a preparação do material indiferenciado ou caótico, o “Caos dos Sábios” de Filaeto (2018). Se, na criação do Universo para a Alquimia, há a participação mística dos Entes Planetários (7 planetas da astronomia ptolomaica), para o serviço laboratorial, os planetas aparecem em sua forma microcósmica como os 7 metais da Arte (Figura 17). Na preparação da obra, os princípios masculino e feminino, solar e lunar, ativo e passivo, enxofre

e mercúrio – enquanto estâncias cósmicas –, respectivamente, ainda se encontram sem diferenciação, apenas *in potentia*, no Caos Primordial (Jung, 2012a; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 17 – Caos Primordial e 7 Entes Planetários



Fonte: Adam McLean, 2021

Ainda convém salientar que esta *prima materia* é entendida em boa parte dos textos alquímicos como algo de “menor valor”. Seria uma substância comum, abundante na natureza, mas desprezada pelo vulgo. O(A) Alquimista, entretanto, consegue perceber a serventia de seu estado caótico potencial. A publicação da Biblioteca Rosacruz (1785/2015) reforça esta ideia: “A alma farta despreza até o favo de mel; mas, à alma faminta, tem doce sabor o alimento mais amargo. O escarnecedor busca a sabedoria e nunca a encontra; mas é fácil o conhecimento para quem é compreensivo” (p. 12). Ou seja, é imprescindível humildade para reconhecer o valor da *prima materia*.

Dentro da matéria prima alquímica, habitam tesouros insondáveis, inclusive a própria *Quintessentia* ou o *Deus Absconditus* (Deus Oculto), que será libertado ao final do *Opus*. É por isso que o alquimista Irineu Filaeto (2018) a denomina como “Imã dos Sábios”, pois apenas uma pessoa sábia seria capaz de vislumbrar seu potencial, e ser por ele atraído. Outro autor da

Arte Hermética, o frade beneditino Basilius Valentinus (1599/2016), escreve: “Embora muitos filósofos tenham me procurado com avidez, poucos conseguiram sucesso na descoberta da minha virtude secreta” (p. 53). Este material inicial sofrerá as transformações da Arte para que seja revelado seu valor genuíno (Hutin, 2010; Jung, 2012a; Roob, 2020).

3.4.2 Nigredo

A *Nigredo* (“Fase do Escuro”) representa o difícil trabalho sobre as impurezas da *Prima Materia*. Opera sobre os metais densos e visa à sua purificação. Na Cosmogênese, trata-se da escuridão indiferenciada, que já iniciou um processo de transformações interiores, na combinação e recombinação de diversos elementos. Como se deve imaginar, o início do Universo deveria ser um lugar muito hostil à vida: explosões cataclísmicas, frio ou calor extremo, enfim, uma verdadeira disputa elemental (Figura 18). Assim é a *Nigredo*, ao personificar as portentosas transformações angustiantes relativas ao Caos Primordial (Hutin, 2010; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 18 – A Criação do Universo



Fonte: Hieronymus Bosch, ca.1500.

Em termos microcósmicos, ela é sintetizada para o(a) alquimista em uma palavra: autodomínio. Não seria possível avançar na Arte sem trabalhar nos aspectos mais densos do próprio caráter. Por ser um período ligado à escuridão, à morte, e àquilo que é “denso” (penoso),

esta Fase é simbolizada pelo corvo, um animal necrófago (Hutin, 2010; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023).

Desde o início das operações alquímicas na *Nigredo*, já há referência a um *Hieros Gamos* (casamento sagrado) entre os princípios masculino e feminino. Esta união será refinada em uma operação futura, a *Coniunctio*, dentro da fase *Rubedo* (Filaletto, 2018; Tamosauskas, 2023).

Filaletto (2018) escreve: “[...] quando tiveres visto em teu frasco as naturezas se misturarem como um sangue coagulado e queimado, saiba certamente que a fêmea sofreu os abraços do macho” (p. 122). Assim, princípios opostos são colocados em choque, produzindo a escuridão comum à *Nigredo* (Figura 19). Tais princípios figuram sol e lua, enxofre e mercúrio, ativo e passivo, transmissor e receptor. O “abraço” indica o estado de mistura a que são submetidos, em um formato indiferenciado e caótico.

Figura 19 – *Nigredo*



Fonte: Adam McLean, 2021

3.4.2.1 Separatio

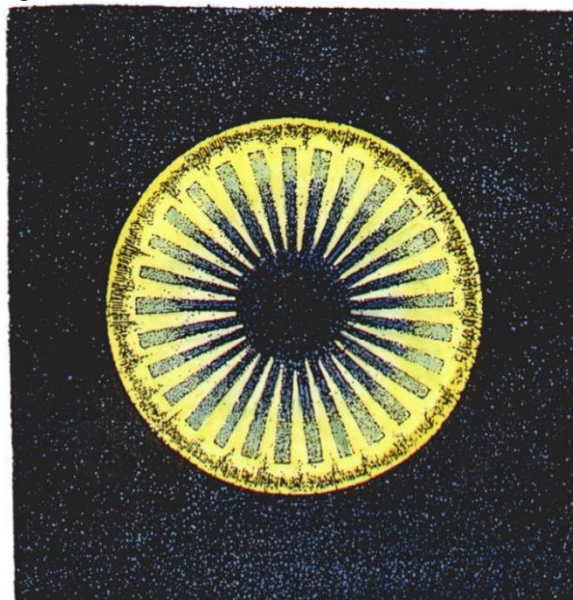
A *Separatio* representa o momento da primeira separação na Cosmogênese. Filaletto (2018) ensina que, no princípio do Mundo, o “Ar” (outro nome para o Caos ou Firmamento

inicial) realizou uma separação entre as águas primordiais. Estas águas não fazem referência à conhecida água enquanto matéria físico-química, mas ao próprio espaço invisível do firmamento que iniciou um processo de divisão, capaz de abarcar a criação. Processo cosmogônico semelhante é descrito na narrativa judaico-cristã da Bíblia Sagrada (2022, p. 49), em que:

[3] Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita. [4] Deus viu que a luz era boa, e **separou a luz das trevas**. [5] Deus chamou à luz dia, e às trevas, noite. [...] [6] Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, e **separe** ele umas das outras”. [7] Deus fez o firmamento e **separou as águas** que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima (grifo nosso).

Este momento da narrativa judaico-cristã expressa a separação entre Luz e Trevas, tanto quanto pelas águas acima e abaixo. A luz passa a “fecundar” a escuridão do espaço, onde toda a existência ganhará corpo (Figura 20). A *Separatio* entre as águas acima e abaixo, por sua vez, também tem o condão de simbolizar o momento em que se deu a existência das dimensões, com os conceitos de “perto” e “longe”, antes inexistentes no Indiferenciado (Roob, 2020).

Figura 20 – A Luz Fecunda as Trevas da *Prima Materia*



Fonte: Adam McLean, 2021

A separação ainda pode significar aquela entre duas potências presentes no Cosmos: masculino e feminino. Convém ressaltar, como bem evidenciado por Tamosauskas (2023), que estes dois princípios não surgem na linguagem alquímica para demonstrar a superioridade de um sobre o outro, embora diversos grupos patriarcais tenham abusado da terminologia com

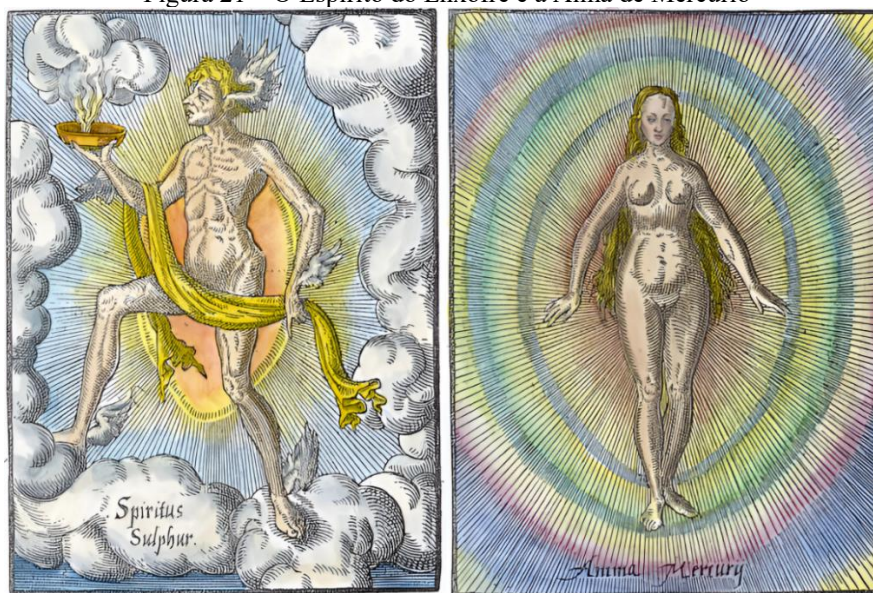
vistas a essa deturpação. Masculino e Feminino, em termos alquímicos, servem tão somente para representar dois princípios traduzidos por Operadores(as) da Arte no Medievo, que encontraram na sexualidade, como limitadamente compreendida na antiguidade, uma metáfora para a geração da vida. Nas palavras do já referido autor: “o masculino projeta, o feminino gera” (p. 59). São, portanto, tão somente as forças de atração e repulsão, atividade e passividade, transmissão e recepção, fixação e volatilidade, respectivamente, e de nenhum modo devem servir à discursos que tentam endossar o preconceito, a rigidez identitária, o conservadorismo do patriarcado, ou o ataque à existência de quem quer que seja.

No estudo das Ciências ocultas, a separação entre dois polos é importante, pois garante a existência de uma terceira, e até de uma quarta força resultante. A combinação entre estas provoca uma permutação de compostos ao infinito. Em termos Cosmogônicos, a tensão entre as duas forças produz dinamismo/movimento. É o que demonstra Papus (2021, p. 86):

O **movimento** é um estado INDEFINIDO da força geral que anima a natureza; [...] a única que [...] deve ser usada para explicar todos os fenômenos da natureza. Isso ocorre porque o **movimento** é capaz de agir como o *plus* e como o *minus*, ou seja, **condensação e dilatação** [...]. Ele é ainda mais capaz de **COMBINAR condensações**. [...]. Na fluida e pervasiva **alma do mundo**, que penetra todas as coisas, existe uma **corrente de amor ou atração** e uma **corrente de ira ou repulsão**. [...]. Toda **manifestação de vida** na ordem moral, tanto quanto na física, é **produzida pela extrema tensão dessas duas forças** (grifo nosso).

Na Alquimia, essas duas Forças (simbolizadas na Figura 21) ainda podem ser representadas por Enxofre (ativo, fixo e expansivo) e Mercúrio (passivo, volátil e pervasivo), tanto quanto pelo Princípio Solar (ativo), como Lunar (passivo). Ao longo do *Opus*, essas instâncias reaparecem por diversas vezes, sob os mais variados nomes, de modo a fazer referência a algumas particularidades a elas intrínsecas, compreendidas somente por aqueles(as) que entendem a linguagem da Arte (Kirchweger, 2006; Roob, 2020; Papus, 2021; Tamosauskas, 2023).

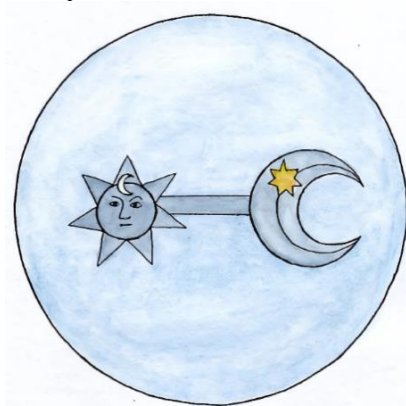
Figura 21 – O Espírito do Enxofre e a Alma de Mercúrio



Fonte: Adam McLean, 2021

Enfim, o processo inicial de *Separatio*, a nível macrocósmico (cosmogônico) ou microcósmico (laboratorial) garante o aparecimento de Forças que se diferenciam paulatinamente, como a solar e a lunar (Figura 22). Ele ainda permite a existência de um “meio” entre diferentes elementos, que será o receptáculo de uma invisível tensão entre opostos. Sem a separação, a diferenciação não seria possível, e tudo iria residir numa totalidade indefinida, incapaz de ser conhecida (Blavatsky, 2020; Roob, 2020; Papus, 2021; Tamosauskas, 2023).

Figura 22 – *Separatio*: Sol e Lua no *Vas Hermeticum*



Fonte: Adam McLean, 2021

Edinger (2006) ainda faz uma referência primorosa em sua *Anatomia da Psique*. Embora não se apresente como alquimista, sua obra apresenta referências alquímicas bem fundamentadas, ao abordar a *Separatio*. O autor relembra que, na narrativa bíblica, Deus é

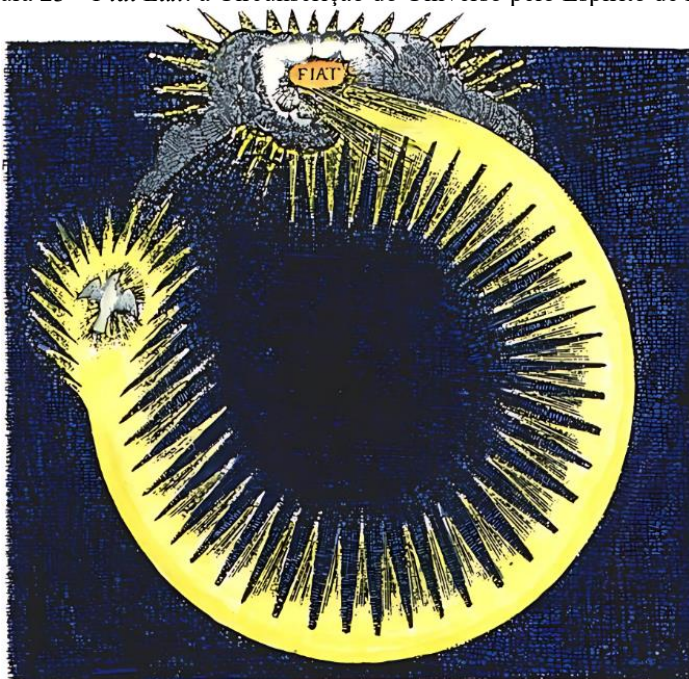
referido como “Verbo”, isto é, *Logos*. Na Teosofia apresentada por Blavatsky (2020, p. 327) o *Logos* é referido como:

A Divindade manifestada [...] a expressão exterior ou efeito da Causa que permanece sempre oculta ou não manifestada. [...] [Saído das profundezas da Existência Una, do inconcebível e inefável Um, um Logos, impondo-se um limite, circunscrevendo voluntariamente a extensão de seu próprio Ser, torna-se o Deus manifestado e, ao traçar os limites de sua esfera de ação, determina também a área do seu Universo. [...] O Logos [...] É o princípio (ou origem) e o fim do Universo, sua causa e objeto, seu centro e circunferência... Está em todas as coisas e todas estão nele.

Blavatsky (2020) ainda postula que este *Logos* (Princípio Invisível) se manifesta de forma trinária. O “Segundo Logos” seria Aquele responsável por produzir: “os dois aspectos de vida e forma, a primitiva dualidade, que constitui os dois polos da Natureza, entre os quais se há de tecer a trama do Universo” (p. 327).

Edinger (2006) se refere a este Princípio como “Logos-Cortador”. De fato, na narrativa da Bíblia Sagrada (2022), Ele é a causa do primeiro “*fiat*” (Figura 23), o “faça-se a Luz!” (p. 49). É o Espírito Santo de Deus (representado pela Pomba), que estabelece a *separatio* das águas primordiais (acima e abaixo) e a divisão evidente entre Luz e Escuridão. Assim, cria as dimensões do espaço-tempo e circunscreve um limite para a existência. Essa circunscrição se assemelha ao *Vas Hermeticum*: ele é a dimensão onde o(a) alquimista realizará o trabalho.

Figura 23 – *Fiat Lux*: a Circunscrição do Universo pelo Espírito de Deus



Fonte: Adam McLean, 2021

Por esse motivo, há referências imagéticas simbólicas à *Separatio* em documentos alquímicos. O Logos-Cortador referido por Edinger (2006) é representado na figura do portador de uma espada, que servirá para separar o Ovo Cósmico (Caos Primordial) e, assim, garantir que a Existência se manifeste em contrastes (Figura 24). A *Separatio* em laboratório é quando o(a) alquimista personifica esse papel.

O antigo manuscrito *Turba Philosophorum*, trazido à *lumen* por Waite (1896/2024, p. 16) versa sobre este processo, em sentido macrocósmico:

[...] Deus criou todas as coisas por **Sua palavra**, tendo dito a elas: **Seja, e foram feitas**, com os **quatro outros elementos**, terra, água, ar e fogo, que Ele coagula, e coisas contrárias foram mescladas, pois vemos que o fogo é hostil à água, a água hostil ao fogo, e ambos são hostis à terra e ao ar. No entanto, Deus os uniu pacificamente, para que se amassem. Portanto, **de esses quatro elementos todas as coisas são criadas**: céu e o trono dele; os anjos; o sol, a lua e estrelas; terra e mar, com todas as coisas [...]. Mas **a diversidade é maior** do que declarei; cada uma dessas naturezas é de **natureza diversa** [...] (grifo nosso).

Figura 24 – A *Separatio* do Ovo Cósmico



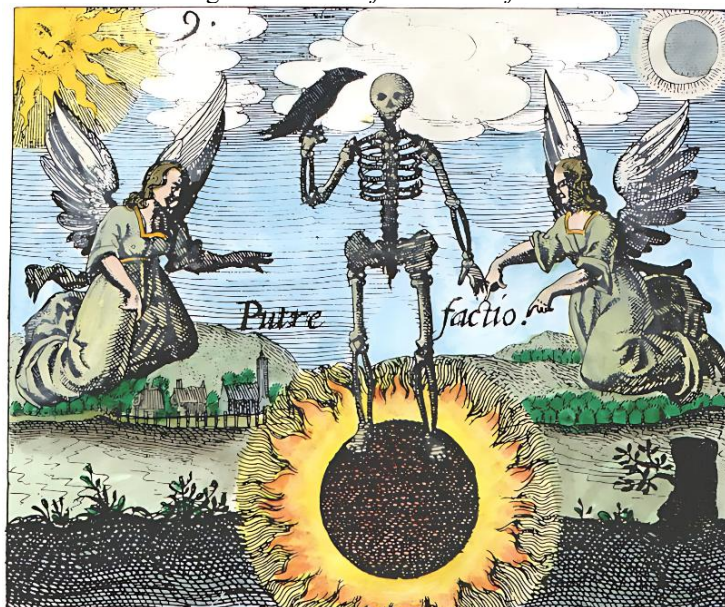
Fonte: Adam McLean, 2021

3.4.2.2 Mortificatio/putrefactio

Se a Fase da *Nigredo* é intrinsecamente densa e escura, a *Mortificatio/Putrefactio* (Mortificação ou Putrefação) representa o ápice deste estado. Esta fase propõe a decomposição

de um composto. Por isso, é naturalmente associada à morte, cadáveres e tumbas. A Figura 25 representa a etapa: Sol e Lua se encontra acima, ou seja, os princípios ativo e passivo já atravessaram a separação. São, então, submetidos à putrefação (Edinger, 2006).

Figura 25 – *Mortificatio/Putrefactio*



Fonte: Adam McLean, 2021

Na narrativa cosmogônica da Bíblia Sagrada (2022), mesmo após a Luz inicial do Criador – que, no papel de Logos-Cortador, estabeleceu os limites da Criação –, foi necessário estabelecer “luzeiros no céu”, isto é, sol, lua e demais astros resplandecentes, de modo a iluminar a terra. Fludd (1617) e Roob (2020) postulam que apenas após a criação do Sol – não como representação do princípio Ativo, mas como Astro Rei do Universo –, foi possível que as estrelas iluminassem a terra de volta. Blavatsky (2020) também defende esta ideia cosmogônica, ao afirmar que o Logos (Princípio Criador) é personificado na figura do Sol, que representa a materialização do Coração Espiritual do sistema solar.

Antes do sol – período representado pela *Mortificatio* –, portanto, o mundo conhecia um denso período de escuridão e transformações físico-químicas, na teoria cosmogônica alquímica de Fludd (1617). Para o autor, a Luz Divina Incriada presente no espaço refletia-se no firmamento, fazendo com que princípios de luzes surgissem na periferia do universo, ainda envolto pelas sombras, como se vê na Figura 26. É interessante notar que, embora a Luz Incriada no centro não seja visível, seus reflexos no firmamento atestam que ela está presente, mesmo em meio à escuridão.

Figura 26 – A Fase Escura do Universo e o Reflexo da Luz Divina



Fonte: Adam McLean, 2021

A ideia desta luz – ou fogo – periférico (porquanto refletida no firmamento) de aquecimento se encontra em sinergia com a descrição da *Putrefactio/Mortificatio* laboratorial e microcósmica por Tamosauskas (2023): “é o processo de apodrecimento de uma substância, muitas vezes sob um calor úmido e prolongado” (p. 121). Na Figura 27 é possível notar a representação da série alquímica intitulada “Coroação da Natureza”, em que o Espírito Volátil se encontra na periferia (acima), retirado da *Prima Materia* em decomposição, no ventre e centro do *Vas Hermeticum*. Este mesmo Espírito retorna, em operações seguintes.

Figura 27 – *Putrefactio* no *Vas Hermeticum*

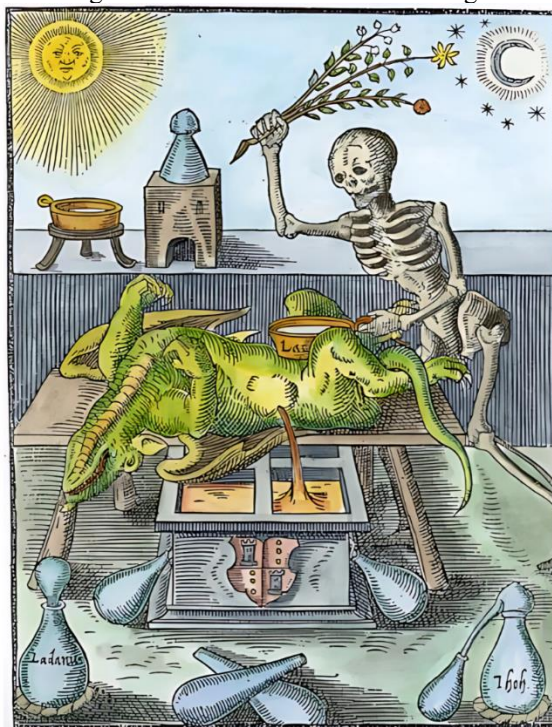


Fonte: Adam McLean, 2021

Uma representação particularmente interessante da *Mortificatio* se encontra na imagem alquímica a seguir, retirado das séries de Thurneisser (Figura 28). Ela apresenta um esqueleto abalroando um réptil com um conjunto de 3 galhos. Interessante notar que cada um deles

apresenta a flor de coloração correspondente às Fases futuras: alva (*Albedo*), amarela (*Citrinitas*) e vermelha (*Rubedo*). Sol e lua se encontram separados acima, como resultado da operação anterior (*Separatio*). Enquanto a caveira bate, o réptil/dragão – uma representação da *Prima Materia*, segundo Edinger (2006) – verte um líquido do flanco, semelhante a um “Ouro Potável”.

Figura 28 – Mortificatio malha o Dragão



Fonte: Adam McLean, 2021

Filaleto (2018, p. 89) informa que:

O Ouro perfeito se tira das entranhas da terra. Ele se encontra ali em fragmentos [...]. [...] este ouro se encontra numa **matéria** que **todo mundo pode encontrar**; mas, como está **misturado** a muitos **elementos supérfluos**, nós o fazemos passar por muitas **provas e combinações**, até que todas as **escórias sejam eliminadas** e que **só reste dele o que é puro** (grifo nosso).

Portanto, o esqueleto da última figura é personificação da própria operação da *Mortificatio*. O dragão/réptil figura a *Prima Materia*, submetida à bateção, provas e ordálias. De suas entranhas se retira um produto mais essencial e refinado, simbolizado pelo “Ouro Potável”. De fato, é das entranhas da terra que se retiram grandes riquezas e gemas preciosas, o que é uma metáfora para o contato com a Vida Interior (Edinger, 2006; Filaleto, 2018; Blavatsky, 2020).

Em termos místicos, a experiência laboratorial e cosmológica da *Mortificatio* pode surgir no interior da alma como a vivência de uma verdadeira Ordália (provação divina). No misticismo católico ela ficou conhecida como “Noite Escura da Alma” (Cruz, 1618/2002; Blavatsky, 2020).

Este termo foi cunhado pelo místico espanhol São João da Cruz (2002) para se referir à experiência de abandono que a alma se encontra, como um teste de fé. Neste período da vivência religiosa, não seria possível encontrar consolação nas orações, nem respostas da Divindade em sinais diretos. A pessoa é colocada diante de uma angústia mística. O grande segredo da Noite Escura – como da própria *Mortificatio* –, é que o Espírito de Deus participa do processo e acompanha a pessoa, de forma silenciosa. É como a Luz Divina Incriada da cosmogênese de Fludd (1617): ela não pode ser vista no centro da criação – ou da experiência do sujeito –, mas os raios de luz na periferia dão um sinal de que ela está presente, embora invisível. Por esse motivo, é recomendado que uma pessoa que atravesse a Noite Escura desenvolva a virtude da caridade. Ela figura como o reflexo da Luz Invisível na criação: se não é possível divisá-la na intimidade, é recomendável abrir o coração em gestos de benevolência para que a luz se faça visível no mundo e, então, seja percebida pelo sujeito, que perpassa uma via de purificação espiritual.

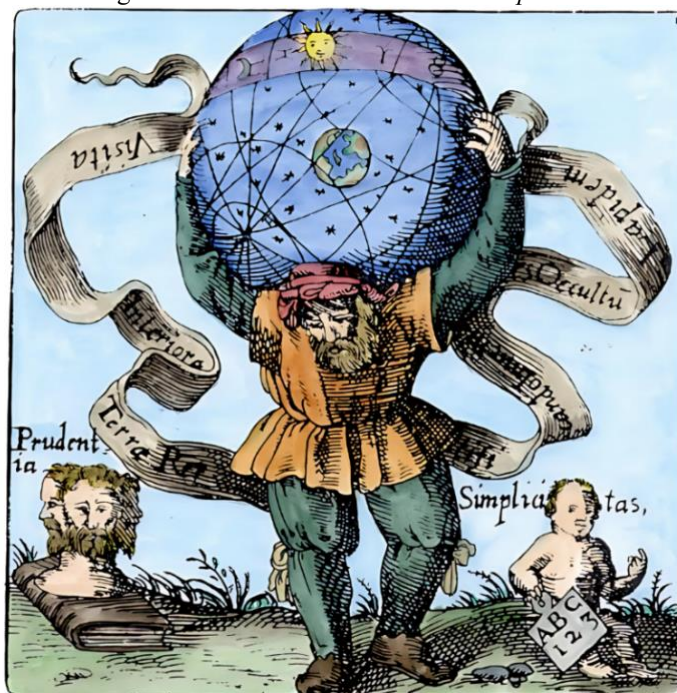
O gesto de caridade máximo é representado no mitologema judaico-cristão, com o sacrifício do próprio Cristo. Não por acaso, Cristo é vislumbrado como um paralelo do próprio *Lapis Philosophorum*. Os sofrimentos, castigos e bateções que Ele teria passado em seu martírio, são uma metáfora de toda a bateção que também sofre a *Prima Materia*, de modo a revelar a Pedra Filosofal, a *Quintessentia* que surge da “tumba” da matéria (Edinger, 2006).

Outra metáfora para a *Mortificatio* se encontra no simbolismo referente ao eclipsar do sol. Em antigas Tradições, o eclipse era vislumbrado como a morte do herói solar, engolido pelo dragão. Uma angustiante expectativa surgia em povos antigos, para saber se o sol iria, afinal, retornar. Essa etapa se encontra dentro da Jornada do Herói de Mil Faces, descrita por Campbell (2007). Ela se associa à ideia de Cristo, que tem sua luz parcialmente ocultada ao ser colocado na tumba. Em contos de cavalaria, o simbolismo era apresentado pelo cavaleiro engolido pelo dragão. De qualquer forma, a experiência do Útero do Mundo subsiste, e produz a tensão (e geração) necessária à transformação do herói ou da heroína – ou mesmo, da *Prima Materia*.

Uma sabedoria referente à *Mortificatio* – ou Noite Escura da Alma – se encontra resumida na imagem alquímica a seguir (Figura 29). Ela apresenta a famigerada inscrição da Arte, muito conhecida entre os rosacruz, pela sigla V.I.T.R.I.O.L.: *Visita Interiorem Terrae*

Rectificandoque Invenies Occultum Lapidem (visita o interior da terra, retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta). A terra é uma referência ao interior do ser humano, e a retificação é simbólica do processo de autoconhecimento e burilamento da personalidade. A imagem do indivíduo carregando a esfera celeste é ladeada por conselhos úteis durante o processo: *Prudentia* (prudência, na figura de um rosto trino sobre um livro) e *Simplicitas* (simplicidade, na figura de uma criança com o *abecedarium*).

Figura 29 – VITRIOL: *Prudentia et Simplicitas*



Fonte: Adam McLean, 2021

A Astrologia Metálica Alquímica atesta a correspondência entre a operação da *Mortificatio* e o planeta Saturno, cujo metal representante é o Chumbo, extremamente denso – simbólico desta *operatio*. Astrologicamente, Raimundo Lúlio (1297/2011) informa que Saturno possuiria características relativas ao “masculino, diurno e maléfico” (p. 32), além de ser associado à melancolia. Esses caracteres são marcantes durante a *Mortificatio*.

Entretanto, Saturno também apresenta virtudes, como informam Martinelli & Del Debbio (2024). Algumas delas são: disciplina, responsabilidade, organização, maturidade, paciência, prudência, determinação, profundidade, castidade, solidez e desapego. O astro também se relaciona aos limites – por se encontrar no limite do Universo na cosmologia antiga. A correspondência de Saturno com os limites oferece um vislumbre de sua conexão com a ideia de tempo (Cronos). O titã greco-romano Saturno-Cronos, que devora os próprios filhos, é uma

personificação dos limites e desafios impostos pelo tempo, que “ceifa” (Figura 30) no momento devido. Por esse motivo, em muitas ilustrações o titã é apresentado portando uma foice.

Figura 30 – Saturno



Fonte: Cristoforo de Predis, [14??].

A associação entre Saturno e a *Mortificatio*, nesse sentido, se torna mais evidente. A *Mortificatio* surge para mortificar aquilo cujo tempo já excedeu, estabelece limites, testa a paciência e desenvolve a maturidade. Ele é o princípio oculto que age nas colheitas de grãos, frutos e das benesses da terra. É o princípio que faz o alimento cair da árvore, já amadurecido, e que o faz ser mortificado para que nova vida surja. O metal correspondente ao referido astro, o chumbo, é um símbolo para a densidade e dificuldade que é, para um indivíduo, a experiência desta operação alquímica (Hutin, 2010; Lúlio, 2011; Tamosauskas, 2023; Martinelli; Del Debbio, 2024).

Entretanto, a *Mortificatio* também reserva seus tesouros, e a Quintessência se encontra escondida no interior da *Prima Materia*, mesmo em sua forma putrefata. Assim, esta *operatio* representa um processo de incubação. A entrada no “interior da Tumba” (mortificação) se

assemelha à experiência mítica de adentrar o “Útero do Mundo” para, então, passar por um período geracional, e retornar sob forma rejuvenescida (Campbell, 2007; Hutin, 2010; Tamosauskas, 2023).

Nas palavras de Filaeto (2016): “Saibas que é pela putrefação que as coisas são geradas” (p. 78). Mais adiante, ele informa sobre um verdadeiro milagre alquímico:

[...] vela sobre a tua obra, porque [...] talvez verás toda a tua **terra seca e extraordinariamente negra**. Então, esta é a **morte** do composto: os ventos cessam e todas as coisas se entregam ao repouso. Este será o **grande eclipse do Sol e da Lua**, durante o qual nenhuma das luminárias iluminará a terra, e o mar desaparecerá. Então **nosso Caos** está perfeito: sob o comando de Deus nascerão todos os **milagres** do mundo, na ordem que é a sua (p. 123, grifo nosso).

Assim, a terrível *mortificatio* que abranda todos os elementos em um estado de incubação no “interior da tumba” (*Vas Hermeticum*), é a mesma que proporciona a geração de todos os milagres das operações seguintes.

3.4.2.3 Calcinatió

Nas palavras de Tamosauskas (2023): “[...] é o processo de aquecimento de um sólido retirando até que reste apenas um fino pó seco e branco. Nesse processo ocorre também o aparecimento da pedra calcária que resulta na cal viva, daí o nome” (p. 125). Esta operação é especialmente atribuída ao elemento fogo, devido ao seu caráter de combustão. Aqui, a *Prima Materia*, representada pelo réptil (Figura 31), é submetida à calcinação até sua secagem.

Figura 31 – Calcinação da *Prima Materia*: Símbolo e *Vas Hermeticum*



Fonte: Adam McLean, 2021

Em sentido macrocósmico, representa os estágios iniciais da criação, em que os elementos revolviam violentamente, combinando e recombinando-se. Esse estado levou à produção do Fogo enquanto o primeiro dos 4 elementos aristotélicos (fogo, terra, ar e água). Fludd (1617) retratou este momento como um verdadeiro caos abrasivo (Figura 32), repleto do “fogo obscuro” (isto é, material, em oposição ao espiritual) relatado na teoria paracelsiana.

Figura 32 – *Calcinatio*: o Caos Abrasivo



Fonte: Adam McLean, 2021

No dito 82 do Evangelho de Tomé, de Tradição Gnóstica, que se encontra entre os Evangelhos Apócrifos (2023), lê-se que Jesus disse: “Quem está perto de mim, está perto do fogo. E quem está longe de mim, está longe do reino” (p. 605). São João da Cruz (2002), embora não seja um gnóstico, faz referência semelhante em suas *Obras Completas*, ao abordar a difícil transição da Noite Escura da Alma. Nesse sentido, aproximar-se da Divindade, tanto quanto da Quintessência da Pedra, exige o atravessamento e a prova do fogo (Edinger, 2006).

Paracelso (1973) informa que “o fogo prova todas as coisas” (p. 160). Na *Calcinatio*, esse fogo serve ao processo de purificação, mas também à produção de um terceiro composto:

o Sal ou Xisto Branco (Figura 33). Junto de Mercúrio e Enxofre, ele forma a tríade dos elementos primordiais da Alquimia Paracelsiana. O sal ainda possui íntima relação com a ideia de purificação e até consolação – mediante as lágrimas salgadas da comoção –, que refinam o indivíduo (Edinger, 2006; Tamosauskas, 2023).

Figura 33 – Xisto Branco



Fonte: Adam McLean, 2021

3.4.3 Albedo

Albedo, *tinctura alba*, *terra alba foliata*, *lapis albus* ou *rosa alba* são alguns dos nomes representativos da fase. Ela é caracterizada por maior esclarecimento ou iluminação espiritual, simbolizado pela cor alva. Pode também ser representada pela ave, capaz de atingir o superior (céu) e o inferior (terra) com facilidade, ou mesmo pelo cisne, por sua pureza e beleza. No mitologema judaico-cristão é a figura da Virgem Maria, fecundada pelo Espírito de Deus e, posteriormente, elevada aos Céus. Ela é a “*Terra Alba Foliata*” – a imaculada terra que foi fecundada e tornada fértil pela Divindade, de modo a gerar o *Cristo-Lapis*. Esse simbolismo se encontra com o da Rainha em vestes Alvas (Figura 34), por vezes representada dentro do *Vas Hermeticum* (Jung, 2021a; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 34 – Rosa Alba



Fonte: Roob, 2020

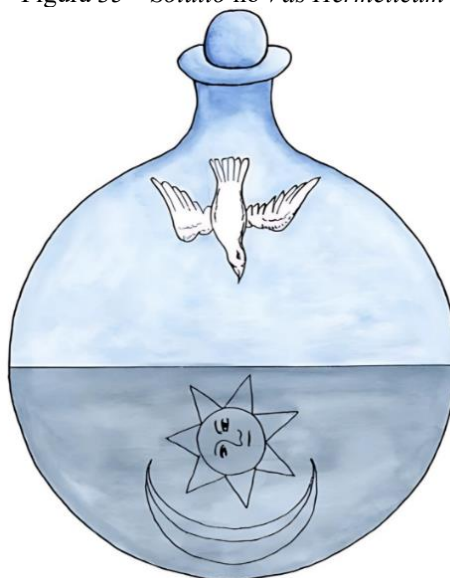
Roob (2020) faz referência ao antigo manuscrito alquímico do século XVII, o *Donum Dei* (Dom de Deus), que personifica a *Rosa Alba* da seguinte maneira: “Eu sou o elixir da alvura, que transforma os metais imperfeitos na mais pura prata” (p. 362). Como informam Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) a prata é, por excelência, o metal associado à lua. Este astro, por sua vez, faz referência a diversas divindades femininas, como a Virgem Maria que é, nas palavras de Jung (2012a), a própria *Terra Alba Foliata*.

Blavatsky (2020), ao abordar as antigas Tradições de Mistério, afirma que a “Pedra Branca” era um prêmio oferecido aos iniciados em algumas sociedades iniciáticas, em especial, a Rosacruz. Este prêmio foi inspirado de uma passagem do *Apocalipse* Joanino da Bíblia Sagrada (2022). A autora ainda relaciona esta Pedra Branca com o Ego do indivíduo que foi capaz de superar os desafios relativos aos mistérios da iniciação – ideia semelhante ao Sal ou Xisto Branco, conquistado ao final da *calcinatio*, segundo informou Tamosauskas (2023). Dessarte, a *Nigredo* representa a escuridão profana. Atravessá-la é uma metáfora para as ordálias que aguardam um neófito dos Mistérios. Após sua conclusão, há a presença de uma “pequena iluminação”: um novo Ego, representado pela Pedra Branca, que nada mais é que a *Rosa Alba* dos alquimistas.

3.4.3.1 Solutio

A operação da *Solutio* (Figura 35) é resumida por Edinger (2006) como uma *operatio* pertencente ao elemento água. Nela, ocorre a dissolução ou transformação de um dado sólido em líquido. Percebe-se um desaparecimento do primeiro no solvente, o que representa “o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original” (p. 67). Isso implica, novamente, no profundo simbolismo do retorno ao Útero, aludido por Campbell (2007). Em termos reflexivos, Tamosauskas (2023) informa que a *Solutio* se refere à conquista da auto-observação, capaz de abstrair o sujeito da intensidade de sentimentos, pensamentos e humores diversos, dissolvidos na atenção plena.

Figura 35 – *Solutio no Vas Hermeticum*



Fonte: Adam McLean, 2021

É por esse motivo que a Alquimia fala em um *Alkahest* (solvente universal). Kirchweger (2006) explica que este solvente surge diante de uma problemática encontrada pelos(as) alquimistas: alguns corrosivos são capazes de dissolver apenas metais ácidos, enquanto outros apenas dissolvem metais alcalinos. Foi necessário que operadores(as) da Arte buscassem algum composto capaz de dissolver tanto ácidos quanto alcalinos com a mesma eficácia, ao unificar a capacidade dos corrosivos exclusivos. Assim, eles procederam à redução (ganho de elétrons e redução da oxidação) do Mercúrio, até que encontrassem uma “água espiritualizada”, que foi chamada de *Alkahest*.

Esta seria capaz de dissolver quaisquer compostos, fazendo com que retornassem à sua forma primeva. Blavatsky (2020) identifica o *Alkahest* com o “Eu Superior”, o Princípio

Espiritual do ser humano. Este se conecta com a auto-observação referida por Tamosauskas (2023), isto é: Consciência. Uma Consciência refinada é capaz de “dissolver” problemáticas ao adentrar em estado de atenção plena, observação e discernimento, abstraindo-se de disposições psicológicas intensas, e fazendo com que afetos intensos tornem à sua forma primeva de pura energia (Edinger, 2006).

Segundo Edinger (2006), a propriedade do Solvente Universal em dissolver o composto é vista como o desaparecimento de uma determinada forma – regredida ao estado originário – que, posteriormente, ressurge renovada. Em imagens alquímicas, isso é representado pela figura do Rei – como o Dragão/Réptil, outro símbolo da *Prima Materia*. O velho Rei mergulha nas águas e reaparece coagulado como um jovem (Figura 36), para representar a capacidade renovadora do *Alkahest*. Por isso, Basilus Valentinus (2016) afirma que: “nenhum triunfo ocorrerá enquanto o Rei não receber grande força e potência da água, [...], para que seja consumido e torne-se invisível para, em seguida, tornar-se visível novamente” (p. 45).

Figura 36 – Morte e Ressurgimento do Rei

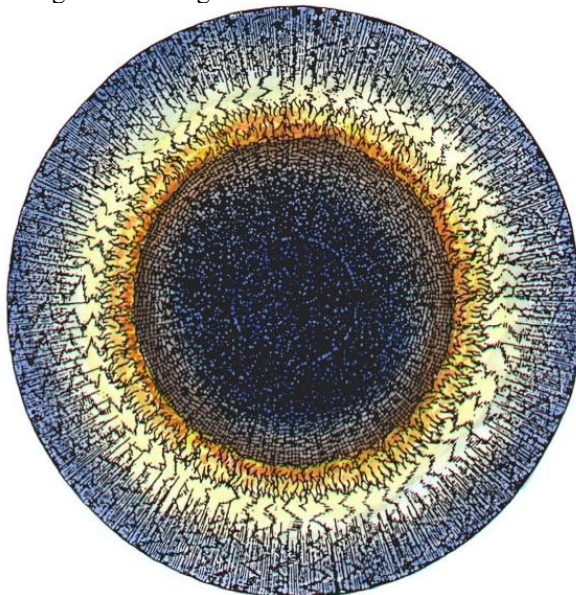


Fonte: Adam McLean, 2021

Ao abordar a *Solutio* na dimensão macrocósmica, na sequência das fases anteriores, é interessante reportar a um ramo específico da Tradição Rosacruziana: a Fraternidade Rosacruz. O fundador, Max Heindel (1958), oferece uma narrativa mítica e alquímica acerca da criação do Mundo. Segundo o autor, o primeiro dos 4 elementos (fogo, água, ar e terra) a surgir foi o

Fogo, e com ele, os “Espíritos do Fogo”, seus representantes. Em determinado momento, o ímpeto do Fogo teve de ser substituído pela água e seus representantes (Figura 37), que preencheram o centro da esfera celeste. Nesse sentido, esta Tradição confere validade ao procedimento microcósmico de Tamosauskas (2023), pois é possível notar que a água (*solutio*) sucede o fogo (*calcinatio*).

Figura 37 – Surgimento da *Solutio* Macrocósmica



Fonte: Adam McLean, 2021

Em sinergia com a formação macrocósmica, Basilius Valentinus (2016) oferece um resumo da *Solutio*, em sentido microcósmico/laboratorial: “o fogo deve ser extinto pela água. Se muita água for derramada sobre o fogo, o fogo será vencido e obrigado a dar sua vitória à água” (p. 45).

A extinção do fogo e o desaparecimento de uma forma na água, prenuncia sua posterior coagulação, ou seja, corporificação sob uma forma renovada, refinada. Este retorno marca a transição para a fase alquímica seguinte, a *Coagulatio*, de modo a perfazer o antigo axioma alquímico: *solve et coagula*, isto é, dissolver e coagular (Edinger, 2006; Tamosauskas, 2023).

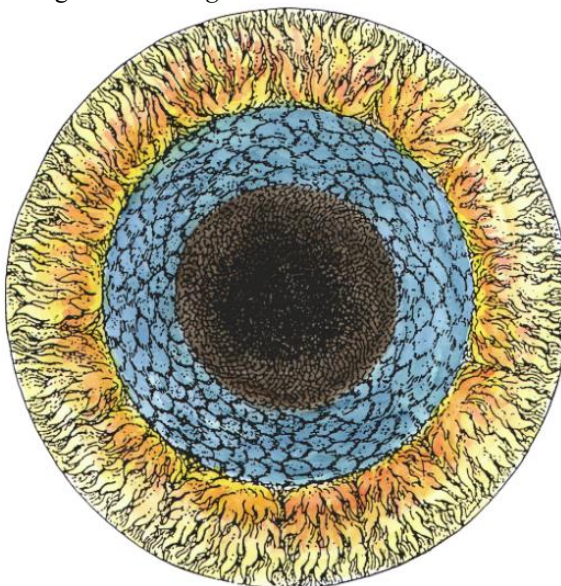
3.4.3.2 Coagulatio

Após a dissolução do soluto nas águas da operação anterior, é necessário que um novo composto seja coagulado. Isto implica uma retificação das impurezas anteriores. Nas palavras de Basilius Valentinus: “Fortuna, saúde, vida e força serão restauradas ao Rei” (p. 41). Este Rei

é a mesma *Prima Materia* dissolvida na *Solutio*, agora coagulada na forma de um jovem príncipe.

Em sentido macrocósmico, a *Coagulatio* expressa a criação da Terra e seus viventes, relatada na Bíblia Sagrada (2022). Fludd (1617) a representa com o aparecimento de uma esfera terrestre (Figura 38) em meio à esfera cósmica (símbolo do *Vas Hermeticum*), que antes havia sido divisada pelo Espírito Santo de Deus como os limites dimensionais para Seu Ofício Divino.

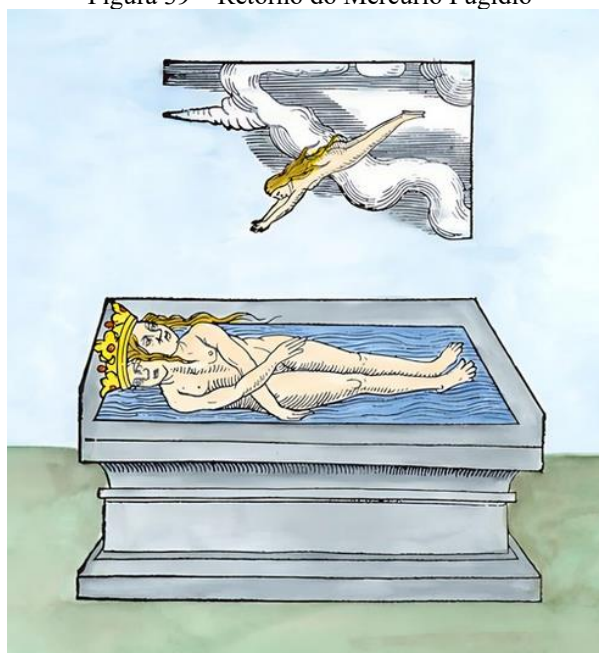
Figura 38 – *Coagulatio* Macrocósmica da Terra



Fonte: Adam McLean, 2021

A coagulação produz uma nova forma no *Vas Hermeticum*. Para Tamosauskas (2023), ela coagula o Mercúrio Filosofal sob uma forma mais nobre, já que o *Alkahest* foi capaz de dissolver compostos impuros na operação anterior. Na *Coagulatio*, eles devem ser sintetizados após a lavagem e refinamento oferecidos pelo solvente universal da *solutio*, símbolo da Consciência. Portanto, a presente operação é uma metáfora para a concretização de novas ideias no mundo, de maneira consciente e voluntária. Estas ideias podem ser o Mercúrio Fugidio relatado por Edinger (2006): um elemento extremamente volátil que necessita ser atraído para a corporificação, tal como o jovem rei que deve ser trazido das águas. Trata-se das ideias abstratas que devem ser “capturadas” e manifestadas (coaguladas) no mundo. A Figura 39, extraída do manuscrito *Rosarium Philosophorum* (Rosário dos Filósofos), tem o condão de representar o retorno da Alma Mercurial à *Prima Materia*, em seu aspecto duplo (solar-masculino e lunar-feminino).

Figura 39 – Retorno do Mercúrio Fugidio



Fonte: Adam McLean, 2021

Basilius Valentinus (2016) relata um colóquio entre um alquimista, o irmão Alberto, e o Espírito do Mercúrio. Parte dessa conversa serve para detalhar a última figura, pois demonstra que o Mercúrio Fugidio pode retornar e ser corporificado, àqueles(as) que forem dignos(as). Nas palavras deste Espírito: “Venho sem constrangimento, conforme a ajuda do espírito de Deus, a cada homem; mas são poucos os que são dignos disso. No entanto, aquele que é digno não precisa ter medo da minha escuridão, pois ela é o início da minha riqueza” (p. 128).

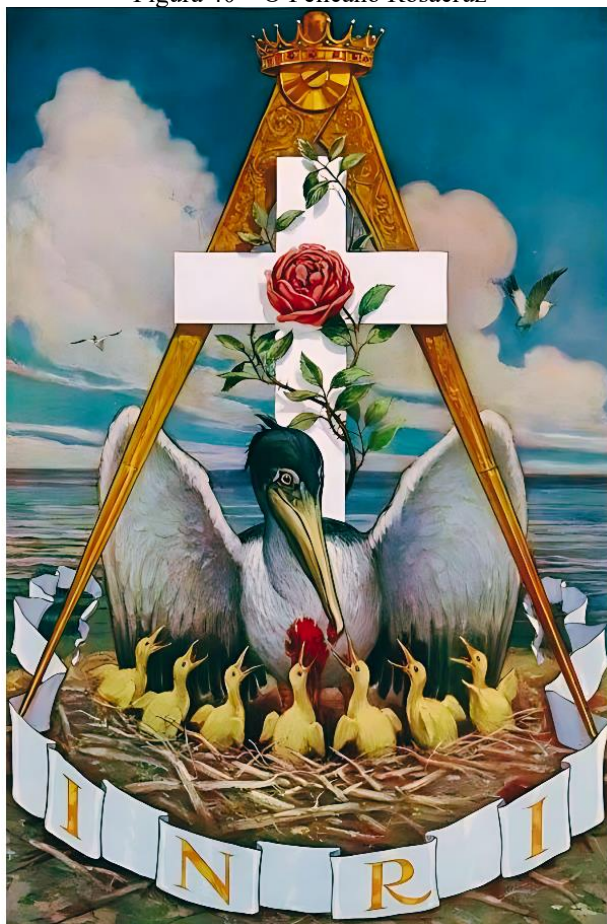
3.4.4 Citrinitas

Segundo Tamosauskas (2023), *Citrinitas* é a operação que torna o(a) alquimista capaz de perceber a conexão e unidade entre todas as coisas. Por esse motivo, ela é representada pelo Pelicano, um símbolo tanto cristão quanto rosacruziano, que se refere ao serviço à comunidade.

O pelicano, informa Blavatsky (2020), é uma ave aquática que – à semelhança do Mercúrio Fugidio –, se move para as águas (em busca de alimento) e se retira delas (para produzir seus filhotes). Essa “ida e volta” do Pelicano sobre as águas pode ser comparada à ação do volátil espírito mercurial. Ademais, uma antiga lenda sobre esta ave conta que ela fere o próprio peito para alimentar seus filhotes. Tamosauskas (2023) identifica estes com os 7 metais alquímicos, que também podem representar disposições psicológicas do(a) alquimista, refinadas à excelência. O pelicano (Figura 40), neste sentido, representa um estágio consciencial adquirido ao longo das fases anteriores. Esta Consciência “alimenta” as atuais

atitudes interiores do sujeito, sob uma perspectiva melhorada. Mais que isso, a ave convida à reflexão acerca do valor do sacrifício, e da capacidade de nutrir um paradigma holístico diante da sociedade.

Figura 40 – O Pelicano Rosacruz



Fonte: John Augustus Knapp, 1928

Filaleto (2018) oferece uma divisão diferente da de Tamosauskas (2023) para obtenção da Pedra. Ao invés de tratar de fases e operações, ele fala em “regimes” – aos quais a *Prima Materia* é submetida –, associados aos 7 planetas da astronomia antiga. É possível dizer, pelas características dos regimes, que a *Citrinitas* se situa entre o final do Regime de Marte e a primeira metade do Regime do Sol, dentro do sistema específico de Filaleto (2018).

Martinelli & Del Debbio (2024) associam o Sol a valores como: generosidade, criatividade, magnanimidade, benevolência, entusiasmo, realização e vitalidade. A união destes caracteres é particularmente representativa dos valores aludidos por Tamosauskas (2023) acerca da *Citrinitas*. É possível sintetizar que esta Fase é representativa da abertura do(a) alquimista para a ética universal, a interconexão entre tudo que existe, a solidariedade e o

sacrifício. Por isso, o Pelicano, figura do sacrifício, também é um símbolo de Cristo na Tradição Católica, integrando novamente o paralelo *Cristo-Lapis*.

O alquimista Nicolau Flamel (1399/1973, p. 105) parece abordar a *Citrinitas* em seu *Livro das Figuras Hieroglíficas*, ao evocar a figura de dois anjos em vestes alaranjadas e amarelas (Figura 41):

Figura 41 – Os Anjos da Citrinitas



Fonte: Adaptado de Flamel, 1973.

“Esses anjos são de **cor alaranjada** para te fazer saber que **tuas confecções brancas** foram **cozidas** um pouco mais [...]. [...] esta **cor alaranjada** é composta do belo **alaranjado-vermelho-dourado** (que esperas há tanto tempo) [...]. Este **alaranjado** indica ainda que as naturezas se digerem e pouco a pouco **se aperfeiçoam pela graça de Deus**. [...] não se deve interromper esta operação até que se veja o **verdadeiro vermelho de púrpura** [...].

Assim, Flamel (1973) indica que as vestes brancas, representativas da Fase *Albedo*, foram “cozidas” e adquiriram uma coloração alaranjada, correspondente à Fase *Citrinitas*. A graça de Deus é que confere o dinamismo do processo, indicando que há a atuação de uma Força Invisível. A operação deve seguir o curso até chegar ao “verdadeiro vermelho”, característico da *Rubedo*.

Filaleto (2018), por sua vez, escreve, acerca do Regime que precede o Sol, isto é, o de Marte: “[...] nossa terra virgem sofreu seu último trabalho para nela ver semear e amadurecer o fruto do Sol. Portanto, continua o calor conveniente e estará seguro de ver, próximo ao trigésimo dia deste regime, aparecer uma cor citrina [...]” (p. 163). Ao abordar o Regime do Sol, ele

continua: “Agora estás próximo do fim de tua Obra e quase concluíste teu trabalho. Tudo já aparece como o mais puro ouro, e o leite da Virgem, com o qual embebes esta matéria, amarela cada vez mais” (p. 167).

A terra virgem e o leite virginal são referências à *Albedo*. O fruto do Sol, a cor citrina e o amarelamento do leite, indicam que a Fase da *Citrinitas* surge no *Vas Hermeticum*. O Regime Solar de Filaleto (2018) explica a conexão entre as imagens alquímicas envolvendo o Sol, enquanto símbolo da *Citrinitas* (Figura 42).

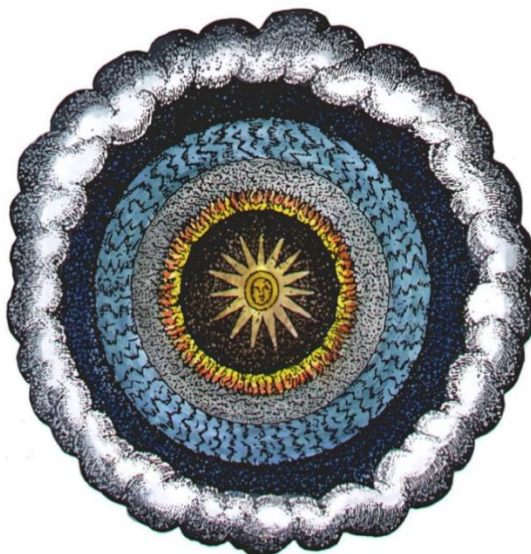
Figura 42 – O Sol da *Citrinitas*



Fonte: Adam McLean, 2021

Roob (2020) informa que “O Sol é, no firmamento, o representante visível do fogo e do amor divinos. No corpo humano, corresponde ao coração” (p. 101), que vivifica os membros através de “raios” (veias), como o Astro-Rei irradia luz sobre a criação. O Sol ainda tem o condão de ordenar toda a existência, ao representar o Princípio Divino (Figura 43).

Figura 43 – Sol e Cosmos



Fonte: Adam McLean, 2021

3.4.4.1 Sublimatio

Em termos práticos, a Sublimação (Figura 44) envolve a transição do estado físico da matéria, do sólido para o gasoso, sem que haja passagem pelo estado líquido. Tamosauskas (2023) afirma que a ferramenta alquímica mais importante neste trabalho é a paciência, posto que há uma insistência nas *operatios* que já foram realizadas, com foco especial na destilação do Mercúrio, “até que a Flor da Vida em seu cadinho dê lugar à estrela de Prata” (p. 180). A destilação do Mercúrio teria a capacidade de produzir um amor refinado e cósmico. Outra referência que o autor faz seria a “capturar um raio solar” – o que se sintoniza com o Regime do Sol de Filaleto (2018).

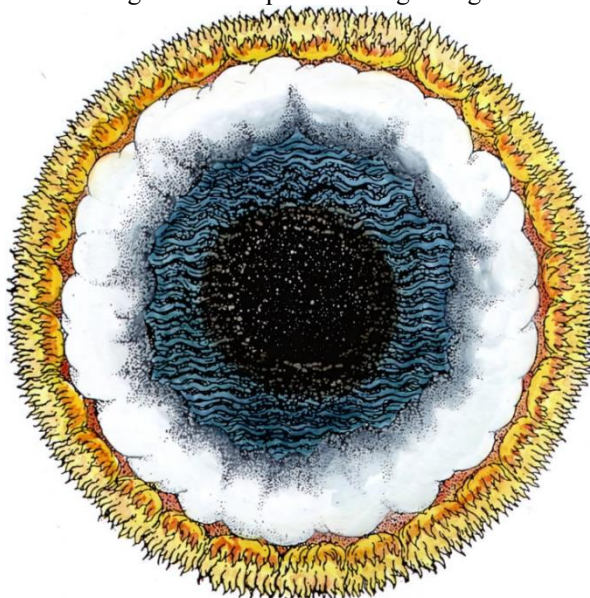
Figura 44 – *Sublimatio no Vas Hermeticum*

Fonte: Adam McLean, 2021

A referência ao Amor produzido pela *Sublimatio* pode aparecer, segundo Tamosauskas (2023), na figura “das flâmulas de Diana ou dos pombos de Vênus” (p. 181). Martinelli & Del Debbio (2024) associam Vênus ao equilíbrio e harmonia das emoções, tanto quanto à capacidade de amar. Este símbolo ainda estaria associado ao desejo que une as coisas, tal como o Amor da *Citrinitas*.

Sublimação é, por excelência, a operação do elemento ar, segundo Edinger (2006). Isso explica a cosmogênese da Fraternidade Rosacruz de Heindel (1958). Se, nesta Tradição, o início do Cosmos conta com os “Espíritos do Fogo” (*calcinatio*), que devem ser substituídos pelos “Espíritos da Água” (*solutio*) para a continuidade da criação, seria natural imaginar um equilíbrio entre estes, em algum momento. Em sua obra sobre a origem alquímica mítica do planeta, Heindel (1958) informa que a substituição dos espíritos flamígeros pelos aquosos deu origem a uma batalha cósmica, cujo resultado teria sido o vapor (Figura 45). Este vapor (*sublimatio*) é aquele que contém os compostos necessários para a formação da vida terrestre e da diversidade dos organismos. Ela seria a mítica fonte da “sopa nutritiva” da biologia.

Figura 45 – Vapor entre Fogo e Água



Fonte: Adam McLean, 2021

Roob (2020) entende que o ar é resultante da união de um elemento mais impuro com outro mais sutil. Dessarte, a *Sublimatio* – na transição direta do estado sólido para o gasoso – figura a sutilização de um dado ente, ou seja, de um refinamento, purificação ou elevação. É o Espírito Volátil de Mercúrio, referido por Edinger (2006), tanto quanto o Amor referido por Tamosauskas (2023). A sutilização, transição de estado e união de elementos díspares

personifica a ideia do sacrifício e transfiguração do Cristo em prol da coletividade e do amor universal, representada pelo Pelicano da *Citrinitas*.

A *Utriusque Cosmi Historia* de Fludd (1617) apresenta paralelos com a captura de raios solares de Tamosauskas (2023), em sinergia com a operação da *Sublimatio*. Roob (2020) informa que, no processo macrocósmico alquímico, “[...] os raios quentes do Sol, ao descenderem, encontram os vapores aquosos que se elevam” (p. 102). Este processo é intensamente criativo, pois é deste encontro entre a expansão e a luz que é possível surgir os planetas, e toda criação ser consumada.

3.4.5 Rubedo

A Fase *Rubedo* é derradeira no processo alquímico. É simbolizada pela Fênix (Figura 46), a ave mítica que vive por mil anos, até entrar em combustão, e renascer das próprias cinzas. Cromaticamente, esta fase é associada à cor rubra, pois seria a cor da própria Pedra Filosofal, conquistada ao final da *Rubedo* (Blavatsky, 2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 46 – Fênix



Fonte: Aberdeen University Library, 1542.

Outro símbolo da *Rubedo* será o Rei Vermelho (Figura 47) ou Rosa Rúbea. Sua cor remete ao sacrifício de Cristo e à transformação da Fênix. Ele é uma metáfora da Pedra e da conclusão da Regeneração Cósmica, ao final da Rubificação (Blavatsky, 2020; Roob, 2020; Tamosauskas, 2023).

Figura 47 – O Rei Vermelho



Fonte: Roob, 2020

3.4.5.1 Coniunctio

Segundo Tamosauskas (2023), a operação da conjunção representa a união de duas substâncias, quando o Ouro material se unifica ao Ouro Celestial (Figura 48). Ela simboliza a união do “pequeno alquimista” junto ao “grande alquimista” – referências à personalidade menor e à Divindade latente em cada ser humano.

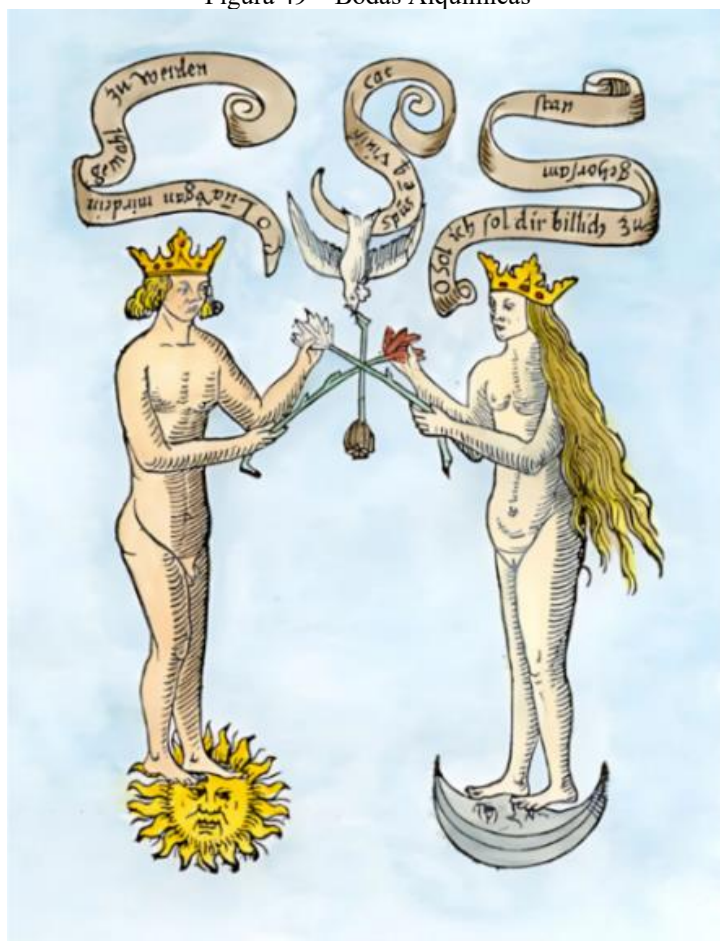
Figura 48 – Unificação do Ouro Material e Celestial



Fonte: Adam McLean, 2021

Na literatura alquímica, esta *operatio* aparece referenciada como “Casamento Alquímico” (Figura 49), representada no *Rosarium Philosophorum* e narrado na obra *A Trilogia dos Rosacruz*, da Biblioteca Rosacruz (2015): “[...] este É o dia das Bodas Reais; Se a elas és convidado por teu nascimento, Se Deus te elegeu para a alegria [...]” (p. 143). Há neste coito, indicam Jung (2012a) e Roob (2020), um caráter incestuoso, seja pela união de pares opostos considerados irmãos, seja entre um filho e sua mãe.

Figura 49 – Bodas Alquímicas



Fonte: Adam McLean, 2021

Flamel (1973) apresenta a *Coniunctio* na figura de sua própria esposa, Perenelle, em posição de súplica a São Pedro (Figura 50), aquele que porta as chaves do céu. Assim, o autor apresenta esta operação enquanto união dos princípios masculino e feminino, solar e lunar, enxofre e mercúrio, ouro e prata, ativo e passivo, projetor e gerador, respectivamente, “pois as naturezas são agora completamente espirituais e corporais, masculinas e femininas” (p. 108).

Figura 50 – Coniunctio de Flamel



Fonte: Flamel, 1973

É interessante a presença das chaves na mão de São Pedro, na figura de Flamel (1973). O autor alude as chaves do santo à capacidade de ligar ou desligar, abrir ou fechar e, ainda, multiplicar – ou seja, algumas das potencialidades da Pedra Filosofal, segundo Tamosauskas (2023). As chaves de São Pedro, capazes de abrir ou fechar os portões do Céu, possuem um paralelo interessante com a deusa Hécate.

Martinelli & Del Debbio (2016) a identificam como a divindade da feitiçaria, das encruzilhadas e dos portais, cujo reino se estende às 3 dimensões: céu, mar e terra. Uma das ferramentas que a deusa portava seria a chave (Figura 51). Ela ainda era vista como a própria *Anima Mundi* (Alma do Mundo), figura tão cara à Alquimia, por representar a esfera lunar que abarca a terrestre. A esfera espiritual da Lua, para a astronomia ptolomaica e a astrologia antiga, seria a mais próxima da Terra e, portanto, expressa a instância cósmica que dá à luz novos espíritos encarnados neste mundo.

Figura 51 – Hécate Tríplice com a Chave



Fonte: William Smith, 1882

A *Anima Mundi* – como Hécate ou São Pedro – possui a “chave” que conecta todas as coisas, visto ser identificada em sua natureza inferior com a “Luz Astral” que se encontra em tudo. Blavatsky (2020) informa que ela é um princípio cósmico invisível que permeia o mundo. Paracelso e outros(as) filósofos(as) a teriam denominado de “Luz Sideral”. Era considerada pelos gnósticos na forma personificada de um ser de natureza feminina, mas vislumbrada como hermafrodita em diversas escolas sectárias da antiguidade. “Os alquimistas e herméticos acreditam que seu éter astral, ou sideral, além das qualidades superiores do enxofre e da magnésia branca e vermelha, ou *magnes*, é a *Anima Mundi*, a oficina da Natureza e de todo o Cosmos [...]” (p. 334).

A ideia da *Anima Mundi*, da união entre princípios opostos (Figura 53), como a simbologia das bodas, coito ou chaves, concedem à *Coniunctio* um caráter holístico, unificador, que começa a sedimentar na consciência humana durante Fase *Citrinitas*, para encontrar sua completude na *Rubedo*. É o que expõe Tamosauskas (2023, p. 198):

Todas essas **formas de expressão** têm algo em comum, descrevem uma **união** e instrução que não vem da consciência ordinária mas de alguma **sabedoria mais elevada** que faz a pessoa **renascer** em uma versão melhor de si mesma. Esta é a razão da **Fênix** ser a representante da **Fase Rubra**, pois o processo de **renascimento** se completa (grifo nosso).

O coito é substanciado na figura do Hermafrodita (Figura 52), isto é, filho de Hermes e Afrodite e, portanto, portador de atributos de ambas as divindades (Blavatsky, 2020).

Figura 52 – Hermafrodita Alquímico



Fonte: Adam McLean, 2021

A *Coniunctio* encerra, como o Regime do Sol de Filaeto (2018), com a transformação da matéria trabalhada, que ganha uma cor vermelha intensa e brilhante. “E jamais terias acreditado que a Arte pudesse criar uma maravilha semelhante [...]. Tão extraordinária é esta criatura que ela não tem igual na natureza inteira e nada há que se assemelhe a ela” (p. 168).

3.4.6 A Pedra Filosofal

O *Lapis Philosophorum* personifica a famigerada meta da Alquimia, que conclui o *Magnum Opus* e “coroa” a Rubificação. O artefato final da Arte teria a capacidade de transmutar os metais, mormente chumbo em ouro, além de favorecer o(a) operador(a) com longa vida. Convém ressaltar que o ouro filosofal produzido pela Pedra é diferente do ouro comum, pois é mais denso e valioso que este (Hutin, 2010; Tamosauskas, 2023).

Para Tamosauskas (2023), o encerramento do *Magnum Opus* não coincide com a *Coniunctio*, mas com a descoberta da “Criança Alquímica” (Figura 53), que também é a *Quintessentia* apresentada por Adam McLean (2021). Neste sentido, a conjunção apenas antecede o nascimento de uma atitude interior completamente renovada, personificada no *Philus Philosophorum*, a Criança ou Filho Filosofal. Trata-se da Fênix renascida do fogo.

Figura 53 – *Philus Philosophorum* no *Vas Hermeticum*



Fonte: Adam McLean, 2021

Flamel (1973) representa a conquista da Pedra por um Leão Vermelho alado em um campo Violeta (Figura 54). Ele surge a partir da solicitação feita por Perenelle a São Pedro, com a transformação da cor alaranjada em um tom mais escuro. O Leão possui a capacidade de devorar quaisquer entes de natureza metálica, e transmutá-los em ouro filosofal.

Figura 54 – A Pedra de Flamel



Fonte: Adaptado de Flamel, 1973

O alquimista Nicolau Flamel (1973, p.112) atesta que, com tal conquista, a Pedra:

[...] arrebatava também o homem deste vale de misérias, isto é, para longe das incomodidades, da pobreza e enfermidade, e com suas asas o sobrevoa gloriosamente das estagnadas águas do Egito (que são os pensamentos ordinários dos mortais) e, fazendo-o desprezar a vida e as riquezas presentes o faz noite e dia meditar em Deus e nos santos, saudar o céu empíreo e meditar e beber das doces águas das fontes da esperança eterna.

A ideia de Flamel (1973), de que a pedra tenha o poder de fazer com que o indivíduo sobrevoe sobre as águas do Egito, encontra um profundo paralelo com o Hino Gnóstico da Pérola, atribuído a *Bardesanes de Edessa*, que viveu por volta do séc.II d.C. Este hino foi trazido em uma edição nacional adaptada por Iara Borges (2024), e ilustrada por Igor Vieira. O conto gnóstico traz a história de um príncipe (símbolo do Espírito Imortal) que foi retirado de suas vestes reais e do reino de seus pais, enviado em uma missão para buscar uma pérola perdida no Egito (símbolo do mundo material). Lá ele enfrenta o esquecimento (de sua Natureza Espiritual), até ser lembrado de sua busca e, enfim, conquistar o artefato, que era protegido por uma serpente – símbolo da Sabedoria Divina, segundo Blavatsky (2020). Ele retorna ao reino de seus pais (símbolo da “Pátria Espiritual” em seu Coração) e recupera suas vestes reais. Esta história narra a Jornada da Centelha Divina no interior do ser humano, representada na busca pela pérola. Esta mesma pérola é o *Lapis Philosophorum* que retira o indivíduo do vale de sofrimentos do mundo material, e o eleva a uma compreensão mais unificada da realidade.

Esta perspectiva arrebatadora ainda se encontra em perfeita sintonia com o objetivo tardio da Alquimia, influenciada pela Tradição Rosacruz, qual seja: a Redenção Cósmica, segundo foi apresentada por Hutin (2010). Essa ideia também é evocada pelo alquimista moderno Fulcanelli (1999/2008): “O artista apenas reproduz, em escala menor, o processo de evolução do cosmos rumo àquilo que os antigos chamavam de reintegração, apokatástasis ou transfiguração” (p. 35).

Tanto Fulcanelli (2008) quanto Flamel (1973) fazem referência implícita ao paralelo *Cristo-Lápis*. Aquele, ao abordar a ideia de “reintegração, apokatástasis ou transfiguração” (p. 35). Este, ao falar sobre as “fontes da esperança eterna” (p. 112). Tais referências se encontram no Novo Testamento da Bíblia Sagrada (2022), personificadas na figura do Cristo Jesus. Ele chega a ser representado, no *Rosarium Philosophorum*, como um símbolo da própria Pedra, conquistada após a *Coniunctio*, na figura de Sua ressurreição (Figura 55).

Figura 55 – Cristo-Lápis



Fonte: Adam McLean, 2021

Será necessário evidenciar, segundo Tamosauskas (2023), que a conquista da Pedra Filosofal não representa o fim. Como na Jornada Heroica apresentada por Campbell (2007), é necessário retornar com o tesouro para compartilhar seus benefícios com a humanidade. Apesar de tudo, a Pedra não pode ser compartilhada por si mesma, visto ser fruto de um trabalho individual intransferível. Ela precisa ser mantida da forma mais segura no laboratório – uma metáfora para o coração do(a) filósofo(a). Ainda assim, seus efeitos podem ser ampliados através de algumas de suas propriedades, manifestadas através da projeção (efeito do “pó de projeção”, retirado da Pedra sem que esta sofra diminuição de seu conteúdo) alquímica. Flamel (1973), por sua vez, fala sobre multiplicação.

Projeção (*Projectio*) ou Multiplicação (*Multiplicatio*) seriam propriedades da Pedra, e metáforas para a capacidade do(a) alquimista funcionar como um catalisador da evolução cósmica através de seu próprio exemplo, enquanto indivíduo regenerado. Um(a) alquimista teria a capacidade de influenciar pessoas para o Bem, e acelerar o processo de reforma íntima, assim como a Reintegração Cósmica. Em sentido físico-químico, essa ideia é personificada na transmutação que a Pedra Filosofal é capaz de realizar, ao entrar em contato com metais menos nobres.

A representação final no *Vas Hermeticum*, segundo a adaptação de Adam McLean (2021) das figuras da série alquímica conhecida como “Coroação da Natureza”, é dada por uma figura celeste portando uma coroa (Figura 56), capaz de resistir ao próprio fogo.

Figura 56 – A Fixação da Pedra Filosofal



Fonte: Adam McLean, 2021

3.5 Intersecção histórica com a psicologia

A tentativa de unir a compreensão psíquica à Alquimia não é recente, nem mesmo se inicia com o fundador da psicologia analítica – muito embora seja possível afirmar que ele foi o maior representante deste movimento, na medida em que iniciou a sistematização do estudo alquímico dentro da Psicologia. Estudos da simbologia da Arte (afastada de seu viés operativo) em analogia com a psique, começam um pouco antes das pesquisas do psiquiatra suíço (Jung, 2012a; Tamosauskas, 2023).

O alquimista contemporâneo Tamosauskas (2023) afirma que a Alquimia atravessou diversas fases históricas, quais sejam: greco-egípcia, chinesa, islâmica, latina, renascentista, iluminista, hermética, psicanalítica, contemporânea e pós-moderna. Essa divisão, embora mais ampliada que aquela realizada por Marie-Louise von Franz (2022), encontra respaldo nos estudos analíticos da autora. Em seu livro *Alquimia*, esta autora realiza a distinção entre os momentos da Tradição (no Ocidente), os quais denominou por Alquimia: Grega, Greco-Arábica e Árábica. Isso reforça a pesquisa ampliada de Tamosauskas. Para este alquimista, é justamente na fase psicanalítica – da qual participou a própria von Franz –, que se inicia a aproximação entre os estudos relativos à psique e a Arte Hermética.

A fase psicanalítica contou com algumas personalidades proeminentes, segundo informado por Tamosauskas (2023):

- a) *Ethan Hitchcock* (1798-1870): oficial militar norteamericano que serviu como general na Guerra Civil, escreveu *Remarks upon Alchemy and the Alchemists*, obra em que defende a compreensão simbólica analógica realizada pelos(as) filósofos(as) da Arte;
- b) *Mary Ann Atwood* (1817-1910): escritora inglesa que revelou diversos assuntos a respeito de Hermetismo, e tinha predileção por tratar da Alquimia Espiritual – como na obra *Suggestive Inquiry into the Hermetic Mystery*;
- c) *Herbert Silberner* (1902-1923): psicanalista que esteve em proximidade com as personalidades eminentes ao redor de Sigmund Freud, e realizou a primeira aproximação entre ilustrações da Alquimia e a compreensão psicológica. Sua obra *Problems of Mysticism and its Symbolism* foi creditada por C.G. Jung por ampliar o estudo da Arte Hermética dentro da psicologia;
- d) *C. G. Jung* (1875-1961): realizou a ampliação dos fatores analógicos entre Alquimia e Psicologia, ao propor que, resumidamente, a Arte auxiliaria na separação de princípios psicológicos, que depois de trabalho interior seriam reunidos na *coniunctio* (conjunção ou “casamento alquímico”);
- e) *Mircea Eliade* (1907-1986): estudioso das ciências da religião, evidenciou o caráter religioso da Arte no oriente, mormente dentro do que se conhece por “transmutação”, com base em textos taoístas e da Índia;
- f) *Alexander von Bernus* (1880-1965): membro da tradição paracelsiana – relativa ao grande alquimista Teofrasto Paracelso –, estreitou a analogia entre a Arte e a alma humana ao escrever diversas obras alquímicas em tom poético;

g) *Marie Louise von Franz* (1915-1998): psicoterapeuta analítica, deu seguimento aos estudos de C.G. Jung na arte Alquímica, em sinergia com a psicologia junguiana. Ainda realizou a análise de um importante manuscrito da Alquimia, denominado *Aurora Consurgens*.

Segundo Tamosauskas (2023), essas são as personalidades que fundamentaram o estudo da Alquimia em analogia com a compreensão psicológica. É mister notar que o autor é alquimista, e as figuras que elege são aquelas que mais se aproximam da própria Alquimia – com exceção de C.G. Jung e Marie-Louise von Franz.

Baseado na cronologia de Tamosauskas (2023), é possível adicionar algumas personalidades posteriores que foram igualmente relevantes ao estreitamento entre a Arte Hermética e a Psicologia, quais sejam:

a) Edward F. Edinger (1922-1998): médico psiquiatra norteamericano e analista junguiano, escreveu obras que marcaram a aproximação entre psicologia e Alquimia, como: *Ego e Arquétipo* (1972/2020), *Anatomia da Psique* (1985/2006) e *O mistério da coniunctio* (1994/2008). Sobretudo em *Anatomia da Psique*, o autor elege 7 operações alquímicas e estabelece paralelos simbólicos com a psicologia analítica.

b) James Hillman (1926-2011): psicólogo norteamericano, famoso por fundar a “escola arquetípica” de psicologia, como parte do movimento pós-junguiano. Escreveu *Psicologia Alquímica* (2011). Baseado em sua compreensão arquetípica, o autor intenta realizar um movimento inverso ao de Jung (que buscou extrair a psicologia da alquimia), na busca por uma psicologia alquímica de base arquetípica – com sua interpretação voltada à imagem de diversos fatores concernentes à Arte.

c) Murray Stein (1943-): analista junguiano norteamericano, ex-presidente da Associação Internacional de Psicologia Analítica (IAAP), escreveu *O mistério da transformação alquímica* (2024), em que aborda escritos de C.G. Jung sobre Alquimia e Individuação.

d) Thom F. Cavalli (1947-): psicólogo junguiano, dedicou seus estudos à contribuição da Alquimia dentro da perspectiva psicológica e científica. Seu trabalho rendeu as obras *Psicologia Alquímica* (2005) e *Embodying Osiris* (2010), o que o torna um autor contemporâneo em evidência na área.

Enfim, é importante citar que, além do desenvolvimento de pesquisas em psicologia na Arte Hermética, ocorreram contribuições paralelas, isto é, não necessariamente associadas à psicologia. Essas contribuições foram fundamentais à ideia de uma “Alquimia Mental”, o que certamente favorece a interpretação psicológica. Os expoentes máximos dessa corrente podem

ser vislumbrados nas pessoas de Três Iniciados (1908/2018), em sua obra *Caibalion*. Os autores não desejaram se identificar (e se denominam “iniciados” na Tradição), mas informam ter realizado a compilação de estudos mais antigos dentro da filosofia hermética. Representam, dessarte, que a tentativa de unir a Alquimia a processos mentalistas tem sido um fenômeno da Era Moderna e Contemporânea.

Todos esses movimentos, representados pelas personalidades supracitadas, reforçam que a união entre a psicologia e a alquimia tem sido um processo de construção. Esta tem sofrido a contribuição de diferentes pessoas ao longo do tempo – tanto na área concernente ao saber *psi*, quanto a uma perspectiva alquímica mentalista –, mas é característico da modernidade (Tamosauskas, 2023).

3.6 Interseção teórica com a psicologia

A Psicologia Analítica de Carl Jung possui uma abordagem de todo singular, ao se aproximar de seu objeto de estudo, a *psique*, como uma realidade fundamental. Compreende como real tudo aquilo que é efetivo e, portanto, questões concernentes ao mundo interior (sonhos, fantasias, devaneios ou “visões”) não são interpretadas como abstrações irrelevantes. Elas dizem respeito a antiquíssimos processos da “alma” (*psique*) humana, tanto individual, quanto coletiva (Jung, 1976/2017a).

Essa ideia muito se assemelha ao estudo da mitologia, como campo da ciência. Nessa matéria, o mito não é visto como uma abstração ou irrealidade, mas representa parte do que se entende por “realidade”. É o que demonstra o mitólogo Joseph Campbell (1988/2019, p. 173):

Não, a **mitologia não é uma mentira**; mitologia é poesia, é algo **metafórico**. Já se disse, e bem, que a **mitologia é a penúltima verdade** – penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. **A mitologia lança a mente para além** dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido mas não contado. Por isso, é a **penúltima verdade** (grifo nosso).

A essas compreensões teóricas Jung (2013a, 2017a, 1971/2020) se alinha, ao conferir uma importância real a qualquer manifestação – ou seria “revelação”, a palavra correta? – pictórica de um indivíduo em dado recorte histórico. Certamente, trabalhos literários/artísticos que marcaram a historiografia de uma época e/ou região, portam significados psicológicos diversos. Eles dão vislumbres da matriz inconsciente de um povo ou cultura.

Ademais, as expressões artísticas e literárias podem portar um caráter de imagem arquetípica. A Psicologia Analítica postula que os arquétipos são conceitos que “escapam” aos limites da materialidade e da compreensão psíquica. Arquétipo (da raiz grega *arché* = substância antiga/fundamental e; *typos* = forma) pode significar “forma fundamental” ou “padrão antigo”. Ele representa um fator imaterial que se repete através da história em situações, comportamentos, sentimentos, culturas, mitologias e imagens. Incapaz de ser “tocado”, é um fundamento de dada expressão da realidade – como seria o *Self*, arquétipo da Totalidade. Entretanto, quando se manifesta através do espaço-tempo, sob alguma aparência, o faz utilizando-se de Imagens Arquetípicas. Um exemplo vivaz é o arquétipo do *Self*, representado em *mandalas* ou “círculos mágicos”, em diversos sistemas culturais e religiosos (Jung, 2017a).

A relação entre expressões da literatura, como Imagens Arquetípicas, e a *psique*, teve uma importância fundamental para a Psicologia Analítica. A obra de Nise da Silveira (1981/2015), médica psiquiatra brasileira, foi um grande exemplo dessa relação entre manifestações artísticas e psicologia. O trabalho de Nise foi pioneiro, não apenas no campo da saúde mental – ao humanizar o cuidado especializado junto a pacientes acometidos de psicose –, mas também na compreensão da dinâmica dos processos inconscientes, e sua relação com a significação manifesta através de pintura, escrita e modelagem.

Jung (2020) aponta essa relação ao escrever *O Espírito na Arte e na Ciência*. Mais do que apenas evidenciar um fato circunscrito aos meios eruditos das ciências em geral, ele demonstra – tal como Silveira (2015) – o quanto um ser humano pode se tornar “canal” de conteúdos do Inconsciente Pessoal e Coletivo. Esse motivo justifica que essas expressões se reportem à totalidade do Si-Mesmo (*Self*) e, enfim, ao processo de Individuação, que leva o sujeito a se aproximar da personalidade total.

Essa concepção analítica fica evidenciada no seguinte escrito:

[...] é lícito supor que os nossos **trabalhos pictóricos** provenham principalmente de regiões da psique, que designei como **inconsciente coletivo**. Entendo por esta expressão um funcionamento psíquico inconsciente, genérico, humano, que está na **origem** não só das nossas **representações simbólicas modernas**, mas também de **todos os produtos análogos do passado da humanidade** (Jung, 2013, p. 63, para. 111, grifo nosso).

A Alquimia, em geral, encontra-se dentro dessas categorias de expressões literárias e artísticas que marcaram períodos históricos. Por ser uma arte que esteve presente no estudo e/ou

imaginação tanto entre eruditos(as), quanto entre o laicato, ela tem uma significação de direta correlação com processos psicológicos (Hutin, 2010; Jung, 2011a; 2012a).

Isso leva Jung (2011a, 2012a), Marie-Louise von Franz (2022) e autores(as) posteriores da Psicologia Analítica – como o próprio Edinger (2006) a abordarem a riqueza simbólica e teórica da Tradição Hermética. Essa Arte, muito presente sobretudo no Medievo Ocidental – embora Hutin (2010) demonstre que ela representa um fenômeno semelhante no Oriente –, chega a fundamentar muito da compreensão Junguiana. Por esse motivo e recorte histórico, sua simbologia expressa em um recorte-limite as imagens arquetípicas. A Psicologia Analítica justifica a possibilidade de aproximar-se do entendimento do Inconsciente por meio das representações alquímicas, que prefiguram Imagens Arquetípicas, como se referiu Penna (2013), acerca da ponte epistemológica representada no símbolo.

Jung (2012a, 2012b, 2012c, 2012d) inaugura a extração da “psicologia da alquimia” em obras como: *Psicologia e Alquimia*, *Estudos Alquímicos* e *Mysterium Coniunctionis* – presentes nas *Obras Completas*. De forma nenhuma isso depõe contra o fundador da Psicologia Analítica e sua abordagem. Penna (2005) informa que Jung utilizou do método empírico em seus estudos. O método junguiano, portanto, participa da vanguarda da ciência pós-moderna, ao inaugurar o movimento da pesquisa qualitativa através da filosofia da ciência.

O que o fundador da Psicologia Analítica fez foi aplicar o empirismo enquanto método de observação da psique e dos fenômenos relativos a ela. Através dos diversos estudos acerca de mitologia, gnosticismo, hermetismo, alquimia e sobre o repositório multicultural mundial, o psiquiatra suíço foi capaz de vislumbrar padrões que estavam no “campo da alma” (Penna, 2005; Shamdasani, 2014; Kingsley, 2021).

É o que o próprio Jung (1961/1981, p.108) demonstra, ao afirmar que: “O problema que ocupava o primeiro plano de meu interesse e de minhas pesquisas era [...] o que se passa no espírito do doente mental”. Este “olhar empírico” associativo do autor encontra-se em perfeita concordância com a analogia alquímica mencionada por Papus (2021), enquanto processo que une as metodologias indutiva e dedutiva, tão caras à filosofia da ciência.

A Alquimia, sem dúvida, norteia parte da Psicologia Analítica como método terapêutico e via de autoconhecimento. Um dos grandes méritos de Jung (2011a, 2012a) está em transladar o indumentário laboratorial (vaso, enxofre, mercúrio, *prima matéria*), enquanto analogias, para o *setting* da clínica, assim como para a compreensão psíquica do sujeito.

Em suas pesquisas, Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d) chega a captar diversos conceitos esparsos da Arte Hermética para fundamentar fenômenos relativos à psique. Isso pode ser vislumbrado na extensa análise de sonhos, realizada ao longo da obra *Psicologia e Alquimia*.

Através dos relatos de uma pessoa anônima, sem conhecimentos alquímicos, Jung (2012a) evidencia as imagens arquetípicas da Tradição, ecoadas numa série onírica. Isso valida, para o autor, o estudo que empreendeu acerca das “Ciências Ocultas”, como informou Shamdasani (2014) acerca da biografia do psiquiatra suíço.

Conforme demonstra o historiador e filósofo francês Sarane Alexandrian (1983/2025, p. 13), as “Ciências Ocultas” ou “Filosofia Oculta” têm sua importância historiográfica e até psicológica, pois:

[...] a **filosofia oculta** é **necessária** para a **constituição** do **espírito humano**, que comporta inevitavelmente o ***pensamento mágico*** e o ***pensamento pragmático***. O **pensamento mágico** é inerente ao **inconsciente**, o **pensamento pragmático** resulta do **consciente**. A **filosofia oculta** pertence a **todos os tempos** porque ela **sistematiza o pensamento mágico** que cada um leva em si, quer o aceite ou o negue, quer o cultive ou o reprima. Esse **pensamento mágico** aparece sem entraves na **fabulação infantil**, no **sonho** e na **neurose**. Todo homem já foi criança, todo homem sonha à noite, todo homem pode atravessar uma neurose de angústia relativa a um traumatismo moral; todo homem é, portanto, **suscetível**, em **qualquer momento da vida**, a assistir a emergência em si de **paradigmas da magia ancestral** (Alexandrian, 2025, p. 13, grifo nosso).

Segundo Greene (2024, p. 283-284), Jung teria utilizado de algumas correntes concernentes a esses estudos da Filosofia Oculta, em sua própria análise psicológica íntima:

[...] **Jung** nunca deixou de almejar uma **compreensão aplicável mais universal** do que ele vivenciava. Essa compreensão, enraizada tanto na **astrologia** e em sua “irmã mais velha”, a **alquimia**, quanto nos **modelos psiquiátricos** em desenvolvimento à época, constituiu a **base** para o escopo de sua obra, hoje conhecida como **psicologia analítica** (grifo nosso).

Por esses motivos, não tardou para que a Alquimia se tornasse uma fonte inesgotável de sabedoria e acesso à conteúdos arquetípicos, para a psicologia analítica em desenvolvimento. As 4 “fases alquímicas” – *nigredo*, *albedo*, *citrinitas* e *rubedo* –, que tanto alquimista quanto substância sofrem em laboratório, representam características análogas à própria prática clínica, em suas quatro fases. São elas: confissão, esclarecimento/elucidação, educação e transformação (Jung, 2012a, 2013a).

Barcellos (2011, p. 8-9), oferece um exemplo do caráter psicológico das fases alquímicas, em seu aspecto cromático simbólico (Figura 57):

A alquimia **pensa por meio de imagens**, mas **imagina em termos de cores**. Ou seja, por meio de **processos de coloração da alma**, com os quais ela

própria é tingida e com os quais ela tinge o mundo e suas experiências. **Tingimento** na alquimia significa **mudança de estado**; indica **transmutação**. As cores na alquimia revelam **processos na alma**: do preto da decomposição (*nigredo*) ao branco da clara reflexão (*albedo*), passando pelas transições de azul e amarelo, para atingir aquele vermelho próprio da matéria almada e das condições pulsantes e vitais da existência (*rubedo*) – a pedra filosofal (grifo nosso).

Figura 57 – Quatro Fases Alquímicas no Peitoral do Guerreiro



Fonte: Adam McLean, 2021

É mister evidenciar, entretanto, que as colorações da Arte se referem a processos naturais de transformação que envolvem, em relação à *nigredo*, *albedo*, *citrinitas* e *rubedo*, respectivamente: decomposição / fertilidade da terra, luminosidade, aquecimento e vitalidade. De nenhum modo o aspecto cromático simbólico da Alquimia deve ser conectado a aspectos raciais, ou utilizada de modo a perpetuar o racismo estrutural. A nomenclatura das quatro fases se refere tão somente a: (1) elementos da natureza terrestre; (2) processos químicos; (3) qualidade (ausência ou presença) de luminosidade (Barcellos, 2011; Hillman, 2011; Tamosauskas, 2023).

A *nigredo*, por exemplo, evoca a imagem da escuridão de uma caverna, de uma noite de lua nova, ou do *sol niger* – símbolo do sol-herói/heroína mítico(a) “engolido(a)” pela lua-dragão no eclipse, de modo a refletir a confusão trevosa e o caos indiferenciado desta etapa. Também pode se referir à terra escura, repleta de decomposição, mas também extremamente fértil. A *albedo* se refere à purificação de tecidos pelo alvejamento, ou – mais propriamente –

à natureza da luz que ilumina as trevas indiferenciadas, oferecendo alento, consolação e visão. A *citrinitas* representa a luz amarela do sol ou o aquecimento propiciado pelo calor. A *rubedo*, enfim, se conecta ao sangue (símbolo de vitalidade), e à transformação proporcionada pela imagem simbólica da Fênix – ave mítica que, em autocombustão, renasce das cinzas. Qualquer tipo de conexão do aspecto cromático alquímico que vise a estigmatização étnico-racial deve ser descartado, em absoluto, pois estigmas acerca de etnia, identidade de gênero, orientação sexual, sexo, nacionalidade, religião, ou quaisquer expressões identitárias, não coadunam com a expansão de consciência que é visada pela Arte Hermética (Campbell, 2007; Barcellos, 2011; Hillman, 2011; Tamosauskas, 2023).

Com base no simbolismo hermético, não era, portanto, sem razão que Jung (2012a, 2013a) percebeu que a Alquimia poderia aludir aos fenômenos clínicos, como sonhos e o processo de transformação da personalidade, proporcionados pela psicoterapia. Hillman (2011) atesta a relevância das pesquisas em Alquimia realizadas por Jung, em três ângulos principais: (1) enquanto um substrato/fundamento da própria psicologia analítica em construção; (2) na demonstração do caráter arquetípico dos temas alquímicos – muito úteis à fenomenologia clínica, sobretudo em sua dimensão onírica; (3) no caráter terapêutico da própria linguagem alquímica. Estes três ângulos contribuem à própria compreensão do processo de individuação, e podem servir como vias de acesso do sujeito à dimensão da alma.

Baseados nessa aproximação entre Psicologia e Alquimia, tanto Hillman (2011) quanto Cavalli (2005) puderam refletir acerca da possibilidade de uma “psicologia alquímica”. Sob influência da psicologia analítica de C.G. Jung, tais autores estabeleceram um estudo pormenorizado acerca dos fatores alquímicos, em analogia com fenômenos psicológicos.

Cavalli (2005) encontra-se em incrível sinergia com as correspondências e analogias alquímicas, à semelhança da *Kabbalah Hermética* de Martinelli & Del Debbio (2016), ao associar elementos fundamentais da natureza às funções psicológicas. Segundo o autor, “cada elemento tem sua contrapartida psicológica: a água se relaciona aos sentimentos, o ar aos pensamentos e a terra aos sentidos” (p.18).

Para Cavalli (2005), 6 características essenciais à Alquimia possuem analogia com a psicologia. A primeira é representada pela ideia de *animismo*: a crença alquímica de que tudo vive e possui uma Consciência – que, em verdade, é unificada na ideia de Deus/*Anima Mundi* (Alma do Mundo), Ser Uno que se encontra em toda a criação, de modo pervasivo. Isso representa, portanto, o fator arquetípico que fundamenta a experiência humana fenomênica. Em termos neurais, estaria associado à própria vivência transcendente – o fator numinoso referenciado por Jung (2019) – identificada no encéfalo mediante pesquisas de neuroimagem.

O segundo fator alquímico essencial é o conceito de *unidade*: visto que toda a humanidade participa da *Anima Mundi*, há uma relação e interdependência de todas as coisas, e tudo está conectado de algum modo a uma experiência total. O terceiro fator que representa a *transcendência* do conceito de espaço-tempo, atesta que essa unidade é experienciada em termos psíquicos através de sincronicidades, as coincidências de cunho psicológico significativo (mas de nexos acausais – tanto temporal, quanto espacialmente), que conectam situações e eventos díspares em um todo harmônico (Cavalli, 2005).

O quarto fator é a *transformação*: a ideia alquímica de que toda a matéria se transforma em nível progressivo/evolutivo – sobretudo quando trabalhada no laboratório –, o que indica e reforça a ocorrência da individuação como ampliação da consciência. O fator quinto, a *facilitação*, indica que o trabalho do sujeito sobre sua própria psique pode resultar em um benefício à Natureza. Embora o processo de Individuação seja um *opus contra natura* (obra contra a natureza), ela não representa um rompimento com esta estância coletiva, mas a beneficia em ato permanente (ecoando o trabalho da própria *Anima Mundi* ou Deus, na sempiterna criação do Mundo), de modo a “comprar” sua identidade e independência. O último fator representa a *criação de uma nova vida*. A culminação do processo alquímico é a multiplicação dos dons individuais na vida coletiva, o que figura um ato criador permanente – em continuidade com o fator da facilitação. Em termos psicológicos, isso reforça a individuação como um processo que apenas favorece a Natureza e se encontra dentro dela (Cavalli, 2005; Jung, 2012a; Tamosauskas, 2023).

A obra de Hillman (2011) está em sinergia com o trabalho de Cavalli (2005), na medida em que traduz as metáforas alquímicas como partes do processo psicológico interior, no encontro com a alma. Barcellos (2011), reforça isso, ao afirmar que “É impossível compreender a alquimia psicologicamente sem essa entrada na metáfora [...]” (p. 10). E foi exatamente uma “entrada na metáfora” o recurso que Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d) e Edinger (2006) utilizaram, ao adentrar no simbolismo das fases/operações alquímicas e suas imagens, quando comparadas a fenômenos relativos às vias para o inconsciente.

Nessa esteira que Edinger (2006) herdou, em instância teórica, os “detalhes” da pesquisa de Jung (2012a) a respeito do sentido representado pelas operações da Alquimia Clássica, em contexto clínico. Embora Jung informe a existência de 12 operações alquímicas, Edinger (2006) elegeu 7: as que seriam mais representativas de processos relevantes à clínica analítica.

Edinger (2006) informa dessas operações na seguinte ordem: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*. Segundo o autor, cada uma delas

corresponde a recortes de fenômenos da clínica analítica, e possuem um conjunto de representações analógicas à própria psicologia.

Antes das próprias operações, tudo se inicia com a *prima materia*. Para os(as) alquimistas, era um material pútrido, rejeitado e aparentemente sem valor, que poderia ser purificado através das operações. Ela representa o conteúdo inconsciente ou psíquico a ser trabalhado na terapia. Essa *prima materia* é, primeiramente, submetida à *calcinatio* (calcinação – operação do fogo): deve lidar com o “fogo” da libido (energia psíquica), o que faz o(a) cliente aprender a lidar com o controle das paixões e a frustração dos desejos. Tudo ocorre sob orientação do(a) terapeuta, que conduz todo o processo, até a última operação (Edinger, 2006).

Depois, a *solutio* (dissolução – operação da água) surge com o *Alkahest* – o “solvente universal” da Arte. Esta operação é símbolo da descida do indivíduo até as águas do inconsciente, onde diversos conteúdos psíquicos podem sofrer uma dissolução via *Alkahest*, mas também uma reaproximação do fator anímico – considerado cindido da experiência unilateral do ser humano moderno. Após a dissolução de conteúdos inconscientes imaturos/projetados, é necessário haver a *coagulatio* (coagulação – operação da terra), isto é, tomar os conteúdos “aquosos” (abstratos) da psique, e materializá-los: ligar o Ego (mais “terrestre”) ao Si-Mesmo (contatado, em partes, no Inconsciente das “águas” da *solutio*). Enfim, a *coagulatio* envolve tornar ideias em práticas, e assumir a responsabilidade da própria vida (Edinger, 2006).

Segue a *sublimatio* (sublimação – operação do ar): tomar um ponto de vista ampliado (sublimado ou mais alto) sobre os processos psicológicos e as dificuldades da vida, ampliando a maturidade e a consciência. A *mortificatio* (mortificação) vêm a seguir, de modo a “matar” conteúdos relativos a um comportamento egóico anterior. A *separatio* (separação) é quase concomitante, pois representa o “corte”, rompimento, separação, ou mesmo distinção dos conteúdos psíquicos do(a) sujeito, e dos seres e objetos à sua volta, antes vivenciados em uma certa *participation mystique* (participação mística) inconsciente. Finalmente, havendo os conteúdos distintos da maneira correta, eles são reunificados através da *coniunctio* (conjunção), que reúne os opostos de maneira harmônica, equilibrada – o que favorece a função transcendente e o próprio processo de individuação (Edinger, 2006).

O conjunto das operações podem ser simbolizadas por escadas que aproximam o ser humano da totalidade. De fato, elas chegaram a ser representadas na arte alquímica na famigerada “Montanha dos Adeptos” (Figura 58), isto é: o sujeito que se encontra inicialmente vendado e perdido, como que em situação inconsciente, e busca ser “iniciado” como um “adepto” da Alquimia, de modo a vivenciar as operações através da individuação. Viver estes

processos fará com que o adepto alcance o templo sobre a montanha, acima do qual se encontra uma fênix, isto é, o símbolo do centro ordenador da totalidade psíquica, o Si-Mesmo (Edinger, 2006).

Figura 58 – A Montanha dos Adeptos



Fonte: Adam McLean, 2021

4. OS FUNDAMENTOS ALQUÍMICOS JUNG

O presente capítulo evidencia os fundamentos herméticos-alquímicos da teoria analítica, em um recorte da biografia do fundador da Psicologia Analítica, que intuiu a Alquimia como uma protopsicologia.

4.1 O espírito das profundezas

Em *Psicologia e Alquimia*, Jung (2012a, para. 6) informa:

“Ars totum requirit hominem!” (a Arte requer o homem inteiro!), exclama um **velho alquimista**. [...]. No entanto, o caminho correto que leva à **totalidade** é infelizmente feito de **desvios e extravios** do destino. Trata-se da “longíssima via”, que não é uma reta, mas uma linha que **serpenteia, unindo os opostos** à maneira do **caduceu**, senda cujos meandros labirínticos não nos poupam do terror (grifo nosso).

Ora, se Jung (2012a) atesta que a Arte requer o ser humano por completo, certamente que ele não iria prescindir desse mesmo conselho na elaboração de sua abordagem psicológica. Sua biografia revela o confronto com realidades psíquicas paradoxais e contrastantes, à figura do próprio caduceu de Hermes, que representa a evolução humana (biológica e espiritual) através dos opostos ascendentes (Figura 59). Assim elucidou Blavatsky (2020), sobre seu simbolismo serpentino.

Figura 59 – Mercúrio segurando o Caduceu



Fonte: Adam McLean, 2021

As experiências do fundador da psicologia analítica com os fenômenos relativos à alquimia são expressivas, e fundamentam parte de sua abordagem. Shamdasani (2020) informa que, entre os anos de 1913 e 1932, Jung mapeou uma série de transformações interiores no conjunto que ficou conhecido como *Livros Negros*, assim como no *Liber Novus* (“Livro Vermelho”), derivado daqueles. À semelhança de Dante Alighieri em sua *katábasis* (“jornada de descida ao submundo”), Jung empreendeu uma jornada interior de confronto com o inconsciente, o “Espírito das Profundezas”. Os *Livros Negros* representam o conteúdo desses mergulhos psíquicos, repletos de imaginações, visões e sonhos.

Em um desses confrontos imagéticos, Jung (2020) se vê em um diálogo interior com a figura mística do mago Filêmon. Ele pede ao mago que lhe explique sobre a “arte negra”, como fica evidenciado na passagem:

[...]. Recentemente ouvi algo sobre **magia**, isso despertou meu interesse por esta **arte esquecida**. Então te procurei imediatamente, pois ouvi dizer que eras entendido em **arte negra**. Se, hoje em dia, a **magia** ainda fosse ensinada nas universidades, eu a teria estudado lá. Mas já faz muito tempo que a última escola de forças mágicas foi fechada. Hoje em dia não existe mais nenhum professor que saiba algo sobre **magia**. Então, não sejas sensível e avaro, mas **conta-me um pouco sobre tua arte** (Jung, 2020, p.231, v.4, grifo nosso).

Conforme explicado em capítulos antecedentes, a “arte negra” ou “magia negra”, – embora tenha o termo usado, na contemporaneidade, de forma pejorativa –, explicita em sentido amplo a origem esotérica das ciências herméticas (magia, astrologia e alquimia). Esta seria *Khemet*, a “Terra Negra” do Egito (Tamosauskas, 2021).

Essas experiências interiores com a “arte negra” de Filêmon, demonstram o profundo contato de Jung com as ciências herméticas de origem Kemética – de onde se origina a Alquimia –, seja de modo consciente ou inconsciente. Estas mesmas ciências, tanto quanto a busca da Alma empreendida por Jung – ressalta Shamdasani (2014) –, exigem um *sacrificium intellectus*. Seria preciso, para entrar em contato com a realidade da Alma, “crucificar a razão” e permitir a fluidez de um saber intuitivo, que não envolve as vias de apercepção conscientes da cognição humana.

Nas imagens interiores relatadas nos *Livros Negros*, este sacrifício é proposto pelo personagem do mago Filêmon a Jung (2020, p. 233, v. 4) como algo imprescindível à ciência da magia (hermética): “A magia é justamente aquilo que não se compreende. [...] É

precondição imprescindível para o adepto desaprender totalmente a razão. [...]. Se renunciar mais cedo à sua razão [...] poderá aprender algo.”

Outra passagem dos *Livros Negros* evidencia ainda mais a conexão intuitiva de Jung com a Tradição Hermética de origem Kemética. É a elucidação da personagem “Alma” à turbulência interna de Jung (2020, p. 215, v. 7): “Estás cercado pelos véus da Grande Mãe, mistério te cerca. Devo revelá-lo? Suportarás a luz? Luz que não é conhecimento, mas – fato.”

Este “véu” da Grande Mãe, tanto quanto seus “mistérios que são fato” (e não mero conhecimento), são uma referência indubitável à deusa (*Neter* – Força Cósmica ou Natural) kemética Ísis (Figura 60). Ela personifica a própria Natureza (a Realidade – o *phainomenon*, fato por excelência), cujos mistérios mais profundos são insondáveis e, como retratados pela personagem Alma, de Jung (2020), cobertos por um véu simbólico. No portal do antigo templo de Sais, no Egito, era possível ver a inscrição acerca D’Ela: “Sou tudo que foi, é e será, e nenhum mortal jamais retirou o véu que oculta minha divindade aos olhos humanos” (Jung, 2020; Blavatsky, 2020).

Figura 60 – Ísis Desvelada na Iniciação Isíaca



Fonte: Henry Fuseli, 1803

Esse mesmo véu foi intuído na *katábasis* de Jung (2020), ao longo da produção dos *Livros Negros*, referido como “véus da Grande Mãe”. O desvelamento dessa Realidade da Alma

representa o contato aprofundado com o Espírito das Profundezas, em processos de Imaginação Ativa.

Essas visões interiores de Jung (2020) encontram paralelo nas produções da alquimia hermética, como demonstra Shamdasani (2014, p. 170):

Na opinião de Jung, **os alquimistas viam realmente as coisas em seus experimentos** – não apenas processos químicos, mas a **projeção de conteúdos simbólicos inconscientes**. Em outras palavras, eles estiveram empenhados em algo semelhante àquilo que ele chamava de processos de **imaginação ativa**. Além disso, os **símbolos** descreviam o **processo de individuação** (grifo nosso).

A aproximação de Jung da Alquimia e das Ciências Herméticas foi favorecida pela personalidade de Théodore Flournoy. Flournoy foi médico e professor de filosofia e psicologia da Universidade de Genebra. Ele acreditava que a psicologia deveria se engajar no estudo de todas as disciplinas humanas, inclusive aquelas que estavam fora do escopo das ciências cartesianas. Por esse motivo, ele se imbuíu no estudo das Ciências Ocultas (hermetismo, astrologia, cabala, alquimia e magia), que acreditava ser a fonte de todo o conhecimento científico (Shamdasani, 2014).

Após o marcante rompimento com Sigmund Freud, Carl Jung encontrou na personalidade de Flournoy um apoio e um contrapeso à personalidade do fundador da psicanálise. Com Flournoy, Jung poderia abordar os mais diversos temas que lhe ocupavam a mente, e seus interesses se encontravam em sinergia com os desenvolvidos por este professor de Genebra (Shamdasani, 2014).

Deste momento em diante, o contato do fundador da psicologia analítica com a Alquimia e a Tradição Hermética se aprofundou. Shamdasani (2014) afirma que, após a escrita de *O Segredo da Flor de Ouro*, Jung teria incumbido um livreiro muniense a se compenetrar do vislumbre de eventuais textos da Arte Real. Foi quando recebeu uma edição fac-similar de *Auriferae Volumina Duo* – texto alquímico que apresenta a famigerada *Turba Philosophorum* (“Assembléia dos Filósofos”) –, que lhe inspirou a juntar uma vasta biblioteca sobre o tema.

Segundo Shamdasani (2014), foi com a leitura do *Rosarium Philosophorum* (“Rosário dos Filósofos”) – outro famoso texto da Arte – que Jung foi capaz de reconhecer termos recorrentes da Tradição. Em seu *Index omnium rerum alchymicarum* (“lista de todas as coisas alquímicas”), ele teria anotado um conjunto de sentenças da Alquimia, que auxiliariam seu trabalho de decifragem da Arte Filosofal. Alguns resultados desta decodificação se encontram em *Estudos Alquímicos* (2011a) e *Psicologia e Alquimia* (2012a).

Em sua obra *Paracelsica*, Jung (1942) expõe um valioso estudo alquímico acerca do famigerado médico-alquimista da renascença, *Theofrasto Paracelso*, em honra ao seu quatrocentésimo aniversário. A obra deste filósofo se encontrava em coadunância com o espírito pansófico, capaz de sintetizar diversas disciplinas do conhecimento (medicina, magia, alquimia, teologia) – à maneira da visão integradora que Jung buscava em seu tempo (Shamdasani, 2014).

Jung (2011a, para. 237) escreveu:

Há muito tempo eu tinha a consciência de que a **alquimia** não era apenas a **mãe da química**, mas também a **precursora da atual psicologia do inconsciente**. Assim sendo, vemos **Paracelso** como um **pioneiro não só da medicina química, mas também da psicologia empírica e da psicologia médica** (grifo nosso).

Este mergulho nas ciências herméticas da alquimia representou o início de um período de 15 anos, em que Jung (2020) precisou decodificar as revelações de imagens interiores do *Liber Novus*. Esse período foi coroado com a tradução de compreensões reveladoras do Espírito das Profundezas para as ciências humanas. A Alquimia, neste tempo, ainda representou a ponte que Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012d, 2012c) iria utilizar para unir a remota tradição dos gnósticos, à modernidade da psicologia profunda (Shamdasani, 2014).

Tal conexão de Jung com a própria Alquimia se encontra bem radicada no Hermetismo, a antiga Tradição-Filosofia Greco-Romana de Alexandria, que fundamenta a Arte Filosofal. Junto do neoplatonismo e do gnosticismo, o hermetismo se encontra, segundo Hanegraaff *et al.* (2006), como parte de um grande movimento denominado *Helenismo*, de tal modo que estas três tradições se retroalimentavam em termos teóricos e, posteriormente, produziram a base filosófica da Alquimia.

Nas obras do fundador da Psicologia Analítica, essa conexão com os fundamentos filosóficos da Alquimia – o Hermetismo Helênico –, pode ser rastreada mediante o conhecimento de certas “chaves de interpretação” das *Obras Completas*, com base no *Corpus Hermeticum*, a obra central da Tradição Hermética Antiga.

4.2 A influência hermética de Jung

Segundo Edinger (2006), Jung reconheceu que sua psicologia analítica apresentava uma relação profunda e singular com a Alquimia. Ele teria sentido ressonância com as experiências de antigos(as) alquimistas, já que a obra alquímica também refletia, de algum modo, suas

próprias vivências. Essa descoberta foi fundamental, pois o fundador da psicologia profunda identificou na Arte Hermética um reflexo histórico complementar de sua teoria acerca do inconsciente. Ele ainda observou que havia uma continuidade intelectual entre a Alquimia e o Gnosticismo. Junto de seu material empírico, estes estudos lhe forneceram um aporte histórico simbólico sólido para sua teoria analítica emergente.

Que a Alquimia figura como uma protopsicologia, devido aos inúmeros exemplos do psiquiatra suíço em *Estudos Alquímicos* (2011a) e *Psicologia e Alquimia* (2012a), é um fato. Nas duas obras, o autor expõe a imagética alquímica, tanto quanto as operações laboratoriais dos(as) filósofos(as) da Arte, que figuram como a projeção de conteúdos inconscientes, trabalhados no exterior do(a) operador(a). Entretanto, identificar as raízes da Tradição Hermética na obra junguiana pode se apresentar um trabalho um tanto mais complexo, a não ser que seja possível se atentar às chaves hermenêuticas que decodificam o legado do autor, em conexão com a filosofia de *Hermes Trimegistos* e o pensamento helênico.

A psicóloga estadunidense Liz Greene (2023, 2024) sustenta que Jung, no mínimo, tinha noção das correlações entre os arquétipos planetários identificados em seu mapa astrológico, assim como dos deuses destes astros. Ele teria reunido um conjunto de livros de magia e teurgia antigos, mormente de neoplatônicos, como Jâmblico (2024) – que teria vivido por volta do séc. III d.C. Franz (1979/2022) informa que Jung: “[...] possuía a maior coleção de livros de alquimia de todo o mundo, pois na época em que ele começou a se interessar pelo assunto ainda se podia comprar tratados maravilhosos” (p. 30).

Alguns dos grimórios de Jung ensinavam um conjunto de técnicas capazes de elevar a Consciência para que o indivíduo vencesse as “esferas planetárias” relativas à *Heimarmene*. Este é um conceito hermético expresso no *Corpus Hermeticum Graecum*, atribuído a *Hermes Trimegistos* (2023, para. 9) da seguinte forma:

Porém o **Nous Deus**, sendo macho-fêmea, sendo vida e luz, gestou com uma palavra outro **Nous Demiurgo**, que, sendo Deus do fogo e do ar, criou uns **sete regentes**, os quais **envolvem o mundo sensível em ciclos**, e cuja **regência** é chamada **heimarmene** (grifo nosso).

Em outras palavras, a cosmologia hermética ensina que a Intuição Divina de Deus (chamada *Poimandres* pelos hermetistas) produziu um Divino Artífice (*Demiurgo*) para administrar 7 regentes planetários, personificados nos 7 planetas conhecidos pelo mundo antigo: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Estes regentes também figuram esferas concêntricas por onde a Alma, em um processo de *katábasis* (descida), avançaria até

sua encarnação na Terra. Em terra, a Alma encarnada deve empreender um esforço de *anábasis* (ascensão), até superar a última esfera, Saturno, para retornar ao *Aion* (a Eternidade, fora do tempo). Este esforço pode ser realizado pela prática de Teurgia (“obra divina”), um conjunto de rituais envolvendo noções astrológicas para elevar a Consciência. Outro modo seria através do ganho de consciência ao longo da vida, através da prática conhecida como *eusebeia* (piedade), isto é, disposição interna e comportamento correto. Em todo caso, a *anábasis* envolve alteração da disposição psíquica e expansão consciencial (Ferreira, 2019a, 2019b, 2022; Trimegistos, 2023; Lira, 2023; Greene, 2023; Jâmblico, 2024).

Enquanto está na Terra, a vida humana – como a existência de todos os seres dentro das esferas – é regida por um “fado” ou “compulsão das estrelas”, conhecida como *Heimarmene*. Ela “compele” o destino dos seres, e é representada por estes sete planetas (Figura 61) – e suas esferas – conhecidos da astronomia ptolomaica (Ferreira, 2019a, 2019b, 2022; Trimegistos, 2023; Lira, 2023; Greene, 2023; Jâmblico, 2024).

Figura 61 - *Heimarmene*
Schema huius præmissæ diuisionis Sphærarum.



Fonte: Petrus Apianus; Gemma Frisius, 1539

Jung (1981/2017b, para. 80) compara a *katábasis* à jornada heroica (o processo de individuação) e à regressão da *libido* (energia psíquica), em seu movimento de introversão psíquica:

Outra variação desse mito do herói e do dragão é a *katábasis*, a **descida ao abismo** [...]. Expressa o **mecanismo da introversão da mente consciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente**. Desse nível derivam **conteúdos de caráter mitológico** ou impessoal, em outras palavras, os **arquétipos** que denominei *inconsciente coletivo* ou *impessoal* (grifo nosso).

Se para Jung (2017b) a *katábasis* é uma metáfora para a regressão da *libido*, e o direcionamento às regiões mais profundas do inconsciente, será natural deduzir que a *anábasis* representaria o oposto, isto é, a ascensão (progressão) da energia psíquica destas camadas interiores, em direção à vida exterior. Este movimento representa o “retorno” da energia psíquica, enriquecida pelo contato com as profundezas interiores.

Acerca da *Heimarmene* ou “Compulsão das Estrelas”, Jung (2012b, para. 293) também faz outra referência a ela ao abordar os arcontes e o “destino” da alma humana:

São os **arcontes**, os **sete anciãos antigos**, que **imprimem na alma o destino**. [...] as almas, em sua descida para o nascimento, passam por certos **círculos**, onde são aprisionadas por más potências, e, conforme a vontade do vencedor, são forçadas a entrar em diferentes corpos e além disso lhes é “imposto um documento”, no qual se supõe estarem **gravadas as influências das diversas esferas dos planetas** (grifo nosso).

A ideia de *Heimarmene* se apresenta uma notável influência à compreensão alquímica medieval analógica do Universo – representada pela *Estrela Setenária*. Neste sentido, cada um dos regentes planetários possuiria, segundo uma simpatia ou semelhança sutil, um correspondente com: planeta, mineral, cor, temperamento, signo, criatura do reino animal ou aspectos do mundo natural. Assim, as próprias esferas planetárias prefiguram modelos arquetípicos (em sentido Hermético-Helênico) que permitem a construção da realidade, onde todas as coisas são conectadas e governadas pela compulsão das estrelas. Isto também se aplica às disposições psicológicas: raiva, melancolia, jovialidade, sabedoria, entre outras características da personalidade, estariam cada qual associadas a uma regência planetária, compelidas por umas dessas 7 imagens simbólicas primordiais (Figura 62), também apresentadas pela Alquimia – na imagem da *Estrela Setenária* e dos metais. A *Heimarmene*, nesse sentido, indica o governo ou administração do *Nous Demiurgo* sobre o Cosmos, por meio de sete regentes. Suas influências cobrem desde o macrocosmo (o movimento das estrelas, planetas e esferas concêntricas do Universo) até o microcosmo (temperamentos humanos, elementos naturais e tudo que envolva a disciplina da astrologia aplicada) (Martinelli; Del Debbio, 2016; Ferreira, 2019a, 2019b, 2022; Trimegistos, 2023; Greene, 2023).

Figura 62 – A *Heimarmene* Alquímica

Fonte: Adam McLean, 2021

Ao realizar a análise de uma série de sonhos de um indivíduo não identificado, na obra *Psicologia e Alquimia* (O.C. 12), o fundador da Psicologia Analítica demonstra ter domínio dos aspectos astrológicos simbólicos relativos a estes regentes. No sonho 14 (Jung, 2012a, para. 86) é relatado que o cliente havia tido uma experiência onírica em que se encontrava na América, “procurando um empregado de cavanhaque” (para. 86), pois é dito que “todas as pessoas têm um empregado assim” (para. 86).

Jung (2012a, para. 87) identifica o “homem de cavanhaque” com Mefistófeles, um ente diabólico:

A **América** é um país onde as coisas são encaradas de um ponto de vista **prático e direto**, sem a sofisticação europeia. Lá, procura-se manter o **intelecto** em seu papel de **empregado**. Isto soa como um crime de lesa-majestade, que poderia suscitar escrúpulos, mas é algo tranquilizador constatar que todas as pessoas (na América) fazem o mesmo. O “cavanhaque”, ou melhor, o “barbicha” é o **velho e conhecido Mefistófeles**, “empregado” de Fausto. A ele, porém, não é dado triunfar decisivamente de Fausto, apesar deste último ter ousado descer ao caos sinistro da alma histórica, assumindo as vicissitudes e precariedades da vida que irrompem da plenitude do caos (Jung, 2012a, para. 87, grifo nosso).

Mefistófeles (Figura 63) é um personagem da obra *Fausto*, de Goethe (1790/2016). Trata-se de um ente diabólico extremamente astuto e traiçoeiro, que realiza uma aposta com Deus sobre a alma do personagem e mago Fausto, a quem aparece como um “espírito serviçal”, disposto a conceder Sabedoria e o amor de uma mulher. O preço é a alma do protagonista. Jung (2012a) identifica no “homem de cavanhaque” do sonhador supracitado, o mesmo motivo que inspirou o Mefistófeles de Goethe (2016). Trata-se do Mercúrio astrológico, cujas características se encontram num dos sete regentes da *Heimarmene*.

Figura 63 – Mefistófeles e Fausto



Fonte: Eugène Delacroix, 1827

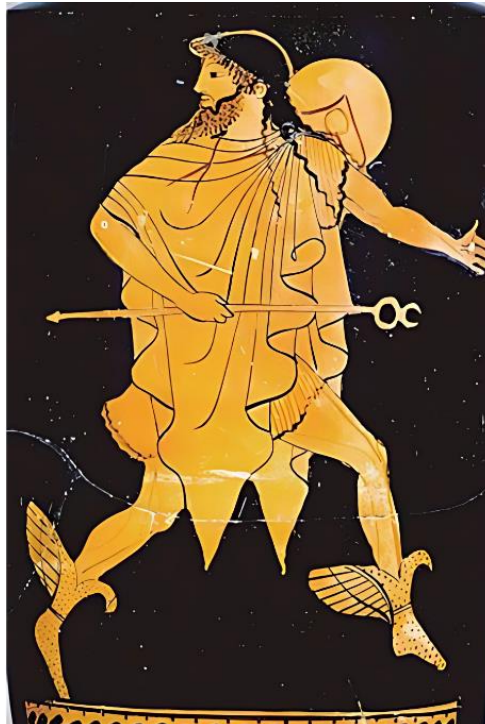
Isto fica evidenciado na seguinte passagem de Jung (2012a, para. 88):

Questionado posteriormente o sonhador, este reconheceu a **natureza mefistofélica** do “homem de cavanhaque”. A **versatilidade intelectual**, bem como os **dons criativos** e as **tendências científicas** são atributos do **Mercúrio astrológico**. O **homem de cavanhaque** representa portanto o **intelecto** e é apresentado pelo sonho como o “*familiaris*”, isto é, o espírito serviçal [...] (grifo nosso).

Jung (2012a) ainda identifica o aspecto mercurial de personagens, como Mefistófeles ou “o homem de cavanhaque”, com a agilidade e flexibilidade mental. Em outras palavras, ele reconhece uma influência dos motivos da *Heimarmene* não apenas no cosmos exterior, mas enquanto caracteres psíquicos e comportamentais. O autor ainda realiza um paralelo com o Mercúrio, um elemento alquímico muito volátil (capaz de passar rapidamente do Estado Líquido para o Gasoso).

Como se sabe, o elemento Mercúrio é um metal líquido em temperatura ambiente, e facilmente – ou rapidamente – se volatiliza. Segundo Jung (2012a), isto pode ser comparado à celeridade da mente – à qual o Mercúrio astrológico (Figura 64) também está conectado. Não seria por acaso que tais entes diabólicos seriam retratados com “a barbicha” mercurial, em obras como a de Goethe (2016), ou mesmo na caricatura de ilusionistas, mágicos de palco, magos e outros indivíduos de aparência astuta e ludibriadora. Jung (2012a) conhecia os atributos desta figura, ou não teria feito tamanha associação com o “homem de cavanhaque” do sonho analisado. Enfim, este exemplo apenas demonstra como o fundador da Psicologia Analítica se encontrava particularmente familiarizado com as imagens arquetípicas herméticas da *Heimarmene*.

Figura 64 – A Divindade Greco-Romana Hermes-Mercúrio



Fonte: Wikimedia Commons, 2024

Ainda sobre a compulsão das estrelas, Greene (2023) informa que, em termos psicológicos, Jung equiparou o trânsito circular da *libido* (energia psíquica) na psique às imagens arquetípicas dos regentes planetários da *Heimarmene*, assim como seu movimento planetário, no aspecto material. De fato, a energia psíquica é capaz de produzir imagens primordiais, fantasias e processos transformativos capazes de ditar um “fado” ou “destino” para a personalidade, incentivando a disposições psicológicas específicas, sobretudo quando inconscientes. Jung (2012a) informa que a astrologia, uma das influências da Alquimia,

“reconduzia sempre a consciência ao conhecimento da “Heimarmene”, isto é, da dependência do caráter e do destino de certos momentos do tempo” (p. 46). Já a Tradição Alquímica, segundo o autor, “motivava incessantemente a projeção dos arquétipos” (p. 46).

Franz (1979/2022) afirma que “Jung às vezes definia a tradição psicológica introvertida na alquimia como sendo a arte da imaginação ativa com as substâncias” (p. 31). Essas substâncias podem ser aquelas relativas à *Heimarmene*, ou aos metais citados por Tamosauskas (2023). Para Greene (2023), o método de Imagem Ativa de Jung foi influenciado por nada menos que a metodologia Teúrgica Neoplatônica, muito elaborada por Jâmblico (2024). Se a Teurgia (Figura 65) consiste em um método-ritual para elevar a consciência, e superar as disposições planetárias impressas dentro da alma, a Imagem Ativa – em semelhante forma – seria capaz de favorecer a tomada de Consciência por meio do contato com partes da Alma e disposições psicológicas, representadas em *imagos* simbólicas do inconsciente.

Figura 65 – Representação de Ritual Teúrgico



Fonte: Raphael, 1925

Esse processo teúrgico se encontra em perfeita sinergia com a alquimia, pois pode ser representado por uma verdadeira *peregrinatio chymica* (peregrinação química), como escreveu Jung (2012b), referindo-se à própria jornada de Individuação, neste simbolismo. Esta “peregrinação química” se dá ao longo das esferas planetárias representadas nos sete metais

(chumbo, estanho, ferro, ouro, cobre, mercúrio e prata), que podem personificar ou simbolizar – como evidenciado por Tamosauskas (2023) e Martinelli & Del Debbio (2016) – temperamentos humanos e tendências psicológicas específicas do ser. Assim, a peregrinação química é, em realidade, uma peregrinação psíquica. “Vencer as esferas planetárias”, isto é, integrar traços psicológicos e tomar consciência destes temperamentos, é parte do processo de Individuação.

Greene (2023, p. 239) ressalta isso ao informar que:

Os discursos de Jung sobre o *Heimarmene* gnóstico não refletem uma crença pessoal em um cosmos dualístico animado por seres planetários independentes e hostis do ponto de vista ôntico. Descrevem um **processo psíquico** que ele observou nos seres humanos e chamou de “**individuação**” [...] (grifo nosso).

Em *Mysterium Coniunctionis*, OC 14/2, Jung (2012c, para. 365), ao citar certos experimentos alquímicos, afirma algo interessante, acerca da Imaginação Ativa:

A **produção do céu** é um **rito simbólico**, que se realiza no **laboratório**. Ele deve produzir, sob a forma de uma substância, aquela *veritas* (verdade), aquela *substantia caelestis* (substância celeste), aquele *balsamum* (bálsamo) ou princípio vital, que é idêntico com a **imago Dei** (imagem de Deus). Do ponto de vista **psicológico**, isto não significa outra coisa senão uma **representação plástica do processo da individuação**, por meio de **substâncias e processos químicos**, e portanto o que hoje em dia designamos como **imaginação ativa** (grifo nosso).

Dessarte, a teurgia, tanto quanto as operações alquímicas (uma forma de teurgia química-mágica), através da *peregrinatio chymica*, representam modelos primordiais de Imaginação Ativa, como foi reconhecido pelo próprio fundador da Psicologia Profunda. A Imaginação Ativa auxilia o indivíduo a lidar com os opostos conflitantes dentro de si (representados por afetos governados pela compulsão das estrelas ou metais simbólicos), posteriormente integrados à personalidade total, propiciando o que os hermetistas conheciam como *anábasis*. Essa compreensão comparativa de conceitos herméticos aponta para um notável conhecimento, por parte do fundador da psicologia analítica, acerca da cosmologia helênica (Jung, 2012c; Greene, 2023; Tamosauskas, 2023; Martinelli; Del Debbio, 2016).

A cosmologia hermética ainda ensina que, tal como a influência dos sete regentes nos temperamentos de uma pessoa (a nível microcósmico), ainda há uma outra categoria de Entes que influenciam o destino humano, mediante atuação mais direta com a parte egóica da personalidade: os *daimons*. Para o hermetismo, eles são “espíritos intermediários” de

categoriais diversas – uns bons (*Agathodaimons*), outros maus (*Cacodaimons*). Esta ideia foi explorada simbolicamente por Jung nas *Obras Completas*, e encontra paralelos com a teoria dos complexos que “tomam o Ego temporariamente” e produzem uma compulsão interna, mediante constelação e posterior *acting out* (Stein, 2000/2006, 2015/2020; Ferreira, 2022; Trimegistos, 2023; Greene, 2023, 2024).

Ao abordar os fundamentos da Psicologia Analítica, Jung (1981/2017b, para. 151) afirma que há certas figuras típicas do inconsciente que são autônomas, e as compara a “demônios” (do grego: *daimon* – isto é, espírito):

Tudo isso se explica pelo fato de a chamada **unidade da consciência** ser mera **ilusão**. É realmente um **sonho de desejo**. Gostamos de pensar que somos unificados, mas isso não acontece nem nunca aconteceu. Realmente não somos senhores dentro de nossa própria casa. É agradável pensar no poder de nossa vontade, em nossa energia e no que podemos fazer. Mas na hora H descobrimos que podemos fazê-lo até certo ponto, porque somos atrapalhados por esses **pequenos demônios**, os **complexos**. Eles são **grupos autônomos de associações**, com **tendência de movimento próprio**, de viverem sua vida independentemente de nossa intenção (grifo nosso).

Em outra passagem, Jung (2017b, para. 42) compara a irrupção afetiva dos complexos à visão da psique dos antigos:

O eu decente se anula, sendo **substituído por alguma outra coisa**. É comum que se diga: “Ele está fora de si”, “Está com o diabo”, ou “O que foi que te deu hoje?”, pois a pessoa em tal estado encontra-se como que realmente **possuída**. O primitivo não diz que sua raiva ultrapassou todas as medidas, diz que um **espírito** o tomou e o transportou por completo. Algo semelhante se dá com as **emoções**; somos simplesmente **possuídos**, tornamo-nos irreconhecíveis e o nosso **autocontrole desce praticamente a zero**. É a condição em que o lado interno do homem o domina [...] (grifo nosso).

Em uma passagem de *A Natureza da Psique*, o paralelo entre a teoria dos complexos e sua projeção na cosmologia antiga, é evidenciado por Jung (1971/2013b, para. 217):

[...] a existência dos **complexos**, isto é, de fragmentos psíquicos desprendidos, é um **resíduo notável do estado de espírito primitivo**. Este último se caracteriza por um **alto grau de dissociabilidade** que se expressa no fato, por exemplo, de os primitivos admitirem, frequentemente, **várias almas**, [...], ao lado das quais existe ainda um **número infinito de deuses e espíritos**; não se contentam apenas de falar deles, como entre nós; **estes seres** são muitas vezes **experiências psíquicas sumamente impressionantes** (grifo nosso).

Finalmente, o próprio conceito de totalidade ou inteireza (*Self*), segundo Greene (2023), possui paralelos junto à antiga ideia hermética do benéfico *Daimon* Pessoal (ou *Agathodaimon*) – que zela particularmente pelo destino da Alma encarnada. Ferreira (2022, p. 4) ensina que esta figura “guia o homem ao processo apoteótico” – isto é, ao processo de divinização e rompimento das teias da *Heimarmene*. Em sentido hermético, Ferreira (2022) ainda se refere a este *Agathodaimon* como “a Luz primeira e guardião dos arquétipos” (p. 16). Esta doutrina se encontra em paralelo mítico com a ideia elaborada por Jung (1964/2016) acerca do *Self*, que guia o indivíduo através do processo da Individuação. Jung (1928/2011b) chegou, inclusive, a postular que o estado neurótico seria resultado da cisão ou desconexão com a instância do Si-mesmo, isto é, com o *Daimon* Pessoal.

Greene (2023) informa que, em seu *Liber Novus*, Jung personifica seu *Daimon* Pessoal na figura do Mago Filêmon. Isso fica evidenciado pela “presença angelical” de Filêmon, cuja atitude religiosa se encontra no centro da atração do fundador da psicologia analítica pelo personagem. Filêmon apresenta a ação de um acolhimento sagrado que fundamenta a experiência dos mistérios, tão estudados pelo fundador da psicologia analítica. Esse tipo de atitude da experiência do Sagrado é referido pelo teurgo Jâmblico (2024) como algo indispensável à elevação da consciência até o Divino.

Em sua obra *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo*, Jung (2019) conecta a figura de Cristo, como imagem arquetípica, ao arquétipo do *Self*. Em seus *Estudos Alquímicos*, Jung (2011a, para. 456) informa que:

Esta singular “**alegoria Christi**” (**alegoria de Cristo**) nasceu certamente de uma **analogia** com a **serpente** suspensa na cruz. [...]. O **Cristo**, enquanto logos, é sinônimo de naas, a serpente do “**nous**” entre os ofitas. O **agathodaimon (o bom espírito)** tinha a **forma de uma serpente**, e a serpente já era considerada por Filo como o animal “**mais espiritual**” [...] (grifo nosso).

Este mesmo símbolo da serpente é representado na Bíblia Sagrada (2022). Em período de grande provação na travessia do povo judeu pelo deserto, Moisés ergue uma cruz com uma serpente, de modo a que todo(a) aquele(a) que a olhasse fosse curado(a), o que prefigura a própria crucificação do Cristo. Isto representa, ainda, uma ideia semelhante à própria Medicina ou Panaceia, um dos objetivos da Alquimia, segundo Hutin (2010).

Mais uma vez, Jung (2011a) conecta Cristo e a Serpente crucificados ao *Agathodaimon* (bom gênio, representado pela imagem ofídica da Figura 66), enquanto símbolos do Si-Mesmo: “Psicologicamente, este sacrifício da serpente não pode ser compreendido a não ser como

significando uma vitória sobre o inconsciente [...]. Os alquimistas utilizaram o mesmo símbolo para representar a transformação de Mercurius [...]” (p. 360, para. 457).

Figura 66 – *Agathodaimon* em uma Catacumba de Alexandria



Fonte: Carole Raddato, 2020

4.3 A influência hermética na psicologia analítica

Em sua *Anatomia da Psique*, Edinger (2006, p. 227) postula que a Alquimia teria dois aspectos, que influenciaram, a seus modos, diferentes estudos ao longo da história:

Em **termos históricos**, assim como **psicológicos**, ela apresenta um **aspecto extrovertido** e um **aspecto introvertido**. O **fascínio dos alquimistas** [...] do lado extrovertido promoveu um estudo do milagre da combinação química e levou à química moderna e à física nuclear. Do lado **introvertido**, esse fascínio gerou o interesse pelo **conjunto de imagens** e pelos **processos inconscientes**, levando à **psicologia profunda** do século XX (grifo nosso).

Para Greene (2023), Jung estava cômico da doutrina hermética que fundamentava a alquimia. Mais que isso, a autora demonstra que parte desta Tradição-Filosofia foi traduzida

em termos de noções psicológicas pelo fundador da psicologia analítica. Como um empirista, Jung (1942, 2011a, 2012a) percebeu a incrível conexão entre as noções elementares da teoria hermética-alquímica, e fenômenos psicológicos.

Embora o estudo de Greene (2023, 2024) acerca dessas correlações seja recente, a obra junguiana deixa essa conexão visível. O mérito dos antigos, no que tange à descoberta de fatores para uma psicologia primeva, é admitido por Jung (2017a, p.86, para. 153), como se vê na passagem de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*:

Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as “**imagens primordiais**” e é aqui que o **conceito de arquétipo** encontra sua aplicação específica. Não é de modo algum mérito meu ter observado esse fato pela primeira vez. **As honras pertencem a Platão** (grifo nosso).

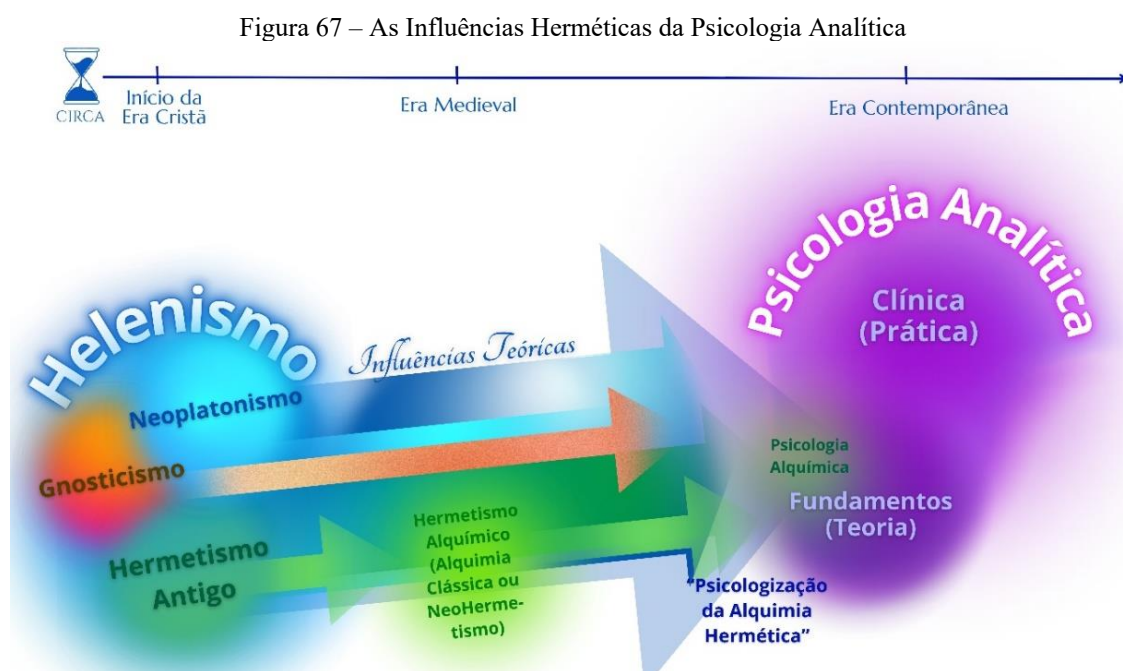
Enfim, embora termos como *Daimon* e *Arquétipos* possam surgir em contextos diferenciados, a ideia de *Heimarmene* e ascensão astral (*peregrinatio chymica*) através dos metais/planetas, indica que a totalidade destes termos utilizados por Jung nas *Obras Completas* seria de origem Hermética, quando não Gnóstica e Neoplatônica. Portanto, o sentido dos textos junguianos oferece evidências de flagrantes paralelos com a Tradição-Filosofia que fundamentou a Alquimia (Greene, 2023).

Em resumo, a ideia hermética de *Arquétipos*, enquanto estâncias apriorísticas sob as quais toda a realidade material é assentada, influenciou a teoria analítica dos arquétipos psicológicos. A *Heimarmene*, *Katábasis* e *Anábasis* do hermetismo, oferecem aportes simbólicos para a compreensão posterior da Individuação. A visão cosmológica hermética sobre *Daimons* (em especial os *Cacodaimons*), tanto quanto a já referenciada *Heimarmene*, subsidiam a teoria dos complexos psicológicos. A ideia de *Daimon* Pessoal (ou *Agathodaimon*) instigou a compreensão do arquétipo do *Self* na teoria analítica. Finalmente, o processo de Imaginação Ativa encontra fundamentos na Teurgia, Magia Astrológica Antiga e Peregrinação Química Simbólica, sobre as quais o fundador da Psicologia Analítica teria acumulado diversas obras e, quiçá, aplicado como ferramentas facilitadoras de suas visões interiores (Ferreira, 2019a, 2019b; Stein, 2006, 2020; Trimegistos, 2023; Greene, 2023, 2024).

Dessarte, o presente capítulo evidencia a tradição hermético-alquímica enquanto protopsicologia, fundamental à elaboração da teoria clínica psicológica formulada posteriormente por Carl Gustav Jung, na medida em que o hermetismo ofereceu subsídios primevos para a compreensão de fenômenos psíquicos. Seria possível dizer, com base em Edinger (2006), Jung (2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), Ferreira (2019a, 2019b) e Greene

(2023, 2024) que o Hermetismo é como uma “raiz” de onde surge tanto a Alquimia Operativa, quanto – ao menos em parte – os fundamentos da teoria analítica de C.G. Jung.

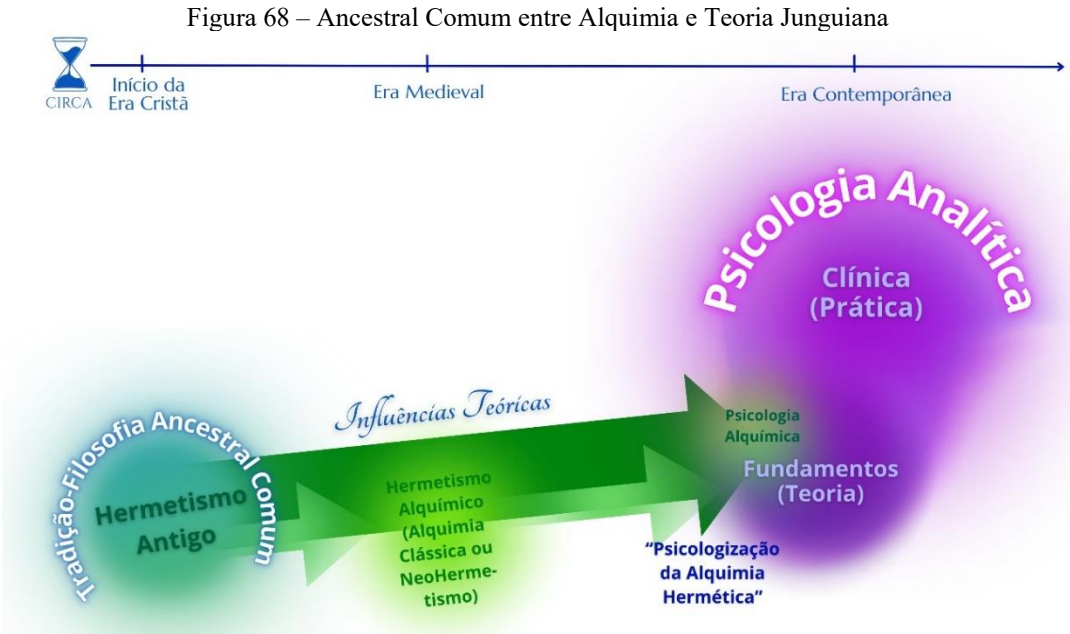
A seguir, o presente trabalho apresenta uma ilustração esquemática (Figura 67) estabelecida em uma linha temporal de Eras aproximadas, dos movimentos que influenciaram a Psicologia Analítica, mormente o Hermetismo e a Alquimia.



Fonte: O autor, 2025

Conforme mostrou Hanegraaff *et al.* (2006), o Hermetismo compartilha, junto do Gnosticismo e do Neoplatonismo, a filiação à Tradição do *Helenismo*. Por esse motivo essas Tradições tinham conceitos em comum, como as ideias de *Daimon*, *Heimarmene*, e mesmo a prática da Teurgia. A teoria junguiana se nutriu destas Filosofias – como atestam Greene (2023, 2024) e Shamdassani (2012), e como demonstra o próprio Jung (1942, 2011, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d) – e as capturou sobretudo através da observação empírica da prática de alquimistas.

Mais especificamente, o Hermetismo Antigo (dentro do *Helenismo*) é, em simultâneo, aporte indireto da teoria analítica – por intermédio da Alquimia Clássica (“Neohermetismo”), que utiliza de suas fontes e é uma de suas herdeiras –, quanto aporte direto, através de conceitos de textos basilares, como o *Corpus Hermeticum* de Trimegistos (2023). Por este motivo, a Alquimia Clássica, além de influenciar a teoria junguiana, compartilha com ela, simultaneamente, de um ancestral comum: o Hermetismo Antigo (Figura 68).



A Alquimia Clássica (“Neohermetismo”), antes da Psicologia, agregou diversos conceitos de tais Tradições para fundamentar a Arte dos(as) Filósofos. Estes projetavam conteúdos inconscientes em operações exteriores. O fundador da Psicologia Analítica apenas percebeu o padrão mítico e psicológico dos relatos alquímicos, e traduziu a linguagem *Helênica* – sobretudo Hermética – e Alquímica para fundamentar sua teoria psicológica emergente (Jung, 1942, 2011a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d; Hanegraaff et al, 2006; Shamdasani, 2012; Greene, 2023, 2024).

Finalmente, a Tabela 11 a seguir resume o presente capítulo, ao evidenciar a herança do Helenismo (Neoplatonismo, Hermetismo e Gnosticismo) na Psicologia Analítica, de modo comparativo, e quais ideias foram fundamentais na formação de determinados conceitos da teoria analítica. Esta influência não se apresenta necessariamente direta, em todos os casos, mas é notável.

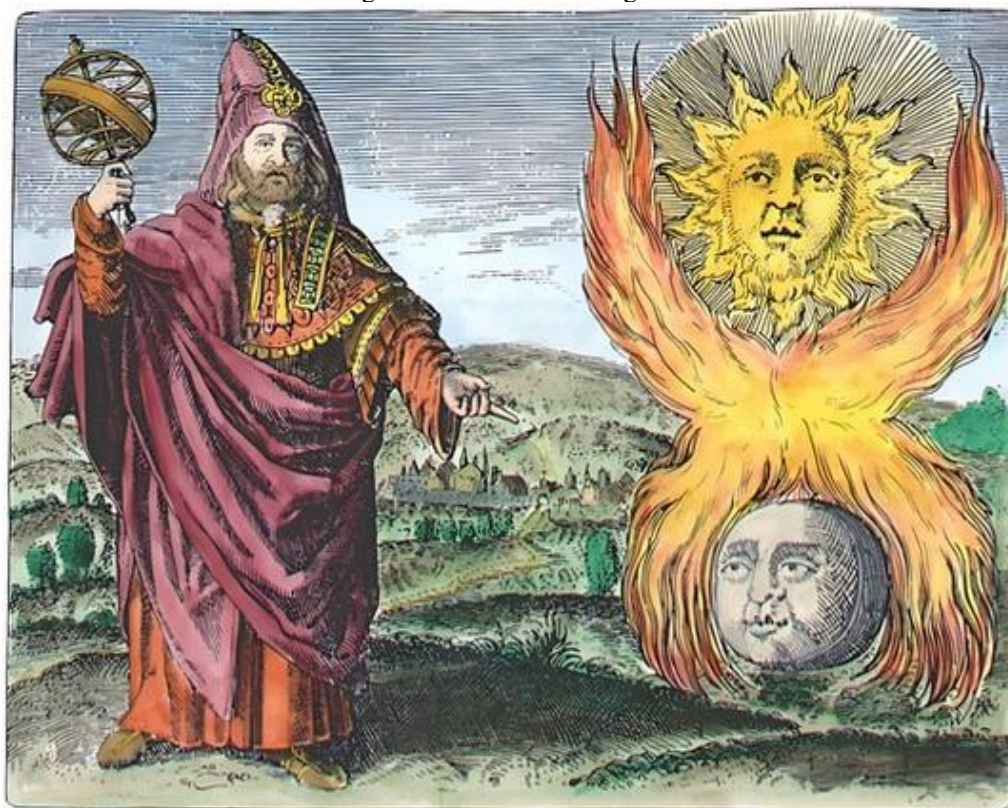
Tabela 11 – Influências Helênicas na Teoria Analítica

Influências do Helenismo na Psicologia Analítica	
Helenismo	Psicologia Analítica
Arquétipos	Arquétipos
<i>Heimarmene, Katábasis, Anábasis</i>	Individuação
<i>Daimons (Cacodaimons), Heimarmene</i>	Complexos
<i>Daimon Pessoal (Agathodaimon)</i>	<i>Self</i>
<i>Katábasis, Anábasis, Heimarmene</i>	<i>Libido</i>
<i>Teurgia</i>	Imaginação Ativa

Fonte: O autor, 2025.

A partir dos vastos conhecimentos herméticos e da observação empírica, seria fácil para o fundador da Psicologia da Profundidade, e sucessores que o seguiram no estudo da Arte Real, traduzirem a funcionalidade psicológica das fases e operações da Alquimia. Assim, a Tradição-Filosofia, representada pelo fantástico *Hermes Trimegistos* (Figura 69), figura como aporte mítico, cultural, simbólico e psicológico de grande parte da teoria analítica, permitindo o vislumbre de uma “psicologia alquímica” – como evidenciam Cavalli (2005), Edinger (2006) e Hillman (2010), em seus modelos teóricos de base junguiana.

Figura 69 – Hermes Trimegistos



Fonte: Adam McLean, 2021

Esta visão hermética se encontra dentro da própria ideia das quatro fases da terapia analítica, conforme será evidenciado nos capítulos seguintes, sendo parte fundamental da clínica. Dessarte, o Hermetismo é capaz de oferecer diversos insights de trabalho no *setting*.

5. A PSICOLOGIA ANALÍTICA

O presente capítulo aborda conceitos-chave da Psicologia Analítica, em perspectiva com a vereda alquímica proposta neste trabalho, mormente ao longo da discussão. Apresenta, assim, certas nuances da abordagem junguiana, úteis à compreensão das quatro etapas psicoterapêuticas abordadas por Jung (2013a).

5.1 Psicoterapia analítica

A psicoterapia surgiu como parte das terapêuticas em geral, e contou com alguma influência do método dialético da Filosofia, isto é, a técnica de conversação com vistas à produção sintética reflexiva sobre um dado tema. Uma paciente de Sigmund Freud (fundador da psicanálise) foi capaz de resumir o processo terapêutico ao lhe empregar o mote de “*talking cure*” (cura pela fala). Com base na dialética, o tratamento psicoterápico envolve movimentos de reflexão e síntese, capazes de desarticular identidades de estrutura fixa ou unilateral, bem como (re)articular identidades, com vistas à integração entre os polos consciente e inconsciente que emergem da psique (Jung, 2013a; Stein, 2010/2019).

Particularmente, a psicoterapia analítica junguiana surge com a influência de uma constatação de seu fundador: todas as metodologias psicoterápicas propostas apresentam uma visão específica de interpretar os dados da psique, e da realidade circundante. Muitas vezes, esses métodos diversos se apresentam em oposição total, aparentemente incapazes de ser conciliados. A diversidade desses procedimentos se fundamenta no fato de que todo o objeto de estudo das ciências só pode ser explicado mediante antinomias – como aquela que, na mecânica de subpartículas, deu origem à problemática da natureza da luz, que poderia se apresentar ora como partícula, ora como onda. Se essas antinomias contrastantes já são observadas na própria natureza da matéria, muito mais se apresentariam no estudo complexo da psique humana (Jung, 2013a).

Com base nesta complexidade psíquica, seria necessário construir um método de trabalho capaz de colocar em contato a realidade subjetiva do(a) cliente, junto àquela do(a) analista. O contato dessas subjetividades só é possível porque, em algum nível, suas particularidades intrínsecas se encontram sob o manto da generalidade verossímil. Para que o diálogo (“lógica de dois”) ocorra com foco no tratamento, ainda seria necessário que o(a) terapeuta renunciasse sua posição de autoridade, influência e superioridade, de modo a garantir

a relação entre dois sistemas psíquicos igualmente legítimos. Não observar essa atitude terapêutica implicaria em uma abordagem puramente sugestiva (Jung, 2013a).

Ora, se este é o caso, como pôde o fundador da Psicologia Analítica elaborar uma vasta teoria acerca de arquétipos, fases terapêuticas, alquimia e sonhos? Penna (2013) informa que seu elaborador se apresentava como empirista, isto é, alguém capaz de observar profundamente os fenômenos da realidade e traduzi-los em um método sintético. Nesse sentido, não há qualquer discrepância entre a abordagem junguiana e as explicações que ela fornece da *psique*. O alerta de Jung (2013a) para que terapeutas se desviem do método puramente sugestivo, e tenham ciência da lógica dual (analista-analisando(a)), diz respeito à atitude terapêutica mais apropriada dentro da análise, além de reforçar sua crítica ao método excessivamente diretivo da hipnose.

Cada cliente, em contexto analítico, deve ser abordado com uma metodologia que considere sua singularidade. De igual modo, há a participação da singularidade do(a) psicoterapeuta. É o que Jung (1928, p. 361) deixa evidenciado na seguinte passagem:

A prática da medicina é, e sempre foi, uma **arte** – e o mesmo é verdadeiro para a **prática da análise**. A verdadeira arte é a **criação**, e **a criação está além de todas as teorias**. É por isso que eu digo a qualquer iniciante: aprenda suas teorias o melhor que puder, mas ponha-as de lado quando tocar o **milagre da alma vivente**. Não são as teorias, mas **sua própria individualidade criativa** que deve decidir (tradução nossa, grifo nosso).

Tal ressalva não impede, entretanto, o vislumbre empírico de certos fenômenos universais, como sonhos e fantasias, tanto quanto da busca que o(a) paciente empreende para se tornar “aquilo que de fato é” (Jung, 2013a, para. 11), – processo que foi chamado de individuação. Esta jornada coloca o sujeito em contraste com uma diversidade de imagens interiores, reproduzidas em sonhos e fantasias, passíveis de amplificação simbólica com base em certos “motivos” presentes em quaisquer sistemas culturais.

Jung (2013a) foi capaz de observar que a continuidade imagética emergente de sonhos e fantasias, poderia ser traduzida por certos motivos. Estes se reportam à própria subjetividade instintual do indivíduo, sua “*terra mater*” (p. 22, para 12) – “terra materna” –, de cuja desconexão tornaria uma pessoa excessivamente neurótica. A compreensão aprofundada destes fenômenos psicológicos serve à própria dialética do processo psicoterápico, e fundamenta o trabalho do(a) analista. Dessarte, ao longo do processo psicoterápico, o(a) analista pode instrumentalizar o(a) paciente, sobretudo na constatação dos motivos psíquicos emergentes, como aqueles dos sonhos. Eles podem surgir dentro da dialética psicoterápica.

Na proposta psicoterapêutica de Jung (2013a), a dialética deve considerar tanto paciente quanto analista, pois há a interrelação de dois sistemas psíquicos independentes. Não por acaso, segundo Murray Stein (2010): “a metáfora preferida de Jung para discutir o processo analítico era o opus alquímico” (p. 247). O fundador da psicologia analítica vislumbrava, na mistura e transformação entre duas substâncias no *Vas Hermeticum* (Figura 70) da Alquimia, uma metáfora para as subjetividades em relação terapêutica no *setting*, que é o “vaso” relacional.

Figura 70 – Metáfora da Relação Terapêutica



Fonte: Adam McLean, 2021

5.2 Função transcendente e neurose

Além da relação que se estabelece entre analista-analisando(a), é importante recorrer àquela que se estabelece no interior do(a) próprio(a) analisando(a), entre seu fator consciente e inconsciente. A união destes possibilita o que Jung (2013b) chamou de “Fator Transcendente”, que “*torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente*” (p. 18, para. 145). Isto representa a integração psicológica salutar.

Para Jung (1971/2012e, 2013b), o distanciamento entre consciente e inconsciente, por outro lado, seria representado pela neurose. Para a abordagem deste autor, haveria um conjunto de potenciais inexplorados e inconscientes no(a) analisando(a), por vezes ocultados por uma atitude unilateral da consciência. O fator principal desta atitude neurótica seria a dissociação

psíquica, e o problema da terapia consistiria na supressão desta dissociação, ao reaproximar as instâncias psíquicas consciente e inconsciente, com vistas ao favorecimento da Função Transcendente.

Assim, o aprofundamento da relação entre essas duas instâncias psicológicas interiores, além do aumento da consciência em relação à própria vida psíquica, permitiria ao sujeito emergir com uma nova atitude. Como afirmou Jung (2013b, para. 184): “[...], o tratamento da neurose não é uma “cura de águas”, mas uma renovação da personalidade e, por isto mesmo, é geral e repercute em todos os domínios da vida”.

5.3 Transferência e projeção

Neste ínterim das transformações interiores do(a) analisando(a) no *setting*, não é inesperada a atitude do(a) cliente de encontrar no(a) analista – a quem pode projetar uma imagem parental – uma dependência de responsabilidade. A projeção, neste sentido, é um conceito-chave da psicologia analítica. Trata-se, segundo Von Franz (1992/1997), de “uma transposição involuntária de alguma coisa inconsciente para um objeto externo” (para. 69). Segundo Jung (2013b), no caso da relação no *setting*, essa projeção pode ocorrer quando há incapacidade do(a) paciente em integrar, em seu mundo subjetivo, certos elementos de natureza psíquica que, então, são projetados no(a) terapeuta.

Embora a projeção de conteúdos – como de uma “figura de responsabilidade” ou de imagens ideoafetivas parentais – seja esperada e até comum, o problema reside na qualidade e afínco com que a dependência pode se estabelecer na relação, ao isentar o indivíduo de seu trabalho psicológico consciente. Este tipo específico de projeção, que emerge como uma consequência da própria relação terapêutica, foi denominado de “transferência” (Jung, 2013a, 2013b).

A efetividade terapêutica se encontra diretamente associada à capacidade do(a) analista de estabelecer uma relação adaptativa e psicologicamente saudável, ao chegar na profundidade da alma do(a) analisando(a). Se essa relação terapêutica não se estabelece da maneira correta – o que ajudaria na superação do fator dissociativo do(a) sujeito –, a transferência pode ser até mesmo intensificada, o que representaria um mecanismo psíquico compensatório do(a) paciente para encontrar um modo de adaptação relacional (Jung, 2012e, 2013b).

Nesse sentido, a transferência se afigura como uma fantasia psíquica, mas não deve ser reduzida ao *eros* infantil – embora a biografia do(a) paciente possa revelar uma conexão causal com a infância. A abordagem correta da transferência, por parte do(a) analista, seria um

vislumbre construtivo da psique do(a) analisando(a), que é amparado pela figura do(a) terapeuta para reconciliar as instâncias consciente e inconsciente. Somente através da abordagem construtiva – e não do reducionismo psíquico a fatores meramente eróticos da infância –, seria possível ao(à) terapeuta favorecer a Função Transcendente (Jung, 2013a, 2013b).

Segundo Jung (2013b, para. 507), no que tange aos mecanismos projetivos:

[...] uma libertação plena e definitiva só pode realizar-se se a **imago refletida** no objeto for **restituída**, juntamente com sua significação, **ao sujeito**. Produz-se esta restituição quando o sujeito toma **consciência** do conteúdo projetado, isto é, quando **reconhece o “valor simbólico”** do objeto em questão (grifo nosso).

Com esta finalidade, aplica-se uma abordagem construtiva sobre o Inconsciente, de maneira a auxiliar o indivíduo nesta restituição do conteúdo psíquico projetado, e em uma relação mais adaptativa com o meio (Jung, 2013b).

5.4 Símbolo e signo

Para proceder a uma abordagem construtiva do inconsciente, é essencial a distinção entre signo e símbolo na teoria junguiana. Sua terminologia oferece aportes para a compreensão de como o inconsciente se manifesta e comunica seus conteúdos à consciência. Em seus estudos, Jung (2016) notou que a psique inconsciente frequentemente se expressa por meio de imagens dotadas de ambiguidade e profundidade, não redutíveis a um caráter fixo e estanque. Esse fenômeno sempre remete a um fundamento ainda desconhecido, embora se apresente em sua contraparte visível e enigmática. A isto, Jung (2016) denominou símbolo.

O signo, por contraste, representa uma relação clara, direta e convencionalmente estabelecida com um objeto. Usualmente, quando alguém se depara com o signo, facilmente possuirá a ciência de qual objeto ele se refere. Assim, o signo opera no plano racional e comunicacional – com base na lógica e no código compartilhado. Um exemplo são as placas de trânsito, reconhecidas por comum acordo social (Jung, 2016).

Já o símbolo figura uma imagem que aponta para algo que transcende sua forma imediata, remetendo a conteúdos que ainda não foram assimilados pela consciência. É como se ele exprimisse uma diminuta parte formal, enquanto a outra se fundasse no desconhecido e no inconsciente. Em outras palavras, o símbolo representa uma ponte entre o consciente e o inconsciente. Sua significação não é unívoca e fechada, mas carrega uma multiplicidade de

camadas e sentidos que atuam como porta de acesso ao inconsciente, ao abrir caminhos para compreensões psíquicas aprofundadas (Jung, 2016).

Nesse contexto, símbolos decorrentes de sonhos e/ou fantasias são particularmente reveladores, pois não são meras alegorias de significação fixa, mas expressões vivas de processos internos de transformação. Jung (2016) entendia que, por meio deles, o inconsciente oferece valiosas informações à consciência. Elas surgem em imagens que, acolhidas e elaboradas – embora jamais em sua totalidade insondável –, podem promover um avanço no processo de individuação (Jung, 2016).

Por essa razão, a noção simbólica é central na psicologia analítica, ao expressar tanto conflitos entre opostos não integrados, quanto possibilidades de reconciliação e integração, favorecidas por intermédio de uma abordagem construtiva do inconsciente (Jung, 2016).

5.5 Abordagem construtiva do inconsciente

Em termos práticos, a abordagem construtiva sobre o inconsciente envolve uma apreciação do conteúdo simbólico, proveniente de sonhos e fantasias do(a) paciente, ao extrair do símbolo um sentido. Isso é conquistado a partir do recolhimento das associações do(a) cliente acerca dos temas e motivos envolvidos, com a posterior síntese desta apreciação (Jung, 2013b).

Alguns podem criticar esta abordagem, informando que seria muito sugestiva, com base nas ressalvas do próprio fundador da psicologia analítica. Entretanto, Jung (2013b, para. 150) informa que:

[...] uma **sugestão** jamais poderá ser aceita sem uma **disponibilidade correspondente**, ou, se for aceita depois de alguma insistência, não demorará a se **dissipar**. Uma sugestão aceita por longo tempo pressupõe sempre uma forte **disponibilidade psicológica** suscitada pela própria sugestão. Esta objeção é, portanto, **infundada** e atribui à própria **sugestão** uma força mágica que ela absolutamente **não possui** [...] (grifo nosso).

Ademais, a participação do(a) paciente na análise garante que sejam reveladas as próprias associações de sua psicosfera particular. O material base deste trabalho seria proveniente do inconsciente, cujas fontes podem ser, segundo Jung (2013b), além de sonhos e fantasias: “as interferências no estado de vigília, as chamadas “associações livres”, as ideias “sem nexos”, as falhas de memória, os esquecimentos, os atos sintomáticos” (para. 154).

A abordagem deste material também não deve ser de foco reducionista ou exclusivamente sexual – tal qual seria esperado numa visão relativa aos primórdios da ciência psicológica –, mas deve seguir o apelo criativo dos elementos concernentes a ele. Tais elementos são como “fios condutores” do indivíduo para uma saída terapêutica e/ou curativa, à semelhança do simbolismo do herói Teseu que, seguindo o fio de Ariadne (Figura 71), foi conduzido para fora do dificultoso labirinto do Minotauro, o homem-besta, representativo simbólico da dissociação entre a *terra mater* (inconsciente e instinto) e a consciência (Jung, 2012e, 2013a, 2013b; Bulfinch, 2006/2013).

Figura 71 – Ariadne entrega o Novelo de Lã ao Herói Teseu



Fonte: Maria Anna Angelika Kauffmann, ca.1800

Essa abordagem sobre o material inconsciente serve à Função Transcendente que, no *setting*, é sustentada pelo trabalho do(a) analista. Esta atitude terapêutica, entretanto, não é permanente, e precisa ser elaborada ao longo do processo psicoterapêutico (Jung, 2013b).

5.6 Sonhos

No contexto terapêutico, os sonhos figuram importante material para análise, visto serem uma das vias de acesso ao inconsciente. Segundo Jung (2013b), “o sonho é a resultante de processos inconscientes” (para. 477). Ao longo da vivência vígil, um indivíduo atravessa

diferentes estados psíquicos carregados de afetos. Alguns desses afetos são recalçados, ou não lhes é dada a importância devida. Ao adormecer, as faculdades da consciência abrem espaço para a ação do fator inconsciente, que não mais encontra o filtro consciente para manter sua expressão reservada da vida psíquica. A partir daí, os estados emocionais se apresentam nos sonhos de maneira simbólica ou metafórica, perfazendo a própria linguagem mítica tão característica da instância Inconsciente.

Sobre este assunto, Jung (1964/2016, p. 22) detalha que:

Há, ainda, certos **acontecimentos de que não tomamos consciência**. Permanecem, por assim dizer, abaixo do seu **limiar**. Aconteceram, mas foram **absorvidos subliminarmente**, sem nosso conhecimento consciente. [...]. E apesar de termos ignorado originalmente a sua **importância emocional e vital**, estas mais tarde brotam do **inconsciente** como uma espécie de **segundo pensamento**. Este segundo pensamento pode aparecer, por exemplo, na forma de um **sonho**. Geralmente, o **aspecto inconsciente** de um acontecimento nos é **revelado por meio de sonhos**, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma **imagem simbólica** (grifo nosso).

Para Jung (2016), o “símbolo” designa uma palavra ou imagem que “implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato” (p. 19). O alcance dos conteúdos do símbolo ultrapassa os limites da consciência vígil, e aponta para um aspecto indefinido, radicado, em grande medida no inconsciente. A linguagem simbólica de diversas religiões, por exemplo, é uma demonstração do resultado do confronto entre a mente racional com os inumeráveis enigmas da existência. Dessarte, aspectos que ultrapassam uma compreensão humanamente possível, são frequentemente expressados por símbolos. De modo semelhante, o aspecto subliminar de afetos relativos a um dado evento da vida consciente, surge de forma simbólica por meio de sonhos.

À característica afrouxada dos sonhos em relação à consciência, se deve a fugacidade dos conteúdos oníricos, quando há a tentativa de recordá-los ao longo da vigília. Sua manifestação no estado do sono surge por um conjunto de associação de ideias, apenas aparentemente sem nexos. Entretanto, sob investigação atenta, as *imagos* e estados relativos ao onirismo apresentam uma principiologia oculta e um produto que, “considerado sob o ponto de vista de sua finalidade, tem um sentido e um alcance que lhe são próprios dentro do processo psíquico” (Jung, 2013b, para. 450).

Segundo Jung (2016, p. 29):

Uma história narrada pelo nosso espírito consciente tem início, meio e fim; o mesmo não acontece com o **sonho**. Suas **dimensões de espaço e tempo** são **diferentes**. Para entendê-lo é necessário **examiná-lo** sob **todos** os seus **aspectos** – exatamente como quando tomamos um objeto desconhecido nas mãos e o viramos e reviramos até nos **familiarizarmos** com cada detalhe (grifo nosso).

Nesse sentido, Jung (2013b) notou que diversos sonhos apresentam certos “motivos típicos” que são facilmente comparáveis a certos “motivos mitológicos” – o que pode ser facilitado pelo conhecimento de mitologia comparada. A expressão dos conteúdos oníricos nestes motivos ainda tem o condão de reforçar as evidências de um Inconsciente Coletivo que se encontraria na base da psique humana. No mínimo, a repetição de tais motivos demonstraria que os sonhos podem estar conectados a um fator filogenético do desenvolvimento psíquico.

Jung (2013b) informa que rastros dessa evolução genética são conservados na biologia. De forma semelhante, o “espírito humano” (para. 475) conservaria certos traços da evolução psíquica da humanidade. Essa evidência se encontra nos sonhos, que poderiam ser “um vestígio arcaico de nosso pensamento” (Jung, 2013b, para. 475). Campbell (2019) identifica nos mitos as “pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (p. 6). Assim, será natural o reaparecimento dos motivos típicos/míticos, sob diversas expressões imagéticas, no conteúdo onírico de diferentes pessoas. Campbell (2019) ainda estreita a relação entre símbolos míticos e sonhos, ao afirmar: “Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica” (p. 33).

Jung (2013b) foi capaz de identificar algumas funções que podem ser expressas por meio dos sonhos, em sua expressão simbólica. São elas:

a) Função Compensatória: se fundamenta na teoria de que os sonhos “comportam-se como compensações da situação da consciência em determinado momento” (Jung, 2013b, para. 487). Assim, afetos recalçados ou ignorados, reaparecem como conteúdo onírico. Seria o caso, por exemplo, de uma pessoa que apresentasse traços comportamentais de perfeccionismo mas, no sonho, vivenciasse uma caricatural quebra de decoros dos mais diversos. Por outro lado, um indivíduo excessivamente pessimista poderia apresentar sonhos otimistas. Em outros casos – mas ainda obedecendo o princípio da compensação –, esse mesmo indivíduo pessimista poderia vivenciar sonhos ainda mais profundamente melancólicos. Neste último caso, isso obedeceria ao princípio que, para Jung (2013b, para. 489), “*similia similibus curantur*” (“as coisas semelhantes se curam com coisas de natureza semelhante”) – evidenciando o caráter terapêutico e psiquicamente reorganizador do fenômeno onírico.

b) Função Prospectiva: certos sonhos parecem ter uma capacidade de prospecção, ou seja, de orientação voltada ao futuro que, a depender do resultado, pode se assemelhar a uma “premonição”. Essa prospecção não é mera profecia, mas “uma combinação precoce de possibilidades”, segundo Jung (2013b, para. 493). A consciência, que figura apenas parte da vida psíquica total, pode não ter a ciência do destino que se esboça em decorrência da própria caminhada do sujeito. O inconsciente, entretanto, revela uma visão mais integral no estado onírico. Justamente por não se tratar de mera profecia, a apresentação prospectiva pode ou não concordar com dada vivência futura, pois rotas podem ser alteradas pela atitude consciente. De qualquer modo, ela apresenta certo caráter propedêutico à personalidade. Ela pode aparecer de modo a preparar o indivíduo para uma dada experiência, quando os fatores combinarem para que ela se apresente na vida vígil.

c) Função Redutora: trata-se de um desdobramento da própria função compensatória, de modo a regular um estado psíquico ou uma atitude da personalidade que seja desadaptativa e/ou inflada. A função redutora se apresenta em sonhos, segundo Jung (2013b), de modo “a desintegrar, a dissolver, depreciar e mesmo destruir e demolir” (para. 496). Apesar disso, este fenômeno teria caráter salutar para o indivíduo, ao lhe orientar para uma atitude psicológica mais adaptativa. Por esse motivo, Jung (2013b) também a denomina “função negativamente compensadora” (para. 496). Um exemplo deste caso seria um sonho do Rei Nabucodonosor, que teria visto uma frondosa árvore – símbolo dele mesmo, em sua atitude egóica inflada –, sendo podada por figuras celestes e orientada por uma voz divina a um comportamento mais “humilde”, isto é, genuíno.

Além da expressão destas funções em sonhos compensatórios, prospectivos ou redutores, haveria ainda os chamados “sonhos reativos”, característicos de experiências oníricas que revivem certos traumas experienciados na vida consciente. São exemplos marcantes os casos de soldados que, tendo sobrevivido a batalhas, revivem na vida onírica os eventos de outrora. Apesar disso, sonhos reativos não necessariamente excluem o teor simbólico (Jung, 2013b).

Também há os sonhos representativos de “fenômenos telepáticos”. O fenômeno é universalmente conhecido, e pode se expressar sobretudo no caso de pessoas psiquicamente mais sensíveis. São exemplos de indivíduos que sonham com pessoas que vieram a falecer no instante do próprio sonho, ou que expressam um conteúdo acertado, mesmo à distância de um dado evento. Naturalmente, a averiguação de um sonho de caráter telepático não deve deixar de levar em conta outros fenômenos que poderiam justificá-lo, tal como a criptomnésia (a

rememoração de conteúdos inconscientes), ou a concordância associativa de outros processos psicológicos em paralelo (Jung, 2013b).

Finalmente, Jung (2013b) atesta que fenômenos oníricos podem se apresentar enquanto resultados de estímulos exteriores ou orgânicos. Um exemplo seria o caso de um indivíduo que sonha ser mordido por uma fera, quando, em realidade, tem seu corpo adormecido beliscado por um familiar. Em outros casos, o sonho pode oferecer informações valiosas para “a cooperação funcional entre corpo e alma” (Jung, 2013b, para. 502). Embora seja exagerada a posição que afirma que toda problemática orgânica seja representativa de uma disfunção psíquica, há, de fato, certa correlação íntima entre corpo e psique. O estreitamento com vistas à integralidade psicossomática pode ser favorecido pelo simbolismo onírico.

Como quaisquer fenômenos psicológicos, o sonho deve ser vislumbrado sob os fatores da causalidade e da finalidade. Enquanto o primeiro aponta, segundo Jung (2013b) para uma “tensão psicológica imanente dirigida a um objetivo futuro” (para. 456), o segundo “é capaz de concorrer para a educação prática da personalidade” (para. 472). Trata-se, portanto, de um conceito para expressar o sistema que envolve tanto causa eficiente, quanto efeito propedêutico.

A abordagem dos sonhos ainda deve ser empreendida em consideração à história pessoal do sonhador. É impossível a ciência do sentido do sonho sem a compreensão do estado emocional do(a) paciente e, para isso, deve-se recorrer à anamnese terapêutica. Só a partir das associações do(a) próprio(a) cliente se parte, enfim, para uma atuação que amplie as correlações, em comparação com motivos míticos eventualmente encontrados (Jung, 2012e, 2013b).

O trabalho terapêutico sobre símbolos oníricos tem sua importância, na medida em que auxilia o indivíduo na tomada de consciência, de modo a restituir ao sujeito o conteúdo projetado exteriormente. Quando certos afetos de uma situação são absorvidos de forma subliminar (inconsciente) pelo indivíduo, isto pode ter como efeito uma cisão psíquica, frequentemente comparada à “perda da alma” de povos primordiais. A psicoterapia resgata ao indivíduo a “alma fugaz” – isto é, o conteúdo psíquico projetado ou o afeto não tornado consciente (Jung, 2012e, 2013b, 2016).

5.7 Sentimento, humor e afeto

Segundo Jung (2013c), o sentimento “é o conteúdo da função sentimento, determinado pela discriminação sentimental” (para. 895). Para o autor, a função sentimento representa um processo de valoração psicológica realizada por um indivíduo, no sentido de aceitar ou rejeitar

um dado conteúdo, a partir de uma percepção subjetiva (não intelectual), superficialmente indicada por “prazer” ou “desprazer”. O sentimento é apenas a “matéria base” deste processo, e indica o resultado subjacente da discriminação do sujeito. Caso esta valoração surja na psique sem a atuação discriminativa da consciência, isto é, apenas enquanto um “fundo” sentimental inconsciente – independentemente do motivo –, ela é chamada de “humor”.

Todos os conteúdos da consciência sofrem o processo da valoração subjetiva, operada pela função sentimento. Até mesmo a indiferença é um resultado afetivo que foi valorado por esta função. O sentimento é o resultado da valoração, e o humor representa a emersão e seu estado em situações em que não houve uma discriminação consciente. O afeto (ou emoção), finalmente, surge quando ocorre um aumento na intensidade de um dado estado sentimental. Seu resultado pode ser expresso mediante reações nervosas, não sujeitas à vontade do indivíduo (Jung, 2013c).

No contexto terapêutico, uma compreensão genérica dos afetos pode ser importante, pois eles se encontram presentes ao longo do processo, enquanto expressões emocionais que estavam presentes a nível subliminar no inconsciente. Podem surgir tanto em sentido catártico (transformador e adaptativo), quanto como sintomas de uma neurose que cinde as instâncias consciente e inconsciente, em uma atitude psicológica desadaptativa (Jung, 2013a, 2016).

Segundo Jung (2013a), afeto é “aquilo que afeta” (para. 130), ou seja, que produz uma mobilização psicológica em termos emocionais, ou mesmo orgânicos. Embora esteja correlacionado ao sentimento, não representam termos sinônimos, pois aquele é derivado deste. Para Jung (2013c), o afeto envolve tanto “inervações perceptíveis do corpo” (para. 751) quanto “perturbação peculiar no curso das ideias” (para. 751). Neste sentido, “afeto” e “emoção” seriam denominações de igual significado.

Diferente do sentimento, o afeto não se encontra disponível segundo a vontade do sujeito, e ainda se aproximaria de uma função psicológica de Sensação (que apreende as informações do ambiente por intermédio dos sentidos físicos), devido a sua expressão tão intrínseca ao organismo. Em verdade, o afeto transita entre Sentimento e Sensação, na medida em que estas duas funções agem de maneira cumulativa e recíproca uma sobre a outra. Produzem, de um lado, uma variação ou perturbação do tônus emocional e, por outro, uma reação fisiológica radicada nas inervações somáticas. O resultado desta ação de uma função sobre a outra seria representada pelo afeto – que pode até mesmo ser um “afeto exacerbado” (Jung, 2013c, para. 751), isto é, de reação somática excessiva ou violenta. Este último pode ser exemplificado pela ira ou raiva (Jung, 2013c).

Um dos benefícios da terapia de base analítica é oferecer uma salutar contenção dos afetos, ao propiciar psicoeducação para uma atitude individual mais adaptativa e harmônica com as próprias emoções (Jung, 2013b). Um método terapêutico específico que favorece essa integração entre os afetos de base inconsciente e a psique consciente é representado pela Imaginação Ativa.

5.8 Imaginação ativa

Segundo Shamdasani (2014, 2020), após o rompimento com Sigmund Freud, o fundador da psicologia analítica realizou um conjunto de experiências interiores que resultaram em um confronto com o inconsciente. Desse contato entre a consciência de Jung e o fator Inconsciente, emergiram diversas imaginações, que necessitavam de interpretação e ampliação simbólica para sua decodificação. Isso não apenas lhe deu valiosa experiência intrapessoal, mas também favoreceu a elaboração de uma importante ferramenta terapêutica, qual seja: a Imaginação Ativa.

Hannah (1981/2024) compreende que Jung não teria sido o elaborador da Imaginação Ativa, mas sim aquele que a descobriu. Ela evidencia que esta ferramenta tem sido utilizada sob diferentes denominações, ao longo da história. Na antiguidade, figurava uma metodologia arcaica para acessar deuses(as), espíritos ou seres que ultrapassam a dimensão humana. Para a autora, as práticas meditativas e oracionais de outrora proporcionavam o contato com “o desconhecido”, isto é, o Inconsciente e os potenciais psíquicos criativos do ser humano, passíveis de integração.

Segundo Hannah (2024), através dos sonhos e visões interiores, Jung teria vislumbrado, de modo empírico, as evidências do Inconsciente Pessoal e Coletivo. O mundo interior com o qual o fundador da psicologia entrou em contato revelou-se passível de experiência direta, dotado de densidade simbólica e realidade psíquica comparável – ou superior – à do mundo exterior. Aquele parecia se encontrar em uma dinâmica temporal completamente diferente, senão eterna e sempre presente, enquanto este se manifestava por meio de uma lógica linear.

A Imaginação Ativa é uma ferramenta que permite maior integração de aspectos inconscientes, ao oferecer representações imagéticas destes, mediante um processo de visualização consciente. Ela se difere do sonho, em que as fantasias se apresentam sob a passividade do *Ego* consciente. Ao contrário, na Imaginação Ativa há um processo relacional e dialógico, que permite um contato salutar entre o *Ego* (campo focal da consciência) e as instâncias mais profundas da psique (Gallbach, 2000; Hannah, 2024).

Gallbach (2000, p. 32) informa que:

A **imaginação ativa** tem o **efeito** de **vivificar o objeto**. Na medida em que a pessoa se **concentra** sobre uma **imagem**, desencadeia-se um processo no qual esta **se anima, move-se e se multiplica**. Através da **visualização** ocorre uma **transformação de afetos em imagens**. O **ego** mantém sua **discriminação** e se relaciona com o **inconsciente** sem ser invadido por ele. Ao trazer à tona as **imagens da fantasia**, consegue-se **libertar a energia psíquica** do inconsciente e preparar a **dissolução dos complexos autônomos** (grifo nosso).

Normalmente, segundo Hannah (2024), a aplicação da Imaginação Ativa exige um local confortável e sem interrupções, onde seja possível o relaxamento. A pessoa, então, cerra os olhos e dirige a atenção às manifestações simbólicas do inconsciente: elas podem surgir enquanto imagens ou sons. Gallbach (2000) amplia os fenômenos da Imaginação Ativa para o corpo – uma inovação digna de nota na área.

Apenas a princípio, a pessoa deve voltar-se para o fenômeno emergente (visual ou auditivo) no método. É natural que a manifestação mude de forma brusca, mas o sujeito deve voltar-se à imagem original, em princípio. Ela oferece algum tipo de mensagem simbólica, ou mesmo requer uma resposta do indivíduo. A observação que retorna à imagem não deve permanecer estática por todo o exercício, pois, em algum momento, é preciso que o sujeito interaja na cena, a partir de seu próprio ponto de vista consciente. Isso garante um certo “confronto” entre a instância consciente e inconsciente, favorecendo a integração psíquica dos opostos (Função Transcendente), abordados em termos equilibrados – ou seja, sem a predominância de um sobre o outro, como na fantasia ou na mera visualização consciente (Gallbach, 2000; Hannah, 2024).

Segundo Franz (2022b) e Hannah (2024), o exercício de Imaginação Ativa pode ser registrado ou exprimido mediante escrita, desenho, pintura, música ou mesmo dança. Essas atividades dão conta de exprimir o resultado, tanto quanto canalizar conteúdo do inconsciente, materializado nestes registros. Franz (2022b) ainda percebeu que a Alquimia, tão estudada pelo fundador da Psicologia da Profundidade, seria uma maneira de expressão da Imaginação Ativa, mediante a operação com substâncias e elementos – o que reforça o valor da Arte Hermética para a abordagem junguiana.

Enfim, a Imaginação Ativa permite o confronto consciente com conteúdos inconscientes. Difere-se, neste sentido, do sonho e da fantasia, devido ao caráter mais passivo do sujeito, nestes casos. Este confronto entre o *Ego* e o Inconsciente promove a Função

Transcendente, ao possibilitar o surgimento de uma terceira via integrativa, fruto da tensão dos opostos psíquicos (Gallbach, 2000; Hannah, 2024).

Dessa forma, a Imaginação Ativa constitui não apenas uma ferramenta terapêutica, mas também uma verdadeira operação simbólica de transformação – à maneira do que antigos(as) alquimistas realizavam, ao buscar a transmutação da matéria, ao mesmo tempo em que transmutavam a si mesmos(as). Isso justifica que o contato com a esfera inconsciente por via da consciência, a promoção da Função Transcendente, e a elaboração que esta ferramenta oferece, sejam de grande valor para a abordagem analítica (Franz, 2022b).

Com base em seu valor terapêutico, a experiência proporcionada por esta ferramenta foi ampliada por diversos(as) autores(as) posteriores, como Gallbach (2000).

5.9 Imaginação corpo-ativa e as vivências terapêuticas de Gallbach

A partir das compreensões junguianas acerca da Imaginação Ativa, Gallbach (2000) se viu motivada a expandir e sistematizar uma metodologia mais integradora, e a explorar os efeitos dessa prática no processo terapêutico, mormente em sua dimensão corporal e simbólica. Segundo expresso pelo relato da autora, os estudos do fundador da Psicologia Analítica deixaram em aberto possibilidades inexploradas, no concernente a esta ferramenta psicoterápica.

Nesta seara, Gallbach (2000) apresenta sua inovação, ao integrar elementos da psicossomática à teoria analítica. Sua instigação se embasa no fato de que, em regra, as interpretações oníricas usuais da abordagem junguiana apresentam uma predominância mentalista, envolvendo a recuperação e levantamento de associações e significações psíquicas. Das quatro funções psicológicas, apenas três são privilegiadas por este enfoque tradicional da Imaginação Ativa, quais sejam: pensamento, sentimento e intuição. A função sensação, relacionada aos sentidos físicos e à experiência corporal, pode acabar por permanecer em segundo plano.

Nesse sentido, Gallbach (2000) relembra que o fator da Sombra psicológica – personificação psíquica de conteúdos pessoais recalcados, tanto quanto potenciais psíquicos inexplorados pelo *Ego* –, frequentemente é manifestado através de reações que envolvem o corpo. Ignorá-las é perder uma expressiva fonte de informações acerca da totalidade da vida psíquica do sujeito. Ademais, a teoria analítica explica que o aspecto “espiritual”, isto é arquetípico, é apenas um polo de um sistema que é dividido com o instinto. Assim, perspectivas

interpretativas se beneficiariam de levar em conta o aspecto anímico-espiritual, em conjunção com o fator corpóreo e orgânico.

A união entre psicossomática e Imaginação Ativa, empreendida por Gallbach (2000), permite preencher esta lacuna do método tradicional, e proporciona uma experiência que resulta em um conteúdo mais integrado. Surge, então, a “Imaginação Corpo-Ativa”, pela “necessidade de se integrar o movimento físico com a consciência – e também da necessidade de se utilizar mais a experiência e a consciência corporal como fonte de conhecimento sobre si próprio e sobre os sonhos” (p. 37).

Gallbach (2000) ainda informa que, segundo o procedimento interpretativo tradicional da psicologia, o sonhador é convidado a realizar associações acerca de sua experiência onírica, que são amplificadas mediante informações oriundas de paralelos da mitologia, de contos de fada ou de culturas diversificadas. O enfoque proporcionado pela Imaginação Corpo-Ativa se afigura diferente, pois intenta oferecer ao sonhador uma vivência do sonho, isenta do aspecto interpretativo. Para a autora, a atitude interpretativa inicial representaria desconsiderar uma etapa importante, representada pela experiência que integra corpo e psique.

Segundo Gallbach (2000), sua ferramenta integradora aborda o sonho em duas etapas:

- a) Imaginação Corpo-Ativa com os Principais Elementos do Sonho;
- b) Vivência Onírica Contemplativa.

Na primeira etapa, propõe-se a experimentação subjetiva dos elementos do sonho, em diferentes formas, e mediada por variáveis como: cenário, personagens e dinâmica. Isso faz com que o(a) cliente retome os conteúdos projetados nas imagens do sonho a si própria, integrando-os à sua experiência objetiva. Em outras palavras, na experimentação dos diferentes pontos de vista da vivência onírica, o sujeito integra conteúdos inconscientes por sua própria atividade consciente, à totalidade integradora (Gallbach, 2000).

Na segunda etapa, há o aprofundamento da integração, mediante uma proposta que visa entrar em contato com o aspecto corporal do sonho, com o qual a pessoa passa a interagir de forma ativa. O estado anímico subjetivo, durante a vivência onírica contemplativa, é refletido nas fantasias e no corpo, que passa a ser percebido pelo(a) cliente. Isso favorece tanto um relaxamento geral, quanto modificações relativas ao sonho e ao próprio corpo, o que leva a uma resolução do conflito psíquico, à maior consciência corporal, à integração dos conteúdos psíquicos e à dissolução de fatores complexos (Gallbach, 2000).

Os resultados dos esforços de Gallbach (2000) no método de Imaginação Corpo-Ativa se encontram, especial e detalhadamente, em sua obra *Aprendendo com os Sonhos*. Os relatos de clientes que atravessaram as vivências proporcionadas por esta autora são dignos de nota,

pois expressam um conjunto de conteúdos psíquicos intocados por interpretações tradicionais, mas vultuosos e ricos enquanto “matéria-prima” para um trabalho deste porte. A autora não apenas apresenta sonhos, mas também as vivências oníricas contemplativas, relatos que expressam transformações da personalidade, e os resultados que as clientes sentiram por meio da técnica. Não foi possível deixar de notar seu valor e os paralelos alquímicos, de modo que a obra de Gallbach (2000) oferece um tremendo recurso para a ilustração dos símbolos alquímicos concernentes às etapas da psicoterapia junguiana.

5.10 Fases da terapia

Em sentido propedêutico, Jung (2013a) separou o processo psicoterapêutico em 4 etapas ou fases, a saber: (1) confissão; (2) esclarecimento/elucidação; (3) educação; (4) transformação. Elas são detalhadas nas seções seguintes.

5.10.1 Confissão

A proposta do tratamento junguiano encontra-se, metaforicamente, radicada em um Sacramento relacionado ao Cristianismo, qual seja, o da Confissão. A razoabilidade desta proposta é explicada pelo fenômeno psicológico do recalque. O recalque só existe porque, em algum momento, o espírito humano criou a mítica ideia de “pecado”. O pecado evoca a ideia de um segredo bem guardado, algo proibido e oculto (Jung, 2013a).

Quando se trata da relação entre indivíduo e comunidade, o “segredo” pode servir tanto como veneno, quanto como cura. A diferença, como ensina a farmacologia, se encontra na dosagem. A existência de um “segredo” serve, na psicologia dos primeiros seres humanos, à própria faculdade da diferenciação psicológica. Certos agrupamentos primordiais na humanidade criaram os “Mistérios” como um fator para a diferenciação psíquica (Jung, 2013a).

O aspecto “venenoso” surge quando um dado “segredo” representa algum fator inconsciente, até mesmo do próprio indivíduo. Em outras palavras, a metáfora deste “pecado” ou “segredo” pode representar aspectos inconscientes, afetos, complexos ou sintomas neuróticos que apontam para causas psíquicas profundas. Nestes casos, este fator se torna cindido e passa a atuar de forma autônoma, como um sistema psicológico fechado (complexo) que irrompe do inconsciente em certas situações e toma o controle do próprio Ego, que momentaneamente passa a atuar em função do complexo, no que ficou conhecido como *acting out* (Jung, 2013a).

Jung (2013a) afirma que “um segredo inconsciente prejudica mais que um segredo consciente” (para. 128). Qualquer conteúdo inconsciente provoca algum efeito indireto na consciência do indivíduo. Alguns deles são evidenciados pela Psicologia Analítica enquanto sintomas neuróticos – isto é, de uma visão unilateral ou cisão entre consciente e inconsciente –, caso das exemplares “falhas da consciência”: lapsos mnêmicos, movimentos corporais bruscos e imprevistos que resultam em ferimentos, alucinações mnêmicas e falhas interpretativas acerca de percepções por vias sensoriais.

Como escreveu Jung (2013a): “Qualquer segredo pessoal atua como pecado ou culpa, independentemente de ser considerado assim ou não, do ponto de vista da moral convencional” (para. 129). Em contexto terapêutico, essa culpa pode ser uma metáfora para uma psique desadaptativa, unilateral e inconsciente das causas do sintoma neurótico.

Jung (2013a) ainda informa que a outra maneira de guardar um segredo seria a contenção. A contenção dos instintos, por exemplo, não é de todo ruim. Ela serve para conter os afetos através da autodisciplina. Se a contenção é compartilhada em um grupo – como faziam as antigas Escolas de Mistério –, ela pode guardar algum valor no que tange ao autorreconhecimento da falibilidade humana. Caso seja um segredo pessoal (não compartilhado), pode ser mais lesiva, sendo experimentada opressivamente enquanto culpa. A própria natureza psíquica responde a este processo, ao provocar a emergência de uma doença sintomática. Esta é uma das razões psicológicas salutares da partilha do segredo nas antigas Escolas de Mistério: o reconhecimento da própria falha – que servia tanto à diferenciação psíquica, quanto uma barreira aos aspectos neuróticos da culpa pessoal.

Com base nesta arqueologia psíquica da humanidade, Jung (2013a) deriva a importância do aspecto confessional na primeira etapa da psicoterapia analítica. A confissão tem o condão de liberar um segredo pessoal – isto é, fazer o indivíduo retomar um conteúdo recalcado, e entrar em contato com o aspecto Sombra da própria psique, posto que a Sombra é também parte da Totalidade Psíquica, alcançada no processo da Individuação. Ela não deve ser vista necessariamente em seu aspecto negativo, pois este fator complexo pessoal também esconde os potenciais mais benéficos à harmonia integral do sujeito. Nesse sentido, a confissão tem um caráter de catarse (purificação), “isto é, não só à constatação intelectual dos fatos pela mente, mas também à liberação dos afetos contidos: à constatação dos fatos pelo coração” (para. 134).

Dessarte, ao entrar em contato com o inconsciente, abre-se espaço para que aspectos desconhecidos (“segredos” ou “pecados”) da personalidade, que antes atuavam de modo autônomo, possam emergir à consciência e serem propriamente integrados à totalidade (Jung, 2013a).

5.10.2 Esclarecimento/elucidação

A fase seguinte à Confissão emerge como um *continuum*, mediado por três possíveis problemáticas consequentes da etapa anterior: (1) certos pacientes se encontram excessivamente arraigados à consciência – a ponto de terem a confissão “na ponta da língua” –, o que exige um trabalho especializado para que se aproximem da estância inconsciente de maneira genuína; (2) mesmo que os sintomas neuróticos desapareçam, o ato confessional produz naturalmente uma certa dependência que ata a pessoa que busca ajuda à figura do(a) terapeuta, e isso requer uma abordagem psicológica ulterior, capaz de elaborar esta conexão sem uma interrupção abrupta, que faria a sintomatologia anterior reincidir; (3) é possível que se estabeleça uma dependência excessiva não na figura do(a) terapeuta, mas do próprio inconsciente do(a) paciente. Todos estes casos exigem a continuidade do trabalho por meio do esclarecimento ou elucidação (Jung, 2013a).

Dessarte, o próprio tratamento pode conter, como efeito, uma relação dependente que representa uma formação neurótica, decorrente de uma fixação que resiste à catarse. Ocorre, nestes casos, a projeção de uma imagem parental ideoafetiva do(a) paciente na figura do(a) terapeuta – o que foi denominado de transferência. Este fenômeno conta com um conjunto de fantasias inconscientes que, em dado grau, poderiam apresentar um caráter “incestuoso” – mas apenas em tom figurativo (Jung, 2013a).

Por esse motivo, Jung (2013a) compara o método analítico a uma “cirurgia psíquica”, que aprofunda na raiz das fantasias incestuosas e extrapola a própria catarse decorrente da confissão, por permitir a emergência de conteúdos que, de outro modo, não poderiam ser vislumbrados à luz da consciência. Nesta etapa, há maior necessidade de interpretação dos conteúdos, o que favorece a abordagem junto aos sonhos, que representam aspectos fragmentários das fantasias do(a) paciente.

O esclarecimento, dessarte, elabora os “alicerces” da casa psíquica, visto que a Totalidade repousa sobre fundamentos sombrios, tanto quanto a luz não seria possível sem seu contraste nas trevas. Essa abordagem permite ao(à) cliente o desenvolvimento de maior autenticidade e responsabilidade, e culmina em certos *insights* (Jung, 2013a).

5.10.3 Educação

O mero *insight* (“visão interior” ou conscientização decorrente do processo terapêutico) – na transição entre o Esclarecimento e a etapa atual –, não necessariamente tem o poder de resolver toda a questão terapêutica, tanto quanto a catarse, na transição entre Confissão e Esclarecimento, não seria uma “panaceia” capaz de pôr à termo a elaboração psíquica. O *insight* implica em uma posterior necessidade de adaptação do(a) paciente (Jung, 2013a).

A adaptação envolve o aspecto social e coletivo, após o esclarecimento dos fatores transferenciais. Na Educação, o indivíduo precisa aprender a retornar ao mundo social com uma atitude mais adaptativa. É o que expõe Jung (2013a): “[...] a normalização e o ajustamento social são metas desejáveis, absolutamente indispensáveis à almejada realização da pessoa humana” (para. 152).

A presente etapa terapêutica ocorre como um refinamento da abordagem à psicologia pessoal do(a) cliente. Seu comportamento anterior à terapia pode tê-lo(a) levado ao desenvolvimento de certos hábitos cristalizados que carecem de substituição por hábitos mais adaptativos. Este processo é conquistado também através da Educação. Esta etapa, portanto, envolve a educação do indivíduo, que tende a seu meio social (Jung, 2013a).

5.10.4 Transformação

A última etapa terapêutica não tem o intento de representar um “encerramento” ou uma “verdade absoluta”, mas visa complementar certos aspectos das etapas precedentes. Acaba, por este motivo, por transcender todas elas. Ela coroa a fase anterior ao visar, mais do que educação, a autoeducação. A presente etapa se baseia na ciência de dois fatores: (1) o “gênero” de adaptação a que o(a) paciente busca; (2) a transformação do(a) próprio(a) terapeuta (Jung, 2013a).

O primeiro fator leva em consideração que cada indivíduo é único. O que pode representar um caminho salutar a uma pessoa pode representar condenação a outra. Assim, por exemplo, um indivíduo mais introspectivo e isolado buscará a adaptação coletiva, e outro mais social e mediano tenderá ao isolamento. Isso porque cada pessoa busca o que falta em si, como uma reação psíquica normal. Por esse motivo, a terapia deve considerar a exclusividade do sujeito que se encontra em tratamento, de forma a não lhe colocar num “leito de Procusto” – referência ao mito grego de Procusto, que torturava os hóspedes de sua estalagem para fazer com que seus corpos coubessem perfeitamente no tamanho de uma cama (Jung, 2013a).

Outro fator importante envolve a transformação do(a) terapeuta. Toda relação consciente implica também em outra relação que ocorre a nível inconsciente. A terapia não é isenta de perigos para o(a) psicoterapeuta, pois se este apresenta uma identidade vacilante, corre o perigo de ser assimilado pela pessoa que é atendida. Se a transferência envolve a relação paciente-terapeuta, a contratransferência resume o aspecto inverso, isto é, terapeuta-paciente. É imprescindível que a pessoa que se coloca como catalisadora do tratamento desenvolva uma personalidade estável, capaz de provocar uma benéfica influência. Por isso, é importante que alguém que se proponha ao serviço de psicoterapeuta também realize seu próprio processo terapêutico enquanto cliente. Também é importante que um(a) terapeuta tenha ciência de que a transformação que ocorre na terapia não envolve apenas a personalidade do(a) cliente. (Jung, 2013a).

Por esse motivo, Jung (2013a) utiliza de uma metáfora alquímica para resumir a etapa da Transformação: “O encontro de duas personalidades é como a mistura de duas substâncias químicas diferentes: no caso de se dar uma reação, ambas se transformam” (para. 163). O processo analítico tem o condão de fazer com que o indivíduo, pouco a pouco, se torne consciente do conteúdo antes projetado em figuras externas, retome e integre este conteúdo, atravesse a elaboração da transferência, a educação para o mundo social e a autoeducação para, então, chegar à etapa que coroa o processo psicoterápico. A transformação final da personalidade tem a capacidade de favorecer, dessarte, o próprio processo de Individuação do sujeito, que amplia a consciência de sua completude psicológica.

5.11 Transformação da personalidade

A experiência de transformação da personalidade não é incomum na vida das pessoas. Tem sido frequentemente representada através das vivências de místicos(as) e religiosos(as), embora sua ocorrência seja notável na vida humana coletiva, tendo sido amplamente estudada pela psicologia. Jung (2017a) define um conjunto de experiências transformativas, em sua obra *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Para o escopo desta pesquisa, três tipos de transformação elencadas pelo autor são particularmente importantes:

a) Diminuição da personalidade: a já referida “perda da alma” dos povos antigos é um exemplo de transformação, e passa a ideia de diminuição da personalidade. Em sentido psicológico, expressa fenômenos de rebaixamento do nível de consciência, que podem ser manifestados em sintomas depressivos, melancólicos, morosos e paralisantes. Tais fenômenos podem ser resultado de eventos físicos ou psíquicos, que tenham efeito lesivo sobre a

autossegurança da vida psíquica de um indivíduo. Nessa situação, as potencialidades do sujeito se limitam, o que constitui uma defraudação da personalidade originária.

b) Transformação no sentido da ampliação: a trajetória de uma personalidade não constitui uma formalidade estanque, mas se atualiza e amplia à medida do tempo. Com frequência, uma ampliação pode surgir provocada por uma situação externa, em que certos conteúdos são assimilados à essência da personalidade. Sob uma análise profunda, é válido notar que esses casos são abarcados por um alargamento dos horizontes psicológicos de um indivíduo. Em outras palavras, a transformação exterior está em *pari passu* com a ampliação interior anímica. São representativas desse tipo de transformação os casos de místicos(as) que foram contatados(as) por figuras semidivinas ou divinas. Tal experiência representa, em sentido psicológico, a revolução da personalidade, através do contato com sua instância mais integral: o Si-Mesmo (*Self*).

c) Transformação natural: refere-se a uma tipologia transformativa que segue o próprio ciclo da natureza, isto é, morte e renascimento simbólico. Jung (2017a) informa que “os processos naturais de transformação são anunciados principalmente no sonho” (para. 235). Para o autor, sonhos que apresentam um simbolismo referente ao processo de Individuação são os mais representativos destes casos. Eles conduzem o sujeito a uma mudança que envolve processos de “morte e renascimento” da personalidade, levada paulatinamente à sua completude harmoniosa.

As transformações da personalidade podem servir a um processo mais amplo, denominado de Individuação, que converge para um ponto organizador comum: o arquétipo do *Self*.

5.12 Individuação e *self*

Franz (1864/2016) informa que, a partir de seus estudos empíricos acerca de sonhos, Carl Gustav Jung percebeu que os símbolos oníricos desempenhavam um papel na vida psíquica do indivíduo. Examinados em perspectiva, os motivos oníricos representam uma teia que participa de um amplo esquema, denominado de “processo de Individuação”.

Para Jung (2013c), o processo de Individuação representa um conceito-chave no contexto da teoria analítica, tanto quanto no escopo do desenvolvimento psíquico. O exame da psicologia humana, desde povos ancestrais até seu tempo, evidenciou a Jung (2013c) a presença de um processo de diferenciação psicológica. Segundo o autor, os povos primordiais tinham sua mentalidade enraizada no fenômeno da *participation mystique* (“participação mística”), em

que os indivíduos projetavam conteúdos inconscientes uns nos outros, e habitavam sob o manto psíquico da coletividade. Não havia consciência da individualidade, apenas uma identidade coletiva. O conhecido fenômeno psicológico da “projeção” seria como que uma “função residual” da psique humana deste período.

Ao longo da história, pareceu existir um fator psíquico ou impulso de diferenciação, de modo que certas pessoas buscavam assumir sua expressão enquanto indivíduos, isto é, tornando-se conscientes de sua individualidade, afastando-se das projeções inconscientes da *participation mystique*. Dessarte, atravessavam a experiência de um “desenvolvimento da consciência que sai de um *estado primitivo de identidade*” (Jung, 2013c, para. 856). Este processo representa a Individuação.

Jung (2013c, para. 585) assim define um indivíduo:

O **indivíduo** (psicológico) ou a **individualidade psicológica** existem inconscientemente *a priori*, mas conscientemente só enquanto houver uma **consciência** de sua **natureza peculiar**, isto é, enquanto houver uma **distinção consciente** em relação a outros indivíduos. [...]. Necessário se faz um **processo consciente de diferenciação**, de **individuação** [...], para **tornar consciente a individualidade**, isto é, extraí-la da identidade com o objeto. A identidade da individualidade com o objeto é sinônimo de sua inconsciência. Sendo inconsciente a individualidade, não há indivíduo psicológico, mas apenas psicologia coletiva da consciência (grifo nosso).

Em algum sentido, o processo de Individuação pode ter uma conotação paradoxal: ao mesmo tempo em que leva o sujeito à integração da personalidade total e à diferenciação, também torna sua atitude psíquica mais adaptativa ao meio, que é sobremaneira beneficiado por sua transformação psicológica. Em outras palavras, o indivíduo não é isolado da convivência, mas encontra expressões mais harmoniosas e genuínas de seus potenciais internos, o que favorece a coletividade (Jung, 2013c; Franz, 2016).

Enquanto o estudo da história coletiva apontava para um princípio de diferenciação, o estudo de sonhos individuais também reforçava a existência desse processo. Franz (2016) e Jung (2012e) afirmam que os sonhos de diversos indivíduos pareciam apresentar uma intrincada teia de significações simbólicas, incompreensíveis em um vislumbre superficial, mas repletas de conexões e motivos míticos, sob análise atenta.

Muitas pessoas, por ausência de autoexame psíquico, não percebem o valor dos sonhos no processo de transformação da personalidade. Entretanto, o exame dos motivos oníricos pode até mesmo catalisar mudanças psicológicas, na medida em que sua interpretação simbólica é capaz de influenciar a atitude do sujeito. Se “tornar-se indivíduo” exige a conscientização da

individualidade, a interpretação onírica devolve ao sujeito os conteúdos inconscientes (antes projetados), expandindo sua autoconsciência, o que favorece o desenvolvimento psicológico representado pela Individuação (Jung, 2012e, 2013c; Franz, 2016).

O exame do esquema proporcionado pelos sonhos, segundo Franz (2016), ainda apontava para um direcionamento regulador oculto do processo de Individuação, que foi denominado por Jung (2016, 2019) de “Si-Mesmo” (em inglês: *Self*; em alemão: *Selbst*). Segundo estes autores, enquanto o *Ego* (“eu”) representa o centro da instância consciente, o *Self* representa a totalidade abrangente do indivíduo, que abarca tanto a esfera psíquica consciente – o mundo conhecido do *Ego* – quanto inconsciente – o desconhecido mundo interior. Neste sentido, Jung (2019, para. 8) atesta que é “evidente que o fenômeno global da personalidade não coincide com o eu, isto é, com a personalidade consciente; pelo contrário, constitui uma grandeza que é preciso distinguir do eu”.

Em outra passagem da obra *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo*, Jung (2019, para. 7) afirma que é “absolutamente impossível fazer uma descrição completa da personalidade, mesmo sob o ponto de vista teórico, porque uma parcela do inconsciente não pode ser captada”. Dessarte, o autor reconheceu que o *Self* figura um arquétipo (padrão psíquico arcaico), presente como fundamento na psicologia humana. O Si-Mesmo figura a realidade psíquica mais abrangente, o agente oculto que leva o *Ego* a adaptar-se e transformar-se.

As antigas culturas intuíram a existência deste fator psíquico ordenador, concedendo-lhe a representação de diversas divindades. Cristo (cristianismo), *Agathodaemon* (helenismo), *alma-Ba* (kemetismo), animais totêmicos (sociedades primordiais) e espíritos protetores de diversas culturas seriam exemplos simbólicos que expressam a realidade psicológica do arquétipo do Si-Mesmo (Franz, 2016; Jung, 2019).

A representação do arquétipo do Si-Mesmo por meio de figuras divinas ou semidivinas, fez com que Jung (2019) o comparasse à própria *Imago Dei* (Imagem de Deus), a figura arquetípica que abrange a experiência de toda a humanidade com a realidade transcendente última – identificada por muitas culturas como o próprio Deus Absoluto.

Apesar da existência inata do *Self*, sua factualidade psicológica deve ser traduzida em uma experiência profunda e transformadora, e não apenas enquanto uma teoria psicológica. Segundo Franz (2016, p. 214), o Si-Mesmo apenas é ativado a partir de uma nova atitude:

[...] quando o **ego** se desembaraça de todos os projetos determinados e ambiciosos em benefício de uma forma de **existência mais profunda e fundamental**. O ego deve ser capaz de **ouvir atentamente** e de **entregar-se**,

sem qualquer outro propósito ou objetivo, ao **impulso interior de crescimento** (grifo nosso).

Esta dinâmica entre o *Ego* e o *Self* é mediada pelo próprio processo de Individuação. Acerca deste assunto, Jung (2012a, para. 34) afirma:

O **caminho** para a meta a princípio é caótico e imprevisível, e só aos poucos vão se multiplicando os sinais de uma direção a seguir. O **caminho** não segue a linha reta, mas é aparentemente **cíclico**. Um conhecimento mais exato o define como uma **espiral**: os **temas do sonho** sempre **reaparecem** depois de determinados intervalos, sob certas formas que designam à sua maneira o **centro**. Trata-se de um **ponto central** ou de uma **disposição centrada** que em certos casos surge a partir dos primeiros **sonhos**. Os **sonhos**, enquanto **manifestações de processos inconscientes**, traçam um **movimento de rotação** ou de **circumambulação em torno do centro**, dele se aproximando mediante **amplificações** cada vez mais nítidas e vastas (Jung, 2012a, para. 34, grifo nosso).

A psicoterapia analítica, em suas quatro fases, intenta favorecer este crescimento regido pelo centro, por meio de ferramentas de transformações psicológicas – na interpretação e exame de sonhos, sentimentos e afetos. Neste sentido a Alquimia, influência fundamental à teoria junguiana, se apresenta para instrumentalizar os(as) psicoterapeutas com uma proposta simbólica, com base na *amplificatio* alquímica referida por Jung (2012a), e abordada por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024).

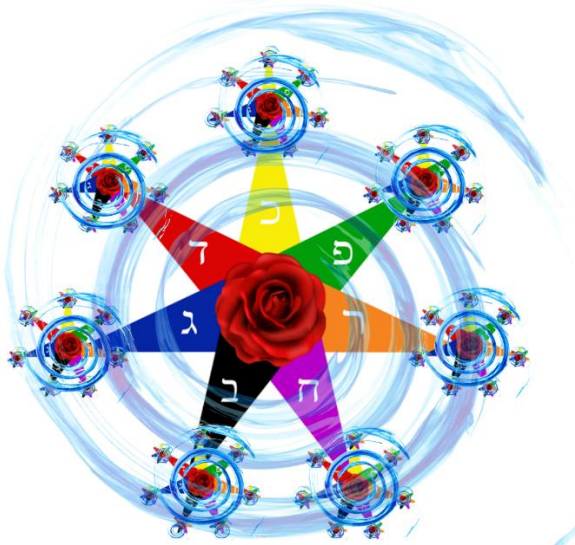
6. DISCUSSÃO

O presente capítulo tem por escopo, com base no percurso teórico-metodológico empreendido, articular os elementos correspondentes entre a Psicologia Analítica e a Alquimia. A seguir, é apresentada uma tabela sintética entre as correspondências das 4 etapas da psicoterapia analítica, e as 4 fases alquímicas, tanto quanto suas derivações simbólicas, oníricas, afetivas e imagéticas, com base na leitura simbólica da *amplificatio* alquímica hermética.

Esta tabela é um Mapa Simbólico, e intenta realizar uma síntese entre os conceitos elaborados até o presente capítulo. Trata-se de uma construção teórica que visa instrumentalizar o(a) terapeuta. Não intenta ser um modelo rígido e/ou literal, considerado ao extremo. Ainda que as fases apresentem alguma progressão, não devem ser compreendidas como etapas estanques, fixas ou essencialistas. Na prática clínica, será comum que elas se sobreponham, retornem, se interrompam ou até coexistam de maneira paradoxal – o que se encontra em sinergia natural com a fractal da Estrela Setenária, apresentada como adaptação do modelo de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024). Conforme estes autores ensinam, cada ponta da Estrela (ou cada operação) contém em si uma Estrela completa (ou todas as outras operações).

Jung (2012a) se refere a estes movimentos paradoxais – expressos nas fases da terapia – como “circumambulação”, isto é, um movimento circular ao redor do centro (*Self*). O centro da *Estrela Setenária* é a Rosa dos alquimistas rosacrucianos (Figura 72), a “Centelha Divina”, metáfora evidente para o *Self* da Psicologia Analítica, em torno do qual a “circumambulação alquímica” ocorre, levando cada vez mais para o Centro da Personalidade Total.

Figura 72 – A Fractal da Estrela Setenária em *Circumambulatio*



Fonte: Adaptado de Del Debbio, 2010

Na Alquimia Clássica, esta ideia de movimentos paradoxais das operações também aparece em imagens, como representa o documento alquímico *Splendor Solis*, referido por McLean (2021), na figura de lavadeiras (Figura 73). Elas mergulham e retornam tecidos da água, uma metáfora para o fato de que as operações alquímicas – tanto quanto os sonhos das pessoas – podem se apresentar em repetições. Entretanto, cada repetição da lavagem na alquimia, leva o tecido a um processo de maior purificação. Isto consiste numa metáfora para a transformação da personalidade, em termos cíclicos. Os sonhos que se repetem, tanto quanto a própria dinâmica de circunambulação na abordagem terapêutica, têm o poder de influenciar a personalidade para sua transformação e refinamento.

Figura 73 – As Lavadeiras



Fonte: Adam McLean, 2021

Com base nestes aspectos, o Mapa Simbólico apresentado neste capítulo deve ser utilizado com cautela, consciência e respaldo teórico. Seu propósito não é classificar ou estereotipar o sofrimento mental – ou mesmo a conquista terapêutica –, mas oferecer um campo referencial que auxilie o(a) psicoterapeuta a se orientar diante da multiplicidade dos fenômenos da alma, considerados em contexto clínico. O símbolo, como atesta Jung (2016), é vivo e dinâmico – por esse motivo, resiste a toda tentativa de fixação definida. Assim, o presente construto oferece um referencial teórico, mas é preciso que cada psicoterapeuta aprenda a “ler

nas entrelinhas” a fenomenologia do espírito humano, implicada na interpretação psicológica-alquímica estruturada, apresentada nesta pesquisa.

6.1 Síntese gráfica da alquimia junguiana

Esta tabela leva em conta um conjunto de Eixos Temáticos:

a) Etapas da Terapia: considera as etapas terapêuticas propostas por Jung (2013a), em quatro fases: (1) confissão; (2) elucidação/esclarecimento; (3) educação; (4) transformação.

b) Fases Alquímicas: se refere às quatro fases da Grande Obra, conforme abordada pela Alquimia Clássica.

c) Operações Alquímicas: se refere à categoria das *operatios* da Alquimia Clássica, conforme abordadas no presente trabalho, adaptadas da comparação entre as obras de Edinger (2006), Tamosauskas (2023) e Martinelli & Del Debbio (2016, 2023), especialmente.

d) Aspectos Psicoterápicos: aborda especificidades conceituais referentes a cada uma das operações, conforme elaborado, mais especialmente, por Edinger (2006), e ampliado por Tamosauskas (2023) e Martinelli & Del Debbio (2016, 2023).

e) Elementos Simbólicos: envolvem os símbolos que podem surgir em sonhos de clientes, como informado por Edinger (2006) e amplificado em símbolos paralelos semelhantes.

f) Sentimentos, Afetos e Palavras-Chave: aborda conceitos relativos a sentimentos (mais basais) e afetos (seus derivados), que podem surgir em contexto clínico. Algumas palavras-chave, ainda que não se enquadrem na categoria de “sentimento” ou “afeto” foram reproduzidas, com base em Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) pois ampliam as analogias.

g) Símbolo Planetário: posiciona, de maneira didática, o símbolo de cada um dos 7 Entes Planetários da *Heimarmene*, e sua cor correspondente. Este Eixo apresenta um caráter mais propedêutico e lúdico, de modo a que os(as) leitores(as) possam ampliar as reflexões analógicas e estudos ulteriores da tabela, de acordo com a *amplificatio* alquímica. Ademais, especificamente, cada um dos Sentimentos, Afetos e Palavras-Chave do Eixo-Temático anterior (relativo a Sentimentos, Afetos e Palavras-Chave) se encontram dispostos em perfeita sinergia como expressões do símbolo planetário correspondente. Para quaisquer dúvidas, recomenda-se a revisitação das tabelas apresentadas no detalhamento da *amplificatio* alquímica, seção situada no capítulo que aborda o Método deste trabalho.

Enquanto o capítulo que aborda o método de pesquisa buscou sintetizar os conceitos analógicos entre Psicologia e Alquimia, a Tabela 12 apresenta (na horizontal) o resultado do conteúdo sintético destes conceitos. Enfim, trata-se do suprasumo da presente pesquisa.

Tabela 12 – Síntese da Alquimia Junguiana

Etapas da Terapia	Fases Alquímicas	Operações Alquímicas	Aspectos Psicoterápicos	Elementos Simbólicos	Sentimentos, Afetos e Palavras-Chave	Símbolo Planetário
Confissão	Nigredo	<i>separatio</i>	- Lidar com a distinção de conteúdos psíquicos indiferenciados; - Entrar em contato com aspectos inconscientes; - Separação entre sujeito e objeto	Espadas, facas, lâminas, cirurgia, corte, separar coisas (grãos, pessoas, objetos), dividir, julgar (apocalipse), separar, medir, contar, pesar, mapas e coordenadas cartográficas, compasso, régua, esquadro, escadas, sextante, relógios e instrumentos aritméticos.	Acolhimento, instinto, memória, nostalgia, gestação, apego, vulnerabilidade, dependência, empatia, carência, preservação, sensibilidade, padrões-emocionais, ilusão.	
		<i>mortificatio/putrefactio</i>	- Sustentar a constelação de aspectos emergentes à Consciência; - Lidar com a "mortificação" de estruturas psíquicas rígidas; • Contato com o aspecto instintivo da Sombra e do Inconsciente.	Feces, excrementos, maus odores, sujeira, decomposição, odor de cadáveres, vermes, corvos, cemitérios, túmulos, tumbas, cavernas, escuridão, eclipse, lua nova, caveiras, cadáveres, ossos, apodrecimento.	Responsabilidade, resistência, conservadorismo, disciplina, austeridade, ceticismo, reclusão, desapego, persistência, medo, rigidez, solidão, ascetismo, cautela, escassez, isolamento, profundidade, pessimismo, prudência, resiliência, inflexibilidade, melancolia, sobriedade e sabedoria.	
		<i>calcinatio</i>	- Lidar com a frustração do desejo; - Lidar com a intensidade ("calor") dos afetos; - Realizar "sacagem" de fatores complexos da psique; - Conquista da "imunidade ao afeto" - maior autodomínio sobre o fluxo da libido; - Ativar as energias criadoras do Self.	Fogo, fogueira, fogões, calor intenso, combustão, lugares em chamas, incêndios, devastações pelo fogo, cinzas.	Coragem, bravura, ambição, energia, impulsividade, impetuosidade, tensão, inflexibilidade, impaciência, audácia, exploração, competição, paixão, sexualidade, sobrevivência, determinação, raiva e ira.	
		<i>solutio</i>	- Lidar com a dissolução do "Ego imaturo" – manifestado em estruturas psíquicas rígidas e na transferência terapêutica; - Entrar em contato com o <i>Allohest</i> (Consciência Presente); • Contato com o aspecto "aquoso" do Inconsciente: a dissolução de aspectos emocionais por meio de consciência ampliada.	Água, chuva, enchentes, tsunamis, praias, lagos, rios, mergulhar, desaparecimento de uma forma (que ressurge posteriormente), sensação de dissolução, dissolver um ente ou composto em líquido, banhos.	Curiosidade, lógica, racionalidade, agilidade, flexibilidade, sarcasmo, ceticismo, criticismo, ironia, astúcia, objetividade, nervosismo, perspectiva e perspicácia.	
Esclarecimento/Elucidação	Albedo	<i>coagulatio</i>	- Realizar a coagulação (materialização) de ideais, projetos e sonhos; - Corporificar um "Novo Ego" (nova atitude psicológica); - Incorporar aspectos úteis ao desenvolvimento psíquico.	Tecidos, roupas, ato de vestir-se, alimentos, ato de se alimentar, construir objetos ou edificações, pisar em terra, lama, regresso de um mergulho ou nado, incorporar a alma, nascimento/dar à luz, escrever, desenhar, pintar, cair, descer, choques entre veículos aéreos e objetos cadentes.	Amor, desejo, carisma, companheirismo, amabilidade, sensualidade, fertilidade, encantamento, admiração, alegria, simpatia, indulgência, paixão, graciosidade, cordialidade, fascinação, socialização, apreciação, coesão e satisfação.	
Educação	Citrinitas	<i>sublimatio</i>	- Entrar em contato com a estância transpessoal da vida; - Tomar um ponto de vista ampliado sobre uma situação; - Elaborar uma relação mais adaptativa com o meio social. • Contato consciente com o aspecto mítico, arquetípico e transpessoal do Inconsciente – também expresso por valores comunitários.	Pássaros voando, subir (elevadores, escadas, edifícios, montes, lugares elevados), veículos aéreos que se elevam (como aviões e balões), elevar-se da terra, voar, se elevar em espírito ou sob forma fantasmagórica, moagem, pó e gases.	Espiritualidade, plenitude, caridade, altruísmo, abundância, ampliação, elevação, serenidade, fé, esperança, ética, propósito, superação, confiança, grão, extravagança, universalidade, tolerância, liberdade, moralidade, integridade, idealismo, jovialidade, largueza, triunfo, compreensão, inspiração, intuição e proteção.	
Transformação	Rubedo	<i>coniunctio</i>	- Elaborar eventuais lacunas do trabalho terapêutico; - Reunificar aspectos psíquicos com vistas à integração; - Experiência da Transformação pelo contato terapêutico.	Casamentos felizes, uniões felizes, contratos celebrados, junções entre diferentes elementos, pessoas ou grupos em sintonia, compromisso genuíno, rito de consagração e receber uma aliança.	Realização, determinação, generosidade, originalidade, criatividade, liberdade, autoexpressão, benevolência, autonomia, otimismo, convicção, entusiasmo.	

Fonte: O Autor, 2025

Enfim, a tabela demonstrada tem a capacidade de sintetizar a correspondência simbólica e psicodinâmica entre as quatro etapas da psicoterapia junguiana, as fases e operações da alquimia tradicional, os aspectos psíquicos em análise, os elementos simbólicos oníricos predominantes, os sentimentos, os afetos, as palavras-chave e os símbolos planetários – todos em associação epistêmica. Essa síntese é resultado da *amplificatio* alquímica, desenvolvida ao longo deste trabalho, com base nos estudos da Psicologia Analítica e da Alquimia Hermética.

Intenta, assim, sistematizar e evidenciar os aspectos mais obscuros e enigmáticos da Alquimia, colocados agora em perspectiva com a Psicologia Analítica.

6.2 Síntese teórica da alquimia junguiana

De modo a detalhar e exemplificar os conteúdos relativos à TABELA X, o trabalho apresenta, a seguir, uma proposta interpretativa mais detalhada, com base em relatos oníricos de Jung (2012a) e nas vivências terapêuticas de Gallbach (2000).

6.2.1 Inconsciente: a *prima materia*

A cosmogênese alquímica clássica se refere à *prima materia* como Caos Primordial. Ela representa o estado pluripotente da existência, mas em condição indiferenciada. Em sentido microcósmico (pela Alquimia Laboratorial), esta substância representaria algo frequentemente ignorado pelo vulgo, devido a seu menor valor. Jung (2012a), e depois Edinger (2006), a identificam assertivamente com o inconsciente – o grande desconhecido, instância responsável pelos fenômenos vislumbrados nas vivências oníricas, e no próprio “destino” da vida consciente.

Jung (2012a, para. 516) escreve:

A **consciência**, porém, apreende somente uma **parte** de sua **própria natureza**, pois ela é o **produto** de uma **vida psíquica pré-consciente** que justamente possibilita o **desenvolvimento da consciência**. Embora a consciência sucumba sempre à ilusão que se cria a si mesma, o conhecimento científico sabe que **toda consciência repousa sobre pressupostos inconscientes**, sobre um tipo de “**prima materia**” desconhecida, à qual os **alquimistas** atribuíam tudo o que pode se atribuir ao **inconsciente** (grifo nosso).

Na psicoterapia, o indivíduo é colocado em contato com esta instância inconsciente, sua “*prima materia*”, trabalhada para que seja integrada à totalidade, em uma expressão harmoniosa

do ser. Este é o papel da transformação da personalidade empreendido pela psicoterapia, e coroada na etapa terapêutica da Transformação, correspondente à *Rubedo* alquímica. Entretanto, tudo parte do reconhecimento do conteúdo psíquico ignorado – ou mesmo projetado. A projeção de conteúdos inconscientes em um objeto externo configura mais uma metáfora da “substância rejeitada pelo vulgo” referida pela Arte. O(a) alquimista – ou a dinâmica terapêutica relacional –, deve reconhecer o valor desta *prima materia*, pois o trabalho sobre ela revela o Ouro Filosofal. Por este motivo, ela também é denominada “Caos dos Sábios”. Na etapa da confissão junguiana, ela aponta para o “segredo guardado” (aspecto inconsciente), fonte da demanda que leva o indivíduo ao *setting*.

Quando Franz (2016) indica que diversas pessoas parecem ignorar o conteúdo dos próprios sonhos, tem-se aí outra referência, no escopo da presente pesquisa, a esta *prima materia* rejeitada pelo vulgo. Jung (2012e, 2016) revela sua importância, no conceito da transformação da personalidade e do processo de Individuação. Esta “substância”, em contexto terapêutico, sofre diversos processos em circunambulação, que apontam para o centro-totalidade, mascarado por sua aparente ausência valorativa, ou mesmo pelo aspecto mais instintivo do inconsciente. A rejeição de seu conteúdo – expressa na ideia de um “segredo” – já aponta para um material de trabalho emergente. Naturalmente, a abordagem sobre ela deve considerar a estrutura do(a) paciente, junto à lógica de um vínculo terapêutico fundamentado e ético.

Se, para a Alquimia Clássica, a *prima materia* é abundante e rejeitada, isso apenas reforça seu caráter comum, à vista de todas as pessoas. Ora, todas as pessoas têm sonhos. Jung (2013c) já informou que todas as pessoas são afetadas – ainda que se expressem com indiferença, o que também representa um afeto. Enfim, o afeto é um fenômeno da vida biopsicossocial e espiritual de qualquer sujeito. Portanto, o material de trabalho do próprio processo psicoterapêutico – tal qual a Alquimia –, se encontra em toda a parte, naquela esfera desconhecida a que o vulgo dá o nome de “destino”, justamente por lhe faltar a consciência sobre a própria profundidade psíquica fundamental: o inconsciente.

Ademais, a ubiquidade da *prima materia* e seu estado caótico indiferenciado, revelam a presença filogenética e psicológica da *participation mystique*. Este é o estado em que o “indivíduo” se encontra apenas em potência, no caos da coletividade psíquica, e precisa percorrer um caminho para a conquista da individualidade. Neste empreendimento, o indivíduo realiza o trabalho sobre as próprias projeções, ou sobre conteúdos psíquicos rejeitados – isto é, relegados sempre a “um outro” –, de modo a reaver estes aspectos psíquicos e empreender seu esforço intransferível pelo processo de Individuação. A terminologia dos antigos diria que isso

corresponde a recuperar “partes” da própria alma, uma incrível metáfora para a transformação da personalidade ao longo da psicoterapia. Nessa esteira, o trabalho de interpretação dos sonhos, no contexto clínico, oferece a possibilidade do retorno desses conteúdos anímicos à vida psíquica do sujeito, de forma harmônica e integrada.

Em perspectiva, os sonhos revelam aspectos importantes. São pistas que apontam para o centro (e totalidade) da vida psíquica: o *Self*. A personalidade total se encontra enquanto princípio ordenador intrapsíquico, ainda que a personalidade consciente exerça diversas projeções sobre objetos e pessoas ao seu redor, devido a fatores inconscientes. A Alquimia Clássica ensina que, dentro da *prima materia*, já reside a Pedra Filosofal/Filho Filosofal/*Deus Absconditus*, ainda que de maneira invisível, isto é, inconsciente. Isto constitui flagrante metáfora para o material inconsciente que, operado ao longo da psicoterapia, auxilia na transformação e amadurecimento da personalidade, de modo a favorecer a “coagulação” do Si-Mesmo na vida do(a) cliente.

6.2.2 Confissão: *nigredo*

Uma imagem (Figura 70) da série alquímica *La Bugia*, apresentada por McLean (2021), tem o condão de representar, simbolicamente, o paradoxo entre a *prima materia* (material base do trabalho terapêutico e do processo de Individuação) e o Filho Filosofal (resultado da transformação da personalidade). De início, essas instâncias coexistem, o *Philius Philosophorum* (símbolo da *Imago Dei* e do *Self*) esteja oculto dentro da matéria prima alquímica.

Na Figura 74 a seguir, ele segura os princípios solar e lunar nas mãos, ou ainda, consciente e inconsciente, que precisam operar em harmonia a partir de um novo centro. O fato de se encontrar sobre um corvo, indica que este *Philius Philosophorum* ou *Deus Absconditus* está presente, mesmo na situação caótica, confusa e desafiadora, representada pela *nigredo*. Suas características de indiferenciação, sensação confusional e necessidade de auxílio psíquico correspondem à Confissão junguiana. O fruto (*prima materia*) indica que é necessário um processo de amadurecimento – representado pela transformação da personalidade, oferecida pelo trabalho psicoterapêutico –, de modo que seja revelado este tesouro interior. Seu desvelamento indica uma aproximação do centro da vida psíquica.

Figura 74 – *Philus Philosophorum* na *Nigredo*

Fonte: Adam McLean, 2021

Dessarte, a fase alquímica da *nigredo* é uma metáfora para o processo de transformação da personalidade, empreendido através da etapa psicoterapêutica da confissão. Ela indica o início do trabalho sobre o Caos Primordial alquímico, uma metáfora para os conteúdos inconscientes do(a) cliente.

6.2.2.1 A *separatio* terapêutica

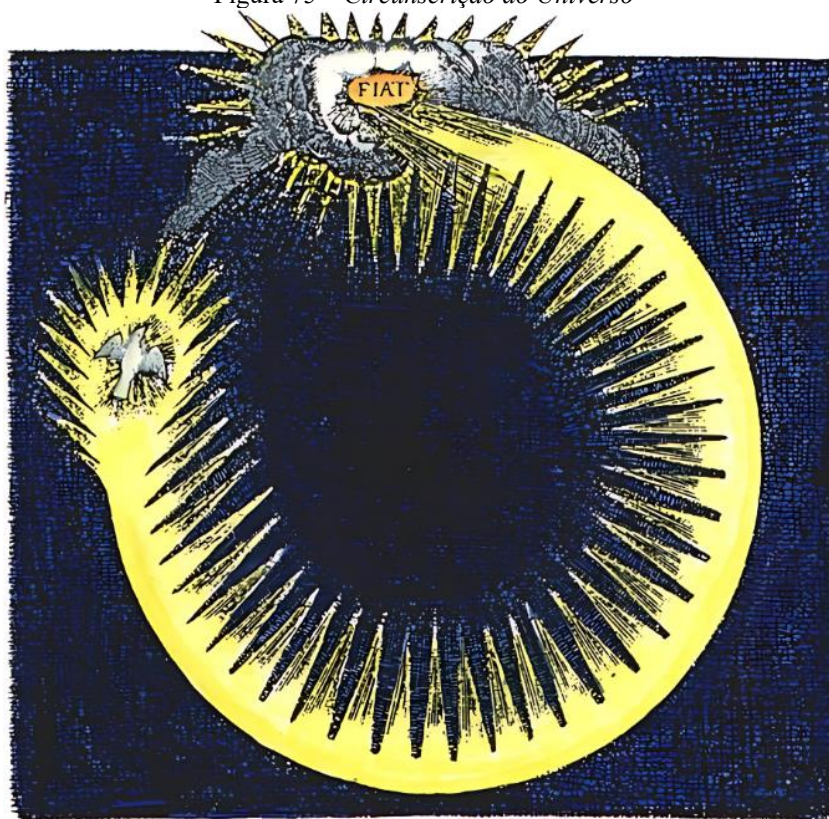
No contexto clínico, a *separatio* aponta para a existência de fatores que necessitam atravessar a discriminação (separação), de modo a serem trazidos à consciência. Estes são os conteúdos inconscientes (“segredos”) do(a) paciente, até então indiferenciados em sua vida psíquica. O indivíduo busca a terapia para que, neste primeiro momento, possa encontrar um ambiente para o tratamento dos males anímicos que lhe afligem, em geral representados por uma demanda.

Nesta esteira, Edinger (2006) informa que a *separatio* é a fase em que se procura:

- a) lidar com a distinção de conteúdos psíquicos indiferenciados;
- b) entrar em contato com aspectos inconscientes;
- c) realizar separação entre sujeito e objeto.

Portanto, a apresentação do(a) cliente ao próprio contexto da clínica analítica, um espaço de trabalho que envolve a conexão dual da relação terapêutica, indica que uma separação inicial já ocorre, mesmo sem sua ciência. A metáfora da Alquimia para este processo está numa imagem (Figura 75) da série alquímica cosmológica de Robert Fludd (1617), apresentada por McLean (2021). Trata-se da circunscrição do Universo pelo Espírito Divino, que divide exterior e interior.

Figura 75 – *Circunscrição do Universo*



Fonte: Adam McLean, 2021

Este processo alquímico cosmológico, em contexto psicológico, pode ser uma metáfora para a própria circunscrição do *setting* terapêutico, que será o *Vas Hermeticum* para as operações que envolvem o(a) paciente. Embora ele(a) não saiba, sua busca pela psicoterapia é motivada por um impulso natural, conforme Jung (2013a) afirmou, acerca da Individuação. Este processo envolve a própria transformação da personalidade elaborada na terapia analítica, na medida em que o indivíduo se torna consciente de conteúdos psíquicos que estavam à

margem de sua consciência, ou projetados em outros, produzindo uma visão unilateral (neurótica) sobre a realidade circundante.

Portanto, a metáfora de Fludd (1617) é de imenso valor para a teoria analítica. O Espírito Divino que circunscreve os limites do Universo é a *Imago Dei*. No contexto clínico, é uma analogia do *Self*, que leva o sujeito a buscar seu tratamento através do processo psicoterápico, ao circunscrever um espaço para as transformações de sua personalidade – amparadas por um profissional, na lógica dual do *setting*. As séries de sonhos do(a) cliente também podem representar expressões do centro ordenador do Si-Mesmo.

Na *separatio* terapêutica, o indivíduo é levado a lidar com a distinção de conteúdos psíquicos indiferenciados – isto é, um primeiro trabalho sobre a *prima materia*. Isso requer o aprofundamento do sujeito com os aspectos inconscientes da personalidade, com a posterior discriminação entre sua própria identidade, e os objetos ou pessoas que são alvos de conteúdos projetados. Com base em Edinger (2006) e na *amplificatio* alquímica, os símbolos da *separatio* podem envolver sonhos com: espadas, facas, lâminas, cirurgia, corte, separação de coisas (objetos ou pessoas), dividir, julgar, separar, medir, contar, pesar, mapas, coordenadas cartográficas, compasso, régua, esquadro, escalas, sextante, relógios e instrumentos aritméticos.

Um exemplo da presença desses símbolos é oferecido por Gallbach (2000, p. 57), ao oferecer o relato do sonho de Clara, de 27 anos:

Estou andando na rua do centro da cidade, apressada, com muitos **anéis**, em quase todos os dedos. Tropeço e caio, todos **os anéis saem** e eu vejo as **pedrinhas** pulando. Como fazer para **recolher** tudo isto? Não vai dar. Me agacho. Pego, mas **não dá para pegar tudo**. Então vem minha imagem levantando e também não vejo mais as pedras no chão. Só vejo as pessoas andando. Fico **parada** ali (grifo nosso).

O sonho de Clara remonta a, no mínimo, dois aspectos simbólicos oníricos da *Separatio*: a separação e a medição. Clara percebe a separação de diversos anéis de seus dedos e, depois, realiza uma breve medição dos objetos caídos, de modo a antever se conseguirá recolher todos. Gallbach (2000) relata que a cliente chamou o sonho de “Angústia”, devido a sua sensação de perda. Esta teria sonhado um dia depois de rever seu ex-namorado, situação que a deixou muito ansiosa.

A separação dos anéis e a medição são características da *Separatio*. Isso é reforçado pela associação da própria cliente, à memória afetiva do encontro com alguém com quem se relacionou no passado, mas não se encontra em sua vida afetiva presente, pois separaram-se. Dessarte, o fundo do sonho poderia apontar para uma necessária separação de conteúdos

psíquicos que antes se encontravam indiferenciados, ou mesmo projetados num relacionamento anterior. Encontram-se simbolizados oniricamente nos anéis que faziam parte da paciente, mas são separados de suas mãos. É possível dizer, ainda, que seu agachamento e a tentativa de recolhimento das pedrinhas prenuncia uma operação futura: a *coagulatio* – em que deve reaver o “Espírito Mercurial Fugidio” (o próprio conteúdo psíquico projetado em outrem).

Interessante notar que, segundo Gallbach (2000), Clara também teria relatado, ao examinar o sonho, que se sentia confusa e perdida na experiência onírica, sem um objetivo ou meta, enquanto as pessoas passavam por ela, após ter levantado da tentativa de recolhimento dos anéis e pedrinhas. Esta emoção confusa se encontra em paralelo com diversos conteúdos de sentimentos e afetos relativos ao símbolo planetário da Lua, associada à operação da *Separatio*, no início do trabalho psicoterapêutico. Para a *amplificatio* alquímica, as palavras-chave que os expressam seriam: acolhimento, instinto, memória, nostalgia, gestação, apego, vulnerabilidade, dependência, empatia, carência, preservação, sensibilidade, padrões-emocionais e ilusão.

As correlações entre diversas destas emoções – como apego, vulnerabilidade, preservação e sensibilidade – com o que afetou Clara neste sonho, não são mera coincidência. Jung (2012a) demonstra que o início do processo terapêutico indica a necessidade de confissão, isto é, verbalização de um “segredo”, representado por conteúdos inconscientes ou resultantes de projeção psíquica. Portanto, a confusão decorrente da indistinção destes aspectos é marcante na primeira etapa da terapia. Sentimentos e afetos como instinto, memória, nostalgia, gestação, apego, vulnerabilidade, dependência, carência, preservação, sensibilidade, padrões-emocionais e ilusões, apenas são como que derivações desta atitude psicológica que ainda não foi capaz de distinguir entre o indivíduo e suas projeções inconscientes. Portanto, haverá uma nostalgia e apego ao conhecido, de modo a não aprofundar nos fatores que são causa, mas também tratamento da neurose. Como Jung (2012a) aponta, o veneno pode ser, também, remédio.

Jung (2012a) apresenta um antigo adágio dos Mistérios de outrora, ao abordar a confissão terapêutica. Ele parece um conselho assertivo para o sonho de Clara e “seus” anéis: “Solta o que tens, e serás acolhido” (para. 133). A sensação afetiva de acolhimento e empatia – relativas à representação simbólica da Lua, na *amplificatio* alquímica –, surge como resultado do próprio *setting* terapêutico, ao oferecer um espaço onde o “segredo” – para utilizar a terminologia de Jung (2012a) – do(a) cliente, pode ser verbalizado em um ambiente seguro. Ademais, o próprio trabalho da confissão faz com que o indivíduo passe a adquirir uma atitude de acolhimento acerca da sua própria neurose. Como o fundador da psicoterapia analítica já

demonstrou, o tratamento da neurose não requer, necessariamente, uma “cura”. Em alguns casos, a cura pode ser sinônimo de perfeição, mas a busca real da terapia é a integridade.

No relato de Gallbach (2000, p. 63), a paciente Clara relata *insights*, resultados das vivências terapêuticas, o que evidencia o caráter psíquico projetivo que os anéis personificavam – assim como o reconhecimento do apego, nostalgia e a reprodução de padrões emocionais, afetos relativos ao símbolo Lunar da Alquimia – em seu sonho:

[...]. Vejo os **anéis** como o **vínculo passado**. [...], percebi que posso tentar aprender e mudar para o presente, **não me apegar e reproduzir**; porque hoje não tem mais porque estarem funcionando. Sinto que o sonho se referia a um **vínculo passado** que eu talvez estivesse querendo **reproduzir**, que não estava dando certo. Poder aprender e não ficar só com o sentimento de angústia pareceu-me a solução. O que está no passado tem de ficar no passado (grifo nosso).

Assim, o relato da cliente demonstra sua elaboração acerca de padrões emocionais, apego ao conhecido e nostalgia, expressos simbolicamente em um sonho cujo tema flagrante é a *separatio*.

No próximo exemplo, extraído da experiência de Gallbach (2000, pp. 156-157), encontra-se não apenas o relato de um sonho, mas também um *insight* de uma paciente, Natália, de 32 anos:

Em seu sonho, uma mulher estava rastejando, **acorrentada** a um homem numa rua de terra, como no **meio de uma aldeia**, com **várias pessoas assistindo**. [...]. Natália compreende o sonho alguns dias mais tarde quando, numa situação de discussão, sente-se parando de “rastejar” junto ao companheiro e levantando-se, colocando-se como **indivíduo separado** no confronto, respeitando-se (grifo nosso).

Com base na *amplificatio* alquímica, o sonho de Natália revela uma possível transformação da personalidade, impulsionada pelos motivos oníricos que expressam uma compensação psicológica de sua atitude anterior à *Separatio*. O trabalho de elaboração realizado nas vivências de Gallbach (2000), ao trazer este sonho em perspectiva, auxiliaram Natália a recuperar o conteúdo psíquico, e reforçar sua autonomia para se separar de uma situação desconfortável. Esta é a capacidade exercida pela abordagem psicoterápica.

As situações clínicas que envolvem a primeira separação que o sujeito empreende, ao participar de um *Vas Hermeticum* – o *setting* –, tanto quanto as posteriores discriminações de conteúdos empreendidas no trabalho psicoterápico, se encontram metaforizados na cosmologia

alquímica. Edinger (2006) afirma que “produz-se ordem a partir da confusão” (p. 199), ao se referir à *Separatio* como fenômeno necessário no nascimento do Universo.

Edinger (2006) ainda afirma que “cada área recém-encontrada do inconsciente requer um ato cosmogônico de *separatio*” (p. 205), o que reforça a necessidade desta operação no início do trabalho psicoterápico. Ademais, enriquece o esquema da presente pesquisa, ao situar a esta operação como símbolo do início da confissão-*nigredo* psicoterápica. A confissão relativa à primeira etapa terapêutica revela diversos “segredos” (sentimentos, afetos e outros aspectos inconscientes), muitos escondidos do próprio *Ego* consciente que, com auxílio da lógica dual do *setting*, aprenderá a discriminar de sua vida psíquica estes fatores antes inconscientes. A separação/discriminação de um conteúdo indiferenciado também é o que permite a identificação correta de suas partes.

6.2.2.2 A *mortificatio/putrefactio* terapêutica

Segundo Edinger (2006), a *mortificatio/putrefactio* envolve:

- a) Sustentar a constelação de aspectos inconscientes que emergem à consciência (complexos);
- b) Lidar com a “mortificação” de estruturas psíquicas rígidas.

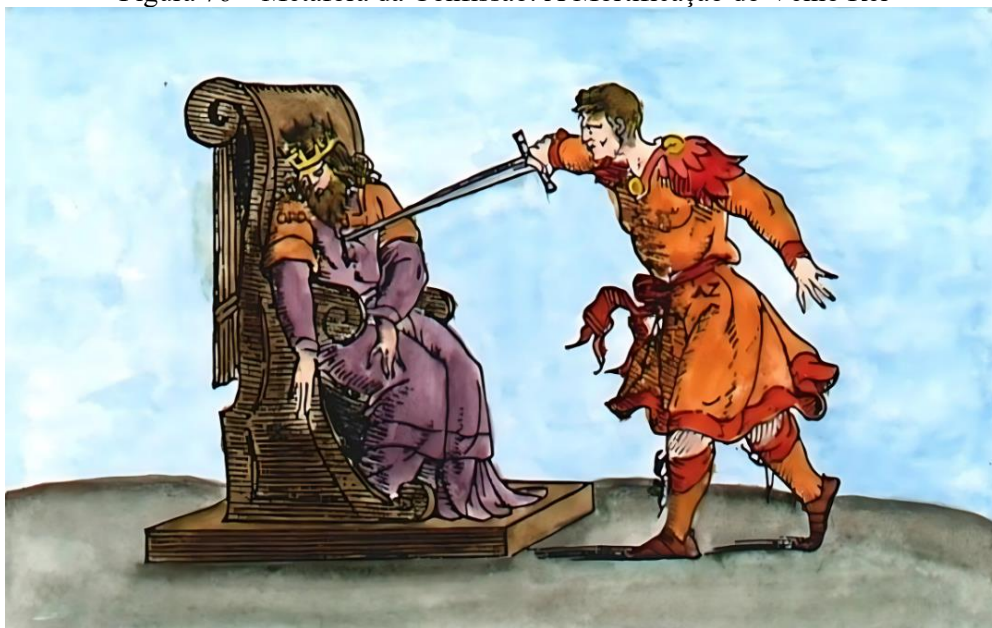
Ainda dentro da confissão, a *mortificatio* representa o momento em que certos complexos são constelados durante o trabalho terapêutico. Com a conseqüente separação ou discriminação do “segredo” referido por Jung (2012a), aspectos inconscientes podem irromper, a princípio, como um “veneno”, isto é, uma reação afetiva inconsciente, ou uma estrutura psíquica rígida e unilateral, o que também caracteriza a atitude neurótica.

Esta fase “densa” da psicoterapia, em que a parte Sombra do inconsciente é reconhecida, está totalmente relacionada à ideia de “ter um pecado” – trazida por Jung (2012a) ao abordar a confissão – e, portanto, à mortificação dele. Nesta metáfora, os períodos de mortificação empreendidos por místicos são um símbolo psicológico da reação à própria consciência do “pecado”, ou da atitude unilateral, desadaptativa e, portanto, cindida da personalidade total. Jung (2012a) lembra sabiamente que, para grande parcela das pessoas, o pecado sempre se encontra “no outro”: o alvo das projeções inconscientes de um indivíduo.

A ideia simbólica da *nigredo*, particularmente na operação *mortificatio*, traz à tona o aspecto Sombra da personalidade, e convida o indivíduo a tomar consciência desta instância dentro de sua totalidade psicológica. Edinger (2006) aponta que “uma intensa consciência de um dos lados constela seu contrário” (p. 167), tanto quanto, metaforicamente, a luz surge das

trevas. Na Alquimia, a *mortificatio* é referenciada pela ideia do “dragão” ou “rei” (Figura 76) que deve ser escolhido para morrer. Estas figuras representam o “velho *Ego*”, em sua atitude neurótica e unilateral. Essa morte não é permanente, pois o “velho rei” retorna, futuramente, sob forma rejuvenescida.

Figura 76 – Metáfora da Confissão: A Mortificação do Velho Rei



Fonte: Adam McLean, 2021

Edinger (2006, pp. 170-171) ainda afirma que:

O **velho enfermo e frágil** representa um **princípio espiritual ou dominante** de cunho **consciente** que **perdeu sua eficácia**. Ele **regrediu** ao nível da **psique primordial (dragão)** e deve, por isso, submeter-se à **transformação**. A **caverna** na qual está aprisionado é o **vaso alquímico**. A **tortura** é a provação implacável que promove a **transformação** a fim de que, “do Três, possa surgir o Um”, isto é, para que **corpo, alma e espírito** sejam unificados no interior de uma **personalidade integrada** (grifo nosso).

A tortura e o sofrimento da Alquimia, tão relacionados à *mortificatio*, também abordam, essencialmente, a ideia da gestação para um novo nascimento. Diversos motivos míticos versam sobre este aspecto da *mortificatio*, que participa da própria Jornada do Herói apresentada por Cambell (2007). Na mística cristã, esta experiência é conhecida como “Noite Escura da Alma”. Em mitos de outrora, era representada pelo eclipsar do sol – o que era uma metáfora cósmica para o/a herói/heroína, engolido/engolida pelo dragão. Na Bíblia Sagrada (2022), tem-se a narrativa que versa sobre o profeta Jonas, engolido pela baleia. Também apresenta a narrativa neotestamentária do Mestre Jesus Cristo, que tem seu corpo depositado na tumba e, na Tradição

Católica, desce à “mansão dos mortos”. O Sol, o/a herói/heroína, Jonas e Cristo – todos(as) estes(as) ressurgem, posteriormente, em um novo nascimento, ou por meio da ressurreição.

Em conexão com a abordagem mítica de Campbell (2007), a tumba é também o inferno, o *hades*, o submundo ou útero do mundo, onde um processo doloroso de gestação ocorre, para o seguimento de um novo nascimento, ou ressurreição. Blavatsky (2022) recorda que este submundo era o reino da divindade greco-romana *Dis Pater*. O termo “Dis” faz referência à opulência e riqueza, porque se considera que das entranhas da terra é que são retirados tesouros e pedras preciosas. Em sentido psicológico, a *mortificatio*, nesta esteira, representa um processo de *katábasis* (descida; mergulho) na vida psíquica, de modo a entrar em contato com o aspecto Sombra da totalidade psíquica. Na profundidade interior, também se encontra o *Self*, cujo contato provoca uma lesão no *Ego* – o que justifica símbolos míticos e alquímicos que envolvem mutilação, envenenamento, desmembramento ou mesmo mortificação.

Por esse motivo, os símbolos da *mortificatio* apresentados por Edinger (2006) e detalhados pela *amplificatio* alquímica são aparentemente tão assustadores, e associados à putrefação: fezes, excrementos, maus odores, sujeira, decomposição, odor de cadáveres, vermes, corvos, cemitérios, túmulos, tumba, cavernas, escuridão, eclipse, lua nova, caveira, cadáveres, ossos, apodrecimento. Todas essas representações figuram apenas como compensações psíquicas dos sonhos, acerca do processo do confronto inicial com o inconsciente. Embora possa-se objetar que, mesmo em uma situação psíquica mais dificultosa, uma pessoa não deveria apresentar sonhos sombrios – com base na teoria da compensação psíquica –, Jung (2013b) atesta que, em alguns casos, a expressão onírica segue “o princípio de que *similia similibus curantur* (“As coisas semelhantes se curam com coisas de natureza semelhante”))” (para. 489).

O exemplo a seguir de uma cliente, Ana, de 26 anos, apresentado por Gallbach (2000, p. 132), apresenta símbolos da *mortificatio*, como o corpo inerte da prima, de 13 anos:

Estava numa sala grande com minha **prima**. Ela estava **morta nos meus braços**. As pessoas estavam na outra sala, e eu tinha que colocá-la no **caixão**. Chorava. Ela não cabia no **caixão** (no sonho ela era pequena, o **caixão** era pequeno). Na outra sala, as pessoas estavam **chorando**. Aí veio um **caixão maior**. Consegui colocá-la no **caixão** junto com as flores. **Chorava muito**. [...]. Meu tio, pai da minha prima, diz: “Para que chorar?...” Tenho raiva dele. Muda a cena: estou sentada num banco de ferro, num parque. Tem um **túnel**; queria **que meu tio entrasse lá e não sáísse**. As pessoas entram e saem. Ele ficou **preso no túnel**, pois tem um engarrafamento. Não sai do **túnel**, que parece um **bueiro**. A mãe da minha prima é irmã do meu pai (Gallbach, 2000, p. 132, grifo nosso).

Os símbolos manifestados no sonho de Ana apontam para a experiência de uma *mortificatio* terapêutica. A prima morta e o tio que deveria “entrar e não sair do túnel” apontam para um processo que lida com a mortificação dos conteúdos inconscientes projetados, especificamente associados à prima e ao tio. A morte, o caixão, o túnel e o bueiro – estes dois últimos, variações da escuridão e da caverna –, são símbolos desta operação terapêutica.

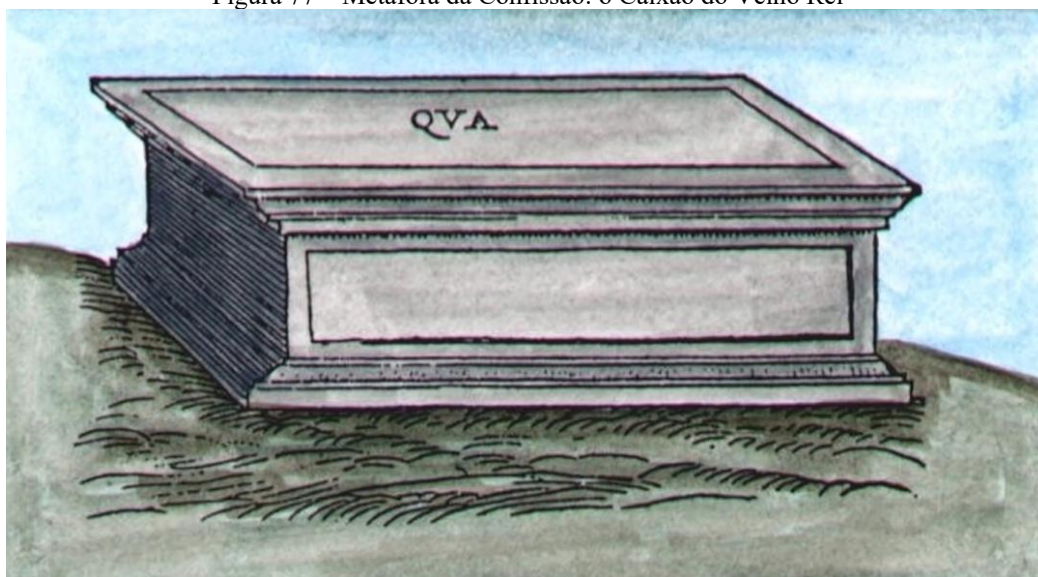
As associações desta cliente nas vivências de Gallbach (2000, p. 137), acerca deste tio, reforçam a existência deste aspecto projetado:

Eu o odeio, tenho uma bronca dele. Vejo a dificuldade dele **entrar no sofrimento**. Não que ele não esteja **sofrendo**, só que **não demonstra**, ele **racionaliza**, do tipo: “Se eu demonstrar, eu vou me perder, porque não sei **lidar com a emoção**; tenho **medo do sofrimento**”. O sentimento querendo borbulhar e o racional querendo controlar (grifo nosso).

Esta passagem de Gallbach (2000) parece evidenciar os aspectos inconscientes da cliente, projetados no tio. No sonho, denominado pela cliente de “Tristeza” (p. 132), este tio perde a filha – a prima de Ana, que tem o corpo segurado por ela –, mas demonstra frieza em relação à perda e realiza uma reprimenda ao pranto da sobrinha. Por isso, mais adiante, Ana deseja vê-lo “debaixo do bueiro”, isto é, de alguma forma, enterrado. Natural pensar que ela não fala, necessariamente, da pessoa do tio, mas de um conteúdo que não foi integrado pela personalidade total, ou de um aspecto que precisa ser mortificado.

Acerca das projeções inconscientes, quando perguntada se conhece a atitude do tio em si própria, Ana responde que: “Acho que conheço a coisa de ser racional, de ficar à distância, de não se apegar muito às pessoas. De não me mostrar. Quando a gente se coloca, as pessoas vão falar alguma coisa; e como é que é lidar com o que elas falam, com o referencial do mundo?” (Gallbach, 2000, p. 137, grifo nosso). Esse reconhecimento é um passo importante na ampliação da consciência do “segredo” da confissão terapêutica. Mais adiante, Ana reconhece o valor deste sonho característico da *mortificatio*, no simbolismo de colocar a prima adolescente em um caixão (Figura 77). Segundo Gallbach (2000), a cliente chegou “a uma compreensão da relação da morte com a repressão e a transformação. [...] Quando Ana “enterrou” a adolescente, pôde buscar uma casa própria” (p. 138).

Figura 77 – Metáfora da Confissão: o Caixão do Velho Rei



Fonte: Adam McLean, 2021

Os sentimentos, afetos e palavras-chave relativos à Saturno, símbolo planetário da *mortificatio*, são evidenciados por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) através da *amplificatio* alquímica: responsabilidade, resistência, conservadorismo, disciplina, austeridade, ceticismo, reclusão, desapego, persistência, medo, rigidez, solidão, cautela, escassez, isolamento, profundidade, pessimismo, prudência, resiliência, inflexibilidade, melancolia, sobriedade e sabedoria. O simbolismo desses afetos se encontra na atitude psicológica que surge, mais ou menos adaptativa, ao se encarar o fator Sombra da personalidade – segundo Edinger (2006) –, bem como os complexos que emergem à consciência, ao longo da confissão terapêutica.

A ideia da profunda tristeza, do pranto e do sofrimento, aliadas à morte, ressaltam a conexão da *mortificatio* com o referido símbolo planetário. Enquanto divindade antiga, Saturno-Cronos é representado por um homem idoso que porta uma foice, símbolo do encerramento de ciclos, e dos limites impostos pelo tempo. A *mortificatio*, neste sentido, opera para levar estruturas psíquicas antigas à mortificação, tal qual vivenciado pela cliente Ana, acerca dos conteúdos projetados da “adolescente”, ou seja, uma antiga estrutura psicológica ainda não amadurecida, que precisava ser superada para que ela pudesse assumir sua autonomia.

Sensações afetivas mais funcionais, relacionados à ideia do símbolo planetário da Lua, como responsabilidade e sabedoria, são apenas a expressão da maturação psicológica oferecida como resultado da *mortificatio*. A tumba, o caixão e o centro da terra também implicam gestação e amadurecimento, que é conquistado a partir do contato com as instâncias psíquicas mais profundas. Ademais, embora a experiência desta operação possa ser sentida como fracasso

e lesão ao *Ego*, a *mortificatio* também abre espaço para o surgimento de um(a) “Companheiro(a) Interior” – uma expressão primeva do próprio *Self* ou *Imago Dei*. Edinger (2006) oferece a imagem poética de um poeta norteamericano, Theodore Roethke, quando afirma: “O Salvador vem por um caminho sombrio”.

No contexto clínico, este caminho surge a partir da morte das estruturas rígidas da psique, que permitem a passagem orgânica da energia psíquica, ativando potenciais criativos – mas também intensos –, que são trabalhados na operação seguinte.

6.2.2.3 A *calcinatio* terapêutica

A última operação terapêutica relativa à confissão-*nigredo*, segundo Edinger (2006), envolve:

- a) lidar com a frustração do desejo;
- b) lidar com a intensidade (“calor”) dos afetos;
- c) realizar “secagem” de fatores Complexos da psique;
- d) conquistar “imunidade ao afeto” – maior autodomínio sobre o fluxo da libido (energia psíquica);
- e) ativar as energias criativas do *Self*.

O desenvolvimento de Edinger (2006) acerca desta operação é extremamente dinâmico e assertado. A mortificação anterior de estruturas rígidas, abre espaço para um fluxo mais orgânico da energia psíquica (*libido*). O contato do *Ego* consciente com as instâncias mais profundas da psique, processado ao final da *operatio* anterior, também representa o contato com as energias criadoras do *Self*, que podem ser percebidas, de início, com relativa intensidade.

Diversas culturas intuíram esse fato, e passaram a representar a *Imago Dei* rodeada por um círculo de fogo (Figura 78). Suas chamas simbólicas são expressões da *calcinatio*, que deve ser atravessada para a conquista de “imunidade” ao fogo – isto é, aos afetos intensos, e à própria energia psíquica (*libido*) que lhes vivifica. Esta energia, se canalizada de forma mais orgânica e adaptativa, se torna a incrível aliada de transformações psíquicas profundas e poderosas. Por esse motivo, Edinger (2006) relembra que muitos xamãs do passado, conhecidos por realizar o “regate da alma” de pessoas da comunidade, eram conhecidos por ser imunes ao fogo. Em outras palavras, os xamãs já haviam realizado esse mesmo processo psicológico da *calcinatio* e, portanto, estavam aptos a oferecer tratamento aos outros.

Figura 78 – *Shiva Nataraja*: Senhor da Dança Cósmica no Círculo Flamejante



Fonte: Augustus Binu, 2014

O dito 82 do Evangelho de Tomé, entre os Evangelhos Apócrifos (2023), encontra um ensinamento do Mestre Jesus: “Quem está perto de mim, está perto do fogo. E quem está longe de mim, está longe do reino” (p. 605). Dessarte, o contato inicial com a realidade profunda do Si-Mesmo (*Self* ou *Imago Dei*) pode ser sentido como uma ameaça ao *Ego* consciente, que experiencia a intensidade da *libido*. Esta fornece energia aos afetos mais expressivos – de onde surge a conexão analógica com o “calor intenso” da *calcinatio*.

Ao abordar a operação anterior, foi apresentada a experiência da cliente Ana, de 26 anos, após um sonho de *mortificatio* onde ela deposita uma adolescente no caixão, e comenta que queria ver seu tio, de personalidade insensível, preso em um túnel. Essas personalidades representavam projeções da cliente, reconhecidas por ela ao longo das vivências terapêuticas de Gallbach (2000).

A seguir, é retomado o *insight* de Ana nas vivências de Gallbach (2000, p. 137), pois ele ilustra, de maneira particularmente vívida, a irrupção simbólica da *calcinatio*. É curioso que este relato surja após um sonho de *mortificatio*, que apresenta a situação em que a paciente deseja que o tio insensível não consiga escapar de um túnel:

Eu o odeio, tenho uma bronca dele. Vejo a dificuldade dele entrar no sofrimento. Não que ele não esteja sofrendo, só que não demonstra, ele racionaliza, do tipo: “Se eu demonstrar, eu vou me perder, porque não sei lidar com a emoção; tenho medo do sofrimento”. **O sentimento querendo borbulhar e o racional querendo controlar** (grifo nosso).

Surge um *insight* interessante da cliente, acerca dos afetos (projetados) do tio: “O sentimento querendo borbulhar e o racional querendo controlar” (Gallbach, 2000, p. 137). Este “sentimento borbulhante”, isto é, efervescente (que ferve) prenuncia a *calcinatio* – relativa ao calor e à fervura. Em outras palavras, a *mortificatio* provoca a mortificação de conteúdos, permitindo, segundo Edinger (2006), o fluxo correto da energia psíquica, antes contida em estruturas psíquicas enrijecidas. Entretanto, é preciso que esta energia perpassasse a psique de forma mais orgânica e salutar. A experiência mais direta da paciente de Gallbach (2000), após a *mortificatio*, naturalmente surge através do símbolo do calor – o “sentimento borbulhante” que o racional tenta controlar, segundo o relato. Esta frase da paciente, portanto, é uma metáfora para a contenção (e frustração) concernentes à administração dos potenciais criativos do *Self*, que surgem simbolicamente nesta *operatio*, na ideia da fervura, após a mortificação de estruturas rígidas de personalidade. Parece que, de alguma forma, Ana vivencia uma conexão alquímica relativa à passagem da *mortificatio* para a *calcinatio*, ao apresentar símbolos em sequência, nos sonhos e em sua percepção consciente. Após o *insight* apresentado acima, a cliente é convidada à reflexão, e reconhece aspectos da personalidade do tio nela mesma, o que a leva a novas percepções conscientes sobre si.

Segundo a *amplificatio* alquímica, os sentimentos e afetos relativos à *calcinatio* se conectam ao símbolo planetário de Marte. Seus conceitos-chave são: coragem, bravura, ambição, energia, impulsividade, impetuosidade, tensão, inflexibilidade, impaciência, audácia, exploração, competição, paixão, sexualidade, sobrevivência, determinação, raiva e ira. Estes afetos se correlacionam simbolicamente a esta operação, quando se considera a ideia que Edinger (2006) expõe acerca da *calcinatio*, isto é: frustração de desejos, e ativação das energias criadoras (*libido*) do *Self*. Afetos como frustração, tensão, impaciência, raiva e ira são compensatórios, em relação à frustração. Todos os outros sentimentos e afetos relativos à Marte simbólico são desdobramentos destes, seja em um sentido desadaptativo, ou adaptativo à vida do sujeito. Ademais, a sexualidade, segundo Edinger (2006) também se encontra relacionada à *calcinatio*, devido à sua conexão instintiva com a energia psíquica.

A regressão à psique instintiva (réptil/dragão – desdobramentos do velho rei) iniciada na *mortificatio* leva à *calcinatio*, de modo a que o *Ego* consciente seja confrontado com a intensidade dos afetos e o fluxo da *libido*. Edinger (2006, p. 42) afirma que:

[...] a *calcinatio* é efetuada no **lado primitivo da sombra**, que **acolhe o desejo faminto e instintivo** e é **contaminado pelo inconsciente**. O **fogo** para o processo vem da **frustração** desses mesmos **desejos instintivos**. Uma tal **provação de desejo frustrado** é um aspecto característico do **processo de desenvolvimento** (grifo nosso).

Alguns dos afetos da imagem simbólica de Marte, como raiva, são evocados nos relatos de Gallbach (2000) acerca de Ana, quando a cliente se expressa sobre o tio insensível: “Eu o odeio, tenho uma bronca dele. [...]. O sentimento querendo borbulhar [...]” (p. 137). Isso evidencia que os afetos relativos às *operatioes* podem ser expressos não apenas enquanto símbolos oníricos, mas também identificados nas pistas afetivas no discurso de clientes da psicoterapia. A própria reação emocional à raiva, por exemplo, torna o indivíduo corado. É comum o discurso de pessoas furiosas de que “o sangue ferveu”. Tudo isso implica em expressões fisiológicas de uma *calcinatio*, associada ao símbolo de Marte e, portanto, à ira.

Segundo a *amplificatio* alquímica e Edinger (2006), a *calcinatio* pode ser manifestada em sonhos com os seguintes símbolos: fogo, fogueira, fogões, calor intenso, combustão, lugares em chamas, incêndios, devastações pelo fogo e cinzas. O relato de um paciente, um homem adulto de identidade anônima, analisado e exposto por Jung (2012a, para. 293), oferece alguns destes símbolos:

Chego a uma casa especial, solene: a “Casa da Concentração”. Ao fundo, distingue-se **muitas velas** dispostas de um modo especial, as quatro pontas convergindo para o alto. Do lado de fora da casa há um velho parado. Pessoas entram e permanecem silenciosas e imóveis a fim de se recolherem interiormente. [...]. Uma voz diz: “[...]. Da plenitude da vida é que debes engendrar a tua religião; somente então serás bem-aventurado!” Ao ouvir esta frase dita em voz alta, ouço ao longe uma música: simples acordes de um órgão. Algo faz-me lembrar do tema da “**Magia do Fogo**” de Wagner. Ao sair da casa vejo uma **montanha em chamas** e sinto: “**Um fogo que não pode ser extinto é um fogo sagrado**” [...] (Jung, 2012a, para. 293, grifo nosso).

Jung (2012a) informa que este sonho em particular foi extremamente impactante para o sonhador. Isso não é mero acaso. O sonho possui paralelos míticos com a própria *Imago Dei*, tão conhecida na narrativa judaico-cristã ocidental. A Bíblia Sagrada (2022) narra que o Monte Sinai, em que Deus teria descido para se comunicar com o profeta Moisés, fumegava terrivelmente (Figura 79). Semelhante é o caso do sonhador, que relata um fogo inextinguível e a montanha chamejante. Estes símbolos apontam para a experiência de atravessar os afetos intensos e ativar os potenciais criativos do *Self*. No “topo” (ou seria o Centro?) desta Montanhas

Ardentes se encontra o arquétipo do Si-Mesmo, refletido em diversos mitologemas enquanto *Imago Dei*. A “subida ao Monte Carmelo” – que não é necessariamente Carmelo, mas a vida intrapsíquica –, relatada por São João da Cruz (2002), nada mais é do que a própria jornada da Individuação. Ela implica, em algum momento, na “Noite Escura da Alma” (*mortificatio*) e no contato com a Montanha em Chamas (*calcinatio*). Atravessar o “círculo de fogo”, é essencial para entrar em comunhão com a personalidade total.

Figura 79 – Moisés no Monte Sinai Ardente



Fonte: Jean-Léon Gérôme, ca.1895

O “fogo”, expressão das energias criativas do *Self*, da intensidade dos afetos e da *libido* pode ser, simbolicamente, associado a dois tipos, segundo Edinger (2006): o primeiro é o fogo do inferno, e o segundo é o fogo enquanto manifestação do próprio Espírito de Deus (*Imago Dei*). Isso aponta para a realidade psíquica de que a substância de ambos é a mesma (a *libido*), mas a forma com que se opera com esses potenciais psíquicos é que indica se serão fonte de sofrimento e tensão psíquica, ou impulso criativo para a personalidade.

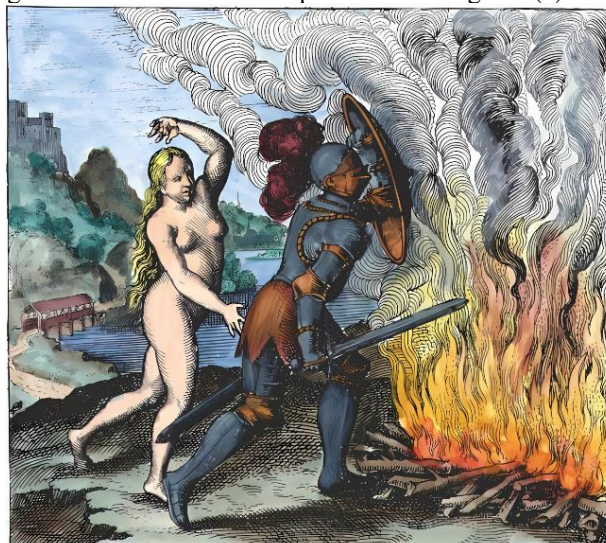
Por esse motivo, uma atenção importante deve ser postulada no que tange à “frustração dos desejos e afetos”, no contexto clínico. Edinger (2006, p. 62) realiza esse alerta, ao escrever que:

O fogo da *calcinatio*, na medida em que possa ser evocado pelo **psicoterapeuta**, é obtido, em grande parte, pela **expressão de atitudes e reações que frustrem o paciente**. Trata-se de um **arriscado procedimento**,

cujo uso deve ser **muito cuidadoso**. [...] a *calcinatio* pode ser realizada com a **substância errada** ou por intermédio de um **falso método**, o que provoca **corrosão**, em vez de calcinação. Deve haver um **fundamento psíquico de solidez suficiente** para suportar a *calcinatio*, bem como uma **relação adequada** entre o paciente e o terapeuta, para que se possa produzir frustração sem gerar uma **negatividade destrutiva**. Diz o texto que a “*calcinatio* só pode ocorrer por meio do aquecimento interior do corpo”; em outras palavras, através do seu **próprio calor**, de sua **própria tendência** de auto-*calcinatio*. Isso significa que **o terapeuta deve trabalhar com o material do próprio paciente**, promovendo a frustração de um dado desejo apenas quando a **tendência interior de desenvolvimento** também contenha a **negação desse desejo**. O terapeuta pode dar assistência por meio do “amigável calor exterior”. Mas a “calcinação através de um agente heterogêneo só pode **destruir** a natureza metálica”. Um agente heterogêneo seria uma **atitude arbitrária, não orientada pelo material e pela condição do próprio paciente**, e, portanto, **estranha e nociva à sua natureza essencial** (Edinger, 2006, p. 62, grifo nosso).

Este alerta de Edinger (2006) encontra-se em paralelo com Jung (2013a), quando aconselha psicoterapeutas a também passar por um processo psicoterápico, de modo a ter uma sustentação psicológica salutar que os impeça de levar as próprias projeções – enquanto contratransferências –, ao trabalho que empreendem com seus(suas) clientes. Isso evidencia que a psicoterapia não é isenta de riscos, mas exige estudo, técnica e impulso criativo por parte de seus profissionais. Esses alertas são simbolizados na figura do manuscrito *Atalanta Fugiens*, apresentado por Adam McLean (2021). Tal como a Natureza (a mulher) guia (Figura 80) o(a) alquimista (o cavaleiro), o(a) terapeuta deve ter um fundamento teórico sólido que lhe permita fluir, guiado pela intuição criativa, para lidar com os perigos (chamas) do trabalho psicoterápico. Ou isso, ou ele(a) poderá “se queimar”.

Figura 80 – Metáfora da Terapia: a Natureza guia o(a) Artista



Fonte: Adam McLean, 2021

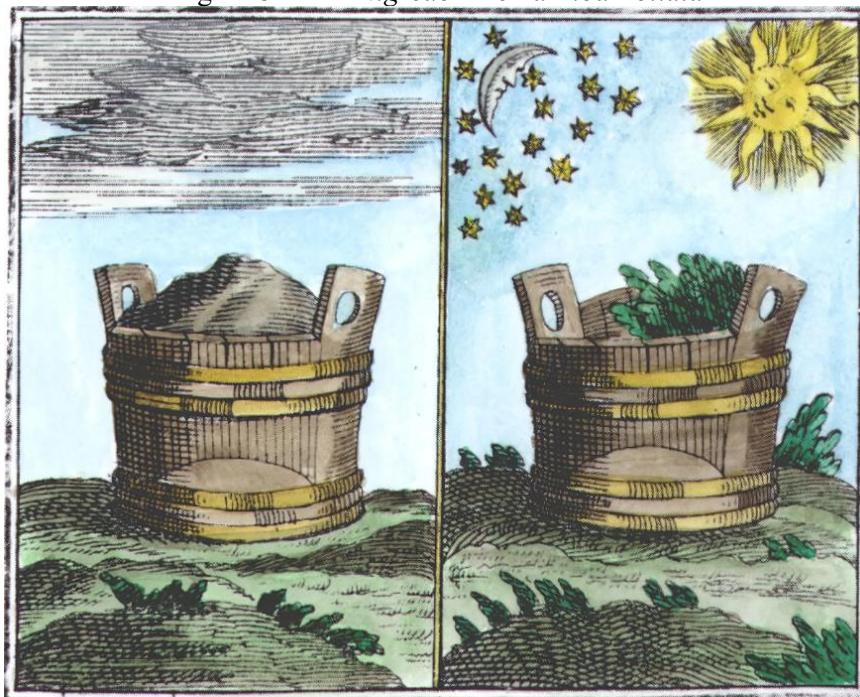
Edinger (2006) e Tamosauskas (2023) apontam que o resultado da *calcinatio* é uma cinza, sal ou xisto branco. O sal se associa às “lágrimas da consolação”, resultantes do contato acolhedor com o fator Sombra da personalidade, com o reconhecimento dos complexos, tanto quanto com a frustração dos desejos. As lágrimas prenunciam a operação seguinte: a *solutio*. É evidente que, em contexto terapêutico, isso não indica que um paciente precisa prantear para passar à próxima etapa psicoterápica. O que Edinger (2006) deseja apontar é a correlação simbólica entre a frustração dos desejos e o reconhecimento da própria falibilidade, com algumas das expressões simbólicas da *operatio* seguinte (nos sonhos: as águas; no organismo: as lágrimas).

Enfim, a ideia simplificada da *calcinatio* terapêutica envolve, segundo Edinger (2006), “a secagem de complexos inconscientes que vivem na água” (p. 61), secados pelo fogo do próprio complexo, tanto quanto pela intensidade afetiva das próprias emoções que atuam na vida psíquica do indivíduo. Em última instância, esta secagem tem o poder de ceder ao cliente alguma “imunidade” aos mesmos afetos que, antes, eram causa de constelação destes fatores complexos. Isso lhe fornece maior autodomínio sobre sua vida psíquica, concluindo a confissão-*nigredo*.

Sua relação com a intensidade e secagem dos afetos trazidos à consciência é referida por Jung (2013a), quando informa que a confissão tem um caráter catártico, que leva “não só à constatação intelectual dos fatos pela mente, mas também à liberação dos afetos contidos: à constatação dos fatos pelo coração” (para. 134).

6.2.3 Elucidação/esclarecimento: *albedo*

Na Alquimia, o Xisto Branco é o resultado da secagem proporcionada pela *calcinatio*, ao fim da *Nigredo*. A *Albedo* também pode ser chamada de *Terra Alba Foliata*, ou seja, uma terra esbranquiçada (resultado das cinzas da *calcinatio*), onde as folhas voltam a surgir, como consequência de sua natureza fértil. Isso se refere à passagem orgânica e mais integrada da *libido*, não mais bloqueada por complexos e afetos intensos, em seus potenciais criativos. Uma imagem da série alquímica de Orthelius, apresentada por Adam McLean (2021) é muito representativa deste processo. Da escuridão caótica, indiferenciada e tempestuosa – mas fertilizante – da *nigredo*, a vida transparece na *Terra Alba Foliata*, numa atitude renovada e mais integrada. A figura ainda mostra seus princípios psíquicos já discriminados, na figura de Sol e Lua acima, à direita (Figura 81).

Figura 81 – Da *Nigredo* à *Terra Alba Foliata*

Fonte: Adam McLean, 2021

O Xisto Branco também é símbolo do resultado da catarse, empreendida pela confissão terapêutica. Tamosauskas (2023) afirma que, na Alquimia, este estado é tão sublime que costuma ser confundido com a própria iluminação. Isso apresenta um profundo paralelo com a etapa de elucidação/esclarecimento terapêutico, conforme elaborada por Jung (2013a). Não por acaso, o próprio termo “esclarecimento” evoca a ideia de tornar claro, isto é, a receber luz – metáfora para a ampliação da consciência.

Na etapa de esclarecimento, subentende-se que a catarse já foi empreendida, tendo como consequência até mesmo uma redução ou desaparecimento dos sintomas neuróticos. Por outro lado, isso não deve confundir o(a) terapeuta. Alguns clientes, segundo Jung (2013a), se encontram excessivamente arraigados à consciência, e necessitam de uma abordagem ainda mais especializada – que pode representar um aprofundamento, ou mesmo uma repetição de aspectos concernentes à confissão-*nigredo*, de forma mais cuidadosa. Em outros casos, mesmo com uma catarse realizada, sobra a questão de resolver e elaborar aspectos transferenciais e de dependência: seja do(a) cliente com o(a) terapeuta, seja do(a) cliente com seu próprio inconsciente. Ignorar estes fatores pode fazer o sujeito reincidir nos sintomas neuróticos já elaborados.

Assim, a etapa interseccional de esclarecimento-*albedo* é fundamental para a “dissolução” (*solutio*) da transferência, e condução da vida psíquica à maior independência para

concretização (*coagulatio*) de uma atitude psicológica renovada, fortalecida e mais integrada à totalidade do Si-Mesmo.

6.2.3.1 A *solutio* terapêutica

Segundo Edinger (2006), a operação da *Solutio* envolve:

a) Lidar com a dissolução do “*Ego* Imaturo”;

b) Entrar em contato com o *Alkahest* (o “Solvente Universal” da Alquimia, símbolo da Consciência Presente e da atenção plena).

Seria possível objetar: se a mortificação do “velho *Ego*” já ocorreu em operação anterior, na *Nigredo*, por qual motivo há que se conduzir uma dissolução – que pode implicar em uma nova forma de *mortificatio*? A resposta a esta pergunta envolve dois pontos. O primeiro, é que, como já foi elucidado, cada operação contém em si todas as outras, então é natural observar traços de diversas *operatios* em qualquer específica, sob avaliação profunda. O segundo, refere-se à natureza da dissolução em exame. Enquanto a mortificação, relacionada ao símbolo de Saturno, representa um processo denso de confronto com o aspecto mais instintivo da Sombra psicológica, na *solutio* este trabalho já foi feito. Por este motivo, não se fala, exatamente, em mortificação, mas em dissolução: um processo mais fluido, orgânico e leve, que lida com aspectos mais residuais da fase anterior, em uma abordagem mais consciente.

Ademais, astrologia e a *amplificatio* alquímica de Martinelli & Del Debbio (2016, 2024) ajudam a elucidar esta temática. Enquanto Saturno – símbolo da *mortificatio* – aborda questões densas que envolvem desafios, limites temporais e encerramento de ciclos, Mercúrio – símbolo da *solutio* – trata de comunicação, intercâmbio, desejo de conhecimento, perspectiva e, portanto, um aprofundamento mais lúcido e consciente nas “águas” da emoção. Na *mortificatio*, o processo é dificultoso e envolve muitos fatores inconscientes.

É possível realizar uma ampliação das conquistas da *solutio*, ao considerar os aspectos transferenciais que devem ser elaborados na etapa de esclarecimento-*albedo* terapêutica, junto da seguinte colocação de Edinger (2006): “Um ego imaturo tende a achar prazeroso render-se à permanência numa feliz regressão” (p. 69). Em contexto terapêutico, a permanência regressiva está diretamente relacionada à transferência terapêutica, isto é, à projeção ideoafetiva da figura dos pais na pessoa do(a) terapeuta. Ela requer elaboração psicoterápica.

Isso permite um detalhamento mais apurado de uma das conquistas da *solutio*, adaptado de Edinger (2006):

a) Lidar com a “dissolução” do “Ego Imaturo” – expresso em estruturas psíquicas rígidas e na transferência terapêutica;

b) Entrar em contato com o *Alkahest* (o “Solvente Universal” da Alquimia, símbolo da Consciência Presente e da atenção plena).

Portanto, o grande trabalho terapêutico a ser empreendido nesta *operatio* é dissolver a rigidez psíquica residual da confissão-*nigredo* (manifestada pelo “Ego Imaturo”), e realizar a dissolução dos aspectos transferenciais, de modo a livrar o sujeito da dependência terapêutica, conferindo-lhe uma autonomia mais integrada. Na Arte Hermética, isto é simbolizado pelo mergulho do “velho rei” (Figura 82).

Figura 82 – Metáfora da Terapia: o Mergulho do Velho Rei no *Alkahest*



Fonte: Adam McLean, 2021

Os símbolos da *solutio* são apresentados por Edinger (2006) e ampliados pela Alquimia: água, chuva, enchentes, tsunamis, praias, lagos, rios, mergulhar, desaparecimento de uma forma (que ressurge posteriormente), sensação de dissolução, dissolver um ente ou composto em líquido e banhos. Todos se conectam, especialmente, à água, um símbolo para o “Solvente Universal” (*Alkahest*) da Alquimia.

Para exemplificar estes símbolos oníricos, este trabalho retoma agora Gallbach (2000), no relato da cliente Clara – após seu sonho com os anéis separados dos dedos, já abordados na *separatio* terapêutica. Ela teria tido um sonho em que se encontrava em um jantar requintado

em um apartamento. A situação era inquietante, por ela ter presenciado uma festa que celebrava o casamento da irmã com um sujeito desagradável.

Após este sonho desconfortável, Clara é convidada a um exercício de Imaginação Ativa, mais especificamente, a uma Vivência Onírica Contemplativa – um método elaborado por Gallbach (2000). O resultado desta experiência de Clara conta com representações intrigantes da *solutio*:

Relaxe bem, estava mais relaxada agora. Tentei passar o relaxamento para o sonho, mas não consegui. Me vi na mesma sala da janela. Agora era sacada, terraço. Não via as pessoas. Estava olhando para fora, perto da sacada. De repente caí na sala. A sensação que eu tive é que eu **desmanchei**. Ninguém veio me ajudar. Eu mesma levantei, e, quando levantei, **não era mais noite, já era dia**. Eu fui até a sacada e fiquei olhando e não era mais apartamento, era casa e dava para o **mar**. E era um **mar de um azul maravilhoso**, muito bonito. Eu comecei a olhar e aí eu falei para não sei quem: **“Eu vou descer”**. Aí eu desci e eu continuava com a minha roupa, com **aquela roupa preta** que eu estava. Eu desci, passei pela areia, a **areia muito branca**, era uma praia muito limpa, linda, e eu fui **mergulhar**, fui **nadar**, fui nadar de roupa. Eu fiquei um tempo no **mar** de roupa e boiei um tempo, olhei para o sol. Saí do **mar**, e **aquela roupa começou a me incomodar**. Aí **pus roupão de banho e fui para casa**. De repente estava com uma cadeira de praia, sentei e li, deitei e fiquei **olhando o mar** e sentindo uma **paz incrível**. Sentindo o vento batendo e **olhando o mar** (Gallbach, 2000, p. 172, grifo nosso).

Interessante notar que, no sonho de *separatio*, Clara alega ter “se agachado” para tentar pegar os anéis separados de suas mãos. Desta vez, em uma Imaginação Ativa, Clara tem de “descer”, ou seja, ir para baixo novamente. O significado deste ato, sobretudo na perspectiva de tantos símbolos da *solutio* – como o mar, a areia branca (ou Xisto Branco), mergulho e nado –, evocam o motivo mítico da *katabasis*, isto é, da descida hermética e do mergulho para encontrar um tesouro escondido. Esta ideia, à maneira como foi elaborada por Clara, já foi representada no antigo Hino Gnóstico da Pérola, em que um príncipe recebe a missão de seus pais de “ir à Terra do Egito”, mergulhar nas águas e encontrar uma pérola, com a qual deve regressar à sua família. A Alquimia tem esta representação na própria *solutio*, pois na profundidade das águas reside o *Deus Absconditus* – uma expressão da *Imago Dei* e do arquétipo da totalidade (Si-Mesmo).

A cliente Clara ainda vivencia um motivo extremamente alquímico: o da dissolução e purificação. A roupa preta – expressão da etapa *nigredo*, já superada – passa a incomodar, pois não lhe é mais um veículo adequado de expressão. Esta vivência imaginativa representa a transição da fase *nigredo* para o início da *albedo*. A sensação de “desmanchar”, “mergulhar” e

“nadar” são muito representativas desta *operatio*. Finalmente, a “paz incrível” e “observar o mar” são símbolos da consciência presente e atenção plena, resultados da *solutio*.

É curioso como a própria Gallbach (2000, p. 173) assim escreva, acerca do resultado desta experiência de Clara:

Quanto à **eficácia terapêutica** do trabalho realizado, percebemos que a tendência presente desde o primeiro sonho – a **queda** – pôde ir a seu final, indicando qual sua direção. A **rigidez** e o **estreitamento** que haviam sido percebidos com o primeiro exercício de Imaginação Corpo-Ativa e que ainda se encontravam no plano da proposição – “preciso estar me arejando e renovando” – foram **dissolvidos através desta vivência** (grifo nosso).

Fica evidenciado, assim, a profunda conexão entre a Alquimia simbólica, e o próprio trabalho terapêutico, como elucidado assertivamente por Gallbach (2000) acerca da paciente Clara, que pôde experienciar uma *solutio* interior. No caso específico desta cliente, há, ainda, aspectos de *coagulatio* neste mesmo sonho, perfazendo a dupla alquímica *solve-coagula*, mas serão abordados mais adiante, ainda neste capítulo.

Segundo a *amplificatio* alquímica, os sentimentos, afetos e palavras-chave relativos à *solutio* são aqueles do símbolo planetário de Mercúrio: curiosidade, lógica, racionalidade, agilidade, flexibilidade, sarcasmo, ceticismo, ironia, astúcia, objetividade, nervosismo, perspectiva e perspicácia. É importante notar que, entre todas as operações, estes “afetos” (se é que é possível abarcar a todos no sentido estrito do termo “emoção”) são os mais ligados à intelectualidade, racionalidade e observação. Isso ocorre porque mercúrio, nas tradições herméticas, está intimamente associado à razão e ao intelecto – algo que é ressaltado também por Jung (2012a). Portanto, encontra-se mais distanciando do aspecto profundamente emocional e afetivo.

A *solutio* espelha este fato, pois a conquista desta *operatio* não envolve exatamente um aspecto emocional profundo, mas a atenção plena e consciente, representada pelo *Alkahest*, o “Solvente Universal” da Alquimia. Na Arte dos(as) Filósofos(as), a redução do elemento Mercúrio é que produz esta “água espiritualizada”, ou seja, o refinamento do criticismo intelectual, até encontrar sua virtude pacífica e observadora, expressão sutilizada daquele.

Esta capacidade de pacificar as emoções mediante a atenção plena, segundo Tamosauskas (2023), já foi relatada em tradições orientais. No contexto clínico, um distanciamento salutar dos afetos para uma observação mais apurada e conscienciosa, tem a habilidade de “dissolver” seus aspectos residuais e o fator transferencial no *setting*. Assim, o(a) terapeuta não recebe mais as projeções ideoafetivas parentais do(a) cliente, pois este amplia sua

consciência acerca do próprio significado da terapia, e da dinâmica relacional concernente a ela.

Edinger (2006) amplia a visão alquímica mentalista de Tamosauskas (2023), e afirma que as águas da *solutio* provocam uma inflação egóica, que termina por dissolver a própria estrutura inflada. Em outras palavras, o agente ativo da *solutio* se encontraria, para aquele autor, na própria atitude excessiva do *Ego*, que termina por ser “afogado” na própria inflação.

Por outro lado, Edinger (2006, p. 76) também realiza um alerta:

No **processo da psicoterapia** é comum acontecer de o **ego do paciente** encontrar no **terapeuta** um **ponto de vista mais amplo** de efeito dissolutivo. Esse evento leva com frequência a um **estado parcial de contenção do paciente pelo terapeuta** e é uma causa comum da **transferência**. Sempre que encontram uma **atitude mais ampla que inclui os opostos**, uma **atitude unilateral**, caso esteja aberta à sua influência, é **dissolvida** por ela e entra num **estado de *solutio***. Isso explica o porquê de um ponto de vista mais abrangente costumar ser experimentado como ameaça. A pessoa tem a sensação de estar se afogando e, por essa razão, resiste. Tal **resistência é válida e necessária**, devendo ser respeitada. O **psicoterapeuta** sempre deve estar **alerta** para a possibilidade de o paciente poder precisar de **proteção diante de sua atitude mais ampla**. O **agente da *solutio*** é, basicamente, o **Si-mesmo**, experimentado, quer a partir de **dentro**, quer como uma **projeção** de um indivíduo ou de um grupo, de fora (Edinger, 2006, p. 76, grifo nosso).

Assim, Edinger (2006) aponta que, em alguns casos, a atitude de consciência ampliada do(a) psicoterapeuta poderia “conter” a atitude unilateral do(a) paciente e, assim, acabar por dissolvê-la. O(a) profissional da psicoterapia deve se acautelar contra uma atitude de dissolução iconoclasta sobre seu(sua) cliente, pois o ideal é que a *solutio* das estruturas rígidas não surja mediante uma atitude puramente sugestiva do(a) terapeuta. Isso seria fruto de sua projeção e da contratransferência. O melhor surge com o efeito natural e intrínseco da transformação da personalidade do(a) paciente, impulsionado pelos potenciais de sua própria totalidade (*Self*).

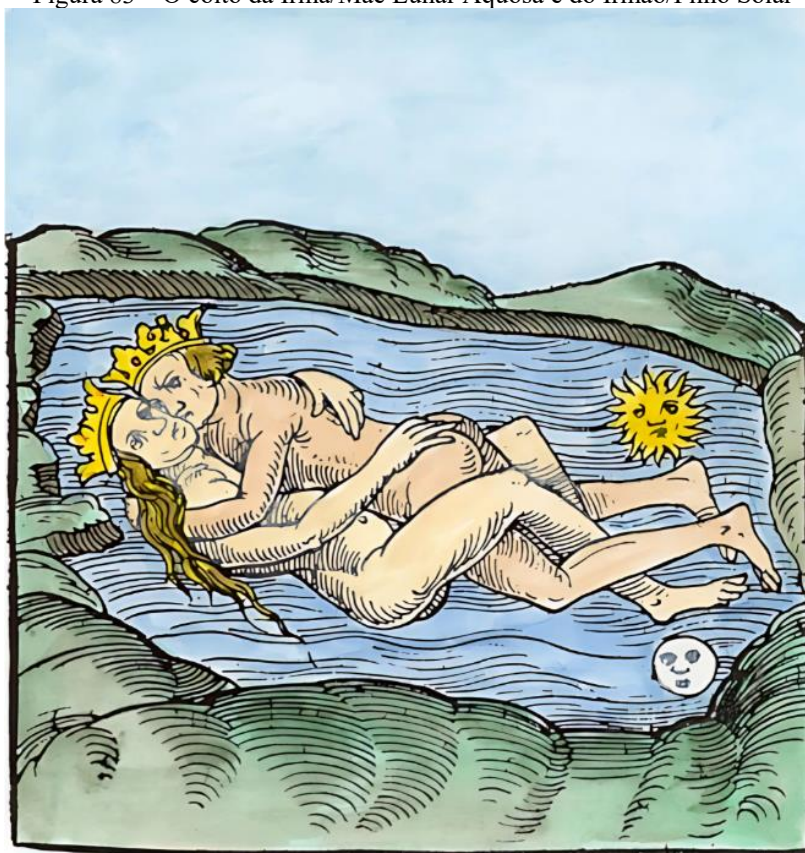
Além desses fatores, Edinger (2006) e Jung (2012a) associam as águas da *solutio* à esfera psíquica transpessoal. Por um lado, a dissolução implica, em sentido estrito (clínico), no efeito da consciência em atenção plena e do distanciamento salutar da transferência, pois tal atitude dissolve estruturas psíquicas rígidas. Por outro – e paradoxalmente –, representa também, em sentido simbólico, a “descida do Espírito à profundidade”, ou seja, ao aprofundamento em uma instância transpessoal, associada ao *Self* e às imagens arquetípicas.

Esta esfera transpessoal é também o próprio inconsciente, motivo pelo qual a Alquimia parecia abordar, segundo Jung (2012a), imagens incestuosas, em que havia o coito entre um

irmão e uma irmã, ou entre o filho e sua mãe. Não por acaso, a transferência pode apresentar um traço incestuoso – por se considerar a projeção da imagem ideoafetiva parental.

Na verdade, o incesto na Alquimia (Figura 83) se trata de um símbolo psicológico do princípio caloroso solar (um possível símbolo para o *Ego*) sendo abraçado pelo princípio aquoso e uterino lunar (uma representação do Inconsciente). Este processo tem uma profunda conexão com o mito do deus grego *Dioniso*, em seu aspecto heroico solar, segundo apresentado por Judy (1993/2011), pois é a divindade masculina que desce ao Hades para redimir sua mãe, Sêmele, que é elevada à condição divina olímpica.

Figura 83 – O coito da Irmã/Mãe Lunar Aquosa e do Irmão/Filho Solar



Fonte: Adam McLean, 2021

Em sentido psicológico, todas essas histórias apenas retratam que a Consciência brota do Inconsciente (o grande indiferenciado e desconhecido que abarca a tudo). Trata-se de um processo necessário, de modo que a própria Vida possa vir a ser na individualidade – pelo princípio da diferenciação, que explora caminhos e amplia a luz sobre o desconhecido. Estas consciências individuais (princípios solares) ainda teriam o poder de “redimir” o Inconsciente (a Mãe ou princípio lunar aquoso), tal como *Dioniso* desce à escuridão do submundo para trazer

a própria Mãe (inconsciente) à Luz (consciência). Trata-se de um processo que ocorre em um tempo *Aion*, isto é, sempre presente na eternidade ou mesmo além do tempo.

Isso se relaciona ao que Edinger (2006) e Jung (2012a) afirmam, de que a totalidade – *Imago Dei* – é atualizada através de cada individualidade consciente. Essa “atualização” do eterno vir a ser é simbolizada pelo mito eterno do filho (*Dioniso*) que redime a mãe (Sêmele), um processo que ocorre, também, de modo intrapsíquico em cada pessoa. Cada novo mergulho no inconsciente carrega em si o potencial para a emersão de novos tesouros (a “redenção de Sêmele”), ou de uma vida renovada. A consciência individual é como um ponto de luz que se amplia no desconhecido, a cada escolha. Assim, *Dioniso* e Sêmele, consciente e inconsciente se encontram dentro da psique humana. De sua tensão surge a Função Transcendente.

Portanto, em resumo, a *solutio* tem dois níveis de atuação:

- a) Clínico: dissolução de estruturas rígidas do ego, especialmente via atenção plena e consciente;
- b) Transpessoal: uma descida ao Inconsciente, onde o *Self* e seus tesouros criativos experienciados de modo cíclico também se encontram – e que é expresso através de imagens simbólicas como o incesto alquímico ou o mito de *Dioniso*.

As imagens incestuosas da alquimia são símbolos do contato entre o *Ego* (princípio solar, filial, ou enxofre alquímico) e o Inconsciente (princípio lunar, uterino, materno, ou mercúrio alquímico). Na *mortificatio*, o contato do *Ego* é com o aspecto mais denso e instintivo do Inconsciente. Na *solutio*, o contato do *Ego* é com o aspecto potencial, criativo, imagético e fluido do Inconsciente, acessado de modo consciente. Eis a grande diferença entre estas operações.

Os mitos que retratam o contato do *Ego* com os potenciais criativos do Inconsciente apenas tentam representar um processo que é eterno e sempre presente (*Aion*, estância cosmológica transpessoal e mítica), e ocorre na psique de cada pessoa a todo momento, pois a cada milissegundo da vida de um indivíduo, ele(a) desvenda, redime e atualiza o desconhecido – seja em sua representação externa, em locais e pessoas que passa a conhecer, seja em sua representação intrapsíquica, via autoconhecimento. Em todo o caso, aspectos do Inconsciente (“Mãe Lunar”) são paulatinamente integrados à consciência (“Filho Solar”).

No processo terapêutico, o indivíduo é levado à consciência para que possa assumir sua autonomia sobre esta “redenção” ou “atualização” da totalidade em sua vida pessoal. Essa consciência surge na elaboração e dissolução dos fatores transferenciais – que faziam com que projetasse a responsabilidade por sua própria individuação em quaisquer figuras externas.

6.2.3.2 A *coagulatio* terapêutica

Edinger (2006) informa que a operação da *coagulatio* busca:

- a) Realizar a coagulação (materialização) de ideais, projetos e sonhos;
- b) Corporificar um “Novo Ego” (nova atitude psicológica);
- c) Incorporar aspectos úteis ao desenvolvimento psíquico.

Esta operação se encontra profundamente conectada à anterior, motivo de um famigerado adágio alquímico: *solve et coagula* (dissolver e coagular). De fato, a coagulação é o reaparecimento de um composto sob uma nova forma, esperada após seu desaparecimento na *solutio*. Deste modo, a *coagulatio* alquímica busca regenerar materialmente uma substância, em uma estrutura mais purificada.

Esta operação também se conecta, em sentido psicológico, à ideia de “personalização”, oferecida por Neumann (2022). Segundo este autor, conteúdos transpessoais (arquetípicos) devem ser trazidos à realidade pessoal, o que constitui um processo de “personalização” – um sinal de amadurecimento do *Ego* consciente e da própria individualidade. A falta do indivíduo em realizar este processo, constitui, segundo Edinger (2006), um caso de psicose, em que o sujeito tem o *Ego* “inundado por imagens arquetípicas e primordiais” (p. 116).

Por isso, em sentido arquetípico, a operação alquímica da *coagulatio* possui um valor tremendo para a psicologia. Ela aborda de modo específico o “motivo” que envolve trazer os conteúdos transpessoais, míticos e arquetípicos, à realidade concreta. Em outras palavras, segundo Edinger (2006), a *coagulatio* na Alquimia representa “um tesouro de analogias que personificam ou encarnam a psique objetiva e os processos por que ela passa no curso do desenvolvimento” (p. 117). Isso reforça a *amplificatio* alquímica enquanto um instrumento analógico extremamente útil aos(as) psicoterapeutas.

A capacidade de “coagular”, isto é, unir, atrair, aproximar e tornar os elementos coesos, se encontra, segundo Edinger (2006), em profunda conexão com a ideia de desejo, pois ele tem o poder de “coagular” pessoas, coisas e projetos. Não por acaso, o presente trabalho relaciona a operação *coagulatio* ao símbolo de Vênus, cujos afetos são explanados pela *amplificatio* alquímica: amor, desejo, carisma, amabilidade, sensualidade, fertilidade, encantamento, admiração, cordialidade, fascinação, socialização, apreciação, coesão e satisfação.

Em comparação à etapa do esclarecimento de Jung (2013a), estes afetos se apresentam muito sinérgicos. Alguns deles – como sensualidade, encantamento, admiração, simpatia, paixão, fascinação, apreciação e coesão –, podem até representar subprodutos específicos da relação transferencial, a ser elaborada no esclarecimento-*albedo*. Outros, como desejo,

fertilidade e satisfação, podem se referir à afetos decorrentes da própria coagulação de uma estrutura psíquica mais adaptativa, ou a projetos e empreendimentos do(a) paciente. Finalmente, afetos como amor, carisma, amabilidade, socialização, apreciação e coesão podem se referir a emoções que preparam o sujeito para o trabalho na *sublimatio* terapêutica, que envolve a educação para o mundo social. Ademais, a coagulação de um projeto envolve, de algum modo, o trato e a conexão com outras pessoas. “Pagar um tributo” à vida coletiva, em troca da própria Individuação, é uma etapa importante.

Na esteira do que uma coagulação representa, Edinger (2006) oferece algumas imagens simbólicas, ampliadas no presente trabalho, pelo simbolismo analógico alquímico: tecidos, roupas, ato de vestir-se, alimentos, ato de se alimentar, construir objetos ou edificações, pisar em terra, lama, regresso de um mergulho ou nado, incorporar a alma, nascimento/dar à luz, escrever, desenhar, pintar, cair, descer, choques entre veículos aéreos e objetos cadentes.

A seguir, é retomada a vivência imaginativa de Clara, registrada por Gallbach (2000, p. 172), visto que o encerramento de seu relato, já apresentado anteriormente na operação *solutio*, também figura um caráter de *coagulatio*:

[...] Desmanchei [...]. Eu **desci**, passei pela areia, a areia muito branca, era uma praia muito limpa, linda, e eu fui mergulhar, fui nadar, fui nadar de roupa. Eu fiquei um tempo no mar de roupa e boiei um tempo, olhei para o sol. **Saí do mar**, e aquela **roupa** começou a me incomodar. Aí pus **roupão de banho** e **fui para casa**. De repente estava com uma cadeira de praia, sentei e li, deitei e fiquei olhando o mar e sentindo uma paz incrível. Sentindo o vento batendo e olhando o mar (grifo nosso).

Nesta vivência imaginativa, Clara também comenta, quase paralelamente à própria *solutio*, aspectos da *coagulatio*, perfazendo a dupla alquímica *solve-coagula*. A cliente usa termos como “descer”, “sair do mar” e “roupas”, elementos intimamente conectados ao simbolismo da *coagulatio*. Outro fator importante é a troca por um roupão de banho, após o mergulho. As roupas antigas já não “lhe cabem” mais, isto é, sua personalidade foi renovada, e requer uma forma mais adaptativa – representado pelo roupão de banho que é aguardado, após o nado (Figura 84). Não por acaso, Gallbach (2000) escreve, sobre Clara, que a “mudança de roupa indica uma mudança na persona, que então se adapta à nova sensação de si” (p. 173).

Figura 84 – Novas Vestes aguardam o Rei da Terra, após o Mergulho



Fonte: Adam McLean, 2021

Conforme já foi informado, o fim da etapa do esclarecimento terapêutico elabora os alicerces da casa psíquica. Esta é a casa coagulada, para a qual a paciente de Gallbach (2000) retorna, após o mergulho. O trabalho desta autora se encontra em profunda sintonia com Edinger (2006), que afirma: “As imagens dos sonhos e da imaginação ativa coagulam. Elas vinculam o mundo exterior com o mundo interior por meio de imagens análogas ou proporcionais e por isso coagulam o material que vem da alma” (p. 118).

Dessarte, a dissolução de estruturas rígidas em um fundo de potencial criativo, a dissolução da transferência, o aumento da consciência presente, e a coagulação de uma personalidade mais integrada e de novos empreendimentos coroam a etapa de esclarecimento-*albedo* na psicoterapia.

6.2.4 Educação: *citrinitas*

A *Citrinitas* alquímica envolve uma percepção, por parte do(a) alquimista, da unicidade entre todas as coisas. Também é personificada pelo Pelicano que, em suas idas e voltas – tal como o mitologema “eterno” de *Dioniso*, que redime sua Mãe –, vai e retorna da água, com alimento renovado. O Pelicano relembra que os processos psicoterápicos, tanto quanto a jornada

de Individuação, não são necessariamente lineares, mas espirais em que fases podem ser experienciadas novamente, sob um ponto de vista mais ampliado.

Este ponto de vista ampliado, capaz de reconhecer a unicidade da vida, é parte da *citrinitas* alquímica. Por sua vez, Jung (2013a) denomina a terceira fase da terapia de “educação”, em especial, voltada ao mundo social. Isso ocorre porque, na etapa de esclarecimento-*albedo*, as transferências foram dissolvidas. Entretanto, com um material psíquico mais integrado, o indivíduo precisa ser conduzido ao “retorno com o tesouro” – para usar o simbolismo de Campbell (2007), acerca da Jornada do/a Herói/Heroína. Este retorno implica em uma reeducação da personalidade, em um comportamento mais adaptativo à vida comunitária.

Ademais, é possível que existam alguns resíduos de hábitos cristalizados na pessoa do(a) paciente. Estes hábitos são elaborados nesta etapa terapêutica, reconduzindo-o(a) a uma relação mais adaptativa com o meio. A transformação da personalidade, como parte do próprio processo de Individuação, envolve uma relação mais integrada tanto com a vida intrapsíquica, quanto com o fator interrelacional e comunitário (Jung, 2013a).

Tanto o “sentimento de unidade” da Alquimia, quanto a reeducação da atitude interior e em relação à vida social, podem ser representadas, na cosmologia alquímica, pelo surgimento do Sol no Universo. O sol alquímico (Figura 85) representa um princípio de Ordem (*Kosmos*) que orchestra as relações da mecânica celeste, tal qual o indivíduo, em sua atitude consciente, precisa reeducar-se e reorquestrar sua psique para o convívio em sociedade. O Sol da *Citrinitas* também representa a luz do sentido subjacente que orienta a consciência em direção à totalidade, configurando-se como imagem arquetípica do *Self*.

Figura 85 – A *Citrinitas* Personificada



Fonte: Andrea de Pascalis, 1998

6.2.4.1 A *sublimatio* terapêutica

Ao comparar Edinger (2006) e Tamosauskas (2006), é possível postular as seguintes conquistas, relativas à *Sublimatio*:

- a) Entrar em contato com a estância transpessoal da vida;
- b) Tomar um ponto de vista ampliado sobre uma situação;
- c) Elaborar uma relação mais adaptativa com o meio social.

Mais uma vez, é importante realizar uma diferenciação de outras operações já elaboradas. De fato, todas as operações lidam com temas arquetípicos. Assim, a “estância transpessoal” é, ainda que em um segundo plano, sempre presente. Outro fato que deve ser considerado, é a presença de cada operação dentro de todas as outras, de modo que, em alguma medida, todas ressoam e se confundem, em algum grau.

É possível objetar que a Estância Transpessoal já foi contatada na *solutio*. Entretanto, o tipo de contato favorecido pela *solutio* em comparação à *sublimatio*, é essencialmente diferente. Na *solutio*, o contato com esta estância envolve um caráter “úmido”, dionisíaco, inebriante, com vistas a acessar tesouros interiores e potenciais criativos e emocionais com consciência, ou seja, em fluxo com o sentimento. Utiliza-se da faculdade racional, intelectual, pervasiva e observadora da mente – simbolizada por Mercúrio –, para acessar uma região úmida, profundamente sentimental. Nesta esteira, Edinger (2006) e Cavalli (2005) associam as águas ao sentimento. Por esse motivo, a imagem simbólica mercurial – que representa razão, intelecto e faculdades mentais – é tão importante na operação *solutio*: ela é uma compensação à natureza sentimental e volúvel, representada pela água. Esta operação ainda antecede, com mais frequência, a *coagulatio*.

A *sublimatio*, por sua vez, envolve um fator menos sentimental, volúvel e inebriante, em comparação ao que representaria uma “dissolução” em fatores impessoais na *solutio*. A presente *operatio* possui um caráter mais sutilizado, universal, expansivo e até mesmo espiritual. É também uma síntese integradora que abrange tanto o acesso a ideais universais e arquetípicos, quanto ao que Tamosauskas (2023) chama de *Exaltatio* (Exaltação), uma operação puramente transcendente que visa refinar o indivíduo, e colocá-lo em contato aprofundado e mais direto com sua própria *Imago Dei*.

Essa ideia de sutilização, exaltação e sublimação foi elaborada por Edinger (2006) – e, no presente trabalho, refinada pela *amplificatio* alquímica – nos seguintes símbolos: pássaros voando, subir (elevadores, escadas, edifícios, montes, lugares elevados), veículos aéreos que se

elevam (como aviões e balões), elevar-se da terra, voar, se elevar em espírito ou sob forma fantasmagórica, moagem, pós e gases. Todos estes símbolos, mormente os gases da sublimação, oferecem um caráter de expansão. Ora, na química, em regra, gases apresentam maior volume nas CNTP, quando comparados a sólidos e líquidos.

Por esse caráter, o símbolo planetário da *amplificatio* alquímica escolhido para ser associado a esta operação foi o de Júpiter. Na astrologia alquímica, Júpiter é conhecido por ser um planeta relacionado à introspecção, expansão e à consciência moral – esta última, parte do desenvolvimento da educação-*citrinitas*, pois a moral implica na adaptação à relação social e comunitária. Os sentimentos, afetos e palavras-chave desta imagem planetária, tal como Mercúrio (na *solutio*), parecem se afastar do próprio conceito psicológico de afeto-emoção, justamente por esta operação estar intimamente ligada ao fator transpessoal. Isso pode torná-la um tanto afastada de questões orgânicas ou fisiológicas, caso do próprio afeto, em sentido psíquico.

Os sentimentos e afetos oferecidos pela *amplificatio* alquímica ao símbolo planetário de Júpiter são: espiritualidade, plenitude, caridade, altruísmo, abundância, ampliação, elevação, serenidade, fé, esperança, ética, propósito, superação, confiança, gratidão, universalidade, tolerância, liberdade, moralidade, integridade, idealismo, jovialidade, largueza, triunfo, compreensão, inspiração, intuição e proteção. Aqueles que mais se aproximam, realmente, do conceito psicológico de afetos elaborados por Jung (2017a), seriam: plenitude, serenidade, esperança, confiança, gratidão, largueza e inspiração. Entretanto, é importante que os outros sejam listados, para oferecer ao(à) leitor(a) o real caráter da imagem planetária de Júpiter, e sua contribuição, no contexto da *amplificatio* alquímica, na psicologia. Seu símbolo favorece um vislumbre das emoções mais “exaltadas” e comunitárias da educação-*citrinitas*.

Isto não constitui mera confusão. Pelo contrário, o sentido transpessoal dos “afetos alquímicos” relativos à Júpiter, reforça o caráter propedêutico da etapa de educação terapêutica. Ela oferece ao indivíduo um reexame mais refinado de hábitos cristalizados, e o instrumentaliza para o convívio comunitário, ao convidá-lo à reflexão e educação acerca da vida social e coletiva.

Enfim, é natural que a diferenciação entre *mortificatio*, *solutio* e *sublimatio* possa se afigurar confusa, devido à similitude entre alguns dos aspectos concernentes a essas operações, em sentido terapêutico. Entretanto, a própria ideia de circunambulação, em sentido psicológico, não envolve um caminho linear. As operações, em cadência, podem se afigurar muito semelhantes, mas mesmo uma repetição implica em um sentido cada vez mais refinado,

experimentado de um ponto de vista mais ampliado e sutil, a respeito de determinado tema. Para evidenciar a diferença entre essas três operações, esta pesquisa apresenta um resumo:

1) *Mortificatio*: contato do Ego consciente com o fator Sombra, e com os aspectos mais densos e instintuais do inconsciente, com vistas à mortificação de estruturas rígidas;

2) *Solutio*: contato do Ego consciente, em uma atitude intelectual-observadora (Mercúrio) e mais consciente com a esfera “úmida” e dionisiaca do Inconsciente, isto é, potenciais criativos na esfera da emoção, sem que haja contaminação do *Ego* por elas;

3) *Sublimatio*: contato do Ego consciente com a esfera transpessoal, no sentido dos ideais universais, arquetípicos e míticos, de modo a desenvolver o sentimento de unicidade, educação social e contribuição do indivíduo à comunidade.

Para exemplificar o simbolismo e a importância da *sublimatio* terapêutica, o presente capítulo oferece o contexto da cliente Paula, de 43 anos, apresentado por Gallbach (2000). Ao longo dos encontros e vivências oferecidas por esta autora, Paula parece apresentar sonhos que apontam para uma necessidade de *coagulatio*, isto é, de materialização de projetos e empreendimentos em sua vida. Ao longo das vivências oferecidas por Gallbach, Paula relata voltar a pôr em ordem certos afazeres de sua vida, e consegue expor acerca de um processo de enlutamento que havia passado, em decorrência da perda da irmã.

Após as vivências terapêuticas, com a *coagulatio* bem elaborada – isto é, com os afazeres e empreendimentos do dia materializados em um nível salutar para a cliente –, Paula relata o seguinte sonho, característico da etapa *Citrinitas* e, mais especificamente, da operação *Sublimatio*: “Depois eu sonhei com muitas aves coloridas, parecia um painel, outdoor, mas eram aves de verdade, e do lado esquerdo tinha um sol muito grande que brilhava e iluminava os pássaros. As aves eram muito coloridas” (Gallbach, 2000, p. 149).

Além de símbolos característicos desta operação – como as aves coloridas –, a paciente relata o Sol, um símbolo que, neste contexto, se relaciona à própria *Citrinitas*, fase do “amarelamento”. Esses dois símbolos, neste contexto, reforçam seu caráter simbólico alquímico para a *operatio* abordada presentemente.

Mais interessante é o relato da própria Gallbach (2000, p. 149) acerca do sonho desta paciente, onde evidencia “afetos universais” relativos ao símbolo de Júpiter:

Esse sonho sugere pensamentos mais coloridos, e o **sol iluminando**, aquecendo. O vento, enquanto **elemento aéreo**, relaciona-se com o **espiritual**; está em convivência com o **azul do céu**, com o **teto** e com as **figuras mitológicas**. Está relacionado com o **espiritual** e com a perspectiva de futuro (grifo nosso).

As aves, o sol, azul do céu, o elemento aéreo (ou gasoso), o teto (acima), tanto quanto as figuras mitológicas, apontam “para cima”. O comportamento de Paula, por sua vez, em já ter retornado aos empreendimentos diários, indica que o processo *solve-coagula* já havia sido realizado. Sua etapa vivenciada no sonho presente, portanto, indica uma comunhão maior com a vida social, comunitária, na vivência de um sentido de vida mais espiritual, acerca do processo de enlutamento que fez parte de sua trajetória. Ela encontrou, em si, o Sol da *Citrinitas* (Figura 86), e os ideais que lhe fornecem o entusiasmo para uma vida mais próxima do seu Centro, em relação ao meio em que vive.

Figura 86 – O Sol da *Citrinitas*



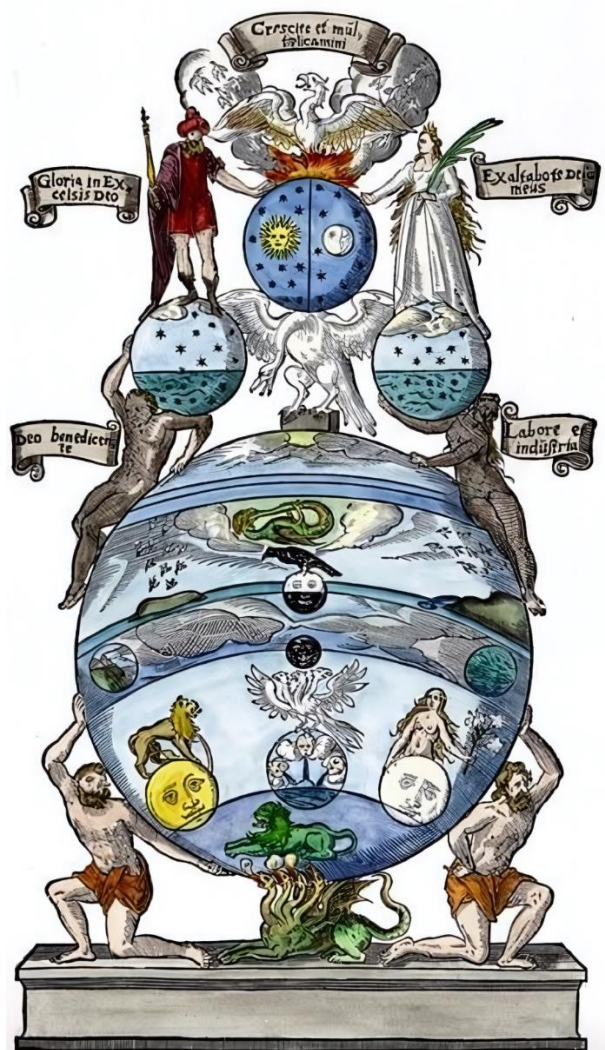
Fonte: Adam McLean, 2021

6.2.5 Transformação: *rubedo*

A *Rubedo* alquímica coroa o processo de transformação sobre a *prima materia*. A última operação da Arte, concernente a esta fase, conduz à Pedra ou Filho Filosofal. Em um contexto terapêutico, Jung (2012a) aponta que a etapa da Transformação psicoterapêutica envolve lidar com possíveis lacunas das etapas anteriores, à autoeducação (em sinergia com a educação social da etapa precedente) e à transformação do(a) próprio(a) psicoterapeuta.

Neste ponto, o(a) leitor é convidado(a) a refletir acerca da jornada de Individuação, e das etapas terapêuticas detalhadas até o presente momento. O conjunto da Jornada Alquímica se encontra sintetizado na Figura 87 a seguir, colorida e adaptada de Libavius (1606). Ela apresenta símbolos da Arte que representam a *Magnum Opus*, da *prima materia* à consecução do *Lapis Philosophorum*. A figura apresenta os princípios de sol e lua, os elementos concernentes às operações, figuras bestiais e animais que personificam as *operatios* (como o corvo da *nigredo*, o cisne da *albedo* e a fênix da *rubedo*), e inscrições em latim que exortam o indivíduo ao trabalho. Acima de todas, repousa a fênix, que morre em autocombustão, e renasce das próprias cinzas. Ela personifica a Transformação e é um símbolo da *Rubedo* e da Pedra Filosofal. Acima dela, encontra-se a inscrição em latim da narrativa da Bíblia Sagrada (2022), quando Deus exortou a Noé: “crescei e multiplicai”. A multiplicação das dádivas é uma qualidade específica da Pedra.

Figura 87 – A Síntese do *Magnum Opus*



Fonte: Andreas Libavius, 1606

Em sentido psicoterapêutico, a *Rubedo* culmina com a transformação das duas personalidades no *Vas Hermeticum*, que é o *setting*, onde ocorre a dinâmica dual da terapia.

6.2.5.1 A *coniunctio* terapêutica

Segundo Edinger (2006) e Jung (2013a), a operação *Coniunctio*, tanto quanto a etapa da transformação terapêutica, envolve:

- a) Elaborar possíveis lacunas do trabalho terapêutico;
- b) Reunificar aspectos psíquicos com vistas à integração;
- c) Experienciar a transformação pelo contato terapêutico.

Na Alquimia, quando não a própria Pedra Filosofal, o Ouro – um metal relativo ao Sol, na *amplificatio* alquímica – é resultado da *rubedo* e da *coniunctio*. Portanto, o presente trabalho optou por associar esta operação ao símbolo planetário do Sol, cujos afetos e sentimentos implicam certo senso de completude, sendo: realização, determinação, generosidade, originalidade, criatividade, liberdade, autoexpressão, benevolência, autonomia, otimismo, convicção e entusiasmo. Como se pode notar, estes sentimentos apresentam efeito duplo: por um lado, implicam na satisfação de uma personalidade mais integrada – como expresso pela realização, autoexpressão, autonomia, otimismo, convicção e entusiasmo. Por outro, indicam o impulso de novo ciclo de vida, marcados por determinação e entusiasmo.

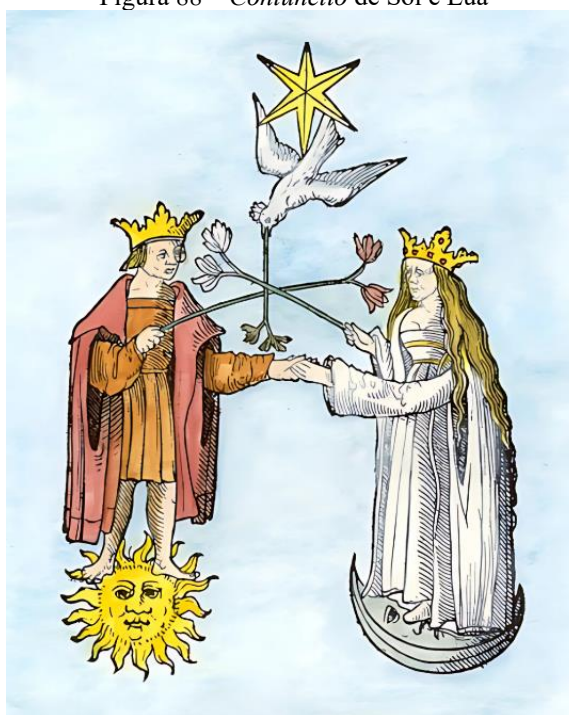
Embora se possa objetar que o Sol se encontra na Citrinitas, é mister a ciência que, na presente pesquisa, os sete símbolos planetários foram associados às 7 operações. Entretanto, como ensina Tamosauskas (2023), isso não invalida o fato de que as fases também possuam suas correspondências a certos planetas. Apesar disso, esta teoria não se encontra como parte da sistematização deste trabalho, porque o tornaria demasiado extenso – e, quiçá, pouco prático para um vislumbre psicoterápico.

Interessante notar, sobre os sentimentos relacionados ao Sol da *coniunctio*, aquele do entusiasmo. Ele se relaciona à ideia postulada por Campbell (2019, 2024) acerca de sua famigerada sentença: *follow your Bliss* (“siga teu entusiasmo”, em tradução livre). Este entusiasmo está profundamente conectado à ideia do tesouro da vida intrapsíquica, que leva o sujeito a uma expressão mais genuína de si. Em conexão com a transformação terapêutica, a ideia de Campbell (2019, 2024) acerca do entusiasmo, junto aos sentimentos do símbolo do sol, na *amplificatio* alquímica, conseguem explicar sobremaneira o sentido de uma personalidade

mais integrada. O resultado da *coniunctio* pode ser expresso nos sentimentos referidos por este autor – e pela correspondência hermética – como entusiasmo e autorrealização.

A experiência desta vida psíquica transformada envolve a integração de todos os aspectos trabalhados nas operações anteriores. Edinger (2006) se refere a este processo como “*coniunctio superior*”, símbolo da união consciente de opostos, e a difere da “*coniunctio inferior*”, de natureza inconsciente e frequentemente projetiva, que levaria a uma *mortificatio*. O símbolo principal que personifica a transformação da conjunção superior é aquele da integração entre os dois polos: sol-masculino-enxofre-ativo e lua-feminino-mercúrio-passivo (Figura 88).

Figura 88 – *Coniunctio* de Sol e Lua



Fonte: Adam McLean, 2021

Por esse motivo, com base na *amplificatio* alquímica e em Edinger (2006), os símbolos mais adequados para esta operação são: casamentos felizes, uniões felizes, contratos celebrados, junções entre diferentes elementos, pessoas ou grupos em sintonia, compromisso genuíno, rito de consagração e receber uma aliança. Estes se relacionam à *coniunctio superior*, que leva à Pedra. Caso se queira avaliar uma *coniunctio inferior*, basta inverter a polaridade destes símbolos, que tomam um sentido inconsciente, instintual e infeliz, personificando aspectos da Sombra que necessitam da *mortificatio*.

Ademais, a ideia de integração não envolve apenas “opostos”, mas fatores mais estritos, e outros mais amplos. Segundo Tamosauskas (2023), na *coniunctio* ocorre a união entre o

Grande Alquimista e o Pequeno Alquimista – metáforas para o Si-Mesmo e o *Ego* consciente, respectivamente. Essa evocação imagética explana que a transformação coloca o *Ego* em conexão mais harmônica com o arquétipo da totalidade, e que a consecução do trabalho terapêutico é mais um passo no processo de Individuação de um(a) cliente. Afinal, o Grande Alquimista é o *Self*, identificado na Alquimia com a *Imago Dei*, agente invisível e regulador da experiência psicológica em sua completude.

A seguir, é relatada uma reflexão da paciente Paula – já apresentada anteriormente –, quando foi convidada a uma Imaginação Ativa envolvendo sua casa. Encontra-se registrado por Gallbach (2000, p. 197), e evidencia símbolos da *coniunctio* e seu resultado, o Filho Filosofal, implícito:

Eu entrei na casa e ouvi uma música de flauta, e vinha uma coisa de química, quando você faz as **ligações de química**, parecia os **elos** assim, veio esta imagem... Então fiquei profundamente emocionada porque lembrei que, na vida, o meu **filho** está trazendo **a música que estava a tanto tempo faltando dentro do meu coração...** (grifo nosso).

Neste relato, há motivos alquímicos da *coniunctio*, sob exame apurado. A cliente faz uma referência a ligações e elos – desdobramentos simbólicos da ideia de “casamento”, “contrato” e “união”, e depois evoca a imagem do filho. Embora este seja uma presença familiar real, em comparação com a ideia das ligações químicas (símbolos evidentes da *coniunctio*), parece evidenciar, em paralelo, o motivo do Filho Filosofal e da própria Pedra, que lhe fornece “a música que faltava no coração”. Tal foi a importância do trabalho terapêutico para esta paciente.

Jung (2012a), por sua vez, apresenta um sonho de um cliente. Ela expressa símbolos relativos à *coniunctio*, que tem este trecho específico reproduzido a seguir: “Curvas delineadas por uma luz em torno de um centro [...]. [...] há também um príncipe onisciente. Este oferece ao sonhador um anel de diamante, colocando-o em seu quarto dedo da mão esquerda” (para. 258). O anel é símbolo de um compromisso firmado com o príncipe onisciente – imagem arquetípica do Si-Mesmo –, isto é, com o “Grande Alquimista”, o que figura um tipo de “casamento alquímico” ou conjunção entre “inferior” e “superior”.

Acerca dos opostos que são posteriormente integrados nesta operação, Edinger (2006, p. 232) escreve que:

O processo psicoterapêutico também é um “alternar-se para melhorar”. A pessoa é jogada **para lá e para cá entre os opostos**, de modo praticamente

interminável. Mas surge, de maneira deveras gradual, um **novo ponto de vista** que permite a **experiência dos opostos ao mesmo tempo**. Esse **novo ponto de vista** é a *coniunctio* (grifo nosso).

No contexto do processo de Individuação, este aspecto diz respeito ao fato de que o centro da consciência, ao longo da jornada, é levado a uma região mais próxima da totalidade. A título metafórico – e sem pretensão de analogia científica literal –, a evolução histórica acerca da compreensão da mecânica celeste sobre a rotação da Terra em torno do Sol, serve para ilustrar a dinâmica relacional entre *Ego* e *Self*. Nesta metáfora, a Terra é comparada ao *Ego* Consciente e o Sol ao Fator Transpessoal da Psique, ou mesmo ao *Self*:

- a) Modelo Geocêntrico: mais antigo, postulava que a Terra era o centro do Universo. Isso se compara ao *Ego* que acredita ser o centro da vida psíquica;
- b) Modelo Heliocêntrico Primordial: postula que a Terra gira ao redor do Sol. Metaforicamente, representa a submissão absoluta do centro da Consciência egóica (“Terra”) a uma Força Transpessoal (“Sol”) – o que pode significar inflação egóica, ou dissolução do mesmo no Inconsciente;
- c) Modelo Heliocêntrico Desenvolvido: embora se reconheça o modelo de que a terra translada ao redor do Sol, a ciência moderna atesta que a Terra não gira exatamente ao redor do centro do Sol, mas sim que ambos giram em torno do baricentro, o centro de massa do sistema Sol-Terra. De forma semelhante, a transformação proposta pela Individuação leva o centro da consciência a uma região mais próxima do *Self*. Isso não anula, entretanto, o *Ego*, mas faz com que atuem como um sistema mais integrado, orbitando em sintonia um tipo de “baricentro psicológico”.

É o que postula Jung (2011b, para. 365), ao evocar a ideia de “equilíbrio” entre consciente e inconsciente:

O **centro da personalidade total** não coincidirá mais com o **eu**, mas sim com um **ponto** situado **entre o consciente e o inconsciente**. Este será o **ponto** de um **novo equilíbrio**, o **centro da personalidade total**, espécie de centro virtual que, devido à sua **posição focal entre consciente e inconsciente**, garante uma **base nova e mais sólida para a personalidade**. [...]. Eu poderia exprimir a mesma coisa, nas palavras de São Paulo: ‘Mas não sou eu quem vive, e sim o **Cristo** que vive em mim’. Ou se poderia invocar Lao-Tsé apropriando-me do seu conceito de **Tao**, o caminho do meio, o centro criador de todas as coisas. Todas essas formas de dizer exprimem a **mesma realidade**. É como psicólogo que falo, com uma consciência científica, a partir da qual afirmo que tais fatos representam **fatores psíquicos de poder indiscutível** (grifo nosso).

6.2.6 *Self*, transformação da personalidade e a pedra filosofal

O resultado do processo alquímico da *coniunctio* é o *Phlius Philosophorum* ou *Lapis Philosophorum*. Trata-se da própria reintegração entre o “pequeno alquimista” e o “grande alquimista”, referido por Tamosauskas (2023). Em conjunção, estes dois representam uma só e mesma coisa: Elias Artista. Esta mítica figura, como se descobre, representa a percepção consciente do(a) alquimista de que a *Imago Dei* – o *Self* –, tanto quanto a “retificação” necessária devido à “queda” (um símbolo para a cisão psicológica entre o *Ego* e a personalidade total), se encontram dentro dele(a) mesmo(a).

Natural que, no contexto das transformações proporcionadas pela clínica terapêutica, a Pedra Filosofal represente, mais especialmente, uma “Pedra Filosofal Parcial”. Em termos de desenvolvimento psicológico, a *coniunctio* de uma demanda terapêutica frequentemente pode se tocar à *separatio* de outra adiante. Por isso, embora a clínica opere a favor da individuação de um indivíduo, é ele(a) quem é o sujeito da própria história, e a ele(a) pertence a responsabilidade pela própria jornada.

Nesse sentido, a clínica terapêutica junguiana figura o trabalho com as operações, mais diretamente envolvidas com a transformação da personalidade. Este modelo de transformação, em sentido amplo, serve à totalidade da jornada do indivíduo, mas não abarca sua completude. Afinal, embora o *setting* (*Vas Hermeticum*) seja uma analogia para os processos experienciados fora do contexto psicoterápico, o(a) cliente habita em um *Vas Hermeticum* ainda mais amplo que tem de lidar: a própria vida! Ela segue além da relação terapêutica, e exige suas próprias transformações.

De forma semelhante, o(a) psicoterapeuta também é convidado(a) a, para além do *setting*, empreender sua própria jornada. Entretanto, é inegável que o contato entre as “duas substâncias” é capaz de provocar na pessoa do(a) terapeuta uma transformação. Em ambos os casos e, ainda que parcialmente, a Pedra ou Criança Filosofal personifica a conquista terapêutica.

Alquimistas de outrora versaram sobre algumas das propriedades da Pedra. Duas são ressaltadas:

- 1) *Proiectio* (Projeção);
- 2) *Multiplicatio* (Multiplicação).

Há que se separar a projeção referida pela Alquimia da projeção da teoria junguiana. Na Alquimia, a *Proiectio* não se refere à “projeção de conteúdos inconscientes”, mas à capacidade do “pó de projeção” da Pedra que, lançado sobre outra substância, provoca sua transformação

e refinamento. Essa metáfora ilustra a necessidade de que o(a) psicoterapeuta envie seus esforços no sentido da ampliação de consciência, ou seja, sua própria análise. Assim, ele(a) se torna capaz de também lançar seu “pó de projeção” sobre os(as) pacientes de sua clínica. De igual modo, um(a) cliente que teve seus conteúdos inconscientes elaborados retorna à vida comunitária com uma atitude mais adaptativa, seu próprio pó de projeção.

A *Multiplicatio*, por sua vez, se refere à capacidade da Pedra de multiplicar suas benesses, além de uma referência implícita a um material que não cessa. Ora, o acesso aos potenciais mais criativos da totalidade psíquica, elaborados na transformação terapêutica, proporciona um tesouro psíquico inesgotável. Ela adianta o indivíduo em sua própria jornada de Individuação, e favorece o aspecto social de sua condição psíquica adaptativa renovada. Com os canais da energia psíquica em fluxo mais dinâmico pela derrocada de fatores complexos intensos, seu *Ego* não terá “a alma roubada” via constelação tão facilmente. Por ter se educado no acesso a uma Realidade Psíquica mais profunda, o sujeito aprende a se enraizar ali, e dela se nutrir. O efeito multiplicativo se encontra na proteção à projeção psíquica, que sempre acharia no outro um culpado, e poderia até favorecer um contágio psíquico.

Em sentido amplo, as propriedades da Pedra fazem referência a um ser humano mais integrado, que tenha passado pelo processo de ter o foco de sua consciência movido para uma região mais próxima da totalidade. Alguém assim é capaz de transformar outras pessoas por sua atitude mais integrada e ecosófica. Neste sentido, há o paralelo do Cristo-Lapis, referido por Jung (2012a), e elaborado pela Alquimia Clássica.

Na Figura 89 a seguir, há uma representação do Mestre Jesus Cristo, *Verbum Dei* (Verbo de Deus), em que exorta os discípulos com Sua Palavra. Em meio à expressão linguística simbolizada do Mestre, nota-se o símbolo alquímico do Sal (círculo com traço horizontal interno), visto que Ele convida seus discípulos a serem como o sal que nutre a terra, e a torna fértil novamente. Em realidade, esta imagem apenas representa o resultado da Pedra: projeção e multiplicação a partir do *Cristo-Lapis* (*Self* e *Imago Dei*, na teoria junguiana), o Grande Mistério da Alquimia, que se expressa em autorrealização, e serviço à comunidade.

Figura 89 – *Cristo-Lapis Projeta e Multiplica os Dons pelo Sal de Sua Fétil Palavra*



Fonte: Adam McLean, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizou uma investigação acerca dos paralelos simbólicos relativos às fases e operações da Alquimia Clássica, e as quatro etapas da psicoterapia – segundo proposta pela teoria analítica de Carl Gustav Jung. Ao longo dos capítulos, buscou evidenciar que a conexão entre a Psicologia Analítica e a Arte Hermética não é recente, mas pode ser vislumbrada na própria biografia de Carl Jung, tanto quanto na construção de certos parâmetros teóricos de sua abordagem psicológica. O fundador da psicologia da profundidade foi um destacado pesquisador de neoplatonismo, gnosticismo, hermetismo e alquimia. Estes conhecimentos – hodiernamente partes da chamada “Filosofia Oculta” – ampararam a solidificação de uma teoria que reconheceu, na compreensão cosmológica dos antigos mistérios, metáforas para processos psicológicos profundos.

Na esteira dessa abordagem unificadora entre os mistérios antigos e a psicologia emergente, autores como Edinger (2006), Franz (2022a, 2022b), Hillman (2011) e Cavalli (2005) apresentam fundamentos teóricos de uma “Psicologia Alquímica”, enquanto uma ramificação possível da própria teoria junguiana. Ao seguir o caráter epistemológico destes(as) pesquisadores(as), a presente pesquisa visou a uma sistematização das fases e operações da Alquimia Clássica junto à psicoterapia analítica clínica. Buscou, ainda, traduzir a enigmática compreensão alquímica de mundo, de modo a enriquecer a leitura simbólica da abordagem junguiana.

Para tal intento, este trabalho utilizou o método interpretativo da *amplificatio alquímica*, segundo relatado por Jung (2012a) e sistematizado por Martinelli & Del Debbio (2016, 2024). A sistematização da “Alquimia Junguiana” em suas etapas e operações – na aplicação interpretativa de sonhos, sentimentos, afetos e do processo de transformação da personalidade –, se amparou em autores da psicologia, como Edinger (2006), e da Alquimia, como Tamosauskas (2023). Enriquecida com os relatos oníricos e transformações experienciais das vivências terapêuticas de Gallbach (200), esta pesquisa evidenciou as analogias alquímicas junto às fases da psicoterapia, como destaque para o papel dos símbolos ao longo da transformação da personalidade no setting analítico.

O resultado deste amplo processo foi sintetizado em uma tabela integradora entre os sentidos simbólicos e operacionais de ambas as Tradições elencadas (Alquimia e Psicologia Profunda), de modo a lançar luz sobre o caráter transformador propiciado pela amplificação simbólica, dentro do processo psicoterapêutico. Naturalmente, a presente pesquisa não intenta

apresentar um construto rígido, fixo e estanque, mas sim uma proposta analógica simbólica que instrumentalize o(a) terapeuta em seu trabalho clínico.

Assim, o Mapa Analógico da denominada “Alquimia Junguiana” – resultado deste trabalho –, representa uma ferramenta de amplificação simbólica. Sua utilidade visa a psicoterapeutas de abordagem analítica, seja em aplicação na clínica individual, seja no trabalho com grupos terapêuticos. Também oferece certos norteamentos acadêmicos para a comparação entre a Tradição Hermética e a Psicologia Analítica. Enfim, o Mapa ainda pode conduzir, no estudo diletante, a valiosos insights acerca dos processos de transformação da personalidade, por intermédio de expressões simbólicas oníricas ou afetivas.

Diante disso, considera-se que os resultados desta pesquisa encontram aplicabilidade direta no contexto clínico junguiano, oferecendo ao(à) psicoterapeuta uma ferramenta simbólica de amplificação, útil à apreciação de sonhos, à elaboração de afetos e à compreensão das etapas terapêuticas – ou mesmo do processo de transformação da personalidade e da individuação.

Além da prática clínica, esta proposta também se configura como recurso didático-pedagógico em cursos de formação em Psicologia Analítica, bem como em disciplinas dedicadas à Psicologia Alquímica, ao simbolismo ou à história da psicologia. Assim, seu público alvo abrange psicólogos(as), analistas junguianos(as), estudantes de pós-graduação em Psicologia, bem como pesquisadores(as) interessados(as) na interface entre saberes da Tradição e a Psicologia Analítica.

Este trabalho também evidencia os paralelos entre a Psicologia da Profundidade, a Alquimia e o Hermetismo sem, entretanto, esgotar o assunto ou explorá-lo em maior profundidade – visto não se tratar do objetivo máximo da presente pesquisa. Ainda assim, a sistematização dessas conexões oferece abertura para pesquisas futuras que possam trazer à lumen os paralelos da teoria junguiana (presentes nas Obras Completas), com aqueles do Hermetismo Antigo.

Para estudos posteriores, sugerem-se:

- a) Investigações aprofundadas sobre a relação entre as imagens simbólicas da alquimia e os arquétipos do inconsciente coletivo;
- b) Estudos clínicos supervisionados que explorem o uso prático do Mapa Analógico desta pesquisa em contextos terapêuticos;
- c) Expansão desta proposta para um aprofundamento das conexões entre os termos herméticos presentes nas Obras Completas e o Helenismo de outrora.

Dessarte, o autor espera que esta jornada simbólica entre os saberes alquímicos e a psicologia junguiana, siga inspirando novas “transmutações” – no saber, no sentir e no ser –, tal como a Grande Obra que nunca se encerra, mas sempre se refina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERDEEN UNIVERSITY LIBRARY. Folio 56r – The Phoenix, continued. Disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f56r>. Acesso em: 04 abr. 2025.

ALEXANDRIAN, Sarane. História da filosofia oculta. São Paulo, SP: Editora Campos, 2025. (Trabalho original publicado em 1983).

APIANUS, Petrus; FRISIUS, Gemma. Petri Apiani cosmografia, per Gemmam Phrysius, apud Louanienses medicum ac mathematicum insignem, restituta. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Ptolemaicsystem-small.png>. Acesso em: 06 jan. 2025.

ARISTOTELIS. **De caelo**. Oxfordshire, Eng: Oxford University Press, 2005.

ASANTE, Molefi K. **Os filósofos egípcios – vozes ancestrais africanas**: de Imhotep a Akhenaten. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

BARCELLOS, Gustavo. Nota do tradutor. In: HILLMAN, James. **Psicologia Alquímica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-10.

BELTRAN, Maria H. R. Os saberes femininos em imagens e práticas destilatórias. **Circumscribere**, [S.l.], v. 1, n. 1, p.37-49, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/558/1002>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. 8. ed. São Paulo, SP: Editora Ave Maria, 2022.

BIBLIOTECA ROSACRUZ. **Símbolos secretos dos rosacruzes dos séculos XVI e XVII**. Curitiba, PR: Ordem Rosacruz Amorc, Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2015. (Trabalho original publicado em 1785).

BIBLIOTECA ROSACRUZ. **A Trilogia dos Rosacruzes**. 2. ed. Curitiba, PR: Ordem Rosacruz Amorc, Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2015. (Trabalho original publicado em [ca.1600]).

BINNER, Jean-Marc. Jardim das Plantas Curativas. 2007. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/013995/2007-06-11/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BINU, Augustus. Escultura de Shiva Nataraja. 2014. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Shiva_Nataraja_Sculpture_DS.jpg. Acesso em: 22 jun. 2025.

BLAVATSKY, Helena. **Glossário teosófico**. 7. ed. São Paulo: Ground, 2020. (Trabalho original publicado em 1892).

BOEHME, Jacob. **A revelação do grande Mistério Divino**. São Paulo, SP: Polar Editorial, 1998. (Trabalho original publicado em 1623).

BONARDEL, Françoise. **Filosofar pelo fogo**: antologia de textos alquímicos. São Paulo, SP: Madras, 2012.

BORGES, Iara. **O conto da pérola**. Brasília, DF: Garbha-Lux, 2024.

BOSCH, Hieronymus. Creation. Ca.1500. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Hieronymus_Bosch_-_The_Garden_of_Earthly_Delights_-_The_exterior_%28shutters%29.jpg. Acesso em: 03 abr. 2025.

BOTELHO, Louise L. R.; CUNHA, Cristiano C. A.; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**: a idade da fábula. 1. ed. São Paulo, SP: Martin Claret, 2013. (Trabalho original publicado em 2006).

CAMINO, Rizzardo da. **Breviário maçônico**. São Paulo, SP: Madras, 2021.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 33. ed. São Paulo: Palas Athena, 2019. (Trabalho original publicado em 1988).

CAMPBELL, Joseph. **Na trilha do entusiasmo**: mitologia e transformação pessoal. São Paulo: Palas Athena Editora, 2024. (Trabalho original publicado em 2004).

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, SP: Pensamento, 2007. (Trabalho original publicado em 1949).

CANVA. **Mídia Mágica™** versão 2024. Inteligência Artificial. Disponível em: https://www.canva.com/pt_br/gerador-imagem-ia/. Acesso em: 17 out. 2024.

CAVALLI, Thom F. **Psicologia alquímica**: receitas antigas para viver num mundo novo. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAVALLI, Thom F. **Embodying Osiris**: the secrets of alchemical transformation. Wheaton, IL: Quest Books, 2010.

CORREA, Ivan. **Teodiceia psíquica**: os princípios psíquicos de bem e mal no paradigma junguiano e sua discussão no midrash judaico-cristão de martines de pasqually. 2. ed. São Paulo: Daemon Editora, 2021.

CRUZ, São João da. **Obras completas**. Petropolis, RJ: Vozes; Carmelo Descalço do Brasil, 2002. (Trabalho original publicado em 1618).

CULTURA, TV. **Fundação Padre Anchieta** – TV Cultura Uol. Zenaide Silva Quer Introduzir Conhecimentos de Afrocentricidade (bloco 1 – 3), 25 abr. 2011. Disponível em: <<https://tvcultura.com.br/busca/?q=zenaide>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

DELACROIX, Eugène. Fausto e Mefistófeles. 1827. Disponível em: <https://voxeurop.eu/pt-pt/o-pacto-da-alemanha-com-o-demonio/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DEL DEBBIO, Marcelo. Estrela Setenária, 2010. Disponível em: https://wiki.deldebbio.com.br/images/Estrela_Setenaria.jpg. Acesso em 20 fev. 2025.

DOUGLAS, William F. The Alchemist. 1855. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:William_Fettes_Douglas_-_The_Alchemist.jpg. Acesso em: 25 nov. 2023.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006. (Trabalho original publicado em 1985).

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020. (Trabalho original publicado em 1972).

EDINGER, Edward F. **O mistério da coniunctio**: imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008. (Trabalho original publicado em 1994).

EVANGELHOS APÓCRIFOS. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras (2023).

FERREIRA, Vinicius P. **Hermetismo e filosofia**. [S.l.]: Academia, [2019a]. Disponível em: https://www.academia.edu/123029730/Hermetismo_e_Filosofia. Acesso em: 12 jan. 2025.

FERREIRA, Vinicius P. **Deus, mundo e o homem no hermetismo**. [S.l.]: Academia, [2019b]. Disponível em: https://www.academia.edu/41062835/Deus_Mundo_e_o_Homem_no_hermetismo. Acesso em: 12 jan. 2025.

FERREIRA, Vinicius P. **Hermetismo tradicional**: daemonologia hermética – texto baseado na hermética. Feira de Santana, BH: Academia, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/89708606/Daemonologia_Herm%C3%A9tica. Acesso em 28 jun. 2025.

FILALETEO, Irineu. **Uma entrada aberta ao palácio do rei**: contendo o maior tesouro da química, nunca revelado de maneira tão clara. São Paulo: Polar, 2018. (Trabalho original publicado em 1645).

FLAMEL, Nicolau. O livro das figuras hieroglíficas. São Paulo, SP: Editora Três, 1973. (Trabalho original publicado em 1399).

FLUDD, Robert. **Utriusque cosmi historia**. vol. I. Paris, FR: Oppenheim, 1617.

FRANZ, Marie-Louise von. **Alquimia**: uma introdução ao simbolismo e seu significado na psicologia de Carl G. Jung. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022a. (Trabalho original publicado em 1980).

FRANZ, Marie-Louise von. **Alquimia e a imaginação ativa**: estudos integrativos sobre imagens do inconsciente, sua personificação e cura. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2022b. (Trabalho original publicado em 1979).

FRANZ, Marie-Louise von. **Reflexos da alma**: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung. 12. ed. São Paulo, SP: Cultrix; Pensamento, 1997. (Trabalho original publicado em 1992).

FRANZ, Marie-Louise von. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016. cap. 3, p. 207-307. (Trabalho original publicado em 1964).

FULCANELLI. **Finis glorie mundi, ou, a transformação alquímica do mundo**. São Paulo, SP: Pensamento, 2008. (Trabalho original publicado em 1999).

FUSELI, Henry. Frontispiece to Erasmus Darwin's poem *The Temple of Nature*, na engraving based on a drawing by Johann Heinrich Füssli. 1803. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ce/Frontispiece_to_The_Temple_of_Nature.jpg. Acesso em: 02 jan. 2025.

GADALLA, Moustafa. **Isis**: o divino feminino. [S.l.: s.n.]: 2024.

GALLBACH, Marion R. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2000.

GÉRÔME, Jean-Léon. Moisés no Monte Sinai. [ca.1895]. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/G%C3%A9r%C3%B4me%2C_Jean-L%C3%A9on_-_Moses_on_Mount_Sinai_Jean-L%C3%A9on_G%C3%A9r%C3%B4me_-1895-1900.jpg. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOETHE, Johann W. von. **Fausto**. 1. ed. São Paulo, SP: Martin Claret, 2016. (Trabalho original publicado em 1790).

GREENE, Liz. **Jung, o astrólogo**: um estudo histórico sobre os escritos de astrologia na obra de Carl G. Jung. São Paulo: Editora Pensamento, 2023.

GREENE, Liz. **Astrologia oculta no livro vermelho de Carl Jung**: uma jornada cósmica sobre mitos, arquétipos, daimons e deuses. São Paulo: Editora Pensamento, 2024.

HALL, Manly P. **The secret teachings of all ages**: na encyclopedic outline of masonic, hermetic, qabbalistic, and rosicrucian symbolical philosophy. San Francisco: H. S. Crocker Co., 1928.

HANEGRAAFF, Wouter J.; FAIVRE, Antoine; VAN DEN BROEK, Roelof; BRACH, Jean-Pierre. **Dictionary of gnosis & western esotericism**. Leiden, NL: Brill Academic Publishers, 2006.

HANNAH, Barbarah. **Encontros com a alma**: a imaginação ativa tal como desenvolvida por C.G. Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. (Trabalho original publicado em 1981).

HEINDEL, Max. **A maçonaria e o catolicismo** / cartas rosacruzes. São Paulo, SP: Fraternidade Rosacruz, 1958.

HERMÓGENES. **Yoga: caminho para Deus**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2021. (Trabalho original publicado em 2005).

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. São Paulo, SP: Iluminuras, 1991.

HILLMAN, James. **Psicologia alquímica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HOELLER, Stephan A. **A gnose de jung e os sete sermões aos mortos**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

HUTIN, Serge. **História geral da alquimia**: a tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir da vida eterna. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2010.

JÂMBLICO. **Sobre os mistérios dos egípcios, dos caldeus e dos assírios**. São Paulo: Polar Editorial, 2024.

JUDY, Dwight H. **Curando a alma masculina**. São Paulo, SP: Paulus, 2011. (Trabalho original publicado em 1993).

JUNG, Carl G. **Estudos alquímicos**. OC. 13. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a. (Trabalho original publicado em 1978).

JUNG, Carl G. **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. (Trabalho original publicado em 1928).

JUNG, Carl G. **Psicologia e alquimia**. Oc. 12. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a. (Trabalho original publicado em 1975).

JUNG, Carl G. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. OC. 14/1. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. OC. 14/2. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012c. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. OC. 14/3. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012d. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Aion**: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. OC. 9/2. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Trabalho original publicado em 1976).

JUNG, Carl G. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. OC. 16/1. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC. 9/1. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a. (Trabalho original publicado em 1976).

JUNG, Carl G. **O espírito na arte e na ciência**. OC. 15. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **A psicologia da ioga kundalini**: notas do seminário realizado em 1932 por C.G. Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. (Trabalho original publicado em 1996).

JUNG, Carl G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (Trabalho original publicado em 1961).

JUNG, Carl G. **A natureza da psique**. OC. 8/2. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Paracelsica** – Zwei vorlesungen über den artz und philosophen theophrastus. Zurich: Rascher y Cye. A.-G., Verlag, 1942.

JUNG, Carl G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. OC 16/2. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012e. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Tipos psicológicos**. OC 6. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013c. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, Carl G. **Os fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b. (Trabalho original publicado em 1981).

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016. (Trabalho original publicado em 1964).

JUNG, Carl G.; WILHELM, Reich. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinês. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Trabalho original publicado em 1971).

JÜNGERE, Eucharius R. der. Abbildung des Balneum Mariae. 1533. Disponível em: https://de.m.wikipedia.org/wiki/Datei:R%C3%B6sslin_Balneum_Mariae.jpg. Acesso em: 25 nov. 2023.

KAUFFMANN, Maria A. A. Teseu e Ariadne. [ca.1800]. Disponível em: <https://famouspaintings.com/featured/theseus-and-ariadne-angelica-kauffmann.html?srsId=AfmBOooWUE58BR6D1koZjRRyXWMzorof5ZSNl7DEJ-Y1CMku80hRIH0G>. Acesso em: 12 jun. 2025.

KINGSLEY, Peter. **Catafalque**: Carl Jung and the end of humanity. London: Catafalque Press, 2021.

KIRCHWEGGER, Anton J. **O grande tratado da alquimia, ou, a natureza desvelada**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006. (Trabalho original publicado em 1723).

KNAPP, John Augustus. The jewel of the rose Croix. 1928. Disponível em: https://www.prs.org/store/p2980/The_Jewel_of_the_Rose_Croix_by_John_Augustus_Knapp.html. Acesso em: 12 mar. 2025.

LIBAVIUS, Andreas. Alchymia. 1606. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Alchemical_air_1606.jpg. Acesso em: 23 jun. 2025.

LIRA, David P. de. A teoria do destino condicional no Corpus Hermeticum. **Griot: Revista de Filosofia**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 209-228, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/3124>. Acesso em: 7 nov. 2024.

LÚLIO, Raimundo. **Astrologia medieval**: o novo tratado de astronomia de Raimundo Lúlio. São Paulo, SP: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2011. (Trabalho original publicado em 1297).

MARLAN, Stanton. **The black sun**: the alchemy and art of darkness. 1. ed. College Station, TX: Texas A&M University Press, 2005. (Trabalho original publicado em 1971).

MARTINELLI, Pri; DEL DEBBIO, Marcelo. **Kabbalah hermética**. 3. ed. São Paulo: Daemon Editora, 2016.

MARTINELLI, Pri; DEL DEBBIO, Marcelo. **Astrologia hermética**. 1. ed. São Paulo: Daemon Editora, 2024.

MATYSZAK, Philip. **Os mitos gregos e romanos**: um guia das narrativas clássicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. (Trabalho original publicado em 2010).

MCLEAN, Adam. **Alchemical sequences coloured**. [S.l.:s.n.], 2021.

NEUMANN, Erich. **História das origens da consciência**: uma jornada arquetípica, mítica e psicológica sobre o desenvolvimento da personalidade humana. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2022. (Trabalho original publicado em 1968).

NORTON, Samuel. **The Key of Alchemy**. Oxford: Bodleian Library, MS Ashmole, 1421.

PAPUS. **Tratado elementar de ciências ocultas**: a sabedoria desvelada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas. São Paulo: Editora Pensamento, 2021. (Trabalho original publicado em 1898).

PARACELSO. **A chave da alquimia**. São Paulo, SP: Editora Três, 1973.

PASCALIS, Andrea de. **Alchemy, the golden art**: the secrets of the oldest enigma. Rome, IT: Gremese Editore, 1998.

PATAI, Raphael. **Os alquimistas judeus**: um livro de história e fontes. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PENNA, Eloisa M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Educ, 2013.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.71-94, set. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2024.

PETRINUS, Rubellus. **A grande obra alquímica de Ireneu Filaleto, Nicolau Flamel e Basílio Valentim**. [S.l.]: Paulo R. S. de Souza, 2011.

PREDIS, Cristoforo de. Saturno fora do círculo do tempo. [14??]. Disponível em: <https://medium.com/%D7%A9%D7%91%D7%AA%D7%90%D7%99-in-nomine-demiurgos-saturnus/saturno-em-nomine-demiurgos-saturn-649b6b2accf1>. Acesso em: 5 mar. 2025.

RADDATO, Carole. Agathodaimon. 2020. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Agathosdaimon_Catacombs_of_Kom_El_Shofaqa%2C_Alexandria%2C_Egypt.jpg. Acesso em: 7 jul. 2025.

RAPHAEL. **Astrologer of the nineteenth century or, the master key of futurity, and guide to ancient mysteries, being a complete system of occult philosophy, embellished with five beautifully coloured plates, and ninety illustrative engravings of horoscopes, hieroglyphics, and talismans**. 7. ed. London, UK: Knight and Lacey; Wesley and Tyrrel, 1925.

ROHDEN, Huberto. **O quinto evangelho: a mensagem do cristo**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2005.

ROOB, Alexander. **O museu hermético: alquimia & misticismo**. [S.l.]: Taschen, 2020.

ROTHER, Edna T. Systematic literature review x narrative review. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. vii-viii, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ROWLING, Joanne K. **Harry potter e a pedra filosofal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. (Trabalho original publicado em 1997).

SCHWARTZ-SALANT, Nathan. **O mistério da relação humana: a alquimia e a transformação do si-mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. (Trabalho original publicado em 1998).

SHAMDASANI, Sonu. **C.G. Jung: uma biografia em livros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SHAMDASANI, Sonu. Em busca de uma ciência visionária: Os cadernos de transformação de Jung. In: JUNG, Carl G. **Os livros negros, 1913-1932: cadernos de transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. cap. 1, p.11-112.

SHARP, Daryl. **Jung lexicon: a primer of terms and concepts**. Toronto, ON: Inner City Books, 1991.

SILVA, Vítor B. da. **Por que a filosofia é a mãe de todas as ciências?** [S.l.]: Researchgate, 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Victor-Burity-Da->

Silva/publication/372724810_POR_QUE_A_FILOSOFIA_E_A_MAE_DE_TODAS_AS_CIENTENCIAS/links/64c4d58d6f28555d86de5bb7/POR-QUE-A-FILOSOFIA-E-A-MAE-DE-TODAS-AS-CIENTENCIAS.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Trabalho original publicado em 1981).

SKINNER, Stephen. An introduction to splendor solis. In: **Splendor Solis**. London, UK: Watkins Publishing, 2019. cap. 1, p. 7-17.

SMITH, William. **A smaller classical mythology**: with translations from the ancient poets, and questions upon the work. London: John Murray, 1882.

SPLENDOR SOLIS. London, UK: Watkins Publishing, 2019. (Trabalho original publicado em 1582).

STEIN, Murray. **O mistério da transformação alquímica**: um estudo sobre os últimos escritos de Carl G. Jung sobre a alquimia nos estágios finais da individuação. São Paulo: Editora Cultrix, 2024.

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. (Trabalho original publicado em 2000).

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2020. (Trabalho original publicado em 2015).

STEIN, Murray. Introdução ao processo analítico. In: STEIN, Murray. **Psicanálise junguiana**: trabalhando no espírito de C.G. Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Trabalho original publicado em 2010).

TAMOSKAS, Thiago. **Principia alchemica**. 2. ed. São Paulo, SP: Daemon Editora, 2023.

TRÊS INICIADOS. **Caibalion**: estudo da filosofia hermética do egito antigo. São Paulo: Editora Pensamento, 2018. (Trabalho original publicado em 1908).

TRIMEGISTOS, Hermes. **Corpus hermeticum graecum**. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

VALENTINUS, Basilius. **As doze chaves da filosofia**: sobre a verdadeira medicina metálica. São Paulo, SP: Polar, 2016. (Trabalho original publicado em 1599).

WAITE, Arthur Edward. **Turba Philosophorum**. 1. ed. São Paulo, SP: Daemon Editora, 2024. (Trabalho original publicado em 1896).

WIKIMEDIA COMMONS. Red-figure lekythos with Hermes. 2024. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Hermes%281%29-cropped.jpg>. Acesso em: 27 jun. 2024.